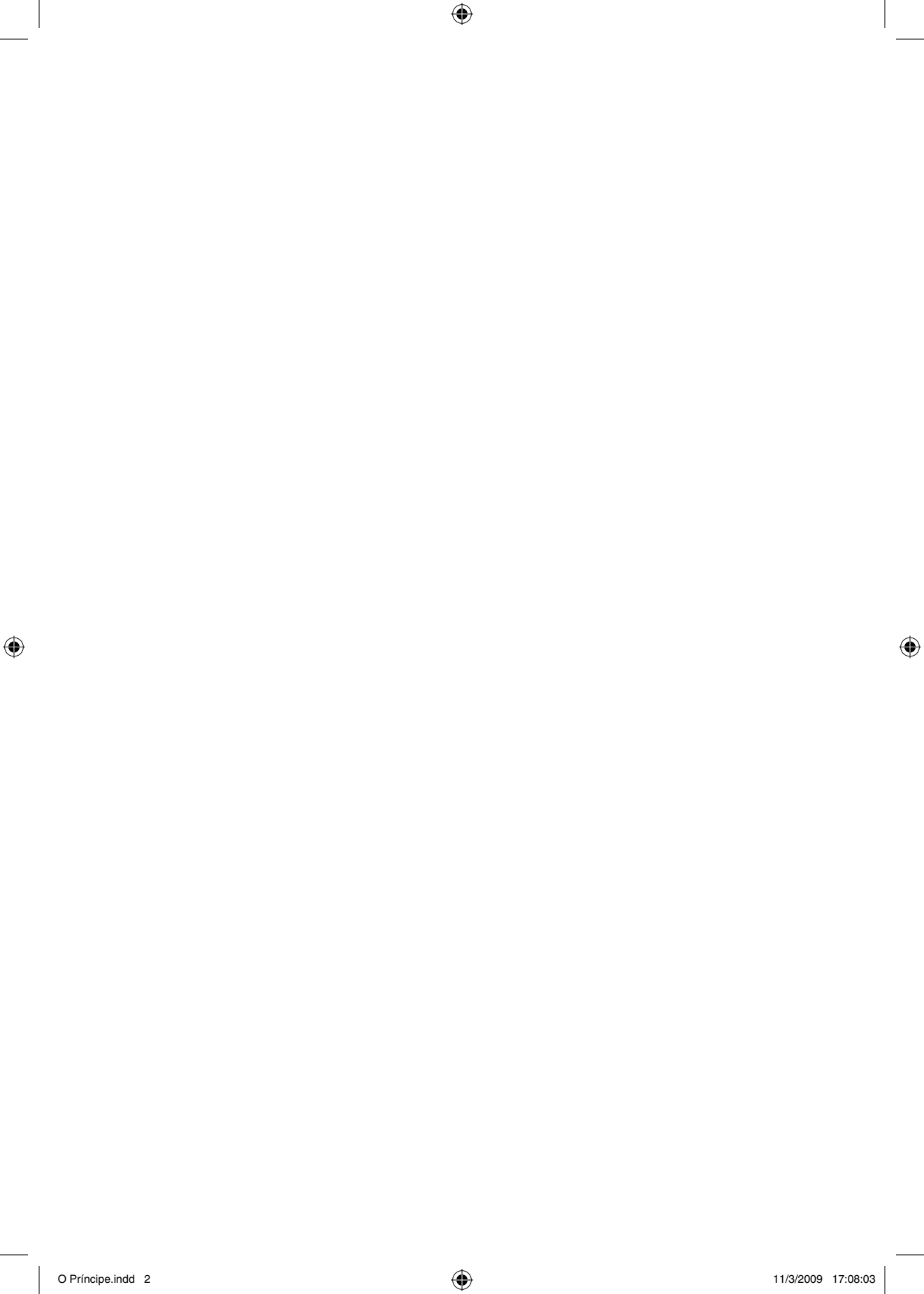


# O Príncipe

---

*Conforme Novo Acordo Ortográfico*

---



*Nicolau Maquiavel*

# O Príncipe

*Tradução e Notas:*  
Afonso Teixeira Filho



MADRAS®

Publicado originalmente em italiano sob o título *Il Principe*.  
Direitos de tradução para todos os países de língua portuguesa.  
© 2009, Madras Editora Ltda.

*Editor:*  
Wagner Veneziani Costa

*Produção e Capa:*  
Equipe Técnica Madras

*Tradução e Notas:*  
Afonso Teixeira Filho

*Revisão da Tradução:*  
Maria Teresa Buonafina

*Revisão:*  
Arlete Genari  
Wilson Ryoji Imoto  
Bianca Rocha

Embora esta obra seja de domínio público, o mesmo não ocorre com a sua tradução, cujos direitos pertencem à Madras Editora, assim como a adaptação e a coordenação da obra. Fica, portanto, proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Madras Editora, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Todos os direitos desta edição, em língua portuguesa, reservados pela



**MADRAS EDITORA LTDA.**

Rua Paulo Gonçalves, 88 — Santana  
CEP: 02403-020 — São Paulo/SP  
Caixa Postal: 12299 — CEP: 02013-970  
Tel.: (11) 2281-5555 — Fax: (11) 2959-3090  
**www.madras.com.br**



# Índice

**A Tradução de *O Príncipe***.....

**O Príncipe** .....

Dedicatória.....

***Capítulo I***

De quantos gêneros são os principados e de que modo  
são adquiridos .....

***Capítulo II***

Dos principados hereditários .....

***Capítulo III***

Dos principados mistos.....

***Capítulo IV***

Por que razão o reino de Dario, ocupado por Alexandre,  
não se revoltou contra os sucessores de Alexandre .....

***Capítulo V***

De que modo se devem governar as cidades ou principados que,  
antes de serem ocupados, viviam segundo as próprias leis .....

***Capítulo VI***

Dos principados novos que se conquistam com as  
armas próprias e com a virtude .....

**Capítulo VII**

Dos principados novos que se adquirem com  
as armas e a fortuna alheias .....

**Capítulo VIII**

Dos que chegaram ao principado pela perfídia.....

**Capítulo IX**

Do principado civil .....

**Capítulo X**

De que modo se devem medir as forças de todos  
os principados .....

**Capítulo XI**

Dos principados eclesiásticos .....

**Capítulo XII**

De quantas espécies são as milícias, e dos soldados  
mercenários.....

**Capítulo XIII**

Dos soldados auxiliares, mistos e próprios.....

**Capítulo XIV**

O que compete a um príncipe acerca da milícia.....

**Capítulo XV**

Daquelas coisas pelas quais os homens, e especialmente  
os príncipes, são louvados ou vituperados.....

**Capítulo XVI**

Da liberalidade e da parcimônia .....

**Capítulo XVII**

Da crueldade e da piedade, e se é melhor ser amado do  
que temido, ou antes temido do que amado.....

**Capítulo XVIII**

De que modo os príncipes devem manter a palavra.....

**Capítulo XIX**

De que modo se deve evitar ser desprezado e odiado.....

**Capítulo XX**

Se as fortalezas e muitas outras coisas que a cada dia são  
feitas pelos príncipes são úteis ou não.....

**Capítulo XXI**

O que convém a um príncipe para que seja estimado.....

**Capítulo XXII**

Dos secretários que os príncipes têm junto de si .....

**Capítulo XXIII**

De que modo se devem evitar os adutores .....

**Capítulo XXIV**

Por qual razão os príncipes da Itália perderam seus Estados.....

**Capítulo XXV**

De quanto pode a fortuna nas coisas humanas e de que modo  
se deve resistir-lhe.....

**Capítulo XXVI**

Exortação para tomar a Itália e libertá-la das mãos  
dos bárbaros .....

**Bibliografia** .....





## A Tradução de *O Príncipe*

Para esta tradução, utilizamos a edição da Feltrinelli do texto original escrito no dialeto de Florença. Confrontamo-la com a edição das obras completas de Maquiavel da Biblioteca della Pléiade em busca de possíveis discrepâncias textuais. Além disso, compulsamos a nossa tradução com outras, como a de Ellis Farnsworth para o inglês (1775), a tradução para o francês de A. N. Amelot (1683) e uma tradução para o italiano moderno, de Giuseppe Bonghi (1967).

O texto original foi escrito em dialeto toscano, na variedade culta da cidade de Florença. O toscano foi adotado, desde a época de Dante, como base da língua italiana. Difere tanto do italiano de hoje quanto o português atual da língua de Gil Vicente; é, portanto, perfeitamente legível para os falantes do italiano moderno. Então, o que justificaria uma tradução para o italiano moderno? É que não se trata de fato de uma tradução, mas de uma paráfrase, uma adaptação a uma linguagem mais palatável, mais ao gosto contemporâneo.

Assim se comporta a maioria das versões de *O Príncipe* (ver Bibliografia, ao final do livro), com exceção da de Lívio Xavier, a única que talvez seja de fato uma tradução. Ainda que o limite entre tradução e paráfrase não seja assunto esgotado dentro da Teoria da Tradução, traduz-se quando se procura manter, do texto, a maior parte de seus elementos semânticos, sonoros, poéticos e retóricos. Quando se transpõe apenas um desses elementos, faz-se outra coisa: se a semântica é privilegiada, o resultado é a paráfrase; nos outros casos, tem-se a paródia.

A transposição do texto de Maquiavel para outras línguas preocupa-se, em geral, com o sentido desse mesmo texto, como se ele fosse apenas uma lição de política e não um exercício de retórica, uma obra poética e de formação da língua italiana, apesar do que o autor diz na “Dedicatória”:

Não adornei esta obra com amplas cláusulas, nem a carreguei de palavras rebuscadas e grandiosas; não lhe acrescentei lenocínios nem ornamentos extrínsecos com os quais muitos costumam descrever e abrilhantar as suas obras; porque, se para ela alguma honra pretendi, que fosse apenas pela variedade da matéria e gravidade do assunto.

Não se trata de falsa modéstia nem de imaginar um escrito sem cuidados estéticos; o que importa concluir dessa sentença é que, ao buscar a simplicidade, Maquiavel alcança, de fato, aquilo que entendemos por poesia: a arte da concisão. A maior parte das versões que se fizeram de *O Príncipe* foi trabalho de sociólogos, cientistas políticos e juristas; faltava uma tradução voltada à poética do texto.

E Maquiavel era mesmo poeta. Foi autor de poemas e de teatro, além de diplomata. *O Príncipe*, por ter sido feito no ócio do exílio e não na correria da profissão, é obra que fala, como prosa, mas que tem tempo de cantar, como a poesia. Canta a Itália:

“Itália! Palavra antes sagrada só aos poetas: para fazer dela um conceito político era preciso um político que também fosse poeta”.

Por causa dessas palavras de Roberto Ridolfo, um dos principais biógrafos de Maquiavel, percebemos a necessidade, ou justificativa, de uma nova tradução de *O Príncipe*: uma tradução que privilegiasse os aspectos poéticos do texto, sem descuidar da terminologia usada pelo autor. Quantas vezes a palavra *virtù* não foi traduzida por destreza, habilidade; e quantas vezes *fortuna* não se tornou sorte, destino, nas traduções? Não é que faltasse virtude aos tradutores; talvez lhes faltasse o ócio.

*O Príncipe* foi dedicado pelo autor a Lourenço de Médici, príncipe carente de virtude e pouco favorecido pela fortuna. Mas a dedicatória é um mero pretexto. O verdadeiro príncipe, o modelo da obra, é César Bórgia, homem dotado de virtude política, a quem a fortuna sorriu primeiro para abandonar depois. Se Maquiavel tivesse escrito *O Príncipe* três séculos depois, seu modelo certamente seria Napoleão Bonaparte.

Acrescentamos a esta edição as anotações que Napoleão Bonaparte fez às margens do livro no decorrer de sua carreira política. Todavia, disputa-se ainda se essas anotações são autênticas ou não. Quando Napoleão foi derrotado em Waterloo, as anotações, que supostamente estavam em sua carroça, foram recuperadas e publicadas, em 1816, em Paris, pelo abade Aimé Guillon. Alguns autores, como Bernard Crick (Machiavelli, *The Discourses*, p. 72), afirmam que essas anotações são um engodo. Publicadas um ano depois de Waterloo, possuem valor histórico e revelam muito do

caráter e do trajeto de Napoleão, que certamente leu e admirou Maquiavel.

Os comentários de Cristina da Suécia, de menor importância, e, na maior parte, fúteis, mostram, no entanto, uma rainha com ideais iluministas, uma espécie de déspota esclarecido com cem anos de antecedência. Existe, na Biblioteca do Vaticano, uma edição de *O Príncipe*, traduzida por Amelot, com as anotações de Cristina da Suécia, que, depois de abdicar a coroa de seu país, foi morar em Roma, por devoção católica. Seus restos mortais estão enterrados na Basílica de São Pedro.

Também acompanham esta edição por volta de 600 notas que procuram situar o texto histórica e literariamente. Referem-se às fontes de *O Príncipe*: Aristóteles, Tito Lívio, Plínio, Xenofonte e, sobretudo, Tácito; além de referirem-se aos escritos do próprio Maquiavel e de seu contemporâneo Guicciardini.\*

E, se Maquiavel pretendeu que este livro fosse honrado “apenas pela variedade da matéria e gravidade do assunto”, sua tradução procurou sobretudo não lhe diluir a matéria nem suprimir do assunto a gravidade.

---

\*N.E.: Para facilitar a compreensão do leitor, explicamos que as notas desta edição de *O Príncipe*, publicada pela Madras, foram assim distribuídas: números sobrescritos isolados são do tradutor Afonso Teixeira Filho e estão no rodapé das páginas onde foram inseridas. As notas de Napoleão Bonaparte aparecem com números arábicos, entre colchetes; as da rainha Cristina da Suécia foram grafadas em números romanos, entre colchetes; esses dois tipos de notas são apresentados no final de cada capítulo.



# O Príncipe<sup>1</sup>

Dedicatória

NICOLAUS MACLAVELLUS AD MAGNIFICUM LAURENTIUM  
MEDICEM [De Nicolau Maquiavel para o Magnífico Lourenço de Médici]<sup>2</sup>

1. Maquiavel, em uma carta a Francisco Vettori (10 de dezembro de 1513), diz ter “composto um opúsculo, *De principatibus* [Do principado]”, que começou a ser escrito, provavelmente, em julho do mesmo ano. Estudiosos do assunto acreditam que a obra não recebera, contudo, versão definitiva naquela data. A crítica mais recente estabelece que a redação final de *O Príncipe* ocorreu não antes de maio de 1514. O título original da obra era *De principatibus*; no entanto, no Livro III, 42, de seus *Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio*, Maquiavel já se refere à obra com o título que a consagrou: “*Se da uno principe si debbono osservare simili modi o no, largamente è disputato da noi nel nostro trattato De Principe: però al presente lo taceremo.*” [Se de um príncipe se deve ou não observar modos semelhantes é coisa que já foi discutida em pormenor em nosso tratado *Do Príncipe*, mas, no momento, não falaremos disso.] A obra foi publicada, pela primeira vez, em Roma, em 4 de janeiro de 1532, por A. Blado, e, logo em seguida, em 8 de maio, em Florença, por B. Giunta. As duas edições traziam o título *Il Principe*.

2. Dedicatória: a obra é dedicada a Lourenço de Pedro de Médici, duque de Urbino (1492–1519), filho de Pedro e neto de Lourenço de Médici (1449–1492), o Magnífico, que governara a República de Florença e patrocinara a Renascença. O homenageado governou Florença a partir de 1513, sob os olhos do tio, João, que em março do mesmo ano tornar-se-ia o papa Leão X. Em 1515, Lourenço foi nomeado capitão da guarda florentina e, no ano seguinte, tornou-se duque de Urbino. Maquiavel tinha a intenção de dedicar o livro a um príncipe novo, mas, na carta a Vettori, Maquiavel diz: “a um príncipe, sobretudo a um *príncipe novo*... mas o dedico à Magnificência de Juliano” [filho do Magnífico e tio de Lourenço]. Maquiavel deve ter mudado de ideia não apenas por ver em Lourenço um príncipe novo, mas alguém mais ambicioso que Juliano, alguém que poderia conceder-lhe os favores que almejava com a obra: um emprego no corpo diplomático do Estado. Algumas edições trazem o título *Nicolaus Maclavellus – Magnifico Laurentio Medici Iuniori, salutem.*

– 13 –

Soem, na maioria das vezes, os que desejam conquistar as graças de um príncipe, acercar-se dele com aquelas coisas que, de si, julgam mais caras, ou com as quais ele venha a deleitar-se; por isso, muita vez, são a ele presenteados cavalos, armas, tecidos de ouro, pedras preciosas e ornamentos afins, dignos da grandeza daqueles.<sup>3</sup> Desejando eu, portanto, oferecer-me a Vossa Magnificência com um testemunho de minha servidão, não encontrei entre os meus bens qual me seja mais caro ou que tanto estime quanto o conhecimento das ações dos grandes homens, alcançado pela longa experiência das coisas modernas e pela lição continuada<sup>4</sup> das antigas;<sup>[i]</sup> ações essas que eu, com grande diligência, por muito tempo ponderei e examinei, e ora, em pequeno volume abreviadas, envio a Vossa Magnificência. E, ainda que eu julgue esta obra indigna de tão magnífica presença, confio, todavia,<sup>5</sup> confio muito que, por vossa humanidade, deva ela ser aceita, considerando que eu não pudeste oferecer-vos dádiva maior do que a faculdade de poderdes, em tempo tão breve, entender tudo aquilo que eu, em tantos anos e com tantos incômodos e perigos, conheci e entendi. Não adornei esta obra com amplas cláusulas<sup>6</sup> nem a carreguei de palavras rebuscadas e grandiosas; não lhe acrescentei lenocínios nem ornamentos extrínsecos<sup>7</sup> com os quais muitos costumam descrever e abrilhantar as suas obras;<sup>[i]</sup> porque, se para ela alguma honra pretendi, que fosse apenas pela variedade da matéria e gravidade do assunto. Nem quero que se repute presunção um homem de baixa e ínfima natureza aconselhar e doutrinar os governos dos príncipes; porque, assim como convém aos desenhistas de países<sup>8</sup> colocarem-se nas baixadas para considerar a natureza dos montes e dos lugares altos, e nos lugares altos e nos montes para considerar a natureza das baixadas,<sup>[2]</sup> para bem considerar a natureza dos povos convém ser príncipe, e, para bem considerar a dos príncipes, convém ser popular.<sup>[iii]</sup>

Aceite, pois, Vossa Magnificência, esta pequena dádiva com o mesmo ânimo com que lha envio. Por ela, se cuidadosamente considerada e lida, conhecereis meu extremado anseio de que alcanceis a grandeza que a fortuna e vossas outras qualidades vos prometem. E, se Vossa Magnificência, do ápice de sua alteza, alguma vez voltar os olhos para estes lugares baixos, saberá com quanta indignação suporte esta grande e contínua maldade da fortuna.<sup>9</sup>

3. Silepse de número. “Aqueles” são os príncipes.

4. No original, *continua lezione*, estudo ou leitura atenta, cuidadosa.

5. O autor usa, aqui, uma conjunção latina, *tamen*, “todavia”. A utilização de locuções latinas era comum na linguagem diplomática.

6. Cláusula: ênfase de final de discursos.

7. Termos da Retórica; lenocínio: argumento sedutor; ornamento extrínseco: ornamento formal.

8. Cartógrafos.

9. Para saber mais sobre o pensamento de Maquiavel, sugiro a leitura de *Da Arte da Guerra*, de Nicolau Maquiavel, Madras Editora.

---

## NOTAS de Napoleão Bonaparte:

[<sup>1</sup>] Como Tácito e Gibbon.<sup>10</sup> (G: Napoleão general)

[<sup>2</sup>] Assim comecei, e assim se deve começar. Conhece-se bem melhor o fundo dos vales quando se está no cume das montanhas. (PC: Napoleão primeiro-cônsul)

---

## NOTAS de Cristina da Suécia:

[<sup>i</sup>] As duas escolas dos grandes homens.

[<sup>iii</sup>] Falso!

---

10. Públio (ou Gaio) Cornélio Tácito (c. 56–c. 117): senador e historiador romano; autor de *História e Anais*. Gibbon [Edward Gibbon (1737–1794)]: historiador inglês e membro do Parlamento. Autor de *História do declínio e queda do Império Romano*.







Quot sint genera principatum et  
quibus modis acquirantur

# De quantos gêneros são os principados e de que modo são adquiridos

**T**odos os Estados, todos os domínios que imperaram e imperam sobre os homens, foram e são ou repúblicas ou principados.<sup>11</sup> Os principados ou são hereditários, quando o sangue de seu senhor é de linhagem nobre,<sup>12</sup> ou são novos. Se novos, ou são completamente novos,<sup>[3]</sup>

11. Divisão estabelecida por Tácito, que opõe as duas: *Res dissociabiles Principatum et Libertatem*. (*Agricola* I, 3). Tácito informa que Nerva conciliou duas coisas antes inconciliáveis: governo (*principatum*) e liberdade.

12. “*Gentibus quae regnantur, certa dominorum domus et ceteri servi.*” [Nas nações governadas despoticamente, há uma família de linhagem nobre que governa, enquanto todos os outros são escravos.] Tácito, *História*, I, 16.

como foi Milão para Francisco Sforza,<sup>13</sup> ou o são como membros adjuntos ao Estado hereditário do príncipe que os adquire, como é o Reino de Nápoles para o rei da Espanha.<sup>14</sup> Os domínios assim adquiridos ou estão acostumados com a submissão a um príncipe, ou a serem livres; ou foram conquistados com armas alheias ou com as próprias; por fortuna ou virtude.<sup>15</sup>

13. Francisco Sforza (1401–1466). Filho natural de Múcio Attendolo Sforza, mudou-se com o pai para Nápoles e o serviu até 1424, quando o pai foi morto em batalha. Francisco assumiu o comando e terminou por servir ao duque de Milão, Filipe Maria Visconti. Em 1441, casou-se com a filha única do duque. Em 1434, firmou um pacto com Cosmo de Médici e tornou-se *condottiere* de Florença. Lutando pela liga vêneta-florentina contra Milão, em 1438, na Batalha do lago de Garda, tomou Verona. Em 1443, entrou em guerra contra o sogro, o que já havia feito em outras ocasiões. Ao cair ferido em 1447, o duque chamou o genro para ajudá-lo, pois o ducado via-se ameaçado pelos venezianos. A caminho de Milão, soube da morte do sogro e que este o havia preterido, nomeando para o trono de Nápoles Afonso de Aragão. Diante desse fato, os milaneses se rebelaram e proclamaram a República, contratando Sforza como capitão. Em 1449, Milão fez um tratado de paz com Veneza. Quando Sforza soube disso, sitiou a cidade e acabou por tomá-la no ano seguinte. Com a derrota do governo republicano em 1450, Sforza reivindicou, pelos laços sanguíneos da esposa, o título de duque de Milão. Como Veneza, Nápoles, Savoia e Montferrat se juntaram contra Milão, Sforza recorreu a Cosmo, formando uma aliança com Florença que resultaria na Paz de Lodi, de 1454. A partir daí, Sforza consolidou o seu governo e a sua dinastia, a qual patrocinou o desenvolvimento civil e artístico de Milão durante a Renascença.

14. Fernando II de Aragão. Um dos reis católicos que financiaram a expedição de Colombo. Aliou-se ao rei de França, Luís XII (Tratado de Granada – 1500), para tomar o reino de Nápoles. Em 1503, a Espanha lutou contra seus antigos aliados para tomar o reino só para si, derrotando os franceses em Cerignola. Em 1504, pelo Tratado de Blois, firmado após nova vitória contra os franceses em Carigliano, Fernando tornou-se rei de Nápoles.

15. *Fortuna e virtù* são os *leitmotiven* da obra. São elas que determinam o sucesso do príncipe. Roberto Ridolfi, em sua biografia de Maquiavel, afirma que *O Príncipe* trata sobretudo dos principados adquiridos pelo concurso da fortuna, pouco se detendo nos principados hereditários e nos adquiridos por virtude. Apesar de Maquiavel dizer que César Bórgia, modelo de príncipe ideal, tenha sofrido uma “grande malignidade da fortuna”, o fato de Bórgia ter sido filho do papa Alexandre foi mais relevante para o sucesso desse príncipe do que todas as suas virtudes somadas.

## NOTA de Napoleão Bonaparte:

[3] Assim será o meu, se Deus me der vida. (G)



### De principatibus hereditariis

## Dos principados hereditários

Não tratarei aqui das repúblicas, porque já discorri longamente sobre elas em outra ocasião.<sup>16</sup> Dedicar-me-ei tão-somente ao principado,<sup>[4]</sup> tornando a urdir o tramado acima, e discutirei como esses principados podem ser governados e mantidos.

Digo, portanto, que nos Estados hereditários e habituados à estirpe de seu príncipe há menor dificuldade para mantê-los do que nos novos;<sup>[5][iii]</sup> porque basta não lhe renegar a condição ancestral<sup>17</sup> e, ademais, transigir de acordo com as adversidades.<sup>[iv]</sup> Assim, se tal príncipe for de engenho ordinário, conservará para sempre o poder, a menos que uma força extraordinária e excessiva o destitua;<sup>[v]</sup> e, destituído, por mais terrível que seja o usurpador, o haverá de reaver.<sup>[6][vi]</sup>

16. Alguns críticos pensam tratar-se de uma obra perdida, ou de capítulos de *Discursos* que foram, posteriormente, remodelados. No entanto, o Livro I de *Discursos*, ao tratar de Roma, cuida efetivamente do período republicano.

17. Nero renegou seu tutor afirmando que não precisava de nada mais para reinar que o exemplo de seus ancestrais. “*Finitam Neronis pueritiam et robur iuventae adesse: exueret magistrum, satis amplis doctoribus instructus maioribus suis.*” Tácito, *Anais*, XIV, 52.

Temos na Itália, *in exemplis*, o duque de Ferrara,<sup>18</sup> que não teria resistido aos ataques dos venezianos em 1484 e aos do papa Júlio<sup>19</sup> em 1510, não fosse ele antigo naquele domínio. Porque o príncipe natural tem menores razões e necessidade de menos para ofender:<sup>20</sup> disso convém<sup>21</sup> que seja mais amado; e, se não se faz odiar por vícios exorbitantes,<sup>[vii]</sup> é justo e natural que seja benquisto por todos. E, na antiguidade e na continuação do domínio, apagam-se as lembranças e as razões das inovações,<sup>22</sup> ao passo que uma mutação<sup>23</sup> deixa sempre expostos os engastes para a edificação de outra.<sup>24[7]</sup>

18. Maquiavel refere-se a dois duques de Ferrara: Hércules I, que foi duque de 1471 a 1505, travou uma guerra contra Veneza entre 1482 e 1484, concluída com a Paz de Bagnolo. Afonso foi duque a partir de 1505; atacado pelo papa Júlio II (e por ele excomungado), saiu vitorioso em 1511 e manteve seu ducado por mais vinte anos.

19. Júlio II, eleito papa em 1503, formou a Santíssima Liga com Espanha e Veneza, para expulsar os franceses da Itália, o que logrou fazer em 1512.

20. Tácito afirma que um Estado conquistado por meio da violência não pode ser mantido com brandura e moderação. “*Non posse Principatum scelere quaesitum subita modestia, et prisca gravitate retineri.*” *História* I, 83. “*Atque illi quamvis servitio sueti patientiam abrumpunt armisque regiam circumveniunt.*” [Embora acostumados a ser escravos, logo deixaram de ser submissos e, de armas na mão, cercaram o palácio.] *Anais* XII, 50.

21. Resulta.

22. Fundação de um novo principado. De acordo com Tácito, o povo prefere manter o príncipe que tem a arriscar-se com outro: “*Minore discrimine sumi principem quam quaeri.*” *História* I, 57.

23. *Mutazione*: passagem de um príncipe a outro de mesmo sangue.

24. Há vários exemplos disso nas obras de Tácito. Tomemos o início dos *Anais*, em que se descrevem as mudanças de governo em Roma.

## NOTAS de Napoleão Bonaparte:

[4] Digam o que quiserem, só há isso de bom, mas é preciso que eu esteja afinado com eles [os republicanos] até segunda ordem. (G)

[5] Procurarei evitar [essa dificuldade], tornando-me o decano de todos os soberanos da Europa. (G)

[6] Veremos. Tenho a meu favor o fato de não ter derrotado simplesmente [um príncipe legítimo], mas um remedo republicano. A odiosidade da usurpação não se ajusta em mim. Os forjadores de frases, a meu soldo, já se encarregaram da persuasão: “O que ele destronou foi a anarquia”. Meus direitos ao trono da França não foram mal definidos no romance de Lemont... Quanto ao trono da Itália, hei de ter um discurso de Montga... É necessário aos italianos, que se creem oradores. Para os franceses, bastava um romance. Para o vulgo, que não lê, haverá a homilia dos bispos e padres que nomearei; e, ademais, um catecismo aprovado pelo núncio apostólico, a cujo feitiço ninguém resistirá. Nada me faltará, pois, tendo o papa me ungido a frente imperial, permanecerei mais firme do que todos os Bourbons. (I: Napoleão Imperador)

[7] Quantas pedras angulares [engastes] me deixam! A maioria ainda permanece, e seria preciso que não ficasse uma só para que eu perdesse as esperanças. Ali voltarei a encontrar minhas águias, meus NN, meus bustos, minhas estátuas e, quem sabe, o carro imperial da minha coroação. Tudo isso me favorece aos olhos do povo e faz com que ele não se esqueça de mim. (E: Napoleão no exílio da ilha de Elba)

## NOTAS de Cristina da Suécia:

[iii] Sem dúvida!

[iv] Isso não basta.

[v] É difícil destronarem-se os príncipes hereditários.

[vi] Correto.

[vii] São menos detestáveis do que deveriam os vícios dos príncipes reinantes.





### De principatibus mixtis

---

## Dos principados mistos

Mas no principado novo consistem as dificuldades. E, primeiramente, se não é totalmente novo, mas parte ou membro<sup>25</sup> de outro, pode-se dizer que o conjunto é quase misto;<sup>[8]</sup> suas variações nascem primeiramente de uma dificuldade natural, existente em todos os principados novos;<sup>26</sup> porque os homens de boa vontade mudam de senhor, convencidos do benefício da mudança;<sup>27[viii]</sup> e essa crença os leva a pegar em armas contra seu príncipe, no que se iludem, pois a experiência mostra que, assim, pioram a situação.<sup>28</sup> Em razão de uma necessidade natural e

25. Parte adjunta de um Estado hereditário.

26. “*Novum et nutantem adhuc principem...*” [Um principado novo e cambaleante.] *Anais* I, 17.

27. “*Atque interim posse parthos absentium aequos, praesentibus mobilis, ad paenitentiam mutari.*” [Os partos, que suportavam bem a ausência do príncipe, mas ficavam inquietos à presença dele, logo se voltaram para outro.] *Anais* VI, 16.

28. “Os homens desejam as coisas novas; as quais, muitas vezes, são desejadas tanto pelos abastados quanto pelos necessitados; pois, como se disse antes, e é verdade, os homens se cansam do bem, e se afligem do mal. Esse desejo, portanto, abre a porta para qualquer um da província que leve a cabo uma inovação.” *Comentários* III, 21.2. “*An Neronem extremum dominorum putatis? idem crediderant qui Tiberio, qui Gaio superstites fuerunt, cum interim instabilior et saevior exortus est.*” [Pensais que Nero será o último dos tiranos? Os que sobreviveram a Tibério e os que sobreviveram a Calígula pensaram o mesmo; no entanto, um após o outro, surgiram governantes ainda mais detestáveis e cruéis.] *História* IV, 42.

ordinária – que obriga a que se ofenda àqueles a quem se passa a governar, seja por meio de gentes de armas, seja por meio de outras injúrias<sup>29</sup> sem fim, inerentes à nova aquisição<sup>30</sup> –, do novo príncipe será inimigo todos os que se sentiram ofendidos durante a ocupação,<sup>[9]</sup> e não poderá manter como amigos aqueles que ali o colocaram, por não poder satisfazê-los do modo que haviam imaginado e por não poder usar contra eles remédio forte,<sup>31</sup> por a eles estar obrigado;<sup>[10]</sup> porque, por mais potentes que sejam os seus exércitos, precisará do favor dos provincianos para adentrar a província. Por essas razões, Luís XII,<sup>32</sup> rei da França, logo ocupou Milão, e logo a perdeu;<sup>[11]</sup> bastaram para tirar-lha, da primeira vez, as forças de Ludovico;<sup>33</sup> pois a mesma gente que havia aberto as portas a Luís, encontrando-se desenganada do que tinha pressuposto acerca do futuro,<sup>[12]</sup> não pôde suportar os dissabores causados pelo novo príncipe.<sup>34</sup>

É bem verdade que, adquirindo-se pela segunda vez as províncias rebeladas, perdê-las é mais difícil; porque o senhor, aproveitando-se da rebelião, sente menos escrúpulos em obter a sua segurança com a punição dos revoltosos,<sup>35</sup> em descobrir os suspeitos e em proteger os pontos mais fracos.<sup>[13]</sup> De modo que, para perder Milão da primeira vez, bastou à França que um certo duque Ludovico fizesse barulho nas fronteiras, para perdê-la pela segunda vez, foi preciso que todos se unissem contra ela,<sup>36</sup> destruindo-lhe os exércitos ou expulsando-os da Itália;<sup>[14]</sup> resultado das razões mostradas anteriormente. Contudo, Milão foi-lhe tomada da primeira e da segunda vez. As razões universais da primeira foram relatadas; resta agora dizer as da segunda, e ver que remédios Luís havia, e quais poderia

29. Em sentido jurídico: dolo, injustiça.

30. “*Res dura, et regni novitas me talia cogunt/Moliri, et late fines custode tueri.*” [Na tradução de Manuel Odorico Mendes: “Recente o Estado/Ao rigor me constrange, e a defender-nos/Guarnecendo as fronteiras”.] (Ver Capítulo XVII, 1). Virgílio, *Eneida I*, 567.

31. “Este mal, difícil de curar, precisaria de remédios fortes, e, falando vulgarmente, de crueldade.” Guicciardini, *Del reggimento di Firenze*, Livro II.

32. Luís XII de França (reinou entre 1498 e 1515) reivindicava Milão por herança de sua avó, Valentina Visconti. Aliou-se a Veneza e conquistou Milão em 1499, expulsando de lá Ludovico Sforza, que se refugiou junto ao imperador Maximiliano. Ludovico recuperou o ducado em fevereiro de 1500, perdendo-o dois meses depois. Luís XII manter-se-ia no poder do ducado por mais 13 anos.

33. Ludovico Sforza, o Mouro (1452–1508). duque de Milão. Foi o patrono de Leonardo da Vinci.

34. Tácito (*Anais VI*) conta-nos que os partos primeiro repudiaram Artabano, por esperarem melhor coisa de Tiridates, e, depois, recorreram novamente a Artabano para se livrarem de Tiridates.

35. “*Arma civilia actum, quae neque parari possent neque haberi per bonas artes.*” [Uma guerra civil que não pode ser planejada nem travada por princípios morais.] *Anais I*, 9.

36. O papa, o rei da Espanha, o imperador, Veneza, o rei da Inglaterra e os suíços: a Santíssima Liga.



haver outro príncipe que estivesse na mesma situação, para conservar a conquista melhor do que a França o fizera.<sup>[15]</sup>

Digo, portanto, que esses Estados, incorporados a um Estado mais antigo por meio da conquista, ou são da mesma província e de mesma língua, ou não. Quando são, é fácil mantê-los,<sup>37</sup> principalmente se não estão acostumados a viver livres;<sup>[16]</sup> e, para possuí-los com segurança, basta extinguir a linhagem do príncipe que os governava,<sup>[17]</sup> porque, nas outras coisas, mantendo-se-lhes os antigos privilégios e não diversificando os costumes, os homens viverão em paz, como se viu na Borgonha, na Bretanha, na Gasconha e na Normandia, que tanto tempo estiveram com a França;<sup>[18]38</sup> e, apesar de haver alguma diversidade de língua, os costumes são semelhantes, e podem facilmente se conciliar. E quem os conquista, querendo mantê-los, deve adotar dois cuidados: um, que a extirpe do príncipe anterior seja extinta;<sup>[19]</sup> outro, não alterar a lei nem os impostos vigentes.<sup>[20][ix]</sup> Desse modo, em pouquíssimo tempo, o novo principado formará, com o antigo, um corpo único.<sup>[21]</sup>

Mas, quando se conquistam Estados em uma província de diferentes línguas, costumes e governos, as dificuldades aparecem;<sup>[22]</sup> será preciso o concurso da fortuna e grande habilidade para mantê-los;<sup>39</sup> e um dos remédios mais eficazes seria que o conquistador fosse lá morar. Isso tornaria aquela possessão mais segura e duradoura. Foi o que fez o Grão-Turco na Grécia,<sup>40</sup> que, apesar de todas as outras medidas observadas por ele para manter aquele Estado, se não tivesse ido lá morar,<sup>[23]</sup> não teria mantido a conquista. Porque, lá estando, vê surgirem as desordens, e logo as pode remediar,<sup>41</sup> não estando, só as conhece quando já são grandes e não possuem mais remédio. Além disso, a província não é espoliada pelos oficiais de conquista;<sup>[24]</sup> satisfazem-se os súditos com o mais fácil recurso<sup>42</sup> ao príncipe; assim, terão mais razão em amá-lo,<sup>[25]</sup> dispondo-se eles a ser bons; ou, de outro modo, a temê-lo. Quem de fora quisesse atacar aquele Estado, teria mais cuidado, pois, vivendo ali o príncipe, mais difícil seria tirar-lhe as posses.<sup>[26]</sup>

37. “De fato, uma província só é feliz e unida quando deve obediência a uma república ou a um príncipe, como acontece na França e na Espanha.” *Comentários* I, 12.2.

38. A Normandia uniu-se à Coroa francesa em 1204; a Gasconha, em 1453; a Borgonha, em 1477, e a Bretanha, em 1491.

39. “*Ex diversitate morum crebra bella.*” [As guerras se repetem por causa da diversidade de costumes.] *História* V, 12.

40. Entenda-se o Império Bizantino. Trata-se da tomada de Constantinopla por Maomé II em 1453.

41. “*usta ultione et modicis remediis primos motus consedissee.*” [O começo de uma perturbação é quase sempre aquietado por remédios suaves.] *Anais* XIV, 61.

42. No original, *ricorso*, recurso, em sentido jurídico.

Outro bom remédio é fundar colônias, em um ou dois lugares, que sirvam como entraves<sup>43</sup> àquele Estado, pois é necessário ou proceder dessa forma ou manter ali forças de artilharia e infantaria.<sup>[27]</sup> Nas colônias, não se gasta muito, e, sem muita despesa, podem ser instaladas e mantidas, prejudicando-se apenas àqueles a quem se tomam as terras e as casas, os quais são parcela mínima do Estado, para dá-las a novos habitantes. Os que são lesados permanecerão dispersos e pobres, não podendo causar dano algum;<sup>[28][x]</sup> os outros permanecerão quietos, pois, de um lado, não foram prejudicados, e, de outro, temem que suceda a eles o mesmo que sucedeu aos espoliados.<sup>[29]</sup> Concluo, portanto, que essas colônias, que nada custam, são mais fiéis e causam pouco prejuízo; e os prejudicados, sendo pobres e dispersos, como já foi dito, não podem incomodar.<sup>[30][xi]</sup> Pelo que se pode notar, aos homens deve-se agradar ou matar,<sup>44</sup> porque se se vingam das pequenas ofensas,<sup>[31]</sup> das graves não podem fazê-lo: dessa forma, a ofensa que se faz ao homem deve ser tal que não se tema a vingança.<sup>45[32]</sup> Mas, se o príncipe mantiver, em lugar de colônias, forças armadas, gastará muito mais, pois terá de despender nela todo o rendimento do Estado,<sup>[33][xii]</sup> de modo que o ganho tornar-se-á perda, e a ofensa será grande, porque atingirá todo o Estado, com as mudanças e o aquartelamento do exército; esses incômodos todos sentem, e todos se convertem em inimigos [do conquistador], e esses inimigos, vencidos em sua própria casa, são sempre perigosos.<sup>[34][xiii]</sup> De qualquer forma, portanto, a ocupação armada é tanto inútil quanto útil é a colonização.

Deve, ainda, quem se encontrar em uma província diferente, como foi dito, tornar-se chefe e defensor dos vizinhos menos poderosos e procurar enfraquecer os mais potentes<sup>[35], [xiv]</sup> tomando cuidado para que, por acidente, não entre nela nenhum forasteiro tão forte quanto ele. Mas sempre haverá quem seja chamado por aqueles que se sentem descontentes, por demasiada ambição, ou por medo<sup>[36], [xv]</sup> como se viu outrora, quando os etólios chamaram os romanos à Grécia;<sup>46</sup> e, em todas as províncias que [os romanos] conquistaram, lá foram colocados pelos próprios habitantes.<sup>[37][xvi]</sup> E a ordem das coisas é que, logo que um estrangeiro poderoso entra em uma província, todos os fracos que lá residem juntem-se a ele, movidos pela inveja que têm aos que os sobrepujam em poder;<sup>[38][xvii]</sup> tanto que, a respeito desses menos potentes,

43. No original, *compedi*, entraves, obstáculos. Sobre esse recurso, ver Maquiavel, *História de Florença* II, 1.

44. Essa máxima já se encontrava em outro escrito de Maquiavel: *Del modo di trattare i popoli della Valdichiana ribellati*, 4: “Os romanos imaginaram, certa vez, que os povos rebelados deveriam ser beneficiados ou extintos.”

45. “O morto não pensa em vingança.” *Discursos* III, 6.2.

46. Referência à primeira guerra macedônica, em 212 a.C., em que o pretor Marco Valério Levino entrou em acordo com os etólios. Ver Tito Lívio, *História de Roma* XXVI, 24.

o estrangeiro não tem trabalho algum para conquistá-los, pois logo se juntam, voluntariamente, formando bloco com o Estado conquistado.<sup>[39]</sup> Ao invasor resta apenas evitar que não adquiram demasiada força e demasiada autoridade,<sup>[xviii]</sup> e facilmente poderá, com forças próprias e com o favor deles, sobrepujar os que têm poder, tornando-se o único árbitro da província.<sup>[40][xix]</sup> Quem não observar bem esses preceitos perderá logo o que conquistou; e, enquanto o conservar, terá inúmeras dificuldades e aborrecimentos.<sup>[41][xx]</sup>

Os romanos, nas províncias que conquistaram, observaram bem esses preceitos: fundaram colônias, cuidaram dos menos poderosos<sup>47</sup> sem aumentar-lhes o poder, enfraqueceram os mais fortes<sup>48</sup> e não deixaram que os estrangeiros poderosos<sup>49</sup> ganhassem reputação.<sup>[42]</sup> Quero tomar como exemplo apenas a província da Grécia. Os romanos adularam os aqueus e os etólios, enfraqueceram o reino dos macedônios, expulsaram Antíoco;<sup>50[43]</sup> mas, nem aos etólios, nem aos aqueus, apesar de seus méritos, foi permitido ampliar os domínios;<sup>[44]</sup> sequer Filipe<sup>51</sup> pôde persuadi-los a serem amigos dele sem debilitar-se; nem o poder de Antíoco bastou para que lhe consentissem manter naquela província algum Estado.<sup>[45]</sup> Porque os romanos fizeram, nesses casos, aquilo que todos os príncipes sábios devem fazer: não apenas pensar nos escândalos<sup>52</sup> presentes, mas também nos futuros, e servir-se de toda habilidade para evitá-los; porque, prevenindo-se a tempo, facilmente se pode remediá-los; mas, caso se espera que o mal se aproxime, o remédio não chega a tempo,<sup>53</sup> porque a doença torna-se incurável.<sup>[xxi]</sup> É como nos casos de tísica; dizem os médicos: no princípio do mal, é fácil a cura e difícil o diagnóstico; mas, com o decorrer do tempo, não sendo conhecida, nem medicada, a doença será de fácil reconhecimento, mas de difícil cura.<sup>[46][xxii]</sup> Assim ocorre nos assuntos do Estado, porque, prevenindo-se a tempo os males que surgem – dádiva apenas dos prudentes –, pode-se saná-los rapidamente;<sup>[xxiii]</sup> mas quando, por falta de previsão, aumentam de modo que todos os conheçam, não há mais remédio.<sup>[xxiv]</sup>

Os romanos, prevenindo os inconvenientes, sempre os remediaram; mas nunca deixavam, para evitar uma guerra, que esses inconvenientes se alastrassem, pois sabiam que uma guerra não se evita, mas seu adiamento

47. Refere-se o autor aos aqueus e etólios.

48. Filipe V da Macedônia.

49. Antíoco III da Síria.

50. Antíoco III, conquistador de boa parte da Ásia Menor, foi derrotado pelos romanos em 191 a.C.

51. Filipe V da Macedônia aliou-se aos romanos contra Antíoco, em 192 a.C.

52. Desordens. Termo escolhido com precisão: do grego *scáñdalon*, pedra, obstáculo.

53. Ovídio, *Arte de amar*, 91: “*Principiis obsta; sero medicina paratur*”.

representa benefício para a outra parte;<sup>54[47][xxv]</sup> por isso, preferiram guerrear contra Filipe e Antíoco na Grécia, para não terem de enfrentá-los na Itália,<sup>55</sup> ainda que pudessem evitar a guerra contra um e outro. Contudo, não o quiseram. Jamais lhes agradou aquilo que cotidianamente propagam os sábios dos nossos dias:<sup>[xxvi]</sup> “tirar proveito do tempo”.<sup>[48]</sup> Antes preferiram valer-se da própria virtude e da prudência, porque o tempo leva tudo consigo, e pode trazer tanto o bem quanto o mal, e tanto o mal quanto o bem.<sup>[49][xxvii]</sup>

Mas voltemos à França e examinemos se das coisas ditas antes alguma foi feita. Falarei de Luís e não de Carlos,<sup>56</sup> porque, tendo aquele conservado por muito tempo suas possessões na Itália,<sup>57</sup> melhor se evidenciaram seus progressos: e vereis como ele fez o contrário do que se deve fazer para manter-se em um Estado de costumes e línguas estranhas.<sup>[50]</sup> O rei Luís entrou na Itália<sup>58</sup> por meio da ambição dos venezianos, que queriam, com a vinda dele, tomar metade do Estado da Lombardia.<sup>59[xxviii]</sup> Não pretendo censurar a atitude do rei; querendo pôr os pés na Itália, e não tendo amigos naquela província, tendo sido para ele fechadas todas as portas, devido a uma atitude do rei Carlos, Luís foi forçado a valer-se de todas as alianças que pudera engendrar;<sup>[51]</sup> e, se nos outros manejos nenhum erro cometesse, essa empresa bem fadada lhe seria. O rei, então, havendo conquistado a Lombardia, ganhou logo aquela reputação que Carlos havia lhe furtado: Gênova cedeu; os florentinos tornaram-se amigos dele;<sup>60</sup> o Marquês de Mântua, o duque de Ferrara, os Bentivoglios, a Senhora de Forlì, os senhores de Faenza, de Pesaro, de Rímìni, de Camerino e Piombino, os lucanos, os pisanos, os senenses,<sup>61</sup> todos se apresentaram a ele como amigos.<sup>[52]</sup> Então, os venezianos puderam perceber a temeridade das atitudes que haviam

54. É atribuída a Napoleão a seguinte sentença: “Posso perder uma batalha, mas não perco um minuto”.

55. “*Destinata retinens, consiliis et astu res externas moliri, arma procul habere.*” [Determinado a regular os assuntos externos por meio de uma política astuta, e manter a guerra a distância.] *Anais* VI, 32. Os romanos derrotaram Antíoco em 191 a.C., nas Termópilas, expulsando-o da Europa.

56. Carlos VIII (1470–1498): rei da França.

57. Luís XII manteve posses na Itália de 1499 a 1512; Carlos VIII, por pouco menos de um ano, de 1494 a 1495.

58. Para apossar-se do ducado de Milão.

59. Cremona e a Ghiaradadda.

60. Luís XII impôs a Gênova, dominada pelos Sforzas desde 1487, o governo de Filipe de Clèves, recebendo o apoio de Florença, que ambicionava Pisa.

61. Francisco de Gonzaga (1466–1519), Hércules I, João Bentivoglio, Catarina Sforza (1463–1509), Astorre Manfredi, João Sforza, Pandolfo Malatesta (1475–1534), Júlio César da Varano e Jacó d’Appiano.

tomado, pois, para conquistarem duas terras na Lombardia,<sup>[53]</sup> tornaram aquele rei senhor de dois terços da Itália.<sup>62</sup>

Considerai agora como teria sido fácil ao rei conservar sua reputação na Itália se houvesse observado as regras antes descritas e mantido seguros e defendidos todos aqueles seus amigos, os quais, por serem em grande número débeis, e temerem, uns à Igreja,<sup>[xxix]</sup> outros aos venezianos,<sup>63</sup> precisavam manter-se ao lado do rei, que por meio deles poderia, facilmente, assegurar-se contra todos, por mais fortes que estivessem.<sup>[54]</sup> Ele, contudo, mal chegara a Milão e fazia o contrário, dando auxílio ao papa Alexandre<sup>[xxx]</sup> para a ocupação da Romanha.<sup>64</sup> Nem percebeu que com essa deliberação se tornava fraco, afastando os amigos e aqueles que se tinham lançado aos seus braços, e tornava a Igreja poderosa,<sup>[55]</sup> acrescentando ao poder espiritual, que tanta autoridade confere a ela, tão grande força temporal.<sup>[56]</sup> E, cometido o primeiro erro, foi constrangido a prosseguir, até que, para pôr fim à ambição de Alexandre e para evitar que ele se tornasse senhor da Toscana, foi forçado a regressar à Itália.<sup>65</sup>

Não lhe bastou ter engrandecido a Igreja e afastado os amigos; por tanto querer o reino de Nápoles, dividiu-o com o rei da Espanha,<sup>66[57]</sup> e onde Luís era antes árbitro da Itália, aí colocou um companheiro para que os ambiciosos e os descontentes daquela província tivessem a quem recorrer; e, quando podia deixar no reino um soberano que fosse seu vassalo,<sup>67[58]</sup> ele o retirava, para aí colocar um que pudesse expulsá-lo.<sup>[59][xxxi]</sup> É coisa de fato muito natural e comum almejar conquistas,<sup>68 [xxxii]</sup> e, sempre que os homens puderem fazê-lo,<sup>69</sup> serão elogiados e não criticados; mas, quando não podem, e querem fazê-lo de todo modo, eis aí o erro e a crítica.<sup>[60]</sup> Se a França podia, então, com suas forças assaltar Nápoles, tinha de fazê-lo; se não podia, não o tinha de dividir.<sup>[xxxiii]</sup> E se a divisão que fez da Lombardia com os venezianos mereceu desculpas, por ter com ela fincado o

62. Tratava-se de Cremona, Verona e a região intermediária de Ghiaradadda. Pode tratar-se de um litotes ou da reputação que Luís teria sobre dois terços da Itália, uma vez que suas posses se limitavam ao Milanês.

63. As duas maiores forças da província em que Luís XII havia penetrado.

64. Para a queda de Luís XII na Itália, contribuiu também o papa Alexandre VI (que foi papa entre 1492 e 1503), cujo filho, o Valentino (César Bórgia), ambicionava o poder. Ver Capítulo VII.

65. Em 1502, Arezzo e a Valdichiano se rebelaram contra Florença, pretendida por César Bórgia. Luís XII dirigiu-se a Milão para evitar o avanço do Valentino para Florença.

66. Ver nota 14.

67. O rei de Nápoles, Frederico I de Aragão, que seria vassalo de Luís XII.

68. “*Vetus ac iam pridem insita mortalibus potentiae cupido cum imperii magnitudine adolevit erupitque.*” [Aquela velha paixão pelo poder, que sempre foi inata ao homem, cresce e irrompia à medida que o Império se engrandecia.] *História* II, 38.

69. Expulsar os franceses de Milão.

pé na Itália, a divisão de Nápoles merece crítica, por não ser justa sua necessidade.<sup>[61]</sup>

Tinha, portanto, Luís cometido estes cinco erros: eliminou os menos poderosos,<sup>[62]</sup> aumentou na Itália o prestígio de um poderoso,<sup>70</sup> colocou ali um estrangeiro poderosíssimo,<sup>71</sup> não veio nela habitar nem ali estabeleceu colônias. Esses erros talvez não causassem dano enquanto Luís vivesse, mas cometeu ele um sexto erro, o de tomar o Estado aos venezianos;<sup>72[63]</sup> porque, se não tivesse tornado a Igreja tão poderosa nem deixado a Espanha entrar na Itália, seria bem razoável e necessário enfraquecê-los; mas, tendo tomado aquelas primeiras atitudes, jamais deveria consentir na ruína dos venezianos. Porque, sendo estes poderosos, sempre manteriam outros distantes de uma empresa contra a Lombardia; fosse porque os venezianos jamais teriam consentido nela, a menos que se tornassem eles próprios os seus senhores, fosse porque os outros não iriam querer tomá-la da França para dá-la aos venezianos, e ir contra os dois não seria sensato.<sup>[64]</sup>

E, se alguém dissesse que o rei Luís cedeu o Reino da Romanha a Alexandre e o Reino [de Nápoles] à Espanha para evitar uma guerra,<sup>73</sup> respondo, com as razões acima expostas, que não se deve nunca deixar seguir uma desordem para evitar uma guerra, porque esta não se evita, mas adia-se para desvantagem própria.<sup>[65][xxxiv]</sup> E, se outros alvitramem a palavra que o rei tinha dado ao papa de realizar para ele aquela conquista em troca do chapéu cardinalício de Ruão<sup>74</sup> e da dissolução do matrimônio régio,<sup>75</sup> respondo mais adiante como se deve respeitar a palavra dos príncipes.<sup>[66]</sup>

Perdeu, então, o rei Luís, a Lombardia, por não ter seguido nenhum dos preceitos acatados por outros conquistadores de províncias que nelas se quiseram manter. Não se trata de milagre, mas de fato corriqueiro e razoável. Desse assunto, falei em Nantes com [o Cardeal de] Ruão, quando o Valentino, como era conhecido vulgarmente César Bórgia, filho do papa

70. A Igreja.

71. Fernando II.

72. Referência à Liga de Cambráia, coalizão militar entre Luís XII, o imperador Maximiliano (do Sacro Império) e Fernando II, os Estados Pontifícios e outros. A Liga derrotou Veneza na Batalha de Agnadel em 1509. O papa mudou de lado no ano seguinte, aliando-se aos venezianos para expulsar os franceses da Itália (formando com eles a Santíssima Liga).

73. Contra o Império Habsburgo.

74. O arcebispo de Ruão, Jorge d'Amboise (1460–1510), foi ordenado cardeal pelo papa Alexandre VI, em 17 de setembro de 1498.

75. Luís XII conseguiu do papa Alexandre VI permissão para repudiar a primeira esposa, Joana de França (1464–1505) e desposar Ana da Bretanha (1477–1514). Em troca dessas duas concessões, o rei deu a César Bórgia (filho do papa), que abandonara o cardinalato, o ducado de Valentinois e a mão da filha do Monsenhor d'Albret, Charlotte (1480–1514), irmã de João III de Navarra. Casaram-se no dia 10 de maio de 1499.

Alexandre,<sup>76</sup> ocupava a Romanha; porque, dizendo-me o cardeal de Ruão que os italianos não entendiam de guerra, respondi-lhe que os franceses não entendiam de Estado;<sup>77</sup> pois, se entendessem, não teriam consentido à Igreja tanta grandeza.<sup>[67][xxxv]</sup> E por experiência viu-se que a França, ao alimentar a grandeza da Igreja e da Espanha na Itália, provocou sua própria ruína.<sup>78[68][xxxvi]</sup> Disso, pode-se tirar uma regra geral, a qual nunca ou raramente falha: quem permite ao outro tornar-se poderoso arruína-se,<sup>[69]</sup> pois esse poder tem origem na astúcia ou na força; e uma e outra dessas duas qualidades são suspeitas a quem se torna poderoso.<sup>[70]</sup>

76. César Bórgia (1475–1507) estudou Teologia e Direito; aos 20 anos de idade já era cardeal. Com a morte do irmão, substituiu-o no cargo, tornando-se capitão-geral do Vaticano. Em 1498, abandonou a carreira eclesiástica (foi o primeiro homem na História a abandonar o cardinalato) e recebeu o ducado do Valentinois do rei da França, Luís XII. No ano seguinte, ao lado do exército francês, tomou Milão. Em 1500, tentou, com a ajuda do pai (o papa Alexandre VI), instaurar um principado na Romanha, e tomou Forlì, dominada por Catarina Sforza (que posteriormente se tornaria amante dele). Em seguida, tomou Faenza, Ímola e Pesaro e invadiu o ducado de Urbino. Por fim, entrou com triunfo em Roma, em fevereiro de 1500. Em 1501, foi nomeado duque da Romanha (depois de ter unificado em torno dele os Estados da Itália central). Em 1503, ele e o pai foram convidados para um banquete, e, possivelmente, envenenados. O pai morre, mas César Bórgia se recupera. O papa seguinte, Pio III, manda encarcerar César Bórgia, mas morre, de maneira suspeita, 23 dias depois de nomeado. Júlio II o substitui, mas, sendo inimigo dos Bórgia, entrega César ao rei de Castela, para ser julgado na Espanha, onde é aprisionado. Escapa, mas um ano depois é morto em uma emboscada. César Bórgia serviu de modelo político para *O Príncipe*.

77. Isto é, de Política. O encontro deu-se durante a legação na França, entre outubro e novembro de 1500 (em Nantes).

78. Escrito em 1513, no auge do poder da Espanha e da Igreja.



## NOTAS de Napoleão Bonaparte:

[8] Como será o meu no Piemonte, na Toscana, em Roma, etc. (C: Napoleão cônsul)

[9] Pouco me importa; o êxito o justifica. (C)

[10] Velhacos! Com que crueldade me fazem conhecer essa verdade! Sacrificar-me-iam se eu não tivesse me livrado de sua tirania. (I)

[11] Os austro-russos não me teriam tirado [Milão] se eu tivesse permanecido ali em 1798. (C)

[12] Eu, pelo menos, não frustrei as esperanças dos que me abriram as portas em 1796. (C)

[13] Ao que me dediquei, ao recuperar este país em 1800.<sup>79</sup> O príncipe Carlos que o diga.<sup>80</sup> Não entenderam nada disso, o que me favorece. (I)

[14] Isso já não ocorrerá. (C)

[15] Conheço esse assunto mais que Maquiavel. (C)

Não têm como suspeitar desses meios, e aconselham outros. Melhor assim. (E)

[16] Mesmo que estivessem, eu saberia como dominá-los. (G)

[17] Não me esquecerei disso nos territórios que vier a dominar. (G)

[18] A Bélgica é um bom exemplo, graças a mim. (C)

[19] Eles o auxiliarão. (G)

[20] Ingenuidade de Maquiavel. Tinha ele o mesmo conhecimento que eu do uso da força? Em breve darei a ele uma lição disso em sua própria terra, a Toscana, como também no Piemonte, em Parma, em Roma, etc. (I)

[21] Posso alcançar os mesmos resultados sem a debilidade dessas precauções. (I)

[22] Mais uma ingenuidade! A força! (I)

[23] Para isso, farei uso de reis e vice-reis, que serão simples subalternos meus e que me obedecerão em tudo; caso contrário, serão destituídos. (I)

[24] Convém por certo que enriqueçam, se me servem incondicionalmente. (C)

[25] Que me temam! Isso me basta. (I)

[26] Impossível, no meu caso. O terror de meu nome será igual à minha presença. (C)

[27] *Ad abundantiam juris*. Faz-se uma coisa e outra. (C)

[28] É uma boa reflexão, e farei uso dela. (C)

[29] Quero-os precisamente assim. (C)

[30] Farei tudo isso no Piemonte, ao anexá-lo à França. Terei ali, para minhas colônias, os bens confiscados anteriormente, aos quais se decidiu denominar “nacionais”. (G)

[31] Por benevolência, minhas ofensas serão das menores; mas a vingança, em relação a elas, não será das menores, em meu benefício. “Quem ignora que desagradar um pouco equivale a desagradar muito não conhece o abecê da arte de reinar.” (E)

[32] Não tenho observado bem essa norma. Mas armam aqueles a quem ofendem, e os ofendidos me pertencem. (E)

[33] Aplica-se o tributo de modo que lhe sobre algo. (C)

[34] Não os temo, pois os obrigo a permanecerem nelas; e de lá não sairão, pelo menos não para se unirem contra mim. (C)

[35] O melhor remédio para isso é expropriá-los e tomar os seus despojos. Módena, Placência, Nápoles, Roma e Florença darão novos exemplos. (C)

79. Após sanar a economia do país, com a criação do Banco da França (que regulamentou a emissão de moeda e deteve a inflação) e de uma política protecionista, que estimulou a produção e o consumo internos. Dedicou-se também a deter os avanços contrarrevolucionários para garantir as fronteiras.

80. Napoleão refere-se, provavelmente, ao príncipe Carlos da Áustria, contra quem travou diversas batalhas quando era general.



- [36] Sobre isso, aguardo a Áustria, na Lombardia. (C)
- [37] Os que podem ser chamados a Lombardia não são os romanos. (G)
- [38] Que bom socorro não acharia a Áustria contra mim nas fracas potências atuais da Itália! (G)
- [39] Conquistá-los! Não me darei a esse trabalho. Estarão sujeitos, pelas minhas forças, a formar corpo comigo, sobretudo em meu plano da Confederação do Reno. (I)
- [40] É bom levar isso em consideração para meus projetos sobre a Itália e a Alemanha. (G)
- [41] Maquiavel ficaria admirado com a habilidade com que eu me resguardei. (I)
- [42] Trata-se de desacreditá-los lá. (C)
- [43] E por que aos outros não? (C)
- [44] Não era o bastante. Os filhos de Rômulo tinham ainda necessidade da minha escola. (I)
- [45] Foi o melhor que fizeram. (C)
- [46] Maquiavel devia estar doente ao escrever isso; ou tinha ido ao médico. (I)
- [47] Importante máxima, a qual devo tomar como uma das principais regras de minha conduta marcial e política. (G)
- [48] São uns covardes. Que não apareçam nunca em minha presença conselheiros com esses. (G)
- [49] É mister saber dominar um e outro. (G)
- [50] Decretarei que se utilize ali a língua francesa, começando pelo Piemonte, que é a província mais próxima da França. Nada é mais eficaz para se introduzir os costumes de um povo no estrangeiro do que impor a ele a língua do conquistador. (G)
- [51] Para mim, era mais fácil comprar os genoveses, que, por especulação fiscal, permitiram-me a entrada na Itália. (G)
- [52] Eu soube proporcionar a mim as mesmas honras, e não cometerei, certamente, as mesmas faltas. (G)
- [53] Os lombardos, a quem fingi entregar a Valtelina, o Bergamasco, o Mantuano, o Bresciano, etc., comunicando-lhes a mania da república, prestaram-me já o mesmo serviço. Uma vez dono do território deles, logo terei o resto da Itália. (G)
- [54] Não precisarei deles para conseguir essa vantagem. (G)
- [55] Erro grave. (G)
- [56] É indispensável que eu cegue os dois lados de sua navalha. Luís XII não passava de um idiota. (G)
- [57] Também o farei, mas a partilha que vier a realizar não me tirará a supremacia, e meu bom José não se oporá a mim. (I)
- [58] Como o será aquele que eu li puser. (I)
- [59] Se eu precisar tirar de lá o meu José, não ficarei descansado quanto ao sucessor dele. (I)
- [60] Nada faltará às minhas. (G)
- [61] Mas pode-se torná-la justa. (G)
- [62] Não seria um erro, se não tivesse cometido os outros. (G)
- [63] O erro consistiu em não agir na hora certa. (G)
- [64] O raciocínio está correto para aquela época. (I)
- [65] À primeira contrariedade, declara-se a guerra; uma vez que nossos inimigos conheçam a prontidão dessa resolução, ficarão mais cautelosos. (G)
- [66] Eis aí a maior arte da política. O meu conselho é que não a deixemos de lado. (G)
- [67] Era preciso mais para que Roma excomungasse Maquiavel? (G)
- [68] Eles me pagarão caro por isso. (I)
- [69] O que nunca farei. (I)
- [70] Os inimigos não parecem receá-lo. (G)

## NOTAS de Cristina da Suécia:

[viii] “*Minore discrimine sumi principem quam quaeri.*” [É menos inconveniente conservar o rei que se tem do que procurar outro.] A afirmação é de Tácito,<sup>81</sup> e creio que ele tenha razão.

[ix] Isso não está mal observado.

[x] É preciso cuidar daqueles que nada têm a perder além do coração.

[xi] Tudo isso seria infame, se não fosse sacrílego.

[xii] Tem certa razão.

[xiii] Os inimigos internos são sempre os mais perigosos.

[xiv] Não se pode desprezar essa afirmação; sei de muita gente que se favoreceu disso.

[xv] O mundo não é mais assim.

[xvi] Como fizeram os suecos na Alemanha.

[xvii] Isso aconteceu aos suecos na Alemanha.

[xviii] O que acontece sempre.

[xix] É o que se faz com muita frequência.

[xx] Os suecos são mui bem adestrados nessa prática.

[xxi] Correto!

[xxii] Admirável comparação!

[xxiii] Tudo depende dessa previsão.

[xxiv] Verdades inegáveis, sem dúvida.

[xxv] Isso é lindo e verdadeiro.

[xxvi] Eis aqui a política dos reis, a única que é sólida.

[xxvii] Verdade irrefutável.

[xxviii] Acredito que ainda queiram.

[xxix] Quem teme o papa, hoje em dia?

[xxx] Magnânimo papa.

[xxxi] Mas o outro teria feito o mesmo.

[xxxii] É algo constante.

[xxxiii] Bem observado!

[xxxiv] Sentença irretocável!

[xxxv] Um erro que não será repetido.

[xxxvi] Um príncipe católico não pode engrandecer-se sem engrandecer a Igreja.

---

81. *História I*, 56.

## Capítulo IV



Cur Darii regnum quod Alexander occupaverat a  
successoribus suis post Alexandri mortem non defecit

Por que razão o reino de Dario, ocupado  
por Alexandre, não se revoltou contra  
os sucessores de Alexandre<sup>[71]</sup>

Consideradas as dificuldades relativas à manutenção de um Estado recém-conquistado, alguém poderia maravilhar-se de que, tendo Alexandre Magno<sup>82</sup> se tornado senhor da Ásia em poucos anos<sup>[xxxvii]</sup>

82. Alexandre Magno (356–323 a.C.), da Macedônia. Filho de Filipe II, formou um império que ia dos Bálcãs até a Índia, o qual manteve por meio de casamentos e respeitando os costumes, a religião e a língua dos locais conquistados, além de manter neles os governantes locais. Conquistou também a Pérsia, ao derrotar Dario III, e o Egito. O Império Alexandrino foi um dos maiores da História, em termos territoriais (só perdendo para o sarraceno, o inglês e o espanhol), mas foi aquele que mais rapidamente se constituiu: 12 anos apenas. As conquistas de Alexandre expandiram a cultura helenista pelo Oriente, a qual seria legado dos sarracenos.

e logo morrido sem concluir a ocupação,<sup>83</sup> seria razoável que todo aquele Estado se revoltasse;<sup>[72]</sup> então, por que os sucessores de Alexandre lá se mantiveram, e não encontraram, para conservar o Estado, nenhuma dificuldade além da criada pela própria ambição deles?<sup>[73]</sup> A isso, respondo que todos os principados de que se tem memória foram governados de um destes dois modos: ou por um príncipe, e todos os servos que por graça ou permissão dele o ajudaram, como ministros, a governar o novo reino; ou por um príncipe e por barões,<sup>84</sup> que, não pela graça do senhor, mas pela antiguidade do sangue, tenham esse título.<sup>[xxxviii]</sup> Esses barões possuem Estados e vassalos próprios que os reconhecem como senhores e têm por eles um afeto natural.<sup>[74]</sup> Quanto aos Estados que se governaram por um príncipe e seus servos, tem o príncipe neles mais autoridade,<sup>[xxxix]</sup> porque, em toda a sua província, não há ninguém que não reconheça como soberano senão a ele; e, se obedecem a outro, é porque se trata de um ministro ou oficial,<sup>[75]</sup> pelos quais não têm aqueles nenhum afeto particular.

Os exemplos dessas duas espécies de governo são, nos nossos tempos, o Grão-Turco e o rei da França.<sup>[xi]</sup> Toda a monarquia do Turco é governada por um só senhor; os outros são servos dele; e, dividindo o seu reino em *sandjacs*,<sup>85</sup> para onde manda diversos administradores, que muda e varia como quer.<sup>[76]</sup> Mas o rei da França está rodeado por uma multidão antiquada de senhores,<sup>86</sup> naquele Estado, reconhecidos por seus súditos e por eles amados: têm preeminências<sup>87</sup> que o rei não pode tirar sem correr riscos.<sup>[77]</sup> Quem considerar, portanto, um e outro desses Estados encontrará dificuldade em poder ocupar o reino do Turco, mas, tendo-o uma vez vencido, encontrará grande facilidade para conservá-lo.

As razões das dificuldades de se ocupar o reino do Turco estão em não se poder contar com o apelo dos príncipes daquele reino, nem esperar que a empresa da ocupação seja facilitada pela revolta dos próximos ao soberano,<sup>[xli]</sup> o que resulta das razões acima mencionadas.<sup>[78][xlii]</sup> Porque, sendo todos servos e obrigados, são mais difíceis de corromper, e, mesmo quando se corrompem, não se pode esperar deles grande auxílio, pois não conseguem arrastar consigo os povos, pelas mesmas razões assinaladas.<sup>[79]</sup> Portanto, quem ataca o reino do Turco, tem de cogitar que o achará unido; e convém confiar mais nas próprias forças do que nas desordens dos outros.<sup>[80] [xliii]</sup> Mas, vencido que fosse e destruído em campanha de maneira que não pudesse refazer os seus exércitos,<sup>[xliv]</sup> não se duvide de que a única

83. Morreu aos 33 anos de idade; havia conquistado a Ásia e o Egito entre 334 e 327 a.C. Com sua morte, o Império logo se esfacelou.

84. Senhores feudais, em sentido geral.

85. Principais divisões administrativas das províncias do Império Otomano até 1921. O termo significa “bandeira”.

86. Senhores feudais.

87. Privilégios hereditários.

coisa a temer seja a família do príncipe; exterminada essa,<sup>[xlv]</sup> não há ninguém mais a temer, pois ninguém mais terá autoridade sobre os povos: e se o vencedor, antes da vitória, não podia esperar nada deles, depois dela não terá deles o que temer.<sup>[81]</sup>

O contrário acontece nos reinos governados como o da França, porque nele se pode entrar com facilidade, conquistando algum barão do reino; pois sempre se encontra um descontente e outros que desejam inovar.<sup>[82]</sup> Estes, pelas razões explicadas, podem abrir o caminho para a entrada no Estado e facilitar a vitória ao conquistador, que depois, para mantê-la, terá incontáveis dificuldades,<sup>[xlv]</sup> tanto com os que o auxiliaram quanto com aqueles a quem oprimiu.<sup>[83]</sup> Nem basta a ele extinguir o sangue do príncipe;<sup>[xlvii]</sup> porque haverá sempre senhores a encabeçar novas mudanças; e, não os podendo nem contentar, nem extinguir,<sup>[84][xlviii]</sup> perderá aquele Estado na primeira ocasião.<sup>[85]</sup>

Ora, se considerais a natureza do governo de Dario,<sup>88</sup> encontrá-lo-eis semelhante ao do reino do Grão-Turco;<sup>[86]</sup> e, por isso, a Alexandre foi necessário defrontá-lo e vencê-lo no campo de batalha; depois de tal vitória, estando Dario morto, aquele Estado permaneceu seguro a Alexandre, pelas razões acima discutidas. E, se os seus sucessores permanecessem unidos, poderiam gozar ociosos daquele reino;<sup>89</sup> nem nasceram outros tumultos senão os que eles próprios suscitaram. Mas, quanto aos Estados organizados como o da França, é impossível conquistá-los com tanta tranquilidade.<sup>[87]</sup> Daí, nasceram as costumeiras rebeliões da Espanha,<sup>90</sup> da França<sup>91</sup> e da Grécia<sup>92</sup> contra os romanos, por causa do grande número de principados existentes naqueles Estados;<sup>[xlix]</sup> e por todo o tempo em que restaram na memória, os romanos sempre estiveram inseguros da sua posse; mas, apagada a memória daqueles, com o poder e a diuturnidade do Império, [os romanos] deles se assenhorearam com confiança.<sup>[88]</sup> Puderam também, quando mais tarde combateram entre si,<sup>93</sup> dominar uma parte daquelas províncias, segundo a autoridade que lá conquistara; e, por ser extinta a estirpe do antigo senhor,

88. Dario III (reinou entre 337 e 330 a.C.). Último soberano da Pérsia, derrotado por Alexandre em 333 e, depois, na famosa batalha de Arbela, em 331 a.C.

89. O império, após a morte de Alexandre, foi disputado pelos seus oficiais; Antípatro regeu durante algum tempo para assegurar o trono ao filho recém-nascido de Alexandre; mas depois da Batalha de Ipsos, em 301 a.C., o Império foi dividido em 11 reinos, sendo estes os principais: Antígono Monofthalmo (o Caolho) (Anatolia e Síria), Cassandro (Macedônia), Lisímaco (Trácia), Ptolomeu I (Egito e o Levante) e Seleuco I (Mesopotâmia).

90. Maquiavel refere-se às revoltas dos celtiberos (155–154 a.C.) e dos lusitanos (149–133 a.C.), na qual se destacou a figura de Viriato.

91. Gália. Revolta reprimida por César em 52 a.C., depois da inexplicável capitulação do chefe gaulês Vercingetórice. (César, *De bello galico*)

92. Revolta da Liga Etólia e Aqueia, que resultou na destruição de Corinto em 146 a.C.

93. Guerras entre César e Pompeu, narradas pelo próprio César (*Commentari de bello civili*) e por Suetônio (*De vita Caesarum*).

as províncias não reconheceram outros senhores senão aos romanos. Consideradas, portanto, todas essas coisas, ninguém se admiraria da facilidade que teve Alexandre em conservar o Estado da Ásia<sup>[1]</sup> e das dificuldades que tiveram os outros para conservar outras conquistas, como Pirro<sup>94</sup> e muitos. Isso tudo, porém, nem sempre nasce da grande ou da pequena virtude do vencedor, mas sim da disparidade do submetido.<sup>95</sup>

## NOTAS de Napoleão Bonaparte:

[71] Atenção! Não posso prometer-me mais do que trinta anos de reinado e quero ter filhos idôneos por sucessores. (I)

[72] O próprio nome de Alexandre era o poder. (I)

[73] Carlos Magno mostrou-se mais sábio do que fora o louco do Alexandre, que quis que seus herdeiros celebrassem suas exéquias com armas nas mãos. (I)

[74] Velharia feudal que talvez eu tenha de ressuscitar, se meus generais continuarem a insistir nisso. (I)

[75] Boa ideia! Farei de tudo para consegui-lo. (I)

[76] Os caprichos dos imperadores devem ser sempre respeitados, pois têm motivos para concebê-los. (I)

[77] Não corro esse risco, embora conte com outros. (I)

[78] É preciso que recorramos a algum meio extraordinário, pois é imperativo que o Império do Oriente volte a juntar-se ao do Ocidente. (I)

[79] Oxalá eu me encontrasse na França em uma situação parecida! (PC)

[80] Meus exércitos e meu nome. (I)

[81] Porque não posso eu fazer com que a França e a Turquia troquem de lugar! (I)

[82] Cortem-lhes os braços e rachem-lhes o crânio! (PC)

[83] Estou cansado de sabê-lo. (I)

[84] E 1793 havia começado tão bem... (I)

[85] Isso é bem verdade. (I)

[86] Mas Dario não era igual a Alexandre. (PC)

[87] Agi contra isso, e continuarei a agir. (I)

[88] Conto com a mesma vantagem, no que diz respeito a mim. (I)

## NOTAS de Cristina da Suécia:

[xxxvii] Seis anos.

[xxxviii] São Estados obsoletos, como a Alemanha.

[xxxix] Os Estados governados por um príncipe são monárquicos, e a monarquia é a melhor forma de governo.

94. Pirro (318–272 a.C.). Rei do Épiro da Macedônia. Dominou a Sicília e o sul da Itália. Ao vencer a Batalha de Ásculo, tinha perdido tantos homens que se sentiu derrotado. Daí, surgiu a expressão “Vitória de Pirro”, que significa uma vitória que não vale a pena.

95. Há bons exemplos disso em *Discursos* III, 12, em que Maquiavel contrasta os venezianos com os florentinos.

[x<sup>l</sup>] Já não há diferença entre a Turquia e a França. O governo francês é o turco em miniatura.<sup>96</sup>

[x<sup>li</sup>] A primeira dificuldade é grande, mas a segunda não é pequena.

[x<sup>lii</sup>] Há outras dificuldades não menores do que essas.

[x<sup>liii</sup>] Isso é falar como um grande homem; subscrevo suas palavras.

[x<sup>liv</sup>] O que não ocorrerá facilmente.

[x<sup>lv</sup>] Duvido que o império do mundo valha tal preço.

[x<sup>lvi</sup>] Considero a França fácil de ser conquistada, mas não difícil de ser conservada.

[x<sup>lvii</sup>] Tarefa de vulto.

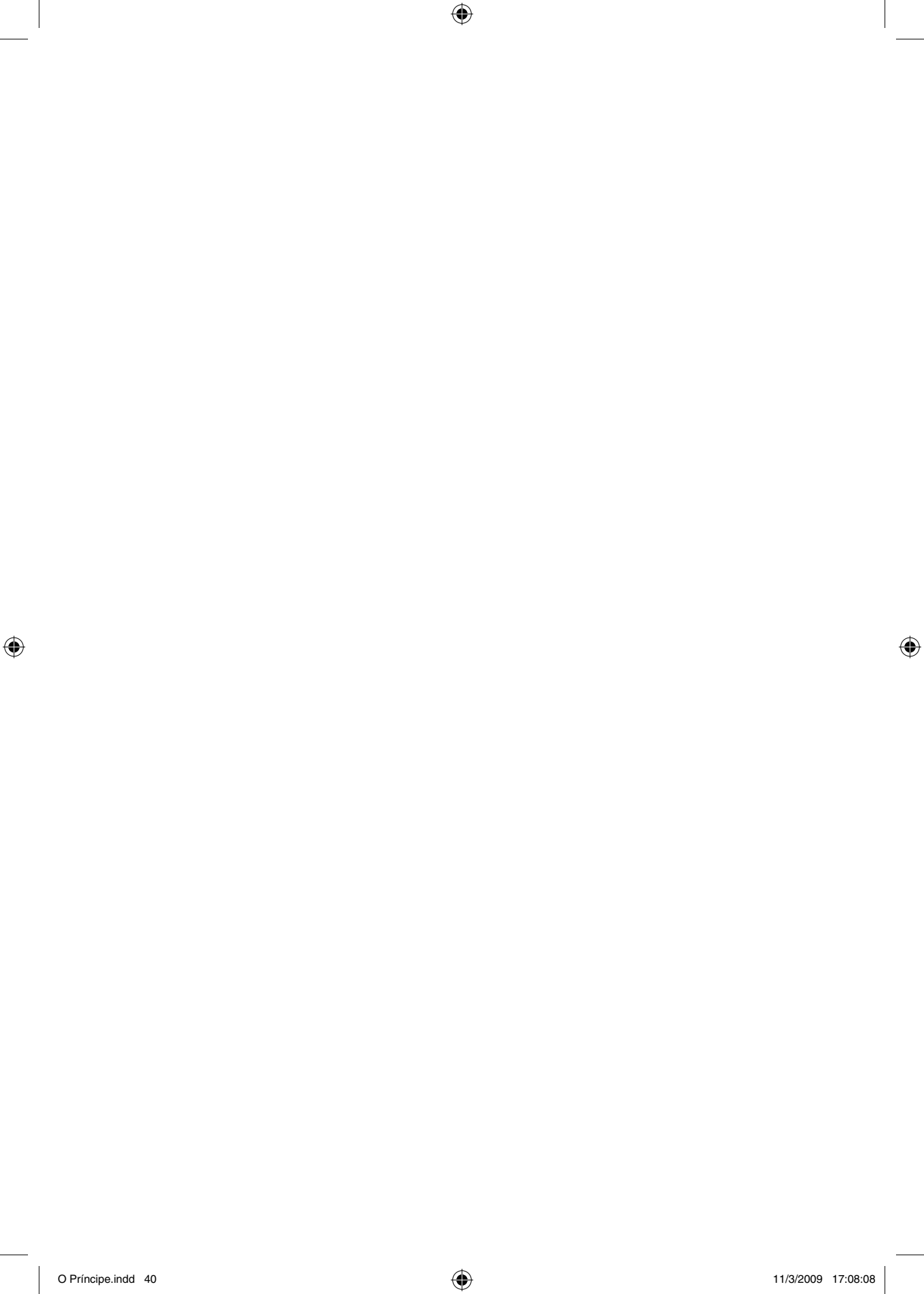
[x<sup>lviii</sup>] Duas coisas impraticáveis.

[x<sup>lix</sup>] Depois de conquistada a França, quem ali quisesse se estabelecer não enfrentaria dificuldade.

[<sup>l</sup>] Faz-se aqui justiça a Alexandre.

---

96. Governo de Luís XIV.





## Capítulo V



*Quomodo administrandae sunt civitates vel principatus,  
qui, antequam occuparentur suis legibus vivebant*

**De que modo se deve governar as  
cidades ou principados que, antes de  
serem ocupados, viviam segundo as  
próprias leis**

**Q**uando os Estados que se conquistam, como já foi dito, estão acostumados a viver de acordo com leis próprias e em liberdade, para mantê-los, há três modos: o primeiro, arruiná-los;<sup>[89]</sup> o segundo, ir para lá residir pessoalmente; o terceiro, deixá-los viver com as próprias leis,<sup>[90][ii]</sup> cobrando-lhes uma pensão,<sup>97</sup> depois de criar, dentro deles, um Estado de poucos,<sup>98</sup> que se conserve amigo. Porque, sendo esse Estado criado por aquele príncipe, sabe ele que ali não poderá permanecer sem amizade

97. Um tributo.

98. Oligarquia.

e sem poder, e tudo fará para conservá-lo. Pois é mais fácil preservar uma cidade acostumada a viver livre, por meio dos seus cidadãos<sup>99</sup> do que de qualquer outro modo.<sup>[91]</sup>

Como exemplo, há os espartanos e os romanos. Os espartanos tomaram Atenas<sup>100</sup> e Tebas criando um governo de poucos; todavia, perderam-nas de novo. Os romanos, para conservarem Cápuia, Cartago e Numância,<sup>101</sup> arrasaram-nas e não as perderam. Quiseram conservar a Grécia quase como os espartanos, deixando-a livre<sup>102</sup> e governada pelas próprias leis, mas não tiveram sucesso: de modo que foram obrigados a destruir muitas cidades daquela província, para conservá-la.<sup>103</sup> Porque, em verdade, não há modo seguro para conquistá-las, além da ruína.<sup>[iii]</sup> E quem se torna senhor de uma cidade acostumada a viver livre e não a destrói<sup>[92]</sup> deve esperar ser destruído por ela; pois ela sempre tem por pretexto, na rebelião, o nome da liberdade<sup>104</sup> e os antigos costumes, os quais, nem pela distância dos tempos nem por benefícios, nunca se esquecem. E, por muito que se faça ou se proveja, se os habitantes não se desagregam ou não se dispersam,<sup>105</sup> tampouco esquecem o nome de sua terra e seus costumes, recorrendo a eles sempre

99. “*Nam populi imperium iuxta libertatem, paucorum dominatio regiae libidini propior est.*” [Se o governo popular é o da liberdade, o governo de poucos representa os caprichos do monarca.] *Anais VI*, 42.

100. Derrota dos trinta tiranos de Atenas por Trasíbulo (403 a.C.) e da oligarquia espartana por Pelópidas e Epaminondas em 379 a.C.

101. Principal concorrente comercial dos romanos no Mediterrâneo, Cartago (em fenício, “Cidade Nova”) guerreou três vezes contra os romanos: primeiro sob o comando de Amílcar, depois, de seu filho, Aníbal; a chamada Terceira Guerra Púnica (do grego *poenis*, vermelho, fenício) terminou com um massacre, uma expedição punitiva; o tribuno Catão terminava seus discursos no Senado com a frase “*Delenda Carthago est*” [Cartago deve ser destruída], e Cartago (na Tunísia) foi destruída pelos romanos em 146 a.C. A Numância (na Espanha) sofreu o mesmo destino em 133 a.C. Todavia, Cápuia, tomada em 211 a.C., foi poupada, por ser, segundo Tito Lívio (XXVI, 16), região agrícola e próspera.

102. Em 196 a.C., Tito Quíncio Flaminino, depois de haver derrotado Filipe da Macedônia na Batalha de Cinocéfalos, proclamou a liberdade da Grécia.

103. Destruição de Corinto (ver nota 92) e das muralhas de Tebas e da Cálcida. Depois disso, a Grécia tornou-se uma província com o nome de Acaia (126 a.C.).

104. “Pretendeis fazer-vos serva uma cidade que quase sempre viveu em liberdade; porque a Senhoria que concedemos aos reis de Nápoles foi aliança e não servidão; haveis considerado quanto, em uma cidade como esta, isso importa e quanto é robusto o nome da liberdade, o qual nenhuma força submete, tempo algum consome e mérito algum sobrepuja?” *História de Florença II*, 34. Sobre os países acostumados a viver em liberdade, ver: *Discursos II*, 2.

105. “*Et quoties concordēs agunt, spernitur Parthus: ubi dissensere, dum sibi quisque contra aemulos subsidium vocant, accitus in partem adversum omnis valet.*” [Quando agem em conjunto, olham com desprezo para os partos; tão logo entram em discórdia, e seus respectivos chefes pedem ajuda contra seus rivais, os aliados chamados para ajudar uma determinada facção acabam por esmagar a todos.] *Anais VI*, 42.

que houver um incidente. Assim aconteceu em Pisa,<sup>106</sup> cem anos depois de ser subjugada pelos florentinos.<sup>[93]</sup>

Mas, quando cidades ou províncias estão atreitas ao domínio de um príncipe e a estirpe dele se extingue, estando seus habitantes, por um lado, acostumados a obedecer, e, por outro, não tendo eles o príncipe antigo, não chegarão a um acordo para escolher outro<sup>[liii]</sup> e não saberão viver livres.<sup>107</sup> Em virtude disso, pegarão em armas muito tardiamente, e, assim, com mais facilidade, poderá um príncipe vencê-los e da província deles apoderar-se.<sup>[94]</sup> Entretanto, as repúblicas têm mais vida, mais ódio, mais desejo de vingança; a memória da antiga liberdade não as deixa repousar;<sup>[liv]</sup> por isso, o meio mais seguro é aniquilá-las<sup>[95]</sup> ou habitá-las pessoalmente.<sup>[96]</sup>

### NOTAS de Napoleão Bonaparte:

[89] Isso de nada vale neste século. (G)

[90] A máxima não é boa, mas a continuação é ótima. (G)

[91] Em Milão, uma comissão executiva de três adjuntos, como o meu triunvirato ditatorial de Gênova. (PC)

[92] Mas isso pode ser seguido de muitas maneiras, sem destruí-las, mudando, todavia, sua constituição. (G)

[93] Genebra poderia causar-me problemas, mas nada tenho a temer aos venezianos e genoveses. (PC)

[94] Especialmente quando se diz que se traz liberdade e igualdade para o povo. (G)

[95] Moderar e revolucionar. Isso basta.

[96] Isso não é necessário quando os leva à revolução, e, se lhes dissermos que são livres, ficam sob nosso comando. (G)

### NOTAS de Cristina da Suécia:

[li] Essas máximas não são infalíveis.

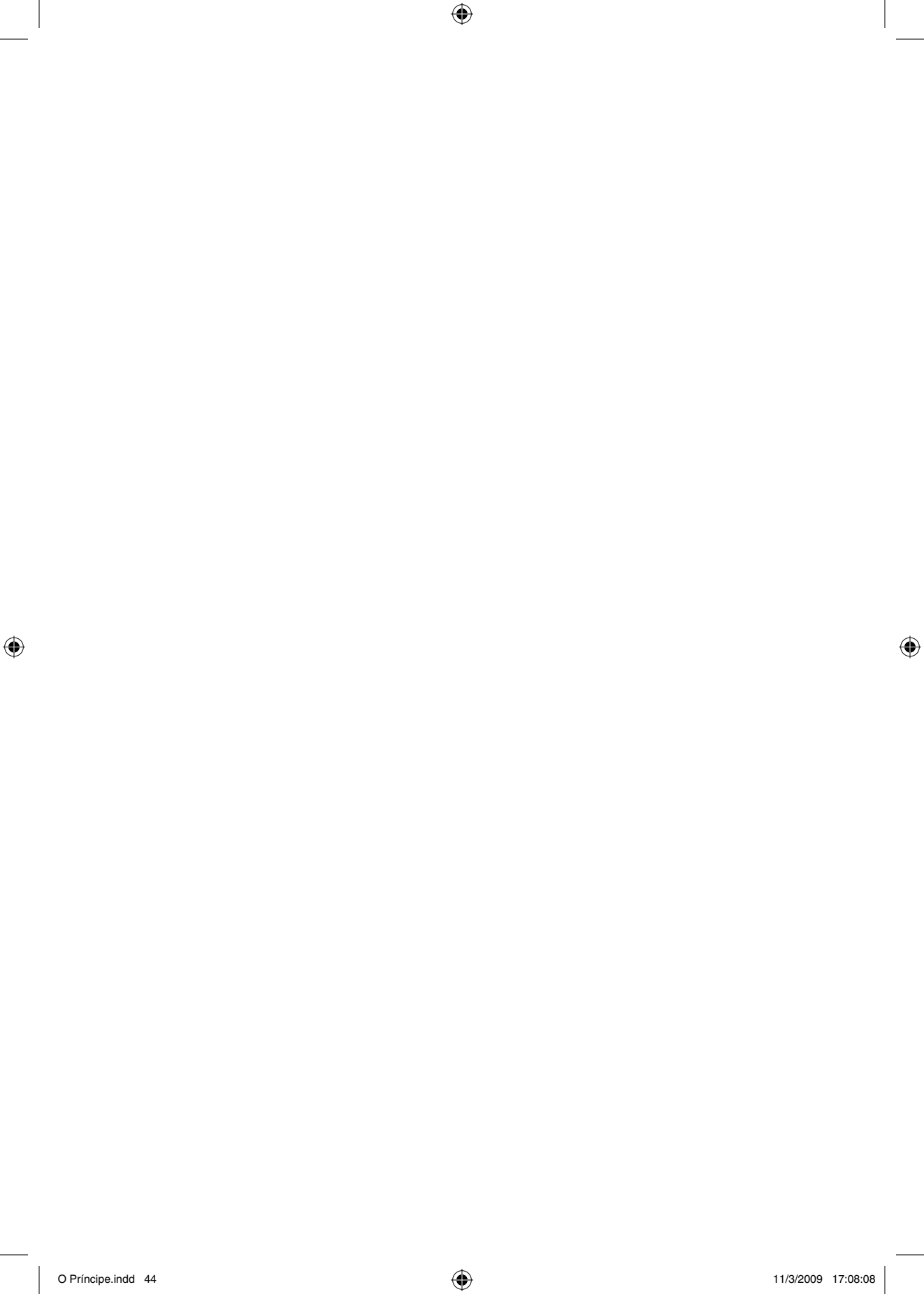
[lii] É o pior método e o mais cruel.

[liii] As nações afeitas à monarquia não aceitam outra forma de governo.

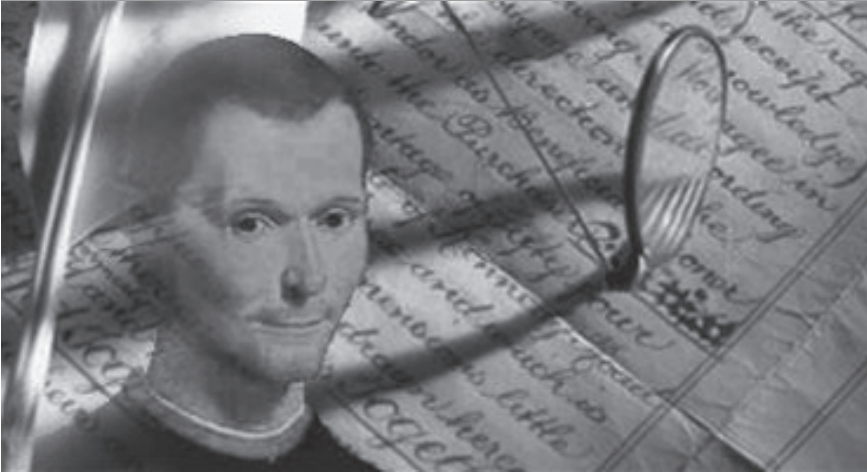
[liv] Neste mundo, tudo finda.

106. Pisa foi comprada por Florença em 1405. Com a ação de Carlos VIII, os florentinos perderam Pisa em 1494, retomando-a em 1509, depois de uma guerra em que uma milícia, a Milícia dos Nove, teve papel decisivo. Maquiavel fez parte dela.

107. Cf. o título do Capítulo XVI, do Livro I dos *Discursos*: “Se um povo acostumado ao governo de um príncipe, por obra do acaso, torna-se livre, terá dificuldade de manter-se em liberdade.”



## Capítulo VI



De principatibus novis qui armis propriis et  
virtute acquiruntur

### Dos principados novos que se conquistam com as armas próprias e com a virtude

Ninguém se maravilhe se, ao falar dos principados totalmente novos, quanto ao príncipe e ao Estado, eu apresentar exemplos tão dilatados; porque, caminhando os homens [quase<sup>108</sup>] sempre por estradas abertas por outros, e procedendo em seus atos por imitações,<sup>[97]</sup> como não podem galgar inteiramente os mesmos caminhos, nem alcançar a virtude daqueles a quem imitam, o prudente deverá: seguir sempre os caminhos traçados pelos grandes homens e imitar aqueles que foram excelentes, para que, embora não lhes alcancem a virtude, ao menos mantenham algum vestígio dela;<sup>[98][iv]</sup> e farão como os arqueiros judiciosos,<sup>[lvi]</sup> que, parecendo-lhes o lugar almejado demasiado distante, e conhecendo

108. O advérbio não se encontra em algumas edições.

a virtude<sup>109</sup> de seus arcos, miram muito para o alto, não para que a flecha deles atinja tanta altura, mas para que ela, com a ajuda de tão elevada mira, alcance o que de fato eles almejavam.<sup>[99]</sup>

Digo, então, que, quanto aos principados inteiramente novos, em que há um príncipe novo, haverá maiores ou menores dificuldades para mantê-los, segundo a maior ou menor virtude daquele que os adquire.<sup>[lvii]</sup> E porque esse evento de tornar-se de privado em príncipe<sup>110</sup> pressupõe ou virtude ou fortuna,<sup>[100][lviii]</sup> parece que uma e outra dessas duas coisas atenuam, em parte, muitas dificuldades; não é por menos que aquele que menos firmou-se na fortuna<sup>[lix]</sup> manteve-se mais. Torna-se ainda mais fácil a conquista quando o príncipe, por não ter outros Estados, vê-se obrigado a habitar o novo pessoalmente.<sup>[lx]</sup>

Mas, para tratar daqueles que, por virtude própria e não por fortuna, se tornaram príncipes,<sup>[lxi]</sup> digo que os mais excelentes foram Moisés, Ciro, Rômulo, Teseu<sup>111</sup> e outros semelhantes. E, se de Moisés não devemos falar, por ter sido ele um mero executor das coisas que lhe eram ordenadas por Deus, devemos admirá-lo, contudo, pela graça que o fez digno de falar com Deus.<sup>[102][lxi]</sup> Mas, reputando-se Ciro e os outros que conquistaram ou fundaram reinos, todos são admiráveis;<sup>[103]</sup> e, se consideram suas ações e instituições particulares, não parecerão elas discrepantes das de Moisés, quem teve tão grande preceptor.<sup>[lxii]</sup> E, examinando-se as ações e a vida deles, não se vê que tiveram outra fortuna além da ocasião, a qual lhes proporcionou matéria em que pudessem introduzir forma conveniente;<sup>[104]</sup> e, sem a ocasião, a virtude do ânimo deles ter-se-ia extinguido; e, sem essa virtude, a ocasião teria sido vã.<sup>[105][lxiii]</sup>

Foi, entretanto, preciso que Moisés encontrasse o povo de Israel escravizado e oprimido no Egito<sup>112</sup> para que esse povo, disposto a deixar o cativeiro, se dispusesse a segui-lo.<sup>[106]</sup> Convinha que Rômulo não encontrasse espaço em Alba,<sup>113</sup> e fosse abandonado ao nascer, para tornar-se depois rei de Roma e fundador daquela pátria.<sup>[107]</sup> Era preciso que Ciro encontrasse os persas descontentes do império dos medas<sup>114</sup> e

109. Capacidade, poder.

110. O termo “privado” opõe-se a “príncipe”, no sentido de que o príncipe cuida das coisas públicas e o indivíduo privado, das particulares.

111. Moisés libertou os hebreus que eram escravos no Egito; Ciro libertou os persas da dominação pelos medas; Teseu unificou as cidades áticas e fundou Atenas: Plutarco o compara, em *Vidas paralelas*, a Rômulo, o fundador de Roma. Dessas personagens, apenas Ciro é histórico.

112. Êxodo I, 8ss.

113. Alba ficara pequena para a população que tinha, e ainda teve de receber os pastores. Rômulo, então, resolveu fundar outra cidade que deveria ser a maior de todas: Roma. Tito Lívio, *História* I, 6.

114. Ver Heródoto, *Histórias* I, 125.

estes enfraquecidos e efeminados pela longa paz.<sup>115[108]</sup> Não podia Teseu demonstrar a sua virtude se não encontrasse dispersos os atenienses.<sup>116[109]</sup> Essas ocasiões, portanto, tornaram esses homens felizes, e a excelente virtude deles revelou-lhes a ocasião propícia para que a pátria deles se enobrecesse e se tornasse ditosa.<sup>110]</sup>

Aqueles que, como eles, por meio da virtude se fizeram príncipes, adquirem o principado com dificuldade, mas com facilidade o mantêm; e as dificuldades que têm, quando adquirem o principado, nascem em parte de novos ordenamentos e modos que são forçados a introduzir para estabelecer os seus Estados e se assegurarem deles.<sup>111]</sup> E deve-se considerar que não há coisa mais difícil de tratar, nem mais duvidosa de alcançar, nem mais perigosa de se dirigir do que decretar o estabelecimento de novos ordenamentos.<sup>112][xiv]</sup> Porque aquele que os impõe terá por inimigo todos os que da velha ordem tiravam proveito;<sup>113]</sup> e, por tépidos defensores, todos os que da nova se poderão aproveitar,<sup>117[114][xv]</sup> mas que são fracos porque, de um lado, receiam os adversários que têm as leis a seu lado, e, de outro, pelo fato de que os homens não creem seriamente nas coisas novas enquanto não as veem como experiência concreta.<sup>115][xvi]</sup> Deduz-se, portanto, que os inimigos, sempre que tiverem oportunidade de atacar, o farão devotadamente, enquanto os outros se defenderão indolentemente, de modo que, junto a eles, tudo correrá perigo.<sup>116]</sup>

É necessário, pois, querendo tratar bem desta parte, examinar se esses inovadores dependem das próprias forças, ou se dependem de outras, isto é, se para levarem adiante as suas obras dependem de exoração ou do uso da força. No primeiro caso, sempre fracassam e não realizam coisa alguma;<sup>117]</sup> mas, quando dependem de si mesmos apenas e podem usar a força, mui raramente correm perigo;<sup>118]</sup> por isso, todos os profetas armados venceram,<sup>118]</sup> enquanto os desarmados fracassaram.<sup>119][xviii]</sup> Porque, além das coisas ditas acima, a natureza dos povos é variada,<sup>118]</sup> pois é fácil persuadi-los, difícil é mantê-los em persuasão;<sup>120]</sup> convém, portanto, que, quando vierem a perdê-la, ela lhes seja imposta pela força.<sup>119[121][ix]</sup>

115. Ver Xenofonte, *Ciropédia* 1, 3. Quando Ciro atacou os medas, encontrou-os dessa maneira.

116. Plínio, o jovem, de acordo com Plutarco (*Vidas paralelas* — “vida de Teseu”), disse, em um discurso público de louvor a Teseu: “Parece que nossa disciplina militar corrompeu-se apenas para que vós (Teseu) a restabelecêsseis.” Teseu lutou para unir os áticos litigiosos em uma única cidade

117. Ver *Discursos* I, 16.3.

118. “*La multitude è più savia e più costante che uno principe*” [A multidão é mais sábia e constante que um príncipe] é o título do Capítulo LVIII do Livro I dos *Discursos*.

119. Ver Aristóteles, *Política* V, XI, 1313a: “Quanto mais restritas forem as funções do rei, mais o seu poder há de durar”; e 1314a: “O tirano procura apenas conservar a força, governando os súditos contra a vontade deles”.

Moisés,<sup>120</sup> Ciro, Teseu e Rômulo não teriam constrangido por tanto tempo a observação de suas constituições se estivessem desarmados;<sup>[lxx]</sup> algo semelhante aconteceu, em nossos tempos, ao frei Jerônimo Savonarola,<sup>121</sup> que não pôde manter o novo ordenamento estabelecido<sup>122</sup> quando a multidão deixou de acreditar nele, pois não encontrou modo de manter a constância daqueles que nele haviam acreditado, nem de tornar crentes os descrentes. Por isso, tendo eles grande dificuldade em conduzir suas ações, depararam-se com os perigos do caminho, e dependeram da virtude para superá-los;<sup>[122]</sup> depois de superado o perigo, quando passaram a ser venerados, e uma vez eliminados aqueles que lhes invejavam a qualidade, mantiveram-se poderosos, seguros, honrados e felizes.<sup>[lxxi][123]</sup>

Quero sugestão, a tão altos exemplos, outro de menor valor, embora da mesma espécie, e que bastará por todos os outros exemplos semelhantes: Hierão de Siracusa.<sup>123</sup> Este, de privado, tornou-se príncipe de Siracusa;<sup>[124]</sup> ele também não conheceu da fortuna senão a ocasião, porque, estando os siracusanos assediados, fizeram dele capitão, e ele mostrou-se digno de tornar-se príncipe.<sup>[125]</sup> E tão grande era a sua virtude, mesmo antes de ser príncipe, que dele se escreveu: “*quod nihil illi deerat ad regnandum praeter regnum*”.<sup>124[126]</sup> Ele extinguiu a antiga milícia e ordenou a nova; deixou as amizades antigas e conquistou outras;<sup>[lxxii]</sup> e, com amizades e soldados próprios, firmou os alicerces de seu edifício de tal maneira que, embora lhe houvesse custado muita fadiga erigi-lo, pouco trabalho teve para mantê-lo.<sup>[127][lxxiii]</sup>

120. Maquiavel diz (*Discursos*, III, 20) que Moisés, para manter a inviolabilidade da lei, foi obrigado a matar muita gente. Maquiavel referia-se a Êxodo XXXII, 27: “Diz o Senhor Deus de Israel: Cada homem meta a sua espada à cinta: passai, e tornai a passar, atravessando o corpo de uma porta a outra [quer dizer: entrar de porta em porta para matar]; e cada um mate o seu irmão, seu amigo, e o que lhe for mais chegado”. Tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, da *Vulgata*: “*Quibus ait haec dicit Dominus Deus Israel ponat vir gladium super femur suum ite et redite de porta usque ad portam per medium castrorum et occidat unusquisque fratrem et amicum et proximum suum*”.

121. Jerônimo Savonarola (1452–1498) foi um padre dominicano que atuou energeticamente em Florença, durante a Renascença, contra a imoralidade do povo e da própria cúria eclesiástica. Dominou durante algum tempo as autoridades locais e promoveu queimas públicas de objetos de luxo e obras de arte. Foi excomungado e condenado à morte por ordem do papa.

122. O novo ordenamento republicano com o Grande Conselho de 3.600 cidadãos.

123. Hierão II, primeiro general de Siracusa. Tornou-se tirano em 265 a.C. Aliou-se aos romanos contra Cartago. Ver Capítulo XIII, 4, e *Discursos* I, 58; II, 2–30. 123.

124. “Nada lhe faltava para reinar senão o reino.” Na “Dedicatória” de *Discursos* está: “a Hierão, para ser príncipe, faltava apenas o principado”.



## NOTAS de Napoleão Bonaparte:

- [97] Poderei fazer-te passar por mentiroso, algumas vezes. (G)
- [98] Passei por isso. (G)
- [99] Mostrarei que, parecendo mirar mais para baixo, pode-se chegar ao alvo facilmente. (G)
- [100] O talento (virtude) é mais importante do que a sorte (fortuna), pois esta emana daquele. (G)
- [101] Isso me diz respeito. (G)
- [102] Não aspiro a tanta altura; passo bem sem ela. (G)
- [103] Aumentarei essa lista. (G)
- [104] Não preciso de tanto; ela virá; estejamos preparados para ela. (G)
- [105] O talento (virtude) antes de tudo. (G)
- [106] É a condição e a situação presente dos franceses. (G)
- [107] Minha boa loba esteve em Briene. Rômulo, teu brilho se extinguirá! (G)
- [108] Evita-se! (G)
- [109] Pobre herói! (G)
- [110] A sua ciência bastaria, hoje? (G)
- [111] Consegue-se isso, com um pouco de astúcia. (PC)
- [112] Não saberia ele ter sob suas ordens alguns títeres legislativos? (G)
- [113] Saberei inutilizar a atividade deles. (G)
- [114] O cavalheiro não sabia, então, como conseguir calorosos defensores, que fazem os outros desistirem. (PC)
- [115] Isso só acontece com os povos de alguma sabedoria, e que ainda conservam certa liberdade. (PC)
- [116] Estou pronto para tudo isso. (PC)
- [117] Bela descoberta! Quem poderia ser tão covarde a ponto de demonstrar tanta fraqueza? (G)
- [118] Os oráculos são, então, infalíveis. (G)
- [119] Nada mais natural! (G)
- [120] Consideram-me hoje em dia, sobretudo depois do depoimento do papa, como um piedoso restaurador da religião e enviado dos céus. (PC)
- [121] Sempre terei meios para isso. (PC)
- [122] Isso não me atrapalha. (G)
- [123] Este último ponto não está ainda claro para mim, e devo contentar-me com os outros três. (I)
- [124] Ele não me sai do pensamento desde os estudos de minha infância. Era de uma região pegada à minha, e talvez sejamos da mesma família. (G)
- [125] Com alguma ajuda, sem dúvida. Eis-me na mesma situação que ele! (PC)
- [126] Minha mãe costumava dizer o mesmo de mim; gosto dela por causa de seus vaticínios. (I)
- [127] É de bom agouro. (I)

## NOTAS de Cristina da Suécia:

- [lv] Ótima lição.
- [lvi] Bela comparação.
- [lvii] Isso é o mais importante.
- [lviii] Ou, algumas vezes, desgraça.
- [lix] Não podemos nos apoiar na fortuna, nem perder a esperança nela.
- [lx] Não se deve entender essa necessidade como um infortúnio.
- [lxi] Merece admiração.

[Ixii] Tudo provém de Deus.

[Ixiii] Admiráveis palavras.

[Ixiv] Correto.

[Ixv] Linda frase.

[Ixvi] Há uma certa razão nisso.

[Ixvii] Que lindas palavras!

[Ixviii] A força é a chave para que tudo saia bem.

[Ixix] Não se pode forçar as pessoas a acreditar em algo, mas fazê-las fingir que acreditam; o que basta.

[Ixx] Eis aí o milagre do Aristianismo.

[Ixxi] É necessário derrotar a inveja sem exterminar o invejoso, pois isso seria honrá-lo demais.

[Ixxii] Trata-se de um grande defeito; a virtude consiste em se fazer novos amigos sem desdenhar dos antigos.

[Ixxiii] Não obstante a grande dificuldade.

## Capítulo VII



De principatibus novis qui alienis armis et  
fortuna acquiruntur

### Dos principados novos que se adquirem com as armas e a fortuna alheias

Aqueles que se transformam de privados em príncipes, por graça da fortuna apenas, conseguem-no com pouca fadiga,<sup>[128]</sup> mas com muita se mantêm;<sup>[129]</sup> e não encontram percalços no caminho, porque por eles passam velozmente; mas todas as dificuldades surgem quando chegam ao destino.<sup>[130]</sup> São eles aqueles a quem um Estado é concedido ou por dinheiro, ou por graça de quem o concede; assim aconteceu a muitos na Grécia, nas cidades da Jônia e do Helesponto, onde foram feitos príncipes por Dario,<sup>125</sup> para maior segurança e maior glória dele;<sup>[131][lxxiv]</sup> e assim

125. Dario I (522-486 a.C.) dividiu o Império Persa em satrapias, concedendo-as a pessoas privadas.

aconteciam aos imperadores [de Roma] que, de privados, ascendiam ao Império por meio da corrupção dos soldados.<sup>[132]</sup>

Sustentavam-nos somente a vontade e a fortuna dos que os tornaram grandes, que são duas coisas muito volúveis e instáveis; não conhecem e não podem conservar a dignidade alcançada;<sup>[132]</sup> não conhecem porque, não sendo homens de grande espírito e virtude, tendo vivido sempre na condição de privados,<sup>[133]</sup> não é lógico que saibam comandar;<sup>[134]</sup> não podem porque não dispõem de forças que se mantenham amigas e fiéis a eles.<sup>[134]</sup> Além disso, os Estados que repentinamente aparecem, como todas as coisas da natureza que prestes nascem e se desenvolvem, não chegam a ter raízes firmes<sup>[135]</sup> e ramificações suficientes para resistir à primeira tempestade;<sup>[136]</sup><sup>[136]</sup><sup>[136]</sup> a menos que os que se fizeram príncipes de repente, como dissemos, aprendam logo a conservar a virtude, depositada em suas mãos pela fortuna,<sup>[137]</sup> e saibam construir depois os alicerces que outros construíram antes de se tornarem príncipes.<sup>[137]</sup>

Quero de um e outro desses modos mencionados de tornar-se príncipe, por virtude ou por fortuna, apresentar dois exemplos, que ainda conservamos na memória:<sup>[138]</sup><sup>[138]</sup> Francisco Sforza<sup>126</sup> e César Bórgia. Francisco, pelos meios devidos e por uma grande virtude, de privado tornou-se duque de Milão;<sup>127</sup> e o que a duras penas conquistara, com pouca fadiga manteve.<sup>[139]</sup> Por outro lado, César Bórgia, chamado de duque Valentino pelo povo, adquiriu o Estado graças à boa fortuna do pai; e, com a perda deste, perdeu aquele, não obstante tivesse usado todo engenho e feito de tudo o que um homem prudente e virtuoso poderia fazer a fim de criar raízes nos Estados que as armas e a fortuna alheias lhe haviam concedido.<sup>128</sup><sup>[140]</sup><sup>[140]</sup> Porque, como se disse anteriormente, quem não prepara os fundamentos antes, com uma grande virtude pode prepará-los depois,<sup>[141]</sup> embora com muito esforço do arquiteto e perigo para o edifício.<sup>[142]</sup> Se considerarmos todos os progressos do duque, veremos os profundos alicerces construídos por ele para seu futuro poderio;<sup>[143]</sup> não julgo supérfluo discorrer acerca deles,<sup>[144]</sup> pois não conheço preceitos melhores para um novo príncipe do que o exemplo das ações daquele duque:<sup>129</sup> mas, se os meios por ele empregados não lhe foram apropriados, não o será por culpa dele, porque nasceu de uma extraordinária e extrema malignidade de Fortuna.<sup>[145]</sup>

Alexandre VI, quando desejou engrandecer o duque seu filho, contava com muitas dificuldades presentes e futuras. Primeiro, não via como fazer do filho senhor de nenhum Estado que não fosse da Igreja; e sabia

126. Francisco Sforza (1401–1466). *Condottiero* italiano, fundador da dinastia Sforza de Milão.

127. Ver nota 2.

128. Após a morte do pai, o papa Alexandre VI, César Bórgia perdeu o ducado da Romanha, embora se mantivesse lá por todo um mês.

129. Na carta a Vettori, de 31 de janeiro de 1515, Maquiavel escreve: “O duque Valentino, cuja obra imitaria se eu fosse um príncipe novo...”. César Bórgia serviu de modelo para *O Príncipe*.

que, se pretendesse apoderar-se do que era da Igreja, o duque de Milão<sup>130</sup> e os venezianos não lho permitiriam,<sup>131[146]</sup> pois Faenza e Rímini estavam havia muito sob a proteção dos venezianos. Além disso, via as armas da Itália, sobretudo as de que poderia servir-se, nas mãos daqueles que deviam temer a grandeza do papa; não podia confiar nelas por estarem todas nas mãos dos Orsínis, dos Colonas e dos cúmplices deles.<sup>132</sup> Era, portanto, necessário que se perturbasse aquela ordem e que se desordenasse aqueles Estados<sup>[147]</sup> para de parte deles apoderar-se com segurança.<sup>[148]</sup> O que lhe foi fácil, porque os venezianos, movidos por outras razões,<sup>133[149]</sup> haviam chamado os franceses de novo à Itália: ao que o papa não se opôs, e até mesmo facilitou ao dissolver o antigo matrimônio do rei Luís.<sup>134[150]</sup>

Passou, então, o rei à Itália com a ajuda dos venezianos<sup>[151]</sup> e o consentimento de Alexandre; e, mal chegavam a Milão, o papa conseguia dele novos homens para a empresa da Romanha, a qual foi concedida ao rei para aumentar-lhe a reputação.<sup>135</sup> Havendo o duque ocupado a Romanha<sup>136</sup> e vencido os Colonas,<sup>137</sup> querendo manter a conquista e seguir avante, duas coisas o impediam: uma, seus exércitos não lhe pareciam fiéis; a outra era a vontade da França; isto é, que lhe faltasse o exército dos Orsínis,<sup>138</sup> do qual se valera antes, e não apenas o impedisse de novas conquistas, como também lhe tirasse o que já havia conquistado; e que o rei lhe fizesse o mesmo.<sup>[152]</sup> Dos Orsínis teve a confirmação quando, depois da expugnação de Faenza, ao atacarem Bolonha,<sup>139</sup> o duque viu com que frieza se meteram ao ataque;

130. Ludovico, o Mouro (1451–1508), filho de Francisco Sforza, tornou-se, em 1480, tutor do sobrinho João Galeazzo, duque de Milão (1469–1494). Quando este morreu, Ludovico sucedeu-lhe. Foi um dos que ajudaram a derrubar Carlos VIII na Itália. Em 1499, foi despojado de seus domínios por Luís XII. Tentou reconquistá-los depois, mas foi levado preso à França, onde morreu.

131. Os venezianos almejavam Faenza, governada pelos Manfredis, e Rímini, pelos Malatestas. Com a queda do Valentino, eles tomaram as duas cidades, conservando-as em seu poder até 1509.

132. Membros do baronato romano, eram os maiores *condottieri* da Itália.

133. A “ambição dos venezianos” (Cap. III, 9), que tomaram territórios lombardos, contribuiu para a queda de Luís XII.

134. Anulação do casamento de Luís com Joana da França (Cap. III, 13).

135. Para o prestígio do rei da França. O papa retirou dos senhores da Romanha o direito de feudatários da Igreja e encarregou o filho da conquista da região. De novembro de 1499 a abril de 1501, César Bórgia conquistou Ímola, Forlì, Rímini, Pésaro e Faenza. O papa fez dele duque da Romanha.

136. Ímola foi ocupada no dia 27 de novembro de 1499; Forlì, 19 de dezembro; Cesena, 2 de agosto; Rímini, 10 de outubro; e Pésaro, 21 de outubro.

137. Durante a guerra dos franceses contra Frederico de Aragão, os Colonas, aliados do rei de Nápoles, foram privados de seus feudos pelo papa.

138. Os mercenários de Paulo Orsini estiveram a serviço de César Bórgia.

139. Faenza foi ocupada no dia 25 de abril de 1501; em seguida, César Bórgia tentou tomar o Castelo de Bolonha, mas acabou entrando em acordo com João Bentivoglio, senhor de Bolonha.

e do rei conheceu o ânimo, quando, depois da tomada do ducado de Urbino, ao assaltar a Toscana, o rei o fez desistir da captura.<sup>140</sup>

Por isso, o duque deliberou não depender mais das armas e da fortuna alheias.<sup>[153]</sup> E, a primeira coisa que fez foi enfraquecer o partido dos Orsínis e dos Colonas em Roma; atraiu todos os gentis-homens<sup>141[154]</sup> deles, fazendo-os gentis-homens seus, pagando a estes altos proventos<sup>142</sup> e honrando-os, segundo as suas qualidades, com condutas<sup>143</sup> e governos, de modo que, em poucos meses, a afeição deles pelos antigos senhores se extinguiu e se voltou toda para o duque.<sup>[155]</sup> Depois disso, esperou a ocasião para aniquilar os chefes dos Orsínis,<sup>[156]</sup> tendo já disperso os da casa de Colona; a ocasião lhe era boa, e ele a usou melhor;<sup>[157]</sup> porque, vendo os Orsínis, tardiamente, que a grandeza do duque e da Igreja significava a ruína deles, organizaram uma dieta<sup>144</sup> em Magione, na Perúsia. Dessa dieta nasceram a revolta de Urbino,<sup>145</sup> os tumultos da Romanha e infinitos perigos para o duque,<sup>[158]</sup> que a todos superou com a ajuda dos franceses.<sup>146[159]</sup> E, tendo recuperado o prestígio, não se fiando na França, nem em outras forças externas, para não ter de afrontá-las, voltou-se para a astúcia;<sup>[159]</sup> e soube tão bem dissimular o seu espírito,<sup>[160]</sup> que os próprios Orsínis – com a mediação do Senhor Paulo,<sup>147</sup> cuja amizade tudo fez o duque para assegurar, dando-lhe dinheiro, roupas e cavalos – reconciliaram-se com ele; tanto que a estultícia deles os levou a Sinigália,<sup>[161]</sup> até às mãos do duque.

Eliminados, então, esses chefes,<sup>148</sup> e conquistados como amigos os antigos partidários deles,<sup>[162]</sup> havia o duque assentado muito bem os alicerces de seu poder: possuía toda a Romanha, com o ducado de Urbino, parecendo-lhe, sobretudo, ter conquistado a amizade da Romanha e todos aqueles povos que começavam a experimentar o bem que dele haviam recebido.<sup>[163]</sup> E, porque essa parte é digna de nota e de ser imitada por outros, não a quero deixar de lado.<sup>[164]</sup> Tendo o duque tomado a Ro-

140. Urbino foi ocupada em junho de 1502. O rei Luís XII interveio para que César Bórgia não derrubasse o governo republicano de Florença, pois o *condottiero* Vitellozzo Vitelli, a serviço de Bórgia, suscitou contra ela a revolta de Arezzo e da Valdichiana. Além disso, a República estava ameaçada também por Pedro de Médici.

141. Nobres. “Aqueles que vivem ociosamente da renda abundante de suas posses, sem se preocupar com o cultivo ou o necessário trabalho para sobreviver.” *Discursos* I, 55.2.

142. Pensão.

143. Comando de milícias, na Idade Média.

144. Assembleia política. Ocorreu em 24 de setembro de 1502, no castelo Magione, perto de Perúsia.

145. Que estourou no dia 8 de outubro.

146. Luís XII mandou para o duque 500 lanceiros.

147. Paulo Orsini, um dos participantes da Dieta de Magione.

148. Ver o escrito de Maquiavel “Descrição do modo de que o duque Valentino se serviu para eliminar Vitellozzo Vitelli, Oliverotto de Fermo e o duque de Gravina Orsini”: resumo da legação de Maquiavel à Romanha.

manha, encontrou-a dominada por senhores impotentes que espoliaram os seus súditos com mais avidez do que os haviam governado,<sup>[165]</sup> promovendo entre eles a desunião, em lugar da união;<sup>[166]</sup> tanto que aquela província era toda cheia de latrocínios, de brigas e de todo tipo de delinquência;<sup>[167]</sup> por isso, o duque julgou ser necessário, para torná-la pacífica e obediente ao braço real, dar-lhes bom governo.<sup>[168]</sup> Para ele, propôs o senhor Ramiro de Orco,<sup>149</sup> homem cruel e expedito, ao qual deu plenos poderes.<sup>[169]</sup> Em pouco tempo, este a tornou pacífica e unida, com grande reputação.<sup>[170]</sup> Depois, o duque julgou que não era necessária tão excessiva autoridade,<sup>[171]</sup> pois poderia tornar-se odiosa,<sup>150</sup> e propôs um tribunal civil no centro da província, presidida por um juiz,<sup>151</sup> no qual cada cidade tinha o seu advogado.<sup>[172]</sup> E, porque sabia que os rigores passados produziram certo ódio, para purgar os ânimos daqueles povos e conquistá-los totalmente, quis demonstrar que, se houvera alguma crueldade, não nascera dele,<sup>[173]</sup> mas da natureza acerba do ministro.<sup>152</sup> Aproveitando-se da ocasião, certa manhã, em Cesena, mandou-o cortar em dois<sup>[174][lxxxii]</sup> na praça, com um cepo e uma faca ensanguentada ao lado.<sup>[175]</sup> A ferocidade do espetáculo deixou o povo, a um tempo, satisfeito e estupefato.<sup>[lxxxiii]</sup>

Mas voltemos de onde partimos. Digo que, encontrando-se o duque muito poderoso e, em parte, seguro contra os perigos presentes, por se ter armado ao seu modo e ter, em boa parte, aniquilado as armas que, vizinhas, pudessem incomodá-lo, restava-lhe, para seguir com suas conquistas, o respeito do rei da França; porque sabia que o rei, apercebendo-se tardiamente do erro que cometera, não as aceitaria. E começou, por isso, a buscar novas amizades, e a agastar-se com a França,<sup>[176]</sup> na incursão que os franceses fizeram ao reino de Nápoles contra os espanhóis que assediavam Gaeta.<sup>153</sup> A intenção dele era garantir-se contra eles; o que logo teria

149. Ramiro de Lorqua; foi lugar-tenente do duque na Romanha.

150. “*Nec umquam satis fida potentia, ubi nimia est.*” [Não se pode confiar completamente em um poder que é excessivo.] Tácito, *Hist.* II, 92.

151. O tribunal, instituído em 24 de outubro de 1502, passou a funcionar de fato em 24 de junho do ano seguinte. Presidiu-o o juiz Antônio Ciocchi da Montesansavino: “Há dois dias, chegou o presidente da Ruota, que este senhor mandou chamar neste Estado: é o senhor Antonio dal Monte ad San Sovino...”. Maquiavel, Carta de Ímola, de 28 de novembro de 1502.

152. “*Scelerum ministros ut perverti ab aliis nolebat, ita plerumque satiatos et oblatos in eandem operam recentibus veteres et prae-gravis afflixit.*” [Embora os instrumentos de sua perversidade outros não houvessem destruídos, ele muita vez, quando se cansava deles e novos se lhe ofereciam para os mesmos serviços, livrava-se dos velhos, e fazia dos novos verdadeiros horrores.] *Anais* IV, 71.

153. O duque não prestou auxílio a um regimento francês que buscava levantar o cerco de Gaeta pelos espanhóis, em junho de 1503.

conseguido se Alexandre vivesse.<sup>[177]</sup> E estas foram as suas ações quanto às coisas presentes.

Mas, quanto às futuras, ele receava, primeiro, que um novo sucessor da Igreja não lhe fosse amigo e procurasse tirar-lhe aquilo que Alexandre lhe havia dado. Procurou assegurar-se contra isso<sup>[178]</sup> de quatro modos:<sup>[179]</sup> primeiro, extinguir o sangue de todos aqueles senhores a que havia espoliado,<sup>154</sup> para negar ao papa o desejo de os restaurar;<sup>[180]</sup> segundo, conquistar todos os gentis-homens de Roma, como foi dito, para poder, com a ajuda deles, frear os intentos do papa; terceiro, atrair o Colégio para si o mais que pudesse;<sup>155</sup> quarto, adquirir tanto poder antes que o papa morresse,<sup>[181]</sup> que pudesse por si mesmo resistir a um primeiro ímpeto. Dessas quatro coisas, até à morte de Alexandre, ele havia realizado três; a quarta não completara.<sup>[lxxxiv]</sup> Dos senhores espoliados, matou tantos quantos pôde juntar,<sup>156</sup> e pouquíssimos se salvaram;<sup>[182]</sup> aos gentis-homens romanos já os havia conquistado;<sup>[183]</sup> e no Colégio tinha mui grande partido; e, quanto às novas aquisições, havia desejado tornar-se senhor da Toscana, possuindo já a Perúsia<sup>157</sup> e o Piombino,<sup>158</sup> e de Pisa havia assumido a proteção. E, como não tivesse que se incomodar com a França (e não voltaria a ter, por já haverem sido os franceses espoliados do reino [de Nápoles] pelos espanhóis, de modo que uns e outros dele necessitavam comprar a amizade<sup>[184]</sup>), lançar-se-ia sobre Pisa. Depois disso, Luca e Siena cederiam rapidamente, parte por inveja aos florentinos, parte por medo. Para os florentinos, não havia o que fazer. Se tivesse sucesso (o que podia ter logrado no ano mesmo em que Alexandre morrera), reuniria tantas forças e tamanha reputação que por si mesmo ter-se-ia ele mantido; não tendo mais que depender da fortuna e das forças alheias,<sup>[185]</sup> mas do próprio poder e da própria virtude.<sup>[186][lxxxv]</sup>

Mas Alexandre morreu<sup>159</sup> cinco anos depois que o filho começara a desembainhar a espada. Deixou-o apenas com o Estado da Romanha consolidado,<sup>160</sup> e todos os outros pelos ares, entre dois poderosos exércitos

154. “*Mucianus Vitellii filium interfici iubet, mansuram discordiam obtendens, ni semina belli restinxisset.*” [Muciano ordenou que o filho de Vitelo fosse executado, alegando que aquela contenda não teria fim a menos que todas as sementes da guerra civil fossem destruídas.] Tácito, *Hist.* IV, 80.

155. O consistório reuniu-se no dia 31 de maio de 1503 e nomeou nove cardeais; entre eles, quatro espanhóis.

156. Astorre Manfredi, senhor de Faenza, e Júlio César Varano e os três filhos, senhores de Camerino.

157. Desde janeiro de 1503.

158. Desde setembro de 1501.

159. No dia 18 de agosto de 1503, provavelmente envenenado.

160. “Apenas a Romanha estava quieta e devotada ao Valentino...” Guicciardini, *História da Itália* VI, iv.



inimigos,<sup>161</sup> e doente<sup>162</sup> de morte.<sup>[187]</sup> Mas havia no duque tamanho ímpeto e virtude, e tão bem sabia como conquistar e arruinar os homens,<sup>[lxxxvi]</sup> e tão firmes eram os alicerces que construía em tão pouco tempo, que, se não fora por aqueles dois exércitos, ou se ele não estivesse doente, ter-se-ia mantido sem nenhuma dificuldade.<sup>[lxxxvii]</sup>

Que os seus alicerces eram firmes, provou-o o fato de a Romanha ter esperado por ele mais de um mês;<sup>[188]</sup> em Roma, ainda que meio vivo, ficou seguro; e, apesar de os Ballionis, Vitellis e Orsínis terem ido a Roma,<sup>[189]</sup> não puderam fazer nada contra ele; se não pôde fazer papa quem ele queria que fosse,<sup>163</sup><sup>[lxxxviii]</sup> pelo menos conseguiu que não o fosse quem ele não queria.<sup>[190]</sup> Mas, se à morte de Alexandre estivesse são, tudo lhe seria fácil. Ele me disse, no dia em que Júlio II foi eleito, que tinha pensado no que poderia suceder à morte do pai. Para tudo encontrava remédio. Mas não pensara nunca que, no dia da morte do pai, ele próprio pudesse estar para morrer.<sup>[191]</sup>

Tendo eu, então, coligido todas as ações do duque, não poderia censurá-lo;<sup>[lxxxix]</sup> pelo contrário, parece-me que suas ações devem ser imitadas por todo aquele que, pela fortuna e com as armas dos outros, alcançou o poder.<sup>[192]</sup> Porque ele, tendo o ânimo tão grande e a intenção tão elevada, não se podia conduzir de outro modo;<sup>[193]</sup><sup>[xc]</sup> e apenas se opôs aos seus desígnios a brevidade da vida de Alexandre e a doença.<sup>[194]</sup> Quem julga, pois, necessário, no seu novo principado,<sup>[195]</sup> assegurar-se contra os inimigos, conquistar amigos, vencer pela força ou pela perfídia, fazer-se amar e temer pelos povos, ser seguido e reverenciado pelos soldados, exterminar aqueles que o podem ou devem ofender, inovar com novos ordenamentos as instituições arcaicas, ser severo e grato, magnânimo e liberal, extinguir a milícia infiel e criar uma nova, manter a amizade dos reis e dos príncipes, de maneira que ou o beneficiem sem interesse ou o afrontem com respeito,<sup>[xci]</sup> não poderá encontrar exemplos mais recentes do que as ações daquele homem.<sup>[196]</sup>

Apenas podemos censurá-lo por sua conduta na escolha de Júlio<sup>[197]</sup> para pontífice, a qual foi errada; porque, como foi dito, se não podia fazer um papa ao seu modo, ao menos devia lograr que não fosse papa quem ele não queria que fosse;<sup>[198]</sup> e nunca podia ter concedido que ascendesse

161. O francês e o espanhol.

162. Malária (ou, talvez, envenenamento). César Bórgia morreu em 1507, na Espanha. Cf. nota 76.

163. César Bórgia não tinha de fato um candidato ao trono de São Pedro, por isso apoiou Georges d'Amboise, cardeal de Ruão (ver nota 74); vendo que d'Amboise não ganharia, manejou para afastar Juliano Della Rovere do caminho. Com isso, foi eleito Francisco Todeschini-Piccolomini, em 16 de setembro de 1503, com o nome de Pio III; mas Francisco morreu um mês depois, e Juliano (Júlio II) ascendeu ao papado. Para isso, fez concessões a César Bórgia e conseguiu dele apoio político, apoio este que foi pago, de acordo com Maquiavel, "com a borra do tinteiro" (*Primeira legação na Corte de Roma*). Ver nota 76.

ao papado nenhum dos cardeais a quem ofendera, ou que, tornado papa, viesse a temê-lo.<sup>[199][xcii]</sup> Porque os homens ofendem ou por medo<sup>164</sup> ou por ódio. Aqueles a quem havia ofendido<sup>[200]</sup> eram, entre outros, São Pedro Advíncula, Colona, São Jorge e Ascânio; todos os outros, tornados papas, tinham por que temê-lo<sup>[201]</sup>, exceto o cardeal de Ruão e os espanhóis; estes por afinidade e obrigações;<sup>[202]</sup> aquele pelo poder, tendo ao seu lado o reino da França. Portanto, o duque, diante disso, devia tornar papa um espanhol, e, não podendo, devia consentir que fosse o cardeal de Ruão e não São Pedro Advíncula. Engana-se quem acredita que aos grandes homens os benefícios novos fazem esquecer as injúrias antigas.<sup>165[203]</sup> Errou, portanto, o duque nessa escolha;<sup>[xciii]</sup> e esse engano foi a razão de sua última ruína.

164. “*Principem non quidem odissent, sed tamen ex[is]timarentur.*” [Não odiavam de fato o imperador, mas tiveram o crédito disso.] *Anais* XV, 70.

“*Satis clarus est apud timentem quisquis timetur.*” [O que teme encontra bastante distinção naqueles a quem teme.] Tácito, *Hist.* II, 76.

165. “*Quarum apud praepotentis in longum memoria est.*” [Das quais os poderosos lembram-se por muito tempo.] *Anais* V, 3. Maquiavel repete aqui, letra por letra, o que havia dito nos *Discursos* III, 4 [“*che mai le ingiurie vecchie furono cancellate da’ beneficii nuovi.*”]

## NOTAS de Napoleão Bonaparte:

- [128] Como estúpidos que se deixam levar e não tomam nenhuma iniciativa. (G)
- [129] É impossível. (E)
- [130] Tudo deve ser obstáculo para gente dessa espécie. (E)
- [131] Os aliados não tinham outro objetivo. (E)
- [132] Há muitos outros que se encontram nessa situação. (E)
- [133] Como simples particular e longe dos Estados em que se é exaltado; redonda no mesmo. (E)
- [134] Veremos. (E)
- [135] Por mais ilustre que tenha sido ao nascer, quando alguém passa 23 anos na vida privada, como em uma família, longe de um povo cuja índole mudou quase completamente, e que é levado depois, de repente, para esse povo pelas asas da fortuna e por mãos estrangeiras para ali reinar, encontrar-se-á em um Estado novo da espécie dos que menciona Maquiavel. Os antigos prestígios morais de convenção cessaram ali, passando a existir apenas no nome. (E)
- [136] Esse oráculo merece mais crédito do que o de Calcas.<sup>166</sup> (E)
- [137] Eu já havia construído os meus, antes de sê-lo. (E)
- [138] Meu caso e os deles. (E)
- [139] A quem me assemelho mais? Excelente agouro! (PC)
- [140] Muitas vezes, bem; algumas vezes, mal. (G)
- [141] Virtude para reinar, entende-se. As outras virtudes não passam de sobressalentes. (E)
- [142] Especialmente quando se o constrói às cegas, com timidez. (E)
- [143] Melhor do que eu? Difícil. (G)
- [144] Quisera eu, por certo, que o tivesses dito a mim apenas. Mas não sabem ler-te, o que dá no mesmo. (G)
- [145] Tenho de queixar-me dela, mas hei de corrigi-la. (E)
- [146] Transporei melhor um obstáculo como esses, para dar reinos ao meu José, ao meu Jerônimo...? Quanto a Luís,<sup>167</sup> será que resta algum do qual eu não saiba o que fazer? (E)
- Eu tinha razão em vacilar em relação a ele. Mas o ingrato e traidor do Joaquim! Ele pagará por sua faltas. (E)
- [147] Eu não veria diferença entre um Alexandre de tiara e um Alexandre de capacete. (I)
- [148] Uma parte! Pouquíssimo para mim. (I)
- [149] Eu soube criar outras mais dignas de mim, de meu século e de minha conveniência. (I)
- [150] Já tive ocasião de prová-lo, ao ceder o ducado de Urbino para conseguir a assinatura da convenção, e convenci-me de que, tanto em Roma como em outras partes, tanto hoje como antes, uma mão lava a outra, e isso promete... (PC)

166. Como os gregos não conseguiam ventos favoráveis para partir com os seus navios rumo a Troia, o adivinho Calcas, ao consultar os deuses, disse que apenas com o sacrifício de Ifigênia, filha de Agamênon, o principal chefe grego, os ventos mudariam. De acordo com a *Iliada*, Ifigênia foi morta em Áulis. Outra lenda afirma que foi trocada por um carneiro, sem que os gregos, enfeitados, percebessem, e foi mandada à ilha de Táuride. A tragédia de Ésquilo, *Agamênon*, conta-nos que o chefe grego, ao retornar para casa, em Argos (Micenas), foi morto pela mulher para vingar a morte da filha.

167. Irmãos de Napoleão. José Bonaparte (1768–1844) foi rei de Nápoles (1806–1808) e da Espanha (1808–1813); Jerônimo I (Rolando) Bonaparte (1784–1860) foi rei da Westfália (1807–1813); e Luís Napoleão Bonaparte (1778–1846) foi rei da Holanda (1806–1810).

[151] Os genoveses me abriram as portas da Itália com a desvairada esperança de que suas enormes rendas na França seriam pagas sem redução: *Quid non cogit auri sacra fames?*<sup>168</sup> Terão, ao menos, mais da minha simpatia do que tiveram outros italianos. (PC)

[152] Custou-me caro não ter desconfiado dos meus favorecidos na Alemanha! (E)

[153] Porque não podia fazer de outra forma. (E)

[154] Meus Colonas são os realistas; meus Orsínis, os jacobinos; e meus nobres serão os chefes de uns e de outros. (G)

[155] Eu já havia começado tudo isso em parte, antes mesmo de chegar ao Consulado, em que me saí bem, concluindo todas essas operações. (I)

[156] Achei-a no *senatus consultum* da maquinação infernal do nivoso<sup>169</sup> e em minha própria maquinação de Arena e Topino na ópera.<sup>170</sup> (PC)

[157] Essas duas coisas não poderiam ser consumadas ao mesmo tempo, mas foram feitas mais tarde. (E)

[158] Vi outros semelhantes... Pichegru,<sup>171</sup> Mallet.<sup>172</sup> Triunfei sobre todos sem precisar de ajuda estrangeira. (I)

[159] Fi-lo sem necessitar de ninguém. (I)

[160] “*Qui nescit dissimulare, nescit regnare.*” Luís XI não sabia o bastante; devia ter dito: “*Qui nescit fallere, nescit regnare.*”<sup>173</sup> (I)

[161] Os que ficaram contra mim, entre os meus Colonas e Ursinos, não se saíram melhor. (I)

[162] Creio ter feito bem ambas as coisas. (I)

[163] A França havia conhecido, 20 anos atrás, a ordem de que goza hoje e que apenas o meu braço podia restabelecer? (I)

[164] Ela é mil vezes mais proveitosa para os povos do que é odiosa para alguns forjadores de frases. (I)

[165] Como os artífices das repúblicas francesas. (PC)

[166] Como na França republicana. (PC)

[167] Exatamente como na França, antes que eu lá reinasse. (PC)

[168] Não foi o que fiz? Havia necessidade de firmeza e dureza para reprimir a anarquia. (I)

168. Virgílio, *Eneida*, III, 56-7: “*Quid non mortalia pectora cogis, auri sacra fames?*” [Na tradução de Odorico Mendes: “Os corações mortais a que os não forças/De ouro fome execranda!”]

169. Mês do calendário revolucionário que vai do dia 21 (22 ou 23) de dezembro até 19 (20 ou 21) de janeiro.

170. Referência ao atentado de 3 de nivoso (24 de dezembro) de 1800. Napoleão, como Primeiro-Cônsul, dirigia-se a ópera para assistir ao oratório *A criação*, de Haydn, quando uma bomba explodiu entre a carruagem dele e de Josefina. Eles não se feriram, mas muitos espectadores morreram. Arena e Topino eram dois terroristas que pouco antes haviam tomado parte de uma conspiração contra Napoleão, a qual foi desbaratada durante uma sessão na própria ópera.

171. Jean-Charles Pichegru (1761–1804). General da Revolução. Em 1797, participou do golpe de 18 de frutidor (4 de setembro). Foi preso e deportado para a Guiana, de onde se evadiu. Em 1804, participou da conspiração de Cadoudal. Foi preso em Paris, onde se suicidou.

172. Claude François de Mallet (1754–1812). General do Império, tomou parte no golpe contra Napoleão, que voltava da campanha na Rússia. Foi levado ao conselho de guerra e fuzilado.

173. A frase é atribuída a Luís XI: “Quem não sabe dissimular, não sabe reinar”. A paródia de Napoleão: “Quem não sabe enganar, não sabe reinar”.

- [169] F..., será o meu Orco. (PC)
- [170] Não necessitava eu de ti para isso. (I)
- [171] Por isso suprimo o teu ministério e te incluo entre os reformados do meu senado. (C)
- [172] Criar uma comissão senatorial da liberdade individual que, no entanto, não fará mais do que eu queira. (I)
- [173] Ninguém está mais condenado do que ele, pela opinião pública, a ser o meu bode expiatório. (I)
- [174] Tenho raiva de não poder fazê-lo cair em desgraça sem inutilizá-lo. (I)
- [175] Bons tempos aqueles, em que esses castigos podiam ser aplicados e tidos como merecidos. (I)
- [176] Feito e muito bem-feito. (PC)
- [177] Esses malditos sim me fazem perder a paciência. (PC)
- [178] É preciso prever esses contratempos. (PC)
- [179] Muito bem escolhidos. (PC)
- [180] Não deixes de fazer isso quando puderes, e te certifiques de que possas. (PC)
- [181] Francisco II...<sup>174</sup> (I)
- [182] Não estou tão adiantado como ele. (I)
- [183] Não pude realizar ainda mais do que a metade dessa manobra; é preciso tempo... (I)
- [184] Supondo que eu tenha atraído a todos os príncipes da Alemanha, pensemos no meu famoso projeto do Norte. Acontecerá o mesmo, e com resultados que nenhum conquistador obteve. (I)
- [185] Livre de semelhantes condições, irei muito mais longe. (I)
- [186] Convém não conhecer outra dependência. (I)
- [187] Pior para ele; é preciso nunca ficar doente e tornar-se invulnerável a tudo. (I)
- [188] Como a França me aguardou depois dos meus desastres em Moscou. (E)
- [189] Por mais moribundo que eu estivesse, em sentido político, em Smolensk,<sup>175</sup> não tive nada que temer dos meus. (E)
- [190] Não tive dificuldades quanto a isso. Bastaria a notícia do meu desembarque em Fréjus para anular os votos que me fossem contrários. (PC)
- [191] Em resumo... não pensar nisso se se pretende reinar com glórias. Esse pensamento teria toldado os meus projetos mais ousados. (I)
- [192] São bem ignorantes os escritorezinhos que disseram que ele o havia proposto a todos os príncipes, mesmo àqueles que não estavam nem podiam estar nas mesmas circunstâncias. Não conheço ninguém a não ser eu, em toda a Europa, a quem esse modelo pudesse servir. (I)
- [193] O que fiz de semelhante mo impôs a situação e, por conseguinte, a obrigação. (E)
- [194] Os meus reveses dependem de causas análogas, sobre as quais os meus engenhos nada podiam fazer. (E)
- [195] Isso é o quanto me basta. (G)
- [196] Considero-me um exemplo, não apenas mais recente, mas também mais perfeito e sublime. (I)
- [197] Mente debilitada pela doença. (I)

174. Francisco I da Áustria e Francisco II do Sacro Império (1768–1835). Último imperador do Sacro Império, ao qual extinguiu por decreto em 1806 para que não fosse tomado por Napoleão.

175. Em Smolensk, Napoleão teve de se abrigar com seu exército (16-8-1812) para tratar de uma epidemia veiculada por piolhos, que já havia dizimado quase um sexto de seu efetivo antes de seguir para Moscou.

- [198] Eu o teria deposto logo, se ele se fizesse eleger contra a minha vontade. (PC)
- [199] Todos, menos o que foi eleito, sabiam ou previam que me deviam temer. (PC)
- [200] Passou já o tempo em que se podia temer o ressentimento deles. (I)
- [201] Bastou o meu nome para fazê-los tremer, e hei de trazê-los como carneiros ao pé do meu trono. (PC)
- [202] Bom motivo para contar com essa gente! Maquiavel tinha também muita boa-fé. (I)
- [203] Parecem esquecer-se, movidos pela paixão. Mas não nos fíemos neles. (I)

## NOTAS de Cristina da Suécia:

- [lxxiv] Estados podem ser concedidos pela grandeza, mas não pela segurança de quem concede.
- [lxxv] Nem sempre corruptos.
- [lxxvi] Algo difícil, sem dúvida.
- [lxxvii] Certíssimo.
- [lxxviii] Uma grande fortuna, deve-se dizer. Se a fortuna é grande, mais hábil se pode ser.
- [lxxix] Fortuna e virtude devem estar ligadas, ou nada de bom se alcançará.
- [lxxx] Sem a fortuna nada se alcança de bom.
- [lxxxi] Tomou uma resolução vil. Havia outros meios, seguros e valorosos, para isso, sem que precisasse depender dos outros.
- [lxxxii] Ato infame.
- [lxxxiii] Agradar o povo sacrificando-se os ministros; solução vil.
- [lxxxiv] Esta última era a mais segura.
- [lxxxv] É o único segredo, e a única coisa que basta.
- [lxxxvi] Admiráveis qualidades.
- [lxxxvii] Não duvido.
- [lxxxviii] Era muito para alguém que estava morrendo.
- [lxxxix] Exceto pela maldade e crueza; no mais, é admirável.
- [xc] As vitórias e as glórias adquiridas por meio de crimes não são dignas; por esse preço, ninguém se engrandece nem se torna feliz. É o lucro dos iníquos.
- [xci] Tudo isso se alcança mais facilmente por meio da virtude do que por meio de crimes.
- [xcii] Maquiavel se equivoca. É, sobretudo, nas eleições dos papas que Deus zomba da prudência dos homens.
- [xciii] Sentença verdadeira.

## Capítulo VIII



De his qui per scelera ad principatum pervenere

### Dos que chegaram ao principado pela perfídia

**M**as, porque há ainda dois modos de tornar-se de privado em príncipe, que não podem ser atribuídos totalmente à fortuna ou à virtude, não devo deixá-los de lado, ainda que do último se possa falar mais detidamente<sup>176</sup> quando se tratar das repúblicas.<sup>177[204]</sup> Esses dois modos são: quando por algum meio celerado ou nefário<sup>[205]</sup> chega-se ao principado, ou quando um cidadão privado torna-se príncipe de sua pátria pelo favor de outros cidadãos.<sup>[206]</sup> E, falando do primeiro modo, mostrar-se-ão dois exemplos, um antigo e outro moderno, sem se entrar, contudo, no mérito dessa parte, pois julgo que bastem, a quem precisar, imitá-los.<sup>[207]</sup>

176. No capítulo seguinte.

177. Do principado civil.

Agátocles da Sicília,<sup>178</sup> homem não apenas de privado, mas também de ínfima e abjeta condição, fez-se rei de Siracusa.<sup>[208]</sup> Filho de oleiro, sempre levou, em todas as fases da vida, uma existência celerada;<sup>[209]</sup> mas exerceu todas suas perfídias com tamanha virtude de alma e de corpo<sup>179[210] [xciv]</sup> que, na milícia, galgou todos os degraus,<sup>180</sup> chegando a ser pretor de Siracusa.<sup>181[211]</sup> Nesse posto, deliberou tornar-se príncipe e manter, com violência e sem obrigação a ninguém, aquilo que por acordo<sup>182</sup> lhe tinha sido concedido;<sup>[212]</sup> para tanto, entendeu-se com Amílcar, o cartaginês,<sup>183</sup> o qual, com seus exércitos, militava na Sicília;<sup>[213]</sup> e reuniu, em uma manhã, o povo e o Senado de Siracusa como se tivessem que deliberar assuntos pertinentes à República. E, com um sinal combinado, fez com que seus soldados matassem todos os senadores e os mais ricos do povo;<sup>184</sup> mortos estes, ocupou e conservou o principado daquela cidade sem nenhuma contestação civil.<sup>[214]</sup> E, ainda que fora duas vezes vencido e, por fim, assediado, não apenas pôde defender a sua cidade, como também, deixando parte de sua gente sitiada, com outra parte atacou a África; em pouco tempo, liberou Siracusa do assédio<sup>185</sup> e levou os cartagineses a um estado tão grande de penúria, que estes se viram na necessidade de entrar em acordo com ele, e conformar-se com a possessão da África, deixando para Agátocles a Sicília.<sup>186[215]</sup>

178. Agátocles (361–289 a.C.). Depois de matar 10 mil pessoas, fez-se tirano de Siracusa (317–289). Entrou em guerra contra Cartago, que ocupava boa parte da Sicília. Derrotado na Batalha de Himera (310), viu a cidade ser sitiada pelos cartagineses; buscou romper o cerco e atacar o território cartaginês na África, com 14 mil homens, onde obteve algumas vitórias, mas foi, por fim, derrotado em 307. No ano seguinte, assinou a paz com Cartago, pela qual os cartagineses se limitariam à parte ocidental da Sicília. Em 304, depois de aumentar seu poder sobre as cidades gregas na ilha, fez-se rei da Sicília, onde reinou até à morte, em 289 a.C. A fonte de Maquiavel são as *Epítomes* (Livro XXII), de Justino.

179. “*Nam et manu strenuus et in contionibus perfacundus habebatur.*” [Era conhecido por sua atividade nos campos e pela eloquência em suas arengas.] *Epítomes* XXIII, 1.9.

180. De soldado, tornou-se centurião; de centurião, fez-se tribuno.

181. “*Uerum etiam praetor Syracusis constituitur.*” *Epítomes* XXII, 2.7. Pretor: comandante do exército.

182. Concordância.

183. O Amílcar mencionado aqui foi um dos generais da Terceira Guerra Siciliana (315–307 a.C.) entre os gregos, comandados por Agátocles, e os cartagineses. Com a assinatura dos tratados de paz, Agátocles conservaria Siracusa, mas os cartagineses ficariam com o ponto estratégico de Messina.

184. O que Maquiavel nos conta é quase uma tradução do texto de Justino: “*Atque ita ueluti rei publicae statum formaturus populum in theatrum ad contionem uocari iubet contracto in gymnasio senatu, quasi quaedam prius ordinaturus. Sic conpositis rebus inmissis militibus populum obsidet, senatum trucidat, cuius peracta caede ex plebe quoque locupletissimos et promptissimos interficit.*” *Epítomes* XXII, 2.10-12.

185. “A pior política de todas é assediar uma cidade murada.” Sun Tzu, III.

186. Apenas a parte grega da Sicília.



Quem considerar, portanto, essas ações e essa existência, nada, ou muito pouco, encontrará quem possa ser atribuído à fortuna; porque, como se disse antes, não foi pelo favor de ninguém, mas por sua ascensão na milícia, conseguida à custa de mil sacrifícios e perigos,<sup>[216]</sup> que ele alcançou o principado; e, depois, com diversas decisões audaciosas e arriscadas, manteve-o.<sup>[217]</sup> Não se pode, por outro lado, dizer que seja virtude matar os próprios cidadãos, trair os amigos, não ter fé, não ter piedade, nem religião; desse modo, pode-se conquistar um império, mas não se pode atingir a glória.<sup>[218][xcv]</sup> Porque, se se considerar a virtude de Agátocles em entrar e sair de perigos, e sua grandeza de ânimo em suportar e superar adversidades,<sup>[219]</sup> não se verá por que ele seria julgado inferior a qualquer outro excelente capitão.<sup>[220]</sup> Contudo, pela sua crueldade feroz e desumanidade, e pelas suas inúmeras perfídias, não se consente que ele seja celebrado entre os homens mais ilustres.<sup>[221][xcvi]</sup> Não se pode, portanto, atribuir à fortuna ou à virtude, aquilo que, sem uma nem outra, foi por ele conseguido.<sup>187[222][xcvii]</sup>

Nos nossos tempos, quando reinava Alexandre VI, Liverotto de Fermo,<sup>188[223]</sup> tendo ficado órfão muito jovem,<sup>189</sup> foi criado pelo tio materno, João Fogliani,<sup>190</sup> e, no início da juventude, confiado a Paulo Vitelli,<sup>[224]</sup> para que se aperfeiçoasse e alcançasse um excelente posto na milícia. Depois que Paulo morreu,<sup>191</sup> Liverotto colocou-se ao serviço de Vitellozzo, irmão de Paulo; e, em brevíssimo tempo, por ser engenhoso e de ânimo vivo, tornou-se o primeiro homem da milícia. Mas, parecendo-lhe uma coisa servil andar sob ordens de outro, e com a ajuda de alguns cidadãos de Fermo, aos quais era mais cara a servidão do que a liberdade de sua pátria, e com o favor de Vitellozzo, pensou em ocupar Fermo.<sup>[225]</sup> Escreveu, então, a João Fogliani dizendo-lhe que, tendo estado muitos anos fora de casa, queria ver a ele e também à sua cidade, e ter uma ideia geral do seu patrimônio; e, como não havia trabalhado por mais nada do que para conquistar a honra e para que os seus cidadãos vissem que ele não havia gastado o tempo em vão, queria chegar honrado e acompanhado por cem amigos e servidores a cavalo;<sup>[226]</sup> pediu também ao tio que ordenasse aos cidadãos de Fermo para que o recebessem com honra; porque isso não apenas dava honra a ele, mas também ao tio, que o educara.

Não deixou o tio de atender em nada ao sobrinho; e, sendo ele recebido pelos povos de Fermo com todas as honras, hospedou-se em suas casas,

187. Não obstante, nos Discorsi (XL, 1), Maquiavel justifica o uso da perfídia na guerra e afirma que a fraude no conflito merece tanto elogio quanto os outros meios usados para se vencer uma guerra. Em seguida, dirá, porém, que a quebra dos compromissos e dos tratados não pode ser considerada uma *fraude gloriosa*.

188. Oliverotto Euffreducci da Fermo.

189. Nasceu por volta de 1475. Os fatos aqui narrados ocorreram ao final de 1501.

190. Guicciardini refere-se a ele como Frangiani.

191. Paulo Vitelli foi capitão florentino na campanha contra Pisa; acusado de traição, foi executado em 1499.

onde, depois de haver repousado alguns dias, organizou em segredo aquilo que para a sua futura perfídia era necessário. Organizou um banquete solene para o qual convidou João Fogliani e todos os homens importantes de Fermo.<sup>[227]</sup> Terminado o banquete e todas as distrações que alegam esses acontecimentos, Liverotto, maliciosamente, passou a tratar de certos assuntos importantes, falando da grandeza do papa Alexandre e do filho César, e das empresas realizadas por eles. João e os outros responderam a suas reflexões, e ele, de repente, levantou-se e disse que aqueles assuntos deviam ser tratados em local mais discreto. Retirou-se para um aposento; João e os cidadãos o acompanharam. Mal se sentaram, saíram soldados de diversos lugares escondidos e mataram João e todos os outros.<sup>[xcviii]</sup> Depois desse homicídio, Liverotto montou no cavalo, percorreu toda a cidade e assediou o palácio do magistrado supremo de tal forma que, por medo, [os magistrados] foram obrigados a obedecê-lo e formar um governo, do qual ele se tornou príncipe.<sup>[228]</sup> Depois de ter mandado matar todos os descontentes<sup>[229]</sup> que o poderiam prejudicar, fortaleceu-se de tal forma com novas normas civis<sup>[230]</sup> e militares,<sup>[231]</sup> que, durante o período de um ano em que governou,<sup>[232]</sup> se estabeleceu com segurança na cidade de Fermo e fez-se temido por todos os vizinhos. Teria sido difícil aniquilá-lo, como o fora com Agátocles, se não se tivesse deixado enganar por César Bórgia, quando este, como foi dito,<sup>192</sup> atraiu os Orsínis e os Vitellis para Sinigália. Foi lá que, um ano depois de haver cometido parricídio,<sup>[233]</sup> morreu estrangulado<sup>[234][xcix]</sup> com Vitellozo, mestre das suas virtudes e perfídias.

Alguém poderia questionar como Agátocles e alguns de seus semelhantes, depois de tantas traições e crueldades, puderam viver seguros por muito tempo em sua pátria e defender-se dos inimigos externos, sem que os cidadãos não conspirassem contra eles; enquanto tantos outros, mediante a crueldade, não conseguiram, nem em tempos de paz, manter o Estado, nem nos tempos duvidosos de guerra. Creio que isso resulte do bom ou do mau emprego da crueldade.<sup>[c]</sup> Bem empregadas podem chamar-se aquelas – se do mal for lícito falar bem – que se fazem de uma só vez,<sup>[235]</sup> por necessidade de segurança,<sup>[236]</sup> e depois se abandona,<sup>[237]</sup> convertendo-se elas, o mais possível, em benefício dos súditos;<sup>[238]</sup> mal empregadas são as que, ainda que a princípio sejam poucas, com o tempo crescem ao invés de definharem.<sup>[239][ci]</sup> Aqueles que observam o primeiro modo podem, com a ajuda de Deus e dos homens, encontrar algum remédio para seu estado,<sup>193</sup> como aconteceu com Agátocles; quanto aos outros, é impossível que se mantenham.<sup>[240]</sup>

192. No parágrafo 6 do Capítulo VII.

193. Condição (de príncipe). Algumas traduções interpretam a palavra *stato*, do original, como Estado (principado). Não faz muita diferença, mas, a título de precisão, *stato* deve ser entendido, nessa frase, como “condição”.

É de se notar aqui que, ao se apoderar de um Estado, o invasor deve pensar em todas as ofensas que lhe é necessário cometer; e fazê-las todas de uma vez,<sup>[241]</sup> para não ter de renová-las a cada dia, e, desse modo, não as inovando, pode tranquilizar os homens<sup>194</sup> e conquistá-los com benefícios; quem faz de outro modo, ou por timidez ou por desacerto,<sup>195[242]</sup> precisa estar sempre com a faca na mão;<sup>[243][cii]</sup> não poderá nunca confiar em seus súditos, pois estes, devido às constantes injúrias que sofrem, não podem naquele confiar. As injúrias devem ser feitas todas de uma vez, pois, sendo suportadas por menos tempo, são menos amargas;<sup>[244]</sup> os benefícios se devem fazer a pouco e pouco, para que sejam mais bem saboreados.<sup>[245][ciii]</sup> Um príncipe deve, acima de tudo, viver com os seus súditos de modo que nenhum acidente, mal ou bom, o faça oscilar.<sup>[246]</sup> Pois, aparecendo as necessidades em tempos adversos, não terá ele tempo de fazer o mal;<sup>[247]</sup> e o bem que fizer não o beneficiará,<sup>[248]</sup> pois o julgarão forçado, e não lhe serão gratos por ele.

194. “É necessário ou não ofender a ninguém, ou cometer todas as ofensas de uma vez só, e, depois, devolver a segurança aos homens, devolvendo-lhes a confiança e freando-lhes os ânimos.” *Discursos I*, 45.2.

195. No original, “*per mal consiglio*”; *consiglio* [conselho] deve ser entendido aqui não como “recomendação”, mas como “opinião refletida”.

## NOTAS de Napoleão Bonaparte:

[204] Eu o dispenso. (G)

[205] A expressão é duramente condenatória. Que importa o caminho, contanto que se chegue? Maquiavel comete uma falta ao ser moralista sobre semelhante matéria. (G)

[206] Pode-se aparentá-lo sempre. (G)

[207] Descrição moralista, muito intempestiva em matéria de Estado. (G)

[208] Esse, vizinho meu como Hierão e de uma época mais recente que a dele, certamente também faz parte da genealogia dos meus ascendentes. (G)

[209] A constância nesse sentido é o mais seguro indício do meu gênio determinado e atrevido. (G)

[210] De alma sobretudo, o que é o essencial. (G)

[211] Chegarei também. (G)

[212] Concedam-me o consulado por dez anos, e eu o tornarei vitalício. Hão de ver! (G)

[213] Não necessito de semelhante socorro, ainda que, sem dúvida, necessite de outros. São, porém, fáceis de conseguir. (G)

[214] Vejam o meu 18 de Brumário e seus efeitos! Tem a superioridade, de modo mais amplo, sem nenhum desses crimes. (PC.)

[215] Consegui muito mais. Agátocles não passa de um anão se comparado comigo. (I)

[216] Eu o consegui também, com igual esforço. (I)

[217] Fiz minhas experiências nesse sentido. (I)

[218] Preocupações pueris! A glória acompanha sempre a prudência, aconteça o que acontecer. (I)

[219] Superaria melhor do que eu? (I)

[220] Dignem-se a abrir, para mim, uma exceção. (I)

[221] Outra vez a moral! O bom nome de Maquiavel carecia de audácia! (I)

[222] Eu tinha ambas a meu favor. (I)

[223] Sujeito astuto! Desde minha infância, fez-me ter excelentes ideias. (G)

[224] Vaubois,<sup>196</sup> foste o meu Vitelli. Saberei mostrar-me grato na devida oportunidade. (G)

[225] Reflexão de republicano. (G)

[226] Astuto! Dessa história de Oliverotto, há muitas coisas que saberei aproveitar quando chegar o momento. (G)

[227] Assemelhava-se ao famoso banquete da Igreja de São Sulpício, que fiz os deputados me oferecerem quando retornei da Itália,<sup>197</sup> depois do frutidor, mas a pera ainda não estava madura. (PC)

[228] Aperfeiçoei muito bem essa manobra no 18 de Brumário,<sup>198</sup> principalmente o dia seguinte a Saint Cloud. (PC)

196. Claude Henry Belgrand, conde de Vaubois (1748–1839). General de Napoleão, responsável pela tomada de Malta, durante a Campanha do Egito. Seu nome está inscrito no Arco do Triunfo.

197. Referência provável ao banquete oferecido a Napoleão e a Moreau no dia 6 de novembro (15 de brumário) de 1799. Outro banquete, na mesma igreja, foi-lhe oferecido pelo ministro das Relações Exteriores no dia 3 de janeiro (14 de nivoso) de 1798, depois das várias vitórias de Napoleão na Itália.

198. Golpe de Estado em que Napoleão, no dia 9 de novembro de 1799, substituiu o governo do Diretório pelo governo de um Consulado, que, apesar de ser formado por três cônsules, era dominado por Napoleão.

[229] Bastava-me, então, espantá-los, dispersá-los e fazê-los fugir. Era necessário, apenas, sustentar o que havia mandado dizer por meio de Barras:<sup>199</sup> que o derramamento de sangue não era do meu agrado. (PC)

[230] Que concluam logo esse Código Civil, ao qual quero dar o meu nome!<sup>200</sup> (PC)

[231] Isso dependia inteiramente de mim, e o fui dispendo aos poucos, da forma que me convinha. (PC)

[232] E o estúpido deixou que lhe tirassem a vida juntamente com a soberania. (E)

[233] Com essa palavra condenatória, Maquiavel aparenta transformar em crime os atos de Oliverotto. Pobre homem! (PC)

[234] Alguns dirão que Oliverotto teve o que mereceu e que Bórgia foi o instrumento de um justo castigo. Lamento por Oliverotto, mas seria mau agouro para mim se houvesse na terra outro César Bórgia além de mim. (I)

[235] Se tivessem começado por aqui, como Carlos II e muitos outros, minha causa estaria perdida. Todos contavam com isso; ninguém teria censurado; logo, o povo não pensaria mais no assunto e me esqueceria. (E)

[236] Felizmente, isso é o que menos os ocupa. (E)

[237] Se se empenharem muito tempo nessa operação, irão contra os próprios interesses. Quando a lembrança de um ato que deve ser castigado envelhece, aquele que castiga parecerá cruel, porque o que torna justo o castigo estará esquecido. (E)

[238] Era fácil. (E)

[239] Esse método, o único ao qual podem recorrer os ministros, não deixará de favorecer-me. (E)

[240] Logo se verá uma prova disso. (E)

[241] A consequência é justa, e o princípio necessário. (E.)

[242] Uma e outra causa da ruína estão do seu lado; a segunda, quase totalmente à minha disposição. (E)

[243] Quando possível. (E)

[244] Aqueles que começam tarde iniciam-se timidamente, à custa dos mais débeis; e os mais fortes se rebelam. Aproveitemo-nos dessa situação. (E)

[245] Quando os distribuem com prodigalidade, os que não são dignos recolhem, os outros não agradecem. (E)

[246] Como se estivesse na corda bamba. (E)

[247] Não de experimentar. (E)

[248] Então, por mais que se dê e se prometa, não serve de nada; o povo permanece indiferente quando o príncipe sucumbe por excesso de gastos e falta de previsão. (E)

## NOTAS de Cristina da Suécia:

[xciv] Raramente se é iníquo de alma e coração.

[xcv] Correto e bem expressado.

[xcvi] Muito bem exposto!

[xcvii] Ao contrário: a esses crimes não faltaram virtude e fortuna. Sem elas, nada pode ser feito.

199. Paul François Jean Nicolas, visconde de Barras (1755–1829). Membro do Diretório.

200. “Minha verdadeira glória não reside em haver vencido quarenta batalhas... Waterloo apagará a lembrança delas... Mas o que viverá para sempre é o meu Código Civil.” Chartier, Jean-Luc. “Jean-Etienne Portalis (1746–1807), Author of the Civil Code”.

[xcviii] Ação indigna e perversa.

[xcix] Horror! Deus pune o mal com o mal.

[c] Não está mal colocado.

[ci] Há, sem dúvida, males que só se curam a ferro e fogo. Na política, como na medicina, os médicos piedosos não curam as feridas, mas matam o enfermo.

[cii] Tudo o que se faz por timidez acaba malfeito.

[ciii] É preciso fazer-se amar e temer; esse é o único segredo.



### De principatu civili

---

## Do principado civil

Mas, voltemo-nos para a outra parte, quando um cidadão privado, não por perfídia ou outra violência intolerável,<sup>[249]</sup> mas pelo favor dos outros cidadãos, torna-se príncipe de sua pátria – o que se pode chamar de principado civil; para cuja aquisição não concorrem grande virtude nem grande fortuna, mas, antes, uma astúcia afortunada.<sup>[250][civ]</sup> Alcança-se esse principado pelo favor do povo ou dos grandes,<sup>[251]</sup> porque em todas as cidades se encontram esses dois humores distintos,<sup>201</sup> que surgem da aversão dos povos de serem comandados e oprimidos pelos grandes, e dos desejos dos grandes de comandarem e oprimir o povo;<sup>202</sup> e, desses dois apetites diferentes, nasce nas cidades um destes três efeitos:

---

201. “Há, em toda república, dois humores distintos: o do povo e o dos grandes.” *Discursos* I, 4.1.

202. “Se considerarmos o propósito dos nobres e dos ignóbeis, veremos, naqueles, grande desejo de dominar, e, nestes, apenas o desejo de não serem dominados.” *Discursos* I, 5.2. “*Super avaritiam et adrogantiam, praecipua validiorum vitia.*” [O peculato e a violência são os principais defeitos da força superior.] *História* I, 51.

principado, liberdade ou licenciosidade.<sup>203</sup> O principado promana ou do povo ou dos grandes,<sup>[cv]</sup> segundo a ocasião se ofereça a uma ou outra dessas partes; porque os grandes, vendo que não podem resistir ao povo,<sup>[252]</sup> voltam a um deles boa reputação,<sup>[253]</sup> e o fazem príncipe<sup>[254]</sup> para poder, sob a sombra dele, saciar os próprios apetites. O povo, de sua parte, vendo que não pode resistir aos grandes, dirige a alguém<sup>204</sup> a boa reputação, e faz dele príncipe, para ser, com a autoridade desse príncipe, defendido.<sup>[255]</sup>

Aquele que chega ao principado com a ajuda dos grandes mantém-se com mais dificuldade do que aquele que chega com a ajuda do povo,<sup>[256]</sup> porque se vê príncipe em meio a tantos que se lhe assemelham,<sup>[257]</sup> e por isso não os pode nem comandar, nem manejar a seu modo. Mas aquele que chega ao principado com o favor popular,<sup>[258]</sup> lá se encontra sozinho, e não há ninguém, ou há pouquíssimos, à sua volta, que não se disponham a obedecê-lo.<sup>[259]</sup> Além disso, não se alcança, com honestidade e sem a injúria dos outros, a satisfação dos grandes,<sup>[260]</sup> e sim a do povo,<sup>[cvi]</sup> cujo desejo é mais honesto que o dos grandes, porque os grandes almejam a opressão, enquanto o povo, a não ser oprimido. Ademais, do povo inimigo um príncipe não poderá jamais assegurar-se, porque são muitos; mas dos grandes poderá, por serem poucos.<sup>205[cvii]</sup> O pior que pode esperar um príncipe do povo inimigo é ser abandonado por ele; mas, dos grandes inimigos, não apenas deve temer o desamparo, mas ainda que lhe enfrentem, porque, tendo eles mais argúcia e sendo mais ardilosos, sempre têm tempo de salvaguardar-se, procurando abrigo junto àquele que esperam que vença.<sup>[261]</sup> O príncipe é obrigado ainda a viver sempre com aquele mesmo povo; mas pode passar bem sem os grandes, podendo fazê-los e desfazê-los todos os dias, criando-lhes e tirando-lhes a reputação, conforme o seu agrado.<sup>[262][cviii]</sup>

E, para esclarecer melhor essa parte, digo que os grandes podem ser examinados principalmente de dois modos: ou se comportam de tal forma que seu proceder os sujeita em tudo à fortuna do príncipe, ou se comportam de outra maneira. Os que se sujeitam e não são rapaces<sup>[263]</sup> devem ser honrados e amados;<sup>[cix]</sup> os que não se sujeitam devem ser examinados de dois modos: ou fazem isso por pusilanimidade ou por defeito natural do espírito; neste caso, o príncipe deve servir-se deles, sobretudo dos bons conselheiros,<sup>[cx]</sup> porque na prosperidade o exaltam e na adver-

203. Maquiavel discorre sobre isso longamente em *Discursos* (I, 2.2): “A perversão da monarquia é a tirania; da aristocracia, a oligarquia; e do governo popular, a democracia”. Aristóteles, *Política* III, 7. “*At postquam exui aequalitas et pro modestia ac pudore ambitio et vis incedebat, provenere dominationes... Postquam regum pertaesum leges maluerunt.*” [Quando se despojaram da igualdade e a ambição e a violência dominaram sobre a calma e a modéstia... Mais que reis, preferiram leis.] *História* II, 26 (do principado ao governo livre); “*Exim continua per viginti annos discordia, non mos, non ius; deterrima quaeque impune.*” [Seguiram-se vinte anos de lutas, sem costumes nem leis; os feitos mais iníquos passavam impunes.] *Anais* III, 28.

204. Um cidadão privado.

205. Cf. *Discursos* I, 16.



sidade não há de temê-los.<sup>[264]</sup> Mas, quando não se obrigam, por artimanha ou por ambição,<sup>[265]</sup> é sinal de que pensam mais neles do que no príncipe;<sup>[cxi]</sup> e daqueles deve o príncipe proteger-se, e temer como se fossem inimigos declarados, porque sempre, na adversidade, ajudarão a arruiná-lo.<sup>206[266]</sup>

Deve, portanto, aquele que se tornou príncipe mediante o favor do povo, manter-se seu amigo; o que lhe será fácil, pois o povo só deseja não ser oprimido. Mas, aquele que, contra o povo, torna-se príncipe com o favor dos grandes, deve antes de mais nada procurar conquistar o povo; o que lhe será fácil, se o tomar sob a sua proteção.<sup>[267]</sup> E, porque os homens, quando recebem o bem daqueles de quem esperavam o mal,<sup>[268]</sup> são mais gratos aos seus benfeitores, o povo será mais benévolo ao príncipe do que seria se o príncipe chegasse ao poder pelos favores do povo;<sup>[cxii]</sup> e poderá o príncipe conquistá-lo de muitas maneiras; mas, como elas variam segundo as circunstâncias e, portanto, não têm regra certa, delas não tratarei. Concluo, apenas, que a um príncipe é necessário ter a amizade do povo;<sup>[269]</sup> senão, na adversidade, não haverá remédio.<sup>[270][cxiii]</sup> Nábis,<sup>207</sup> príncipe dos espartanos, suportou o assédio de toda a Grécia e de um exército romano vitorioso, e defendeu contra eles a sua pátria e o seu Estado; e lhe bastou apenas, sobrevivendo o perigo, assegurar-se contra poucos; se ele tivesse tido o povo inimigo, isso não lhe teria bastado.

E não venham rebater essa minha opinião com aquele provérbio banal: *quem se apoia no povo firma-se na lama*;<sup>208[271][cxiv]</sup> porque isso é verdade, quando um cidadão privado faz dessa ideia seu fundamento, e acaba acreditando que o povo o liberta quando oprimido pelos inimigos ou pelos magistrados. Nesse caso, poderia encontrar-se frequentemente enganado, como os Gracos,<sup>209</sup> em Roma, e o senhor Jorge Scali,<sup>210</sup> em Florença.

206. Ver Capítulo XXIII.

207. Nábis, tirano de Siracusa de 206 a 192 a.C. Fustel de Coulanges, em seu *A cidade antiga*, conta-nos que Nábis “deu direitos de cidadania a todos os homens livres, elevando os lacônios à mesma categoria dos espartanos; chegou até a libertar os ilotas. Seguindo o costume dos tiranos das cidades gregas, fez-se chefe dos pobres contra os ricos; ‘proscreeu ou condenou à morte aqueles que por sua riqueza se elevavam acima dos demais’ [Tito Lívio, *História de Roma* XXXIV, 31]” (Tradução de Frederico Pessoa de Barros).

208. A Jorge Scali, mencionado pouco abaixo, é atribuída a seguinte sentença: “aquele que se apoia no povo, com respeito, se firma na merda”. Quem fez essa atribuição foi o cronista Pedro Vaglianti, de quem Maquiavel tomou (e atenuou) a frase.

209. Caio Semprônio Graco (154–121 a.C.): tribuno romano, do partido popular; instituiu uma reforma agrária e outras medidas que favoreciam o povo e combatiam a corrupção em Roma; ao término de seu mandato, suas reformas foram desfeitas pelos novos cônsules; Caio recorreu à revolta armada; derrotado, foi perseguido e, acuado, fez-se matar por um escravo. Tibério Semprônio Graco (163–132 a.C.): tribuno romano, irmão e antecessor de Caio. Fez, como ele, reformas populares, sendo a mais importante a reforma agrária com doação de terras aos camponeses e limitação dos latifúndios; morreu em confronto com seus inimigos políticos.

210. Um dos membros da Senhoria de Florença. Caiu no desagrado do povo e foi decapitado em 1382. *História de Florença* III, 20.

Mas, se o príncipe que se apoia no povo tem capacidade de comando, é homem de coragem que não receia a adversidade,<sup>[cxv]</sup> e a ele não falta desenvoltura, com sua disposição de espírito e com as ordens que der, manterá o ânimo de todos e jamais será traído pelo povo;<sup>[cxvi]</sup> dessa forma, parecerá ter construído sobre bons alicerces.<sup>[272]</sup>

Costumam esses principados incorrer em perigo quando mudam de um governo civil para um absoluto, porque esses príncipes ou comandam por eles mesmos ou por meio de magistrados; neste caso, a situação deles é mais débil e arriscada,<sup>[cxvii]</sup> porque dependem totalmente da vontade dos cidadãos prepostos à magistratura, os quais, sobretudo em tempos adversos, podem arruiná-los com grande facilidade, voltando-se contra eles, ou deixando de obedecê-los.<sup>[273]</sup> E o príncipe não estará pronto, diante dos perigos, a assumir uma autoridade absoluta; porque os cidadãos e os súditos, que costumam receber as ordens dos magistrados, não se sentem inclinados, em circunstâncias de crise, a obedecer às ordens dele;<sup>[274]</sup> e terá sempre, em tempos duvidosos, poucas pessoas nas quais se possa firmar.<sup>[275][cxviii]</sup> Porque tal príncipe não deve fundamentar-se no que vê em tempos tranquilos, quando os cidadãos precisam do Estado; porque, então, todos correm, todos prometem, e cada um quer morrer por ele, enquanto a morte está longe;<sup>[276]</sup> mas, nos tempos adversos, quando o Estado precisa dos cidadãos, nessa hora se encontram poucos.<sup>211</sup> E essa experiência é tanto mais perigosa, porque só pode ser realizada uma vez.<sup>[277][cxix]</sup> Por isso, um príncipe sábio deve pensar em um modo pelo qual os cidadãos, sempre e em todas as circunstâncias,<sup>[278]</sup> precisem do Estado e dele; e, depois, estes sempre lhe serão fiéis.<sup>[cxxx]</sup>

211. “*Languentibus omnium studiis qui primo alacres fidem atque animum ostentaverant.*” [Tão lânguido era então o zelo daqueles que primeiro estavam tão ávidos para mostrar a sua fidelidade e a sua coragem.] *História I*, 39.

## NOTAS de Napoleão Bonaparte:

- [249] Era o que eu queria, mas é difícil. (G)
- [250] Este meio não está, todavia, fora do meu alcance, e já me serviu bastante bem. (G)
- [251] Trataremos, pelo menos, de juntar as semelhanças de um e de outro. (G)
- [252] É a situação presente do partido diretorial; valemo-nos disso para aumentar meu prestígio junto ao povo. (G)
- [253] Ver-se-ão forçados a isso. (G)
- [254] Aceito esse vaticínio. (G)
- [255] Nós o faremos agir nesse sentido, para que, por um motivo totalmente diverso, alcance o mesmo fim que os diretoriais. (G)
- [256] Demonstrarei não tê-lo conseguido senão por ele e para ele. (G)
- [257] Sempre me incomodaram, e com cruzeza. (E)
- [258] Não posso aceitar que eu me encontrava nesse estado. Tratarei de parecer melhor em meu regresso. (E)
- [259] No entanto, eu os havia levado a essa condição. (E)
- [260] Eram insaciáveis os meus. Esses revolucionários nunca têm o bastante. Fizeram a Revolução com o único propósito de se enriquecerem, e, quanto mais conseguem, mais ambicionam. Se favorecem o partido que está para vencer é porque esperam ser favorecidos por ele. Destroem os que os favoreceram assim que as dádivas destes se acabam. Por quererem sempre receber, acabarão por arruinar também o partido logo que os favores dele se esgotem. Haverá sempre o perigo de nos servirmos desses fautores. Mas como ficar sem eles? Eu, especialmente, que não tenho mais apoio! Ah! Se tivesse o título de sucessor ao trono, esses homens não poderiam vender-me nem prejudicar-me. (E)
- [261] Como não me acautelei que esses ambiciosos, sempre prontos a antecipar-se aos indícios da fortuna, me abandonariam e me entregariam logo que me assaltasse a adversidade? Fariam o mesmo por mim contra outro se me encontrassem em boa situação, mas me atacariam se eu vacilasse. Por que não pude formar novos homens? (E)
- [262] Isso não é fácil, pelo menos tanto quanto eu queria e deveria fazer; tentei-o com respeito a... e a F...; mas eles foram mais perigosos ainda. O primeiro entregou-me; o segundo, do qual preciso, mostrou-se hesitante; mas hei de tê-los, de uma maneira ou de outra. (E)
- [263] Não tenho quase nenhum dessa espécie. (I)
- [264] Destes, tampouco. (I)
- [265] Destes, tenho mais. (I)
- [266] Eu não conhecia muito bem essa verdade. O êxito fez com que eu a descobrisse com toda a cruzeza. Poderei tirar uma lição disso no porvir? (E)
- [267] Tratarei de fazer com que se creia nisso. (G)
- [268] Preciso, no entanto, de fortes contribuições e de muitos conscritos. (G)
- [269] Era esse o meu fraco. (C)
- [270] Fizeram-me saber disso, de forma cruel. (C)
- [271] Sim, quando o povo não é mais do que lama. (C)
- [272] Nada me faltou, de tudo isso, além da vantagem de ser amado pelo povo; no entanto, ser amado, na situação em que me encontrava, com as necessidades que tinha, era muito difícil. (C)
- [273] Vamos ver o que acontece. (E)
- [274] Conto com isso. (E)
- [275] E onde encontrá-las? (E)

[276] Não enxergam isso nas cartas de congratulações que recebem e que os tranquilizam. Não sabem eles como essas coisas acontecem! (E)

[277] Se eles se saíssem bem do apuro uma primeira vez, eu me desferraria deles, quando pudesse me vingar por mim ou pelos outros. (E)

[278] Nunca se reflete o bastante sobre essa verdade. (E)

## NOTAS de Cristina da Suécia:

[civ] Trata-se de um grande equívoco.

[ev] E, muita vez, da vontade de ambos.

[evi] É impossível satisfazer totalmente aos homens.

[evii] O segredo está na cautela e na força.

[eviii] Não é ruim o raciocínio.

[cix] Palavras úteis.

[ex] Ao bom conselho, nunca se receia.

[cxi] Só um tolo duvidaria disso.

[exii] Deve-se fazer o bem e não promover o mal a ninguém, exceto quando a necessidade for extrema.

[exiii] Recurso indigno!

[exiv] Belo ditado!

[cxv] Lindas palavras e grande raciocínio!

[cxvi] Isso só se aplica quando se é o mais forte.

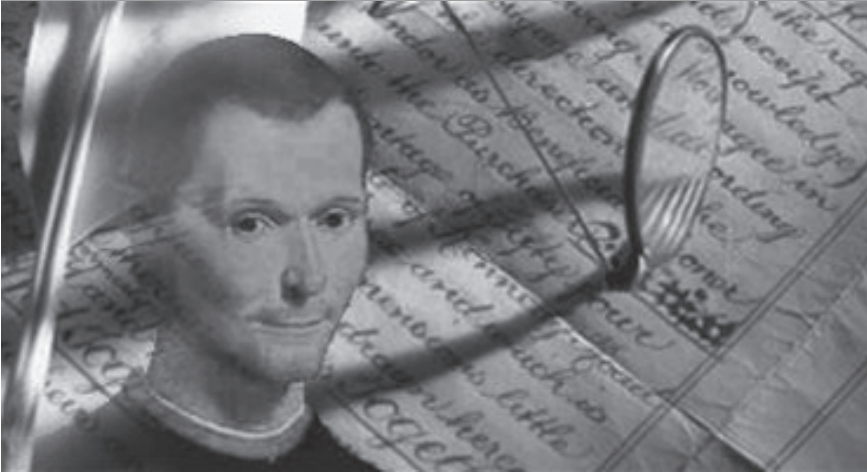
[cxvii] Bom raciocínio!

[cxviii] Não se pode confiar senão em si mesmo.

[cxix] Boa sentença!

[cxx] Neste mundo, precisamos uns dos outros; poucas vezes, se é preciso confiar em alguém, mas quase sempre é preciso fingir que se confia.

## Capítulo X



Quomodo omnium principatuum vires  
perpendi debeant

### De que modo se devem medir as forças de todos os principados

Convém ter presente, ao examinarem-se as qualidades desses principados,<sup>212</sup> outra consideração, isto é, se um príncipe tem um Estado tão forte que possa, precisando, reger-se por si mesmo,<sup>[279]</sup> ou se tem sempre necessidade de ser defendido por outros.<sup>[280][cxxi]</sup> E, para esclarecer melhor essa parte, digo como julgo aqueles que podem reger-se por si sós e que podem, ou por abundância de homens ou de dinheiro, reunir um exército justo, e fazer jornada<sup>213</sup> contra qualquer um que venha a atacá-lo;<sup>[281][cxxii]</sup> e julgo também aqueles que sempre necessitam de outrem, que não podem comparecer em campanha contra o inimigo,<sup>[cxxiii]</sup> mas precisam refugiar-se dentro dos próprios muros e protegê-los.<sup>[282]</sup> Sobre o primeiro caso, já se discorreu; e voltaremos a falar dele quando for preciso. Sobre o segundo caso, não se pode dizer mais nada, mas exortar os príncipes para

212. Mistos, novos e civis.

213. Batalha campal.

que fortifiquem e aprovisionem suas cidades, não se preocupando demasiadamente com o território.<sup>[283]</sup> E aquele que tiver bem fortificada a sua terra, e se comportado com seus súditos como já dissemos antes e voltaremos a dizer, apenas com grande cautela será atacado;<sup>214</sup> porque os homens são avessos às empresas em que se encontram dificuldades,<sup>215</sup> e não podem encontrar facilidade atacando aquele que tem a cidade fortalecida e que não é odiado pelo povo.<sup>[284]</sup>

As cidades da Magna [Germânia]<sup>216</sup> são libérrimas, possuem poucas glebas e obedecem ao imperador quando querem, e não temem nem a ele nem a outro poderoso<sup>217</sup> que tenham próximo;<sup>[cxxxiv]</sup> porque são de tal modo fortificadas, que todos pensam ser tarefa custosa e difícil expugná-las.<sup>[285]</sup> Porque todas são providas de muralhas e de fossos; têm artilharias em tamanho suficiente; têm sempre em suas cavas<sup>218</sup> coisas para beber e comer e queimar durante um ano;<sup>[cxxxv]</sup> e, além disso, para manter a plebe bem alimentada, e sem perda do bem público, têm sempre o quanto basta para poder, durante um ano, dar a ela trabalho naquelas atividades cruciais e vitais para a cidade e nas indústrias de que o povo se sustenta; levam ainda os exercícios militares em boa consideração, e têm muitas regras para mantê-los.<sup>[286][cxxxvi]</sup>

Um príncipe, então, que tenha uma cidade forte e não se deixe odiar, não poderá ser atacado; mas, se o fosse, quem o atacasse partiria com vergonha; porque as coisas do mundo são tão variadas que é quase impossível que alguém pudesse com os exércitos ficar um ano ocioso a assediá-lo.<sup>[287]</sup> E a quem replicar que o povo que tem suas possessões fora dos muros não suportará vê-las queimar, e que o longo assédio e o interesse próprio farão com que deixem de amar o príncipe, respondo que um principado prudente

214. “*Solis Seleucensibus dominationem eius abnuentibus. in quos ut patris sui quoque defectores ira magis quam ex usu praesenti accensus, implicatur obsidione urbis validae et munimentis obiecti amnis muroque et com meatibus firmatae.*” [Apenas a Selêucia recusou essa regra. O ódio contra a praça, o qual havia de fato revoltado seu pai, mais do que uma consideração política, fez com que ele (Bardano) vacilasse em assediar uma cidade fortificada, protegida por um rio, por fortificações e suprimentos que a tornavam bastante segura.] *História* XI, 8.

215. “*Omnes, qui magnarum rerum consilia suscipiunt, aestimare debent an quod inchoatur rei publicae utile, ipsis gloriosum, promptum effectu aut certe non arduum sit.*” [Todos aqueles em cujos planos estão envolvidos grandes interesses deveriam considerar se, em nome da própria glória e para o bem do Estado (coisa pública), empenham-se no que é fácil de realizar ou no que não acarreta perigo.]

216. Maquiavel conheceu as cidades alemãs durante a legação em que ele e Vettori serviram, no início de 1508, junto ao imperador Maximiliano. Sobre essa legação, Maquiavel escreveu *Rapporto di cose della Magna* (1508), *Discorso sopra le cose di Alemagna e sopra l’Imperatore* (1509) e *Ritratto delle cose della Magna* (1512).

217. O rei da França.

218. No original, *canove*, cava, armazém subterrâneo.

e corajoso supera sempre todas essas dificuldades; ora dando aos súditos esperança de que o mal não perdurará, ora fazendo-os temer a crueldade do inimigo, ora garantindo-se com destreza contra aqueles que lhe pareçam atrevidos demais.<sup>[288]</sup> Além disso, o inimigo deve, logicamente, queimar e arruinar o território no princípio quando o ânimo dos homens<sup>219</sup> ainda está aceso e eles dispostos para a defesa; por isso, com menor razão deve o príncipe recuar, porque, depois de algum dia, quando os ânimos já estiverem frios, o mal estará consumado e aceito, e não haverá remédio. E então os homens, mais ainda, ficarão unidos a seu príncipe, pois para a defesa dele viram suas casas ser queimadas, acreditando que o príncipe a eles estará obrigado.<sup>[289]</sup> E a natureza dos homens é aquela de sentirem-se obrigados tanto pelos benefícios que fazem como pelos que recebem.<sup>[cxxvii]</sup> Portanto, considerando bem todas essas coisas, não será difícil para um príncipe prudente manter firme, antes e depois, o ânimo de seus cidadãos durante o assédio, se não faltar alimentos e munições.<sup>220[290]</sup>

219. Dos assediados.

220. Agrícola, por sua vez, reforçou suas guarnições, aumentou a quantidade de munição e suprimentos em todas as suas cidades, resguardando-as durante um ano contra um possível assédio. Tácito, *Vida de Agrícola* 22.

---

## NOTAS de Napoleão Bonaparte:

- [279] Como a França com os recrutamentos, embargos, etc. (G)
- [280] Esse não tem valor algum. (G)
- [281] Com mais razão quando podem atacar e assustar todos os outros. (G)
- [282] Coisa triste! Não gostaria que fosse comigo. (G)
- [283] Isso não me diz respeito. (G)
- [284] Encontraram-me, no entanto, nessas circunstâncias, mas aproveitarei a primeira ocasião para fortificar minha capital, sem que saibam do verdadeiro motivo. (E)
- [285] Bom para o passado. Além do mais, não se trata, aqui, de agressores franceses. (G)
- [286] De que serviram esses cuidados contra o nosso entusiasmo na Alemanha e na Suíça? (PC)
- [287] Não fico eu rondando um ano, sem fazer nada, sob os muros alheios. (PC)
- [288] O melhor e ainda único meio é conter todos por igual, empregando o terror. Se oprimidos, não reagirão nem ousarão respirar. (I)
- [289] Seja assim ou não, dá no mesmo. Não preciso disso. (I)
- [290] Com o que se defender é o que interessa. (I)

---

## NOTAS de Cristina da Suécia:

- [exxi] Desgraçado daquele que depende dos outros.
- [exxii] É tudo o que importa.
- [exxiii] Nesse caso, estão perdidos.
- [exxiv] Isso mudou bastante em nosso tempo.
- [exxv] Corruptos!
- [exxvi] Quem poderia defender-se por tanto tempo sem receber apoio?
- [exxvii] Correto.





De principatibus ecclesiasticis

# Dos principados eclesiásticos

**R**esta-nos, agora, tratar apenas dos principados eclesiásticos, cujas dificuldades são todas precedentes à aquisição deles; porque, para a sua conquista concorrem ou a virtude ou a fortuna, e para a sua manutenção não concorrem nem uma nem outra; pois são sustentados por antigos ordenamentos religiosos, cuja força e natureza bastam para manter seus príncipes em seus Estados, seja qual for o modo por que procedam e vivam.<sup>[291]</sup> Possuem Estados, mas não os defendem; súditos, mas não os governam;<sup>[cxxxviii]</sup> os Estados, por serem indefesos, não lhes são arrebatados; os súditos, por não serem governados, não se preocupam com isso, nem cogitam, nem podem separar-se deles. Então, apenas esses principados são seguros e felizes.<sup>[cxxxix]</sup> Mas, sendo eles regidos por motivos superiores, os quais a mente humana não alcança, deixarei de falar deles; porque, sendo criados e mantidos por Deus, seria obra de homem presunçoso e temerário discorrer sobre eles.<sup>[292][cxxx]</sup> Antes de Alexandre,<sup>221[cxxxii]</sup> os potentados italianos (e não só os que se diziam potentados, mas qualquer barão e senhor) davam pouca importância à Igreja e pouco valor ao poder temporal.<sup>[cxxxii]</sup> Hoje, um rei da França<sup>222</sup> treme diante da Igreja, que pôde expulsá-lo da

221. Até 1492.

222. Luís XII.

Itália e arruinar os venezianos.<sup>223</sup>[cxxxiii] Por isso, se alguém me perguntasse como a Igreja, no poder temporal, alcançou tamanha grandeza, ainda que isso seja notório, não me parece supérfluo recordá-lo.<sup>[293]</sup>

Antes que Carlos,<sup>224</sup> rei da França, entrasse na Itália, essa província estava sob o domínio do papa, dos venezianos, do rei de Nápoles,<sup>225</sup> do duque de Milão<sup>226</sup> e dos florentinos.<sup>[cxxxiv]</sup> A esses potentados eram necessárias duas medidas principais: que nenhum forasteiro entrasse com armas na Itália<sup>[cxxxv]</sup> e que nenhum daqueles<sup>227</sup> ocupasse mais Estados.<sup>[cxxxvi]</sup> Aqueles a quem se tinha mais receio eram o papa e os venezianos. Para manter os venezianos distantes, era mister a união de todos os outros, como ocorreu na defesa de Ferrara;<sup>228</sup> para deter o papa, era mister os barões de Roma, os quais sempre entravam em conflito entre si, por estarem divididos em duas facções, Orsínis e Colonas;<sup>[cxxxvii]</sup> e, estando em armas, bem debaixo do nariz do pontífice,<sup>[cxxxviii]</sup> mantinham o pontificado fraco e impotente.<sup>[294]</sup> E, apesar de alguma vez surgir um papa corajoso, como Sisto,<sup>229</sup> nem a fortuna nem o saber puderam livrá-lo desses incômodos.<sup>[cxxxix]</sup> E a brevidade da vida deles era a razão disso; porque, nos dez anos que, em média, vivia um papa, pouco podia ele fazer para abalar uma das facções; e, se, *verbi gratia*,<sup>230</sup> um deles ameaçasse extinguir os Colonas, outro surgia para reanimá-los, sem que tivesse tempo para consumir a extinção dos Orsínis. Isso fazia com que as forças temporais do papa fossem pouco estimadas na Itália.<sup>[295][cxli]</sup>

Depois, surgiu Alexandre VI,<sup>231</sup> o qual, entre todos os pontífices que houve, mostrou o quanto um papa, com dinheiro e armas,<sup>[296][cxlii]</sup> podia valer-se; e fez, por intermédio do duque Valentino, e por ocasião da passagem dos franceses pela Itália,<sup>232</sup> todas aquelas coisas sobre as quais discorri ao mencionar as ações do duque.<sup>[cxliii]</sup> E, ainda que a intenção do papa não fora a de engrandecer a Igreja, e sim o duque, seu filho, o que fez contribuiu

223. Júlio II, com a ajuda da Santíssima Liga (1511–1512).

224. Carlos VIII, em 1494.

225. Fernando I (reinou entre 1458 e 1494).

226. João Gálea.

227. Dos citados acima: o papa, os venezianos, o rei de Nápoles, o duque de Milão e os florentinos.

228. Isso aconteceu em 1482. Foi uma coligação entre o Este de Ferrara, Ludovico Sforza, Lourenço, o Magnífico, Afonso de Aragão e Sisto IV, contra Veneza, durante a Guerra do Sal (que duraria até 1484). Ver Capítulo II, 3.

229. Sisto IV (1414–1484; no século, Francesco della Rovere), papa de 1471 a 1484.

230. Em latim, no original: “por exemplo”.

231. Cardeal em 1456, Rodrigo Bórgia tornou-se papa com o nome de Alexandre VI, em 11 de agosto de 1492, e morreu em 18 de agosto de 1503 (n. 1431).

232. Guicciardini escreve, no Cap. XI de suas *Histórias florentinas*, que a passagem dos franceses pela Itália fez mudar os Estados (que se tornaram, principalmente, cinco: Igreja, Nápoles, Veneza, Milão e Florença), a maneira de governar e de fazer a guerra.

para a grandeza dela, a qual se tornou herdeira das fadigas do papa, depois de morto ele e extinto o filho.

Veio depois Júlio II,<sup>233</sup> e encontrou a Igreja grande, possuidora de toda a Romanha; os barões de Roma extintos; e, pelas investidas de Alexandre,<sup>[297]</sup> anuladas aquelas facções. Encontrou ainda o caminho aberto para acumular dinheiro,<sup>234</sup> o que jamais havia sido feito até Alexandre. Coisas que Júlio não apenas seguiu, mas ampliou,<sup>[exliii]</sup> e pensou em apoderar-se de Bolonha,<sup>235</sup> extinguir os venezianos<sup>236</sup> e expulsar os franceses da Itália.<sup>237[298][exliv]</sup> E todas essas empresas tiveram bom sucesso, e tanto mais louvor tiveram porque serviram para engrandecer à Igreja e não a algum cidadão privado.<sup>[exlv]</sup> Manteve ainda os partidos dos Orsínis e dos Colonas nas mesmas condições em que os encontrara;<sup>[299]</sup> e, se bem que entre eles existissem alguns chefes que pudessem alterar a situação, ainda assim duas coisas os mantinham sóbrios: uma era a grandeza da Igreja, que os aterrorizava; outra, não terem já os seus cardeais,<sup>238</sup> que eram a origem da discórdia entre eles. Essas duas facções nunca estarão em paz enquanto tiverem cardeais,<sup>[300][exlvi]</sup> pois são eles que alimentam, dentro e fora de Roma, os partidos, e os barões são obrigados a defendê-los. Assim, da ambição dos prelados nascem as discórdias e os tumultos entre os barões.<sup>[301]</sup> Encontrou, então, Sua Santidade, o papa Leão,<sup>239</sup> um pontificado poderosíssimo; e espera-se que, se outros o tornaram grande com as armas, este, com a bondade e outras incontáveis virtudes, o torne grandíssimo e venerável.<sup>[exlvii]</sup>

233. Maquiavel refere-se a Júlio II como o papa seguinte, porque o sucessor imediato de Alexandre, Pio III, exerceu o pontificado por apenas um mês.

234. Graças, sobretudo, à venda de indulgências (remissão de pecados). Poucos anos depois (31 de outubro de 1517), Lutero torna públicas suas 95 teses questionando a autoridade do papa para a concessão de indulgências, fato que deu início à Reforma Protestante. Cf. nota 239.

235. O que logrou fazer no dia 11 de novembro de 1506.

236. Com a Liga de Cambraia (1508–09).

237. Com a Santíssima Liga (1511–12).

238. No entanto, Leão X, em 1517, fez um Cardeal Orsini e outro Colona.

239. Leão X (1475–1521; no século, João de Lourenço de Médici). Papa de 1513 a 1521. Foi ele quem enfrentou Lutero (e o excomungou) e o surgimento do Protestantismo.

## NOTAS de Napoleão Bonaparte:

[291] Ah, se eu pudesse me converter, na França, em Augusto e sumo pontífice da religião!

(G)

[292] Essa ironia merecia, certamente, todos os raios espirituais da potestade temporal do Vaticano. (G)

[293] Entendes mal os interesses de tua reputação, e a corte de Roma não te perdoará por essa história indiscreta. (G)

[294] Reflexões ajuizadas; dignas de reflexão.

[295] É exatamente o que faço. (G)

[296] Em seu tempo e em seu país. (G)

[297] Gostaria de ter feito o mesmo na França. (G)

[298] Eis aqui o que se chama agir como grande homem. (G)

[299] É a única coisa que me convém fazer na França. (PC)

[300] Não seria mal se eu tivesse lá muitos cardeais que me devessem seus barretes encarnados. (PC)

[301] Valer-me-ei dela para o triunfo da minha. (PC)

## NOTAS de Cristina da Suécia:

[exxviii] Todos os príncipes de hoje são, nesse sentido, eclesiásticos. Toda a Itália se encontra nessa situação, e também grande parte da Europa.

[exxix] É possível ser mais desafortunado do que foram os povos do Estado eclesiástico, durante o pontificado de Inocêncio XI?<sup>240</sup>

[exxx] Correto!

[exxxi] Alexandre VI foi um grande papa, digam o que disserem.

[exxxii] Hoje já não se teme mais o poder temporal nem o eclesiástico.

[exxxiii] Esse tempo já passou.

[exxxiv] São muitos potentados.

[exxxv] Justas medidas.

[exxxvi] Coisa que não poderia ser evitada por muito tempo.

[exxxvii] Hoje, não poderiam contar nem consigo próprios [esses potentados].

[exxxviii] Se ainda vivesse, o que diria Maquiavel?

[exxxix] Bom raciocínio!

[exl] Duvida-se de que foram menos estimadas do que hoje.

[exli] O que um papa habilidoso não faz com dinheiro e armas!

[exlii] Seus feitos foram grandes, mas seus meios, censuráveis.

[exliii] Não acredito nisso.

[exliv] Magnânimo papa!

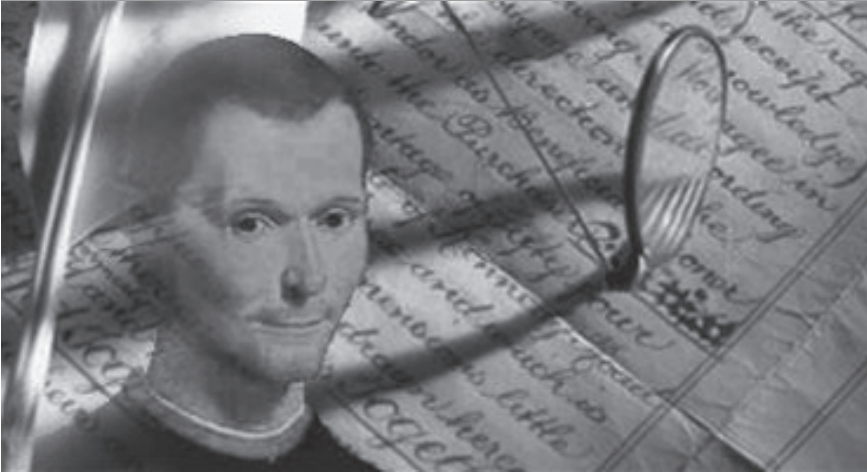
[exlv] Eis aí o verdadeiro dever de um papa.

[exlvi] O importante é isso.

[exlvii] Eis o essencial.

240. No século, Benedetto Odescalchi (1611–1689). Exerceu o pontificado a partir de 1676. A rainha Cristina havia construído um teatro em Roma durante o pontificado de Inocêncio IX, seu amigo. Inocêncio XI, além de transformar o teatro em depósito de grãos, proibiu as mulheres de atuar no teatro e de cantar nas óperas.

## Capítulo XII



Quot sint genera militiae et de  
mercennariis militibus

### De quantas espécies são as milícias, e dos soldados mercenários

Tendo discorrido em particular sobre todas as qualidades daqueles principados dos quais me propus a falar no início,<sup>241</sup> e tendo considerado em algumas partes as razões de serem boas ou más, e mostrado os modos por que muitos procuraram adquiri-los e mantê-los, resta-me agora discorrer, em geral, sobre as ofensas e as defesas de que pode se valer cada um dos principados tratados anteriormente.

Dissemos como a um príncipe é necessário ter os alicerces firmes; senão, é inevitável que caia em ruínas. Os principais alicerces que todos os Estados têm, tanto os novos como os velhos ou mistos, são as boas leis e as boas armas.<sup>242</sup> E porque não pode haver boas leis onde não há boas

241. No Capítulo I.

242. Maquiavel trata sobre isso em outros escritos: *Parole da dirle sopra la provisione del denaio* (1503), *La cagione dell'Ordinanza* (1506), *Discursos* (I, 4.1), *Arte da Guerra* (proêmio).

armas,<sup>243</sup> e onde há boas armas é inevitável que haja boas leis, deixarei para trás as leis e falarei das armas.<sup>[302]</sup>

Digo, pois, que as armas com as quais um príncipe defende o seu Estado ou são suas, ou são mercenárias, ou auxiliares, ou mistas.<sup>244</sup> As mercenárias e auxiliares são inúteis e perigosas;<sup>245[303]</sup> e, se alguém tem um Estado fundado em armas mercenárias, jamais estará firme e seguro; porque elas são desunidas, ambiciosas, indisciplinadas e infiéis; se valentes entre os amigos, cobardes entre os inimigos; não têm temor a Deus<sup>246</sup> e não têm fé nos homens, e [por causa delas] tanto se adia a ruína quanto se adia o ataque; na paz, é-se espoliado por elas; na guerra, pelos inimigos. A razão disso é não terem elas outro amor nem outra razão que as mantenha em campo além de um pouco de soldo, o qual não é o bastante para fazer que queiram morrer pelo príncipe que os contrata.<sup>247</sup> Querem, é claro, ser soldados enquanto não há guerra, mas, quando a guerra surge, querem fugir ou ir-se embora;<sup>[304]</sup> isso não terei muito trabalho para demonstrar, porque a atual ruína da Itália não foi causada senão pelo fato de ter ela, por muitos anos, se firmado em armas mercenárias, as quais trouxeram para alguns algum progresso, e pareciam valorosas quando combatiam entre si; mas, assim que veio o forasteiro, mostraram a ele o que valiam elas, tanto que a Carlos, rei da França, foi lícito tomar a Itália com o giz;<sup>248</sup> e aquele que disse que a causa disso foram os nossos pecados,<sup>249</sup> disse a verdade, ainda que esses pecados não fossem aqueles que ele julgava, mas sim esses que eu narrei; e, como eram pecados de príncipes, os príncipes padeceram as penas.<sup>[305]</sup>

Quero demonstrar melhor a ineficácia dessas armas.<sup>[306]</sup> Os capitães mercenários ou são homens excelentes, ou não; sendo, não merecem confiança, porque sempre aspirarão à própria grandeza; ou oprimindo o seu

243. São estas as primeiras palavras dos *Institutos do Imperador Justiniano*: “*Imperatorium maiestatem non solum armis decoratam, sed etiam legibus oportet esse armatam, ut utrumque tempus et bellorum et pacis recte possit gubernari.*” [A Majestade Imperial deve armar-se com as leis da mesma forma que é glorificada pelas armas, de forma que haja bons governantes tanto em tempos de guerra quanto em tempos de paz.]

244. Neste capítulo, Maquiavel trata dos exércitos de mercenários; dos outros, tratará no capítulo seguinte.

245. “Che fan qui tante pellegrine spade?/perché ‘l verde terreno/del barbarico sangue si depinga?” Petrarca “Italia mia”, *Canzoniere*, 128.

246. Maquiavel escreve, em *Discursos* (I, 11), que os romanos prezavam mais o juramento do que as leis, convencidos de que o poder dos deuses era maior do que o dos homens.

247. Maquiavel repete aqui, quase literalmente, as palavras ditas em *Discursos* I, 43.1.

248. Com facilidade, sem o uso das espadas. “E, como disse o papa reinante, Alexandre, os franceses vieram com esporas de pau e seus furriéis vinham com giz na mão para marcarem os alojamentos sem nenhum contratempo.” Commynes, *Mémoire* VII, 14. Os locais destinados aos alojamentos dos soldados eram marcados com um giz. As esporas de pau eram um enfeite que os moços colocavam nas botas para imitar as esporas dos cavaleiros.

249. Savonarola.

patrono ou oprimindo outros contra a vontade de quem os contratou;<sup>[307]</sup> e a ruína deste será certa se o capitão não for virtuoso. E, se alguém responder que qualquer um que tiver as armas nas mãos fará isso, mercenários ou não, responderei como as armas devem ser operadas por um príncipe ou por uma república. O príncipe deve acompanhá-las pessoalmente,<sup>[308]</sup> e cumprir ele próprio o ofício de capitão;<sup>250</sup> a república deve mandar cidadãos, e, quando enviar um que não se mostre valente, deverá trocá-lo; quando valente, deve pejá-lo com as leis para que não transponha os limites.<sup>251[309]</sup> E, por experiência, veem-se príncipes sós e repúblicas armadas fazerem grandes progressos; e as armas mercenárias, nada além de danos.<sup>[310]</sup> E com mais dificuldades se sujeita a um único cidadão uma república munida de armas próprias,<sup>[311]</sup> do que uma república munida de armas forasteiras.

Roma e Esparta, por muitos séculos, estiveram bem armadas e foram livres.<sup>252</sup> Os suíços estão bem armados e são livres.<sup>253</sup> Sobre as armas mercenárias antigas, podemos citar, *in exemplis*, os cartagineses, que estiveram quase oprimidos por seus soldados mercenários, ao final da primeira guerra com os romanos,<sup>254</sup> ainda que tivessem por chefes os próprios cidadãos. Filipe da Macedônia foi feito capitão pelos tebanos depois da morte de Epaminondas, e, dando-lhes a vitória, tomou-lhes a liberdade.<sup>255</sup>

Os milaneses, após a morte do duque Filipe,<sup>256</sup> assoldaram Francisco Sforza contra os venezianos, que, ao superar os inimigos em Caravágio,<sup>257</sup> juntou-se a eles para oprimir os milaneses, seus patronos.<sup>[312]</sup> Sforza, seu

250. “Um príncipe deve pessoalmente comandar as expedições militares, como fizeram desde o princípio os imperadores romanos e como faz hoje o Grão-Turco...” *Discursos* I, 30.1.

251. Não usurpe o poder. Cf. *Discursos* I, 34.

252. Roma, por três séculos, de Tarquínio aos Gracos (*Discursos* I, 4.1); Esparta, por oito séculos (I, 2.1).

253. Os suíços “são hoje os únicos povos que vivem, quanto à religião e às instituições militares, como os antigos”. *Discursos* I, 12.2.

254. Primeira Guerra Púnica (264–241 a.C.), travada entre os fenícios do norte da África (púnicos), ou cartagineses, e Roma. Foi uma guerra demorada em que se destacou o general cartaginês Amílcar Barca. Roma teve de reforçar a sua esquadra para a guerra e, com a derrota dos cartagineses, tornou-se senhora do Mediterrâneo. Cartago teve de recorrer a exércitos mercenários para travar o conflito. O escritor francês Gustave Flaubert imagina, no romance *Salambô*, o cerco a Cartago por essas tropas mercenárias que esperavam receber o soldo. O episódio encontra-se narrado, também, em *Histórias* I, 65–88, de Políbio, nos *Discursos* III, 32 e na *Arte da Guerra* I, 8.

255. Depois da morte de Epaminondas (362 a.C.), os tebanos juntaram-se a Filipe II da Macedônia para combater a Fócida em 355; três anos depois, o próprio Filipe atacou Tebas e a dominou.

256. Filipe Maria Visconti, duque de Milão.

257. Francesco Sforza venceu os venezianos em Caravaggio em 15 de setembro de 1448.



pai,<sup>258</sup> a soldo da rainha Joana de Nápoles,<sup>259</sup> deixou-a de repente desarmada; e ela, para não perder o reino, foi obrigada a atirar-se nos braços do rei de Aragão.<sup>260[313]</sup> E, se os venezianos e florentinos aumentaram seus impérios por meio dessas armas, e seus capitães não se tornaram príncipes<sup>[314]</sup> em virtude disso, mas os defenderam, respondo que os florentinos, nesse caso, foram favorecidos pela sorte; porque, dos capitães virtuosos que podiam temer, uns não venceram,<sup>[315]</sup> uns tiveram oposição,<sup>[316]</sup> outros dirigiram a ambição para outros lugares.<sup>[317]</sup> Quem não venceu foi João Acuto,<sup>261</sup> e, por não ter vencido, dele não se conheceu a fidelidade; mas todos concordarão que, se tivesse vencido, os florentinos estariam à sua mercê. Sforza sempre teve os Braccios<sup>262</sup> contra si, e vigiando-se uns aos outros.<sup>263[318]</sup> Francisco<sup>[319]</sup> voltou a sua ambição para a Lombardia; Braccio, contra a Igreja e o reino de Nápoles.

Mas vejamos o que aconteceu há pouco tempo.<sup>264[320]</sup> Os florentinos tornaram Paulo Vitelli<sup>265</sup> seu capitão, homem muito prudente e que, de vida privada, havia alcançado grande reputação. Se ele conquistasse Pisa, ninguém negaria a conveniência de os florentinos ficarem sob as ordens dele, porque, se ele se passasse a soldo do inimigo, [os florentinos] não teriam remédio; e se o mantivessem, teriam de obedecê-lo.<sup>[321]</sup> Quem considera os progressos dos venezianos percebe que agiram segura e gloriosamente enquanto fizeram a guerra eles próprios; o que ocorreu antes que dirigis-

258. Múcio Attendolo (1369–1424), fundador da dinastia Sforza e um dos grandes *condottieri* italianos. Esteve a soldo de Joana de Nápoles, mas mudou-se para o lado de Luís III de Anjou, pretendente ao trono de Nápoles.

259. Joana II (1373–1435), coroada no dia 19 de outubro de 1419, uniu-se a Afonso V de Aragão, prometendo-lhe direitos hereditários ao trono de Nápoles, para enfrentar Luís III de Anjou; as relações de Joana e Afonso deterioraram-se posteriormente e a Rainha teve de voltar-se para Luís (e Múcio Attendolo) a fim de poder retomar o trono. Depois da morte da Rainha, Afonso reclamou seu direito ao trono e governou Nápoles.

260. Afonso V, o Magnânimo (1396–1458): rei de Aragão, de Valência, de Mallorca, da Sicília, da Sardenha e de Nápoles, onde reinou entre 1442 e 1458, como Afonso I. Cf. *Arte da Guerra* I, 8.

261. John Hawkwood (1320–1394), mercenário inglês, tornou-se capitão dos florentinos na guerra contra João Galeazzo Visconti (Milão), mas a contenda resolveu-se por um tratado de paz mediado pelo doge de Gênova. O pintor Paulo Ucello erigiu um monumento equestre a Acuto na catedral de Florença em 1436.

262. Braccio de Montone (1368–1424): André Fortebracci.

263. Múcio Attendolo Sforza e André Fortebracci sempre foram inimigos e estiveram no comando de duas escolas militares distintas: uma defendia uma guerra lenta e bem planejada; outra, uma guerra rápida e fulminante.

264. Em 1499, quando os florentinos, sob o comando de Paulo Vitelli, tentaram retomar Pisa.

265. Paulo Vitelli foi capitão-geral das milícias florentinas na guerra contra Pisa. Foi executado em 1499, por traição.



sem suas empresas para a terra firme,<sup>266</sup> quando, com os gentis-homens e com a plebe armada operavam virtuosamente;<sup>[322]</sup> mas, quando passaram a combater em terra, abandonaram aquela virtude e seguiram os costumes das guerras da Itália. E no princípio de sua expansão terrestre, por não possuírem muito Estado e por terem grande reputação, não tinham muito o que temer de seus capitães; mas, ao ampliarem o território, o que aconteceu sob Carmanhola,<sup>267</sup> tiveram a prova desse erro. Porque, vendo-o muito virtuoso, quando sob seu comando bateram o duque de Milão,<sup>268</sup> e percebendo, por outro lado, que ele se vinha mostrando tíbio na guerra, julgaram não ser mais possível vencer com ele, porque a ele faltava a vontade;<sup>[323]</sup> não poder licenciá-lo, por receio de perderem aquilo que haviam conquistado; houveram, então, de matá-lo, por segurança.<sup>[324]</sup> Tiveram depois, por capitães, Bartolomeu de Bérghamo,<sup>269</sup> Roberto de São Severino,<sup>270</sup> o Conde de Pitigliano<sup>271</sup> e outros semelhantes, com os quais deviam temer mais a derrota do que a conquista, como ocorreu depois em Vailà,<sup>272</sup> onde, de um só golpe, perderam o que em oitocentos anos,<sup>[325]</sup> com tanta fadiga, haviam conquistado. Porque, por meio dessas armas, as conquistas são sempre lentas, tardias e fracas, ao passo que as perdas são sempre rápidas e impressionantes.<sup>273</sup>

E, porque apresentei esses exemplos da Itália, a qual foi, durante muitos anos, governada por armas mercenárias, quero discorrer sobre eles de modo geral, para que, vista a origem e os progressos dessas armas, melhor se possam corrigi-las.<sup>[326]</sup> Deveis, então, saber como – desde que nestes últimos tempos o Império começou a ser repellido na Itália<sup>274[327]</sup> e o papa passou a ter autoridade temporal – dividiu-se a Itália em mais Estados;<sup>[328]</sup> porque muitas das grandes cidades tomaram as armas contra os seus nobres, os quais, antes favorecidos pelo imperador, mantinham-nas oprimidas, e a Igreja as favorecia para ganhar reputação no poder temporal;<sup>[329]</sup> de muitas outras, seus cidadãos se tornaram príncipes.<sup>[330]</sup> Consequentemente,

266. No início do século XV, Veneza começou uma política de expansão na península italiana.

267. Francisco Bussone de Carmanhola [Carmignola] (1380–1432). Soldado da fortuna, em 1425 deixou de servir ao Visconde de Milão para lutar pelos venezianos.

268. Na batalha de Maclodio (11 de outubro de 1427).

269. Bartolomeu Colleoni (1400–1475). Sob seu comando, os venezianos foram derrotados em Caravágio.

270. Roberto de São Severino (1418–1487) comandou os venezianos, na Guerra do Sal, contra Ferrara.

271. Nicolau Orsini (1422–1510) foi derrotado pela Liga de Cambraia no dia 14 de maio de 1509, em Agnadello.

272. Vailate, Agnadello.

273. “As rápidas retiradas e as perdas impressionantes.” *Arte da Guerra* VII.

274. Entre os reinados de Henrique VII (1311) e Carlos IV (1355), ambos da dinastia de Luxemburgo.

estando a Itália quase toda nas mãos da Igreja e de algumas repúblicas,<sup>[331]</sup> e estando os padres daquela e os cidadãos destas habituados ao uso das armas, passaram a assoldadar forasteiros. O primeiro que deu reputação a essa espécie de milícia foi Alberico de Conio,<sup>275</sup> da Romanha. Da escola dele, surgiram, entre outros, Braccio e Sforza, que em suas épocas foram árbitros da Itália. Depois deles vieram todos os outros que até aos nossos tempos comandaram essas tropas.<sup>[332]</sup> E, pela virtude delas, a Itália acabou sendo invadida por Carlos, saqueada por Luís, violentada por Fernando e vituperada pelos suíços.<sup>276[333]</sup>

O meio que usaram, no início, para adquirir reputação, foi tirar a reputação da infantaria. Assim fizeram, porque, estando eles sem Estado e vivendo do trabalho, se tivessem poucos infantess não conseguiriam reputação, e, se tivessem muitos, não poderiam alimentá-los;<sup>[334]</sup> portanto, limitaram-se à cavalaria, na qual, com número suportável, foram alimentados e honrados. E as coisas chegaram a um termo que, em um exército de 20 mil soldados, não se encontravam 2 mil infantess.<sup>[335]</sup> Tinham, além disso, usado de todos os meios para afastar de si e dos soldados a fadiga e o medo; não se matavam nos combates, mas faziam-se prisioneiros sem pedir resgate.<sup>[336]</sup> Não atacavam à noite; os das terras não atacavam as tendas,<sup>277</sup> não construíam cercas nem fossos e não saíam a campo no inverno. Todas essas coisas eram permitidas nas suas ordens militares, por eles criadas para fugir, como foi dito, à fadiga e aos perigos.<sup>[337]</sup> Dessa forma, levaram a Itália à escravidão e à desonra.<sup>[338]</sup>

275. Alberico de Barbiano, conde de Conio (1344–1409), fundador da Companhia de São Jorge, primeira companhia italiana de soldados da fortuna. Cf. *História de Florença* I, 34.

276. Carlos VIII, da França, Luís XII, da França, e Fernando V, o Católico.

277. Os defensores das cidades não atacavam os que acampavam fora delas, os sitiantes.

## NOTAS de Napoleão Bonaparte:

[302] Por que Montesquieu, um visionário, não falou de Maquiavel quando tratou dos legisladores? (PC)

[303] Quando não se tem tropas próprias ou quando as mercenárias ou auxiliares são mais numerosas, evidentemente. (G)

[304] Contudo, excetuo disso os suíços. (E)

[305] Nos tempos desse bom homem, qualquer falta, fosse política, fosse moral, era pecado, e não se era mais tolerante com os pecados dos estadistas do que são hoje os jansenistas com os pecados do povo. (G)

[306] São exércitos formados por um predecessor inimigo, que só estão realmente a serviço de alguém porque são pagos. (E)

[307] Que estão entre os seus fiéis. (E)

[308] Sei disso e eles deveriam sabê-lo. Mas sabem? (E)

[309] Não há decreto nem ordem que possa embaraçá-lo. As leis é ele quem dita. (G)

[310] É preciso contar com isso, se mercenários é tudo o que se tem. (E)

[311] Que também pode cair. (G)

[312] Pode-se fazer o mesmo com tropas que só recebem soldo do Estado. Basta infundir-lhes espírito semelhante ao das tropas mercenárias; o que é fácil quando se tem o orçamento militar à disposição, além das contribuições a ele. A facilidade é maior ainda quando as tropas servem em países distantes, onde recebem apenas a influência de seu general. É preciso aproveitar-se disso! (G)

[313] Sejam quais forem os braços em que nos atiremos, mesmo que preencham nosso mais caro desejo, acabarão por fazer-nos mais mal do que bem. (G)

[314] Esse Bartolomeu Colleoni, que teve a possibilidade de tornar-se rei de Veneza, mas não o quis, quase foi chamado de honrado. Que estupidez aconselhar os venezianos, ao morrer, que não dessem a outrem tamanho poder como o que deram a ele! (G)

[315] Convém começar dessa forma. (G)

[316] Depois, veremos se são elas insuperáveis. (G)

[317] O importante é ver o que promete mais. (G)

[318] Era preciso saber destruí-los. (G)

[319] Sublime. O melhor modelo! (PC)

[320] Por que não pudeste seguir-me? (PC)

[321] O Diretório que resmungue e que decrete o que quiser; eu continuarei a ser o que sou, e será preciso certamente que meu exército me obedeça. (G)

[322] Eis a grande vantagem dos recrutamentos. (PC)

[323] Eu teria percebido isso muito mais cedo. (I)

[324] É, de fato, o mais seguro. Devia tê-lo eu feito com mais frequência do que fiz. Duas vezes não bastaram; tudo tenho a recear por não tê-lo feito três vezes pelo menos. (I)

[325] Pior para eles; mas ainda não viram tudo. (G)

[326] Digressão inútil para mim. (G)

[327] Ali restabelecerei o Império. (G)

[328] A divisão desaparecerá. (G)

[329] Gregório VII,<sup>278</sup> em especial, foi muito hábil nisso. (G)

278. São Gregório VII (1020–1085). Papa a partir de 1073. Publicou, em 1075, o *Dictatus Papae*, em que afirma que o papa é senhor absoluto da Igreja (poder espiritual), que o papa é senhor único e supremo do mundo (poder temporal; por causa disso teve muitos embates com o imperador Henrique IV, do Sacro Império) e que a Igreja Romana é infalível.

[330] Atingirei sozinho, e só para mim, esses três objetivos ao mesmo tempo. (G)

[331] Tudo isso há de mudar. (C)

[332] Lamentáveis chefes de foragidos! (G)

[333] Aos que faço tremer, depois de ter feito mais do que esses três monarcas juntos, e contra tropas muito mais valorosas. (C)

[334] Miserável! Lamentável! (G)

[335] Falta-lhes bom senso. Ainda assim os elogiam! (G)

[336] Cobardia! Estultícia! Esfaquear, despedaçar, aniquilar, aterrar... (G)

[337] Quando possível, deve-se fazer o contrário para possuir boas tropas. (G)

[338] Isso tinha de acontecer, de uma forma ou de outra. (G)

## Capítulo XIII



De militibus auxiliariis, mixtis  
et propriis

### Dos soldados auxiliares, mistos e próprios

As armas auxiliares, que são outras forças inúteis,<sup>279</sup> são aquelas que se pede a um poderoso para que com elas venha ajudar e defender a quem pediu;<sup>[339]</sup> como fez em tempos recentes o papa Júlio, que, ao ver na campanha de Ferrara o triste papel representado por suas tropas mercenárias, dirigiu-se às auxiliares e entrou em acordo com Fernando, rei da Espanha, para que, com a sua gente e com as suas armas, o ajudasse.<sup>280</sup> Essas armas podem ser úteis e boas para quem as formou,<sup>[340]</sup> mas para quem a elas recorre, são quase sempre funestas,<sup>281</sup> porque, em se perdendo,

279. Cf. *Discurso* II, 20.1.

280. O papa Júlio II atacou Afonso I d'Este, aliado da França, em 1510, e acabou derrotado. Em virtude disso, organizou a Santíssima Liga, da qual participou também Fernando, o Católico, para combater a França.

281. Tácito chama-os de “*ambiguus auxiliorum animus*” [auxiliares de temperamento suspeito] (*História* IV, 19) e de “*militia sine affectu*” [tropas sem apego] (IV, 31).

fica-se liquidado; em se vencendo, torna-se refém delas.<sup>282[341]</sup> E, ainda que desses exemplos estejam cheias as histórias antigas,<sup>[342]</sup> não quero afastar-me do exemplo recente do papa Júlio II, cuja decisão de entregar Ferrara nas mãos de um forasteiro não podia ser mais desastrosa. Mas a sua boa fortuna fez surgir uma terceira coisa, para que ele não colhesse o fruto de uma decisão errada;<sup>[343]</sup> porque, sendo os seus auxiliares derrotados em Ravena,<sup>283</sup> e aparecendo os suíços que, contrariamente à expectativa dele e dos outros, expulsaram os vencedores,<sup>284</sup> o papa não se tornou prisioneiro dos vencedores, que fugiram, nem das tropas auxiliares,<sup>285</sup> por ter vencido com outras armas que não as delas.<sup>[344]</sup> Os florentinos, estando completamente desarmados, conduziram 10 mil franceses a Pisa para expugná-la;<sup>286</sup> por essa decisão, passaram por um perigo tal que nenhuma de suas empresas, em tempo algum, jamais passou. O imperador de Constantinopla, para opor-se a seus vizinhos, colocou na Grécia 10 mil turcos,<sup>287</sup> os quais, terminada a guerra, não quiseram abandonar o país,<sup>[345]</sup> o que constituiu o início da servidão da Grécia aos infiéis.<sup>[346]</sup>

Aquele, então, que não quiser vencer,<sup>[347]</sup> que se valha dessas armas, porque são muito mais perigosas do que as mercenárias;<sup>288</sup> com aquelas, a ruína é certa, pois são todas unidas e voltadas à obediência a outros; quanto às mercenárias, para que, após a vitória, prejudiquem quem as contratou, precisarão de mais tempo e oportunidade, pois não formam elas um corpo único, sendo encontradas e pagas pelo contratante; e nelas, uma terceira pessoa, feita chefe, não pode em pouco tempo adquirir tanta autoridade que venha a prejudicar quem nesse posto a colocou. Em suma, nas mercenárias é mais perigosa a ignávia; nas auxiliares, a virtude.<sup>[348]</sup> Um príncipe

282. “*Et acciti auxilio Germani sociis pariter atque hostibus servitutem imposuerant.*” [Os germânicos, a quem haviam recorrido para que os ajudassem, impuseram seu jugo aos amigos e aos inimigos.] *História* IV, 73.

283. Os espanhóis foram derrotados na Batalha de Ravena de 11 de abril de 1512. Nela, os franceses perderam seu capitão Gastão de Foix.

284. Os suíços, a soldo do papa, depois de atravessarem o Tirol na Itália, obrigaram os franceses a abandonarem Milão.

285. Os espanhóis.

286. Em 1500, depois que os franceses conquistaram Milão, Florença consegue de Luís XII “um exército numeroso [oito mil homens] de artilheiros franceses e uma infantaria formada de suíços e gascões” (Guicciardini, *Histórias florentinas* XX) para a conquista de Pisa.

287. Em 1341, João Cantacuzeno, nobre bizantino, rebelou-se contra João V Paleólogo. Seguiu-se uma guerra civil na qual intervieram diversos países; entre os seus representantes estavam o rei da Sérvia, o czar da Bulgária e o sultão turco, o qual passou a ajudar Cantacuzeno em 1346. O resultado disso foi a ocupação de Galípoli, no braço europeu do Dardanelos, que serviria de ponto de partida para a futura expansão turca e trancamento do comércio europeu com o Oriente (1453).

288. “De todas as espécies de tropas, as piores são as auxiliares, porque não reconhecem a autoridade do príncipe ou da república que a elas recorre, mas apenas a de quem as envia.” *Discursos* II, 20.1.

sábio, portanto, sempre evita essas armas e se volta para as próprias; prefere perder com elas a vencer com as dos outros, julgando que não seria verdadeira a vitória adquirida com armas alheias.

Não tenho dúvidas em citar César Bórgia e as suas ações.<sup>[349]</sup> Esse duque entrou na Romanha com armas auxiliares, conduzindo para lá tropas francesas; com elas, tomou Ímola e Forlì.<sup>289[350]</sup> mas, não lhe parecendo depois que tais armas fossem seguras, recorreu às mercenárias, julgando nelas encontrar menos perigo; e contratou a dos Orsínis e dos Vitellis, as quais, depois de maneja-las, encontrando-as dúbias, infíeis e perigosas, extinguiu-as e voltou-se para as próprias.<sup>290[351]</sup> Pode-se ver facilmente a diferença que existe entre umas e outras dessas armas, considerando-se a autoridade do duque; quando ele tinha apenas os franceses e, depois, os Orsínis e os Vitellis, sua autoridade era uma; quando ficou com soldados e comando próprios, sua autoridade cresceu; e tornou-se ela maior ainda quando todos viram que ele era senhor absoluto das tropas.

Eu não queria partir de exemplos italianos e recentes, mas também não quero deixar para trás Hierão de Siracusa, um dos que mencionei anteriormente.<sup>[352]</sup> Este, como eu disse, feito pelos siracusanos chefe dos exércitos, conheceu logo como aquela milícia mercenária não era útil, por serem seus chefes idênticos aos nossos italianos; e, parecendo-lhe não poder conservá-los nem deixá-los, fez cortar todos eles em pedaços,<sup>291[353]</sup> passando depois a fazer guerra com armas próprias e não com as alheias.<sup>[354]</sup> Quero, ainda, trazer à lembrança uma figura do Antigo Testamento, que vem a esse propósito.<sup>[355]</sup> Oferecendo-se Davi a Saul para lutar com Golias, provocador filisteu, Saul, para encorajá-lo, revestiu-o com as armaduras que ele, Saul, usava; uma vez envergadas, David as recusou, dizendo que com elas não se podia valer bem de si mesmo, e que gostaria de enfrentar o inimigo com uma funda e uma faca.<sup>292</sup> Enfim, as armas alheias ou caem dos ombros do príncipe ou lhe pesam ou o constroem.

Carlos VII,<sup>293</sup> pai do rei Luís XI, tendo, com fortuna e virtude próprias, dos ingleses libertado a França, conheceu a necessidade de armar-se de forças próprias,<sup>[356]</sup> e organizou em seu reino as tropas de cavalaria e de infantaria.<sup>294</sup> Mais tarde, o rei Luís, seu filho, extinguiu a infantaria e come-

289. César Bórgia tomou Ímola, em dezembro de 1499, e Forlì, em janeiro de 1500, com a ajuda dos franceses, os quais não permitiram que ele se apoderasse de Bolonha.

290. Referência à Conjuração de Magione e às ações consecutivas do Valentino contra os Vitellis e os Orsínis.

291. “Vendo como os antigos mercenários eram infíeis e volúveis, Hierão preparou uma expedição contra os bárbaros que ocupavam Messina. Incitou os mercenários ao ataque e deixou que fossem trucidados pelos bárbaros.” Políbio, VI, 7.

292. 1 Samuel, XVII, 38-40.

293. Carlos VII, rei da França de 1422 a 1461, pôs termo à Guerra dos Cem Anos (1453) e libertou a França do jugo inglês. Cf. *Ritratto di cose di Francia*.

294. Por volta de 1445.

çou a aliciar os suíços,<sup>295[357]</sup> cujo erro, seguido por outros, é, como se vê agora, de fato, o motivo dos perigos daquele reino.<sup>296</sup> Porque, tendo dado reputação aos suíços, aviltou as suas próprias tropas; porque extinguiu as infantarias e sujeitou a cavalaria às armas alheias; porque habituadas a militar com os suíços, às tropas do rei, não parecia possível vencer sem eles.<sup>[358]</sup> Daí decorre que os franceses não bastam contra os suíços, e sem os suíços, a outros não atacam.<sup>297</sup> São, portanto, os exércitos da França, mistos – parte mercenária, parte própria – cujas armas, todas juntas, são muito melhores do que as auxiliares simples ou as mercenárias simples, mas muito inferiores às armas próprias.<sup>[359]</sup> E bastava o exemplo citado, para que o Reino da França fosse insuperável, se a organização militar de Carlos fora desenvolvida ou conservada.<sup>[360]</sup> Mas a pouca prudência dos homens enceta algo que parece bom, sem perceber o veneno que aí existe, como já se disse acima a respeito das febres héticas.<sup>298</sup>

Portanto, aquele que em um principado não conhece os males quando nascem, não é verdadeiramente sábio, e isso é dado a poucos.<sup>[361]</sup> E, se se considerasse a razão primeira da ruína do Império Romano, ver-se-ia ser ela consequência do simples aliciamento de godos,<sup>299</sup> pois, desde então, começaram a enervar-se as forças do Império Romano;<sup>[362]</sup> e toda a virtude que estas perdiam conquistavam aqueles.

Concluo, então, que, sem armas próprias, nenhum principado está seguro;<sup>[363]</sup> pelo contrário, fica totalmente sujeito à fortuna, não havendo virtude que, na adversidade, com lealdade o defenda. Foi sempre opinião e sentença dos homens sábios: “*quod nihil sit tam infirmum aut instabile quam fama potentiae non sua vi nixa*”.<sup>300</sup> As armas próprias são aquelas formadas de súditos, de cidadãos ou de servos do príncipe; todas as outras são mercenárias ou auxiliares.<sup>[364]</sup> O modo de organizar as armas próprias será fácil de encontrar,<sup>[365]</sup> ao se discorrer sobre a organização dos quatro modos acima mencionados,<sup>301</sup> e ao se considerar, como Filipe,<sup>302</sup> pai de

295. Luís XI, o verdadeiro reorganizador da monarquia francesa, reinou de 1461 a 1483. Em 1474, assoldadou suíços para a contenda que mantinha contra Carlos, o Temerário, duque da Borgonha.

296. Derrota de Novara (6 de junho de 1513), de Guinegate (16 de agosto), tomada de Thèrouanne pelos ingleses e imperiais, derrota do rei da Escócia, aliado de Luís XII, em Flodden e invasão suíça à Borgonha.

297. Um exemplo disso ocorreu na Batalha de Novara. Ver *Discursos* II, 18.5.

298. Capítulo, III, 7.

299. Os primeiros godos foram assoldados pelo Império Romano em 376 d.C., governado por Valente. Em 382, Teodósio chegou a incorporar 40 mil godos. Isso seria uma das causas, de acordo com Maquiavel, da queda do Império Romano.

300. Sentença de Tácito (*Anais*, XIII, 19.1): “Não há nada de tão incerto e instável quanto uma fama de poder que não se fundamenta em forças próprias”.

301. Dos parágrafos 3 a 5: César Bórgia, Hierão, Davi e Carlos VII.

302. Filipe II da Macedônia. Cf. Capítulo XII, 5.



Alexandre Magno, e muitas repúblicas e príncipes se armaram e organizaram, é a essas organizações que eu me remeto inteiramente.<sup>[366]</sup>

## NOTAS de Napoleão Bonaparte:

<sup>[339]</sup> É exagero dizê-las inúteis. Pode-se imaginar um meio de infundir-lhes a ideia de uma incorporação às armas próprias, por meio do estratagema de uma confederação ou anexação ao Grande Império. (PC)

<sup>[340]</sup> Isso me basta. (PC)

<sup>[341]</sup> Meu sistema de alianças deve servir para esquivar-me desses inconvenientes. (PC)

<sup>[342]</sup> E deveria eu confirmá-las, quando estava destinado a desmenti-las! (E)

<sup>[343]</sup> Essas terceiras coisas trouxeram apenas desapontamentos à minha boa fortuna. (E)

<sup>[344]</sup> É ser afortunado e vencer como o papa. (G)

<sup>[345]</sup> Certamente faremos o mesmo na Itália; e lá entraremos ao expulsar os aliados. (G)

<sup>[346]</sup> Nesse sentido, a Itália teve melhor sorte. (I)

<sup>[347]</sup> Estúpido! Haveria alguém com esse desejo? (I)

<sup>[348]</sup> Sublime e profundo! (I)

<sup>[349]</sup> Ah!, por que titubearias? Por que não apreciavas suas virtudes morais, por tantos néscios odiadas? Mas o que isso tem que ver com Política? (G)

<sup>[350]</sup> O que não se conquista com essas tropas? Mas seria fácil conservar essas conquistas? (G)

<sup>[351]</sup> Sempre estão à frente de todas as outras. (G)

<sup>[352]</sup> Maquiavel me honra ao mencionar novamente esse herói de minha genealogia. (G)

<sup>[353]</sup> Feliz por tê-lo podido, e ainda mais por tê-lo feito. (I)

<sup>[354]</sup> Não convém nunca dever o mínimo de nossa glória e poder a outrem além de nós mesmos. (G)

<sup>[355]</sup> A escolha desse exemplo é infeliz. (G)

<sup>[356]</sup> Precisam de tempo e de passar por experiências desagradáveis para que entendam o que é indispensável. (E)

<sup>[357]</sup> Tolicie! Mas nem sempre. Tinha ideia do que queria; via a França como um prado que podia ser segado todos os anos até à raiz. Teve também seu homem de Saint-Jean d'Angeli, e se conduziu muito bem na questão de Odet. (PC)

<sup>[358]</sup> Que diferença! Não há nenhum soldado meu que duvide que possa vencer por si só. (I)

<sup>[359]</sup> Em boa parte. (G)

<sup>[360]</sup> Mas agora o é, porque lhe dei uma organização militar ainda melhor. (I)

<sup>[361]</sup> Ainda neste século de tantas luzes... (E)

<sup>[362]</sup> O mesmo julguei à primeira vez que li, na infância, a história dessa decadência. (G)

<sup>[363]</sup> As vossas não são vossas; são minhas. (E)

<sup>[364]</sup> Eles não têm outras, de fato, e as que têm talvez não estejam com eles. (E)

<sup>[365]</sup> Não para eles; pelo menos não tão cedo. (E)

<sup>[366]</sup> Está bem, mas seria melhor se te referisses a mim. (PC)



## Capítulo XIV



Quod principem deceat  
circa militiam

### O que compete a um príncipe acerca da milícia

**D**eve, então, um príncipe não ter outro objeto nem outro pensamento, nem tomar coisa alguma para fazer, senão a guerra, a organização e a disciplina dela,<sup>[367]</sup> porque essa é a única arte que se espera de quem comanda.<sup>303</sup> E é de tanta virtude, que não apenas mantém aqueles que nasceram príncipes, mas muitas vezes faz os homens de privada fortuna alcançarem aquele posto,<sup>[368]</sup> e, ao contrário, vê-se que, quando os príncipes pensam mais em delicadezas do que nas armas, perdem o seu Estado.<sup>304[369]</sup> A razão primeira que o faz perder o Estado é negligenciar essa arte, e a razão que o faz conquistá-lo é ser mestre nessa arte. Francisco

303. Tácito conta-nos (*Anais* XIII) que um príncipe da Trácia dizia não ser diferente de nenhum de seus cavaleiros em época de paz; que Nero, nos primórdios de seu reinado, acompanhava pessoalmente seus exércitos; e, no livro XV, que Tiridates, rei da Armênia, costumava dizer que nenhum príncipe deve manter-se pelas artes da paz apenas.

304. “Os nossos príncipes italianos acreditavam, antes que provassem o golpe da guerra trasmontana, que bastava...” (ler, escrever, pensar, planejar, tramar, etc.). *Arte da Guerra* VII.

Sforza, por estar armado, de privado tornou-se duque de Milão;<sup>[370]</sup> os filhos, para fugir às fadigas das armas, de duques, tornaram-se privados.<sup>305[371]</sup> Porque, entre outros males, o estar desarmado envilece o príncipe;<sup>[372]</sup> isso é uma daquelas infâmias das quais o príncipe se deve resguardar, como se dirá abaixo.<sup>306</sup> Porque, se não há proporção entre o armado e o desarmado, não é razoável que quem esteja armado obedeça com prazer a quem está desarmado,<sup>[373]</sup> e que o desarmado sinta-se seguro entre servidores armados.<sup>[374]</sup> Pois, havendo, de um lado, desdém e, de outro, despeito, não é possível que aqueles operem juntos.<sup>[375]</sup> E, ainda, um príncipe que de milícias não entenda, entre outras infelicidades, como se disse, não pode ser estimado pelos soldados, nem se fiar neles.

Não deve o príncipe, portanto, desviar o pensamento do exercício da guerra, e deve exercitá-lo ainda mais na paz, o que pode fazer de dois modos: com obras e com a mente.<sup>[376]</sup> Quanto às obras, além de manter organizados e exercitados os seus, deve estar sempre em caçadas, para acostumar o corpo às fadigas, conhecer a natureza dos lugares e saber como surgem os montes, como se abrem os vales, como se estendem as planícies, e entender a natureza dos rios e dos pântanos, pondo muita atenção em tudo isso.<sup>[377]</sup> Esses conhecimentos são úteis de duas maneiras: primeiro, aprende-se a conhecer o próprio país, entendendo melhor as suas defesas; e, mediante o conhecimento prático desses lugares, com facilidade compreenderá todos os outros que tiver de conhecer, porque as colinas, os vales, as planícies, os rios e os pântanos que existem, por exemplo, na Toscana, têm com as outras províncias certa semelhança; portanto, do conhecimento do terreno de uma província pode-se facilmente conhecer as outras.<sup>[378]</sup> E, ao príncipe que ignora esses conhecimentos, falta a coisa primeira que precisa ter um capitão; porque esses conhecimentos o ensinam a encontrar o inimigo, onde estabelecer acampamentos,<sup>307</sup> por onde conduzir os exércitos, como ordenar as jornadas e assediar com vantagem as cidades.<sup>308[379]</sup>

Filopêmenes, príncipe dos aqueus,<sup>309</sup> tinha, entre as virtudes que lhe atribuíram os escritores, a de nos tempos de paz não pensar senão na

305. Ludovico, o Mouro, filho de Francisco Sforza, que perdeu o ducado em 1499.

306. Tácito (*Anais* VI) menciona que o rei dos partos desprezava o imperador Tibério, que, por estar muito velho, não poderia mais andar à guerra: “*senectutem Tiberii ut inermem despiciens*”.

307. *Arte da Guerra* VI.

308. “*Loca castris ipse capere, aestuaria ac silvas ipse praetemptare*.” [Ele próprio (Agrícola) escolhia a posição nos campos e explorava os estuários e as florestas.] *Agrícola* 20.

309. Filopêmenes de Megalópolis (253–182 a.C.), estrategista da liga aqueia. Foi definido, por Plutarco, como o último dos gregos.

guerra;<sup>310[380]</sup> e, quando estava em campo com os amigos, frequentemente parava e falava a eles: “Se os inimigos estivessem sobre aquela colina, e nós nos encontrássemos aqui com nosso exército, quem de nós estaria em vantagem?<sup>311</sup> Como se poderia ir ao encontro deles, mantendo a ordem? Se nos quiséssemos retirar, como deveríamos fazê-lo? Se eles se retirassem, como faríamos para persegui-los?”<sup>[381]</sup> E propunha-lhes, enquanto andavam, todos os casos que pudessem ocorrer em um exército; ouvia a opinião de todos, mostrava a dele e corroborava-a com argumentos, de tal maneira que, por essas contínuas cogitações, não podia jamais, guiando os exércitos, surgir nenhum acidente do qual ele não tivesse o remédio.<sup>[382]</sup>

Mas, quanto ao exercício da mente, deve o príncipe ler as histórias<sup>[383]</sup> e nelas considerar as ações dos homens excelentes, ver como se conduziram nas guerras, examinar as razões da vitória e das derrotas, para a estas evitar, e àquelas imitar; e, sobretudo, deve ele fazer como fizeram antes dele os homens excelentes, que imitaram outros anteriormente louvados ou glorificados por gestos e ações.<sup>[384]</sup> Dessa forma, Alexandre Magno imitou Aquiles;<sup>312</sup> César imitou Alexandre;<sup>313</sup> Cipião imitou Ciro.<sup>314</sup> E quem lê a vida de Ciro, escrita por Xenofonte,<sup>315</sup> reconhece, depois, na vida de Cipião, o quanto aquela imitação lhe valeu para a glória, e quanto na castidade, afabilidade, humanidade e liberalidade Cipião se assemelhava àquelas coisas que Xenofonte escreveu de Ciro.<sup>[385]</sup>

Tais modos um príncipe sábio deve observar, e nunca nos tempos de paz permanecer ocioso; mas, com habilidade, adquirir conhecimento que lhe seja útil nas adversidades, para que, quando a fortuna mudar, ele se encontre pronto para suportá-la.

310. Maquiavel traduz aqui as palavras de Tito Lívio: “*Nec belli tantum temporibus sed etiam in pace ad id maxime animum exercuerat.*” *História de Roma* XXXV, 28. “*Igitur qui desiderat pacem, praeparet bellum.*” [Aquele que deseja a paz, prepara a guerra.] Vegétio, *Epitoma* III. “Mesmo na guerra, deve preservar-se a possibilidade da paz.” Hegel, *Princípios da filosofia do Direito* §338.

311. “Conhecer o terreno significa saber se a distância é grande ou pequena; se há perigo ou segurança; se o terreno é aberto ou se as passagens são estreitas; se há maior probabilidade de viver ou de morrer.” Sun Tzu, *Arte da Guerra* I.

312. Plutarco, *Vidas paralelas*, “Alexandre”, VIII; Quinto Cúrcio, *De rebus Alexandri* IV, 4.

313. Suetônio, *Divus Julius* VII. Plutarco, “César”, XI.

314. Cícero, *Ad Quintum fratrem* I, 8.23.

315. *Ciropédia*.

## NOTAS de Napoleão Bonaparte:

[367] Dizem que irei escrever minhas memórias. Eu? Escrever? Consideram-me um tolo? Há muito tempo, meu irmão Luciano vem escrevendo versos. Ocupar-se de semelhantes puerilidades é renunciar a reinar.<sup>316</sup> (I)

[368] Demonstrei as duas coisas. (I)

[369] Infalivelmente. (E)

[370] Eu também. (E)

[371] Como eles, em breve. (E)

[372] A espada e as dragonas não o evitam, quando são tudo que se possui. (I)

[373] Como não percebê-lo? (E)

[374] E acreditam estar. (E)

[375] Ainda que eu não estivesse. (E)

[376] Maquiavel! Que segredo lhes revelas! Mas não te leram, nem lerão jamais. (E)

[377] Aproveitei-me de teus conselhos. (I)

[378] Acrescentem-se a isso boas cartas topográficas. (G)

[379] Terei me aproveitado bem dos teus conselhos? (G)

[380] Mesmo dormindo, penso nisso... quando consigo dormir. (G)

[381] Quantas vezes não fiz o mesmo, desde a juventude? (I)

[382] Não se pode nunca prever todos. Mas o remédio, por mais que custe, sempre se encontra. (G)

[383] Desgraçado do estadista que não as lê! (E)

[384] Por que não imitar mais do que um, se se pretende ser maior do que todos? Carlos Magno me cai bem, mas César, Átila e Tamerlão não merecem ser desprezados. (G)

[385] Observação estúpida. (G)

---

316. Posteriormente, no exílio de Santa Helena, Napoleão, despojado definitivamente do trono, escreveu de fato as suas memórias.

## Capítulo XV



De his rebus quibus homines et praesertim  
principes laudantur aut vituperantur

Daquelas coisas pelas quais os  
homens, e especialmente os  
príncipes, são louvados  
ou vituperados

**R**esta ver agora quais devem ser os modos e condutas de um príncipe para com os súditos e os amigos. E, porque sei que, sobre isso, muitos já escreveram,<sup>317</sup> duvido, escrevendo ainda eu, não ser julgado presunçoso, sobretudo por distanciar-me, nessa matéria, dos princípios

317. Este capítulo trata da política utópica. Ao dizer que muitos escreveram sobre isso, Maquiavel usa, propositadamente, de generalização. No entanto, há um escrito de Cícero que trata da questão: “*Cyrus ille a Xenophonte non ad historiae fidem scriptus est, sed ad effigiem iusti imperii.*” [Ciro (foi) retratado por Xenofonte, não como um personagem histórico, mas como modelo de governo justo.] Cícero, *Ad Quintum fratrem* I, 1.8.

alheios.<sup>[386]</sup> Mas, sendo minha intenção escrever algo de útil a quem se interesse, pareceu-me conveniente orientar-me mais pela verdade efetiva<sup>318</sup> dos fatos,<sup>[387]</sup> do que pela imaginada.<sup>[388]</sup> Porque muitos imaginaram repúblicas e principados nunca vistos ou conhecidos de fato,<sup>319[389]</sup> pois, havendo grande distância entre como se vive e como se deveria viver, aquele que deixa aquilo que faz por aquilo que deve fazer<sup>320</sup> conhece a ruína em vez da preservação; e um homem que em todas as situações professa o bem inevitavelmente conhece a ruína entre os iníquos.<sup>[390]</sup> É, portanto, necessário a um príncipe que queira manter-se ter ciência de como não ser bom e fazer uso ou não da benevolência, segundo a necessidade.<sup>[391]</sup>

Deixando, então, de lado as coisas imaginadas sobre um príncipe, e discorrendo sobre aquelas que são verdadeiras, digo que todos os homens, e principalmente os príncipes, por terem postos mais altos, são julgados por certas qualidades que lhes acarretam reprovação ou louvor. Pois alguns serão considerados liberais; outros, míseros (valendo-me de um termo toscano,<sup>321</sup> porque *avaro*,<sup>322</sup> em nossa língua<sup>323</sup> é ainda aquele que por rapina deseja possuir, e *misero*<sup>324</sup> chamamos nós àquele que se abstém demais em usar o que é seu); uns são tidos como generosos, outros, como rapaces;

318. No original, *verità effettuale*. Neologismo que se consagrou.

319. Embora não se saiba a quem Maquiavel se refere, alguns estudiosos aventaram hipóteses: *Vita civile*, de Matteo Palmieri; *Dialogo del reggimento di Firenze*, de Guicciardini; e *Sommario della storia d'Italia*, de Vettori (em que o autor menciona a República imaginária de Platão).

320. “*Nam cunctas nationes et urbes populus aut primores aut singuli regunt: delecta ex iis et consociata rei publicae forma laudari facilius quam evenire, vel si evenit, haud diuturna esse potest.*” [Todos os Estados e cidades são governados pelo povo, pela nobreza ou por um homem. Uma constituição, formada pela seleção desses elementos, é fácil de desejar-se, mas não de produzir; e, se produzida, não durará.] *Anais* IV, 33.

321. O toscano foi o dialeto usado como base para a formação da língua italiana, sobretudo por causa dos grandes escritores do *trecento* que escreveram em dialeto toscano. No entanto, essa língua italiana era uma língua artificial, usada na literatura. No decorrer dos séculos, foi-se desenvolvendo, com outros escritores, como o próprio Maquiavel, que davam importância também à língua falada, e recebendo influências de outros dialetos da Península. O escritor romântico Alessandro Manzoni compôs um livro, *I promessi sposi*, em toscano com certa mistura dos dialetos lombardos que foi modificando para torná-lo mais próximo do toscano literário. Essa língua de Manzoni foi, de certa forma, adotada como a língua oficial, quando o país começou a existir, em 1871, no *Risorgimento*. Hoje, a língua italiana é, fundamentalmente, toscana, mas sofreu influência de outros dialetos e do falar de Roma. O termo toscano a que se refere Maquiavel é do toscano falado além de Florença.

322. *Avaro*, em florentino; corresponde a “ávido” em português. Em toscano (fora de Florença), significa o mesmo que em português. No italiano atual, tem os dois sentidos.

323. Italiano, ou toscano de Florença.

324. *Misero*, no original florentino; corresponde ao “avaro” do português e do toscano. No italiano de hoje, como no florentino da época, tem os dois sentidos. Maquiavel usou um “toscanismo” para evitar a ambiguidade do termo.



uns cruéis, outros piedosos; um é traidor, o outro leal; um efeminado e pusilânime, outro feroz e animoso; um humano, o outro soberbo; um lascivo, o outro casto; um sincero, o outro astuto; um duro, o outro fácil; um grave, o outro leviano; um religioso, o outro incrédulo, e assim por diante.<sup>[392]</sup> E sei que se dirá que muito louvável seria encontrar em um príncipe, de todas as qualidades acima citadas, apenas aquelas que são consideradas boas;<sup>[393]</sup> mas, por não ser possível tê-las todas, nem observá-las inteiramente, devido à própria condição humana que não o consente, é, ao príncipe, necessária prudência para evitar a infâmia dos vícios que redundariam na perda do Estado,<sup>[394]</sup> e praticar as virtudes que lho assegurariam e o protegeriam, se lhe for possível. Mas, se não for, não deverá preocupar-se muito.<sup>[395]</sup> Pois quem cuida demasiado em evitar a infâmia daqueles vícios, sem os quais dificilmente se pode manter o Estado, incorre em algo que pode parecer virtude, mas que, seguido, leva à ruína, e esquiva-se de algo que parece vício, mas que, seguido, promove a segurança e o bem-estar.<sup>325</sup>

325. Cf. *Discursos*, “Introdução” e I, 27.

---

## NOTAS de Napoleão Bonaparte:

[386] Primeira advertência que se deve fazer para entender bem Maquiavel. (PC)

[387] Ver, em todas as coisas, as coisas como elas são. (PC)

[388] Os de Platão, na prática, quase não valem mais do que os de Jean-Jacques.<sup>326</sup> (PC)

[389] Os profetas da moral e da filosofia julgam os estadistas como se julgassem a si próprios. (PC)

[390] Se nem todos são maus; os recursos e a ação dos iníquos fazem com que todos pareçam maus. Os mais perversos são, amiúde, os que, ao nosso lado, aparentam ser os mais virtuosos. (I)

[391] Digam o que quiserem; o essencial é manter a boa ordem do Estado. (PC)

[392] Escolhei se puderdes. (PC)

[393] Sim, como Luís XVI; mas também se acaba perdendo o reino e a cabeça. (I)

[394] Conselho de moralista. (I)

[395] Quanto a isso, faço pouco do que vierem a dizer. (I)

---

326. Rousseau.



### De liberalitate et parsimonia

## Da liberalidade e da parcimônia

**P**ara começar, pois, com as primeiras qualidades acima descritas, direi em que condições é bom ser considerado liberal; contudo, a liberalidade, usada para que mereçamos o juízo de liberal, prejudicamos; porque, se praticada como virtude e como se deve, ela não se torna conhecida, não nos recaindo, portanto, o pejo do seu contrário.<sup>[396]</sup> Se quisermos, no entanto, entre os homens ser considerados liberais, será preciso não nos furtarmos a nenhuma demonstração de suntuosidade, de tal forma que um príncipe assim procedendo consumirá em semelhantes obras todos os seus recursos, e terá necessidade, no fim, se quiser manter o nome de liberal, de sobrecarregar o povo de impostos e de fazer todas aquelas coisas que se podem fazer para ter dinheiro.<sup>327</sup> Aos poucos, ele se tornará odiado por seus súditos<sup>[397]</sup> e, empobrecido, acabará pouco estimado por todos;<sup>328[398]</sup> de modo que, com sua liberalidade, tendo ofendido muitos e premiado poucos, vacilará diante dos primeiros obstáculos<sup>[399]</sup> e estará em

327. “*Aerarium, quod si ambitione exhauserimus, per scelera supplendum erit.*” [O erário, que por uso indevido exaurimos, será recomposto por crimes.] *Anais* II, 38.

328. Provável referência ao imperador Maximiliano, do Sacro Império.

perigo diante dos primeiros contratempos;<sup>329</sup> mas, ao dar-se conta disso e querendo recuar, incorrerá logo na infâmia de mísero.<sup>330[400]</sup> Um príncipe, portanto, não podendo valer-se, sem dano, da virtude da liberalidade de maneira que seja reconhecida, deverá, se for prudente, ignorar a reputação de mísero, porque, com o tempo, voltará a ser visto como liberal, pois o povo saberá que, com parcimônia, a receita do príncipe é suficiente; com ela, pode defender-se de quem lhe move guerra e realizar obras sem sobrecarregar o povo;<sup>[401]</sup> dessa forma, pratica a liberalidade para com todos aqueles de quem nada tira, que são numerosos, e leva a miséria<sup>331</sup> a todos aqueles a quem dá, que são poucos.<sup>[402]</sup>

Em nossa época, não fizeram grandes obras senão os reputados miseráveis; os outros acabaram na ruína. O papa Júlio II foi tido como liberal até atingir o papado;<sup>[403]</sup> não cuidou depois da reputação, para ir à guerra. O atual rei da França<sup>332</sup> fez tantas guerras sem impor um tributo extraordinário aos seus, somente porque às supérfluas despesas administrou a sua longa parcimônia.<sup>[404]</sup> O atual rei da Espanha,<sup>333</sup> se fosse tido como liberal, não poderia lançar-se a tantos empreendimentos, nem lográ-los.<sup>[405]</sup> Portanto, um príncipe deve gastar pouco, para não ter de roubar dos súditos; para poder defender-se, para não tornar-se pobre, para não ser forçado a tornar-se rapace, mesmo incorrendo na fama de miserável, pois esse é um daqueles vícios que o permitem reinar.<sup>[406]</sup> E, se alguém dissesse que César, com a liberalidade, chegou ao Império,<sup>334[407]</sup> e que muitos outros, por terem sido liberais e reconhecidos como tais, atingiram altíssimos postos, eu responderia: ou já és um príncipe, ou logo o serás. No primeiro caso, essa liberalidade é danosa;<sup>335</sup> no segundo, é um bem necessário ser liberal e assim reconhecido.<sup>[408]</sup> E César era um daqueles que queriam chegar ao principado

329. “*Falluntur quibus luxuria specie liberalitatis imponit: perdere iste sciet, donare nesciet.*” [Sua luxúria se impôs pela falsa demonstração de liberalidade; ele saberá como desperdiçar, mas não saberá como dar.] *História* I, 30.

330. Como no capítulo anterior, com o sentido de “avaro”.

331. Avareza.

332. Luís XII.

333. Fernando, o Católico. Definido como avaro por Vettori, na carta de 26 de agosto de 1513.

334. Plutarco, *Vidas*, “Caio Júlio César”, IV e V.

335. “*Simplicitas ac liberalitas, quae, ni adsit modus, in exitium vertuntur.*” [Simplicidade e liberalidade, qualidades que levam um homem à ruína.] *História* III, 86. “*Luxuria etiam principi onerosa.*” [A luxúria seria onerosa até mesmo para um príncipe.] *História* I, 21. “*Pecunias distribuit parce nec ut periturus.*” [Ele distribuía dinheiro com parcimônia e cuidado.] *História* II, 48.

de Roma;<sup>336</sup> mas, se, depois que lá chegou, tivesse sobrevivido,<sup>337</sup> e não se tornasse comedido nas despesas, teria destruído aquele Império.

E, se alguém replicasse que muitos foram os príncipes que com seus exércitos fizeram grandes coisas<sup>[409]</sup> e eram reputados de liberais, eu responderia: ou o príncipe gasta do seu e dos súditos, ou gasta de outros; no primeiro caso, deve ser parcimonioso;<sup>338</sup> no segundo, não deve deixar de lado nenhuma liberalidade.<sup>[410]</sup> Mas, àquele príncipe que marcha com seus exércitos, que se mantém da rapinagem, dos saques e dos resgates e maneja os bens dos outros, essa liberalidade é necessária; caso contrário, não seria seguido pelos soldados.<sup>[411]</sup> Contudo, em relação àquilo que não é dele, nem de seus súditos, o príncipe pode agir com liberalidade, como o fizeram Ciro, César e Alexandre;<sup>[412]</sup> porque gastar aquilo que é dos outros não tolhe ao príncipe reputação, mas acrescenta-lhe;<sup>[413]</sup> apenas o prejudica gastar o que é dele próprio. Não há coisa no mundo que consome mais a si mesma do que a liberalidade; se o príncipe faz uso dela, logo perde a faculdade de usá-la, pois se torna pobre ou desprezado;<sup>[414]</sup> se a evita para evitar a pobreza, torna-se rapace e odiado.<sup>[415]</sup> E, entre as coisas que um príncipe deve evitar, estão ser desprezado e ser odiado; e a liberalidade a uma e a outra coisa o conduz. Portanto, é mais sábio suportar a reputação de mísero e incorrer em uma infâmia sem ódio do que, por almejar a reputação de liberal, tornar-se rapace e, conseqüentemente, incorrer em uma infâmia com ódio.<sup>[416]</sup>

336. “Por três vezes, ofereci-lhe a coroa de rei, e ele, por três vezes, recusou-a.” Shakespeare, *Júlio César* III, 2. Júlio César queria manter vivas algumas instituições republicanas e recusava o título de imperador. Foi morto no Senado por ser uma ameaça à República, mas foi justamente a sua morte que decretou o fim da República e início do Império. O primeiro imperador, Otávio Augusto, recebeu o título de César, que passou a ser sinônimo de imperador.

337. César consolidou seu poder como “ditador vitalício” de Roma. Foi assassinado em 44 a.C.

338. “*Pecuniae alienae non adpetens, suae parcus, publicae avarus.*” [Não desejava o dinheiro dos outros; com o dele, era parcimonioso; com o (dinheiro) público, avaro.] *História* I, 49.

## NOTAS de Napoleão Bonaparte:

- [396] És também muito dogmático. De que vale ser liberal por ganância ou vaidade? (PC)
- [397] Isso me atinge de certa forma; mas recuperarei a estima com feitos fantasiosos. (I)
- [398] Irei em busca de dinheiro a todos os países estrangeiros. (I)
- [399] Ave de mau agouro; mentiste sobre isso. (I)
- [400] Apenas eu me inquietaria com isso. (I)
- [401] Falta de coragem! (I)
- [402] Pobre homem! (I)
- [403] A palavra liberal, em sentido metafísico, quase me serviu para o mesmo propósito. As expressões “ideias liberais”, “pensamento liberal”, que não causam estragos e enfeitam o ideólogo, são, no entanto, de minha autoria. Esse talismã, inventado por mim, só serve à minha causa e defende apenas o meu reinado, mesmo em poder daqueles que porventura me destronarem. (E)
- [404] Ideia mesquinha! (I)
- [405] Estupidez.
- [406] Não é com esse vício que eu mais contaria. (I)
- [407] Meus generais sabem o que lhes dei anteriormente, conferindo-lhes ducados e insígnias de marechais. (I)
- [408] E fui, com ações e palavras. Como os tolos se enganam com a falsa aparência das ideias liberais! (PC)
- [409] Julguem-me! (PC)
- [410] Quem o fez melhor do que eu? (I)
- [411] Eis aqui o segredo da autorização que dei para os saques e as pilhagens. Eu lhes dava tanto quanto podiam tomar; por isso me tinham em muita estima. (E)
- [412] E eu. (I)
- [413] Acrescenta-lhe reputação e riqueza. (I)
- [414] Quando não conhece outros meios para alimentá-la. (I)
- [415] Isso pouco me inquieta. (I)
- [416] Pouco me importa; terei sempre o apreço e o amor dos meus soldados... senadores, prefeitos, etc. (I)

## Capítulo XVII



De crudelitate et pietate;  
et an sit melius  
amari quam timeri,  
vel e contra

---

Da crueldade e da piedade,  
e se é melhor ser amado  
do que temido, ou antes temido  
do que amado

**V**oltando às outras qualidades já mencionadas, digo que cada príncipe deve desejar que o considerem piedoso e não cruel; não obstante, deve cuidar para o bom uso dessa piedade.<sup>[417]</sup> César Bórgia

era considerado cruel; entretanto, tal crueldade serviu-lhe para reorganizar a Romanha,<sup>339</sup> unindo-a e submetendo-a à paz e à fê.<sup>[418]</sup> O que, bem considerado, mostra-o mais piedoso do que o povo florentino, o qual, para não ser considerado cruel, permitiu a destruição de Pistoia.<sup>340</sup> Não deve, portanto, um príncipe preocupar-se com a má fama de cruel,<sup>[419]</sup> para manter os súditos unidos e fiéis; porque, com pouquíssimos exemplos,<sup>341</sup> será mais piedoso que aqueles que, por demasiada piedade, deixam andarem as desordens, das quais nascem os assassínios ou as rapinas; pois essas coisas a todos prejudicam, e os assassínios que partem do príncipe apenas a um prejudicam.<sup>[420]</sup> E, dentre todos os príncipes, ao príncipe novo é impossível evitar a fama de cruel,<sup>[421]</sup> por serem os Estados novos cheios de perigos.<sup>342</sup> E Virgílio, pela boca de Dido, diz:

*Res dura, et regni novitas me talia cogunt  
Moliri, et late fines custode tueri*.”<sup>343[422]</sup>

Não obstante, deve ser ponderado ao acreditar e ao agir; destemido, deve proceder de modo temperado, com prudência e humanidade,<sup>[423]</sup> de forma que a demasiada confiança não o torne incauto e a demasiada desconfiança não o torne intolerável.<sup>[424]</sup>

Nasce, a partir daí, uma disputa: se é melhor ser amado que temido, ou o contrário.<sup>344[425]</sup> Responde-se que o desejável é ser uma coisa e outra; mas, como é difícil reuni-las, muito mais seguro é ser temido do que amado, quando é preciso abster-se de uma das duas.<sup>[426]</sup> Porque, dos homens, pode-se dizer, geralmente,<sup>345</sup> que são ingratos, inconstantes, simulados e dissimulados,<sup>346</sup> tementes do perigo, ávidos pelo lucro;<sup>[427]</sup> e, enquanto se lhes faz o bem, pertencem ao príncipe, oferecem-lhe o sangue, a roupa, a

339. Ver Capítulo VII, 7; cf. *Discursos* III, 29.1.

340. A política de Florença em relação a Pistoia foi sempre a de manter a cisão das duas facções rivais (Panciatichi e Cancellieri). Consequentemente, a cidade foi destruída por uma guerra civil. Cf. *Discursos* III, 27.2.

341. Ou seja: com algumas execuções exemplares. A de Ramiro de Lorqua, por ordem do Valentino. Ver Capítulo VII, 7.

342. Tácito dizia que todos os príncipes novos apoiavam-se em um trono cambaleante e estavam expostos a toda sorte de perigos e incidentes. *Anais* I, 17. Luís XI, por sua vez, dizia que todo príncipe deve, no início de seu reinado, agir com rigor; caso contrário, acabaria ao lado dos príncipes desafortunados de que Boccaccio falava.

343. “Por ser recente o meu Estado e dura a situação das coisas, devo agir com rigor e guarnecer as fronteiras.” Ou, na tradução de Odorico Mendes: “Recente o estado/Ao rigor me constrange, e a defender-nos/Guarnecendo as fronteiras.” Virgílio, *Eneida*, I, 563-564 (591-593).

344. Cf. *Discursos* III, 19.

345. Cf. *Discursos* I, 3.1.

346. “*Simulatori ac dissimulatori*.” Salústio, *A conjuração de Catilina*, V, 4.



vida e os próprios filhos,<sup>347[428]</sup> quando a necessidade está distante, como se disse antes;<sup>348</sup> mas, quando esta se aproxima, eles se revoltam. E aquele príncipe, que se fundou nas palavras deles, encontrando-se privado de outras formas de defesas, arruína-se;<sup>349</sup> porque as amizades que se adquirem por interesse, e não pela grandeza e nobreza da alma,<sup>350</sup> têm mérito,<sup>349</sup> mas com elas não se pode contar, e, no tempo oportuno, não se pode utilizá-las.<sup>350</sup> E os homens cuidam menos em ofender aquele que se faz amar do que aquele que se faz temido;<sup>351[431]</sup> porque o amor é um vínculo de obrigação que os homens, por serem maus, rompem na primeira oportunidade;<sup>352</sup> mas o temor é alimentado pelo medo ao castigo de que se faz acompanhar.<sup>353</sup>

Deve, não obstante, o príncipe fazer-se temido de modo que, se não conquista o amor, evita o ódio,<sup>353</sup> porque pode muito bem ser temido sem ser odiado ao mesmo tempo; o que fará sempre, quando se absteriver dos bens e das mulheres dos seus cidadãos e dos seus súditos;<sup>353[434]</sup> e se precisar mesmo derramar o sangue de alguém, faça-o quando houver justificação conveniente e causa manifesta;<sup>355</sup> mas, sobretudo, abstenha-se dos bens alheios;<sup>356</sup> porque os homens se esquecem mais rapidamente da morte do pai do que da perda do patrimônio.<sup>357</sup> Além disso, nunca faltam motivos para arrebatarem-se os bens alheios; e, sempre, aquele que começa a viver da rapina, encontra motivos para ocupar-se disso;<sup>358</sup> não obstante, as ações contra o sangue são mais raras e esgotam-se mais rapidamente.<sup>359</sup>

Mas, quando o príncipe está à frente de seus exércitos e comanda uma multidão de soldados, tem por obrigação não se preocupar com o lustre de

347. Pítio, que havia doado grande riqueza a Xerxes, pediu ao soberano que o deixasse ficar com o primogênito para que tivesse um amparo na velhice; Xerxes respondeu-lhe que seus próprios filhos seguiam com ele para a guerra, e mandou que se procurasse o primogênito de Pítio e o cortasse em dois. Heródoto, *Histórias* VII, 38, 39.

348. Capítulo IX, 7.

349. Do latim, *meritum*, i, “lucro”. “As repúblicas e os príncipes verdadeiramente poderosos não compram amizades com dinheiro, mas com a virtude e com a reputação da força.” *Discursos* II, 30.

350. “*Inerat tamen simplicitas ac liberalitas, quae, ni adsit modus, in exitium vertuntur. Magnitudine munerum, non constantia morum contineri putat...*” [Era, contudo, dotado de sinceridade e generosidade, qualidades que podem levar um homem à ruína se não temperá-las com a cautela. Acreditando que a amizade pudesse ser mantida por meio de presentes generosos em vez de por meio da força de caráter...] *História* III, 86.

351. “*Metus ac terror sunt infirma vincla caritatis; quae ubi removeris, qui timere desierint, odisse incipiant.*” [O medo e o terror são vínculos frágeis; removi-os, e aqueles que deixarem de temer começarão a odiar.] *Agrícola* 32.

352. “*Nam amicos tempore, fortuna, cupidinibus aliquando aut erroribus imminui, transferri, desinere.*” [O tempo, a inconstância da fortuna, até mesmo as paixões e os erros podem destruir a afeição dos amigos.] *História* IV, 52.

353. Cf. *Discursos* III, 19; 26.2; e Aristóteles, *Política*, 1311a.

cruel; porque, sem ele, jamais manterá o exército unido e disposto à ação.<sup>[440]</sup> Entre as admiráveis ações de Aníbal,<sup>354</sup> menciona-se esta: que, tendo ele um grandíssimo exército, uma mistura de inumeráveis estirpes,<sup>355</sup> e levado a militar em terras estrangeiras,<sup>356[441]</sup> nunca testemunhou dissensão alguma, nem entre as estirpes nem contra o príncipe,<sup>[442]</sup> tanto na má como na boa fortuna. Isso não podia advir senão de sua crueldade desumana,<sup>357</sup> a qual, junto com suas outras incontáveis virtudes, fazia dele sempre venerado e terrível no conceito de seus soldados; pois, sem aquela crueldade, nenhuma de suas outras virtudes lhe bastaria.<sup>[443]</sup> Contudo, escritores apressados,<sup>358</sup> se, por um lado admiram de Aníbal aquela virtude, por outro, condenam-lhe a principal causa desta.<sup>[444]</sup>

E que seja verdade ou não que as outras virtudes suas não lhe teriam bastado, pode-se vê-lo por Cipião<sup>359</sup> – raríssimo, não apenas no seu tempo, mas em toda a memória das coisas de que se sabe<sup>[445]</sup> –, cujos exércitos se rebelaram na Espanha. A causa disso foi a demasiada clemência de Cipião, que dera a seus soldados mais liberdades do que convinha à disciplina militar.<sup>[446]</sup> Sobre isso, repreendeu-o Fábio Máximo, no Senado, chamando-o

354. Aníbal Barca (247–c. 183-181 a.C.). General cartaginês, filho de Amílcar, comandou a Segunda Guerra Púnica contra Roma. Foi um dos maiores estrategistas de todos os tempos. Em vez de invadir Roma pelo mar – dada a proximidade da costa africana, onde estava Cartago –, levou um enorme contingente militar (9 mil infantes, 12 mil cavaleiros e 40 elefantes) até a Espanha; atravessou os Pirineus, o Ródano e os Alpes, e passou a fustigar os romanos pelo Norte. Contando sempre com tribos locais, hostis aos romanos, Aníbal permaneceu treze anos na Península onde impôs a Roma diversas derrotas. A mais célebre delas deu-se na Batalha de Canas (216 a.C.), na qual Aníbal, utilizando-se de uma manobra desconhecida até então, o ataque pelos flancos, causou aos romanos 70 mil baixas. Roma, então, enviou uma expedição naval contra Cartago, e esta foi obrigada a chamar Aníbal de volta. E, em 202 a.C., a vitória dos romanos em Zama foi decisiva, e Cartago teve de aceitar a paz. Consolidou-se assim o poderio romano sobre o Mediterrâneo.

355. Nações.

356. Na Itália.

357. “*Inhumana crudelitas*.” Tito Lívio, XXI, 4.9.

358. Tito Lívio. Lívio e Políbio são os dois escritores que narraram os feitos de Aníbal.

359. Públio Cornélio Cipião Africano (236–183 a.C.). General romano durante a Segunda Guerra Púnica. Sobrevivente da Batalha de Canas, combateu posteriormente na Hispânia, dominada pelos cartagineses, onde o pai havia morrido. Cipião desejava vingar-se dos cartagineses pela morte do pai e impedir que enviassem ajuda para Aníbal, na Itália. Conseguiu, favorecido por uma enxurrada, tomar Nova Cartago, na Hispânia. Depois, em 208 a.C., derrotou Asdrúbal, irmão de Aníbal, que fugiu, com suas tropas, para juntar-se ao irmão, na Itália. Cipião, em vez de perseguir Asdrúbal, manteve-se na Hispânia e conquistou as duas outras praças cartaginesas de importância, tornando o domínio romano completo ali. Em 205, foi eleito senador e partiu para a África para combater os cartagineses; venceu algumas batalhas aplicando a mesma estratégia que aprendera de Aníbal em Canas. Entretanto, Aníbal voltava da Itália para enfrentá-lo. Cipião tentou usar contra ele a manobra de Canas, mas sem sucesso (pois Aníbal a inventara). Contudo, a tática de batalha utilizada por Cipião em Zama, uma obra-prima das artes marciais, colocou termo à Segunda Guerra Púnica.

de corruptor da milícia romana.<sup>360</sup> Os lócrios, depois de ultrajados por um legado de Cipião,<sup>361</sup> não foram por este desagravados, nem a insolência daquele legado foi reprimida, nascendo tudo da natureza branda de Cipião. Tal foi o caso que, querendo alguém no Senado justificá-lo,<sup>362</sup> disse pertencer [Cipião] a uma espécie de homens que sabem melhor não errar, do que corrigir os erros.<sup>[447]</sup> A natureza teria com o tempo maculado a fama e a glória de Cipião, se ele tivesse com ela perseverado no império;<sup>363</sup> mas, vivendo sob o governo do Senado, essa sua qualidade danosa não apenas desapareceu, como também lhe trouxe a glória.<sup>[448]</sup>

Concluo, então, voltando à questão de ser temido e amado, que, pelo fato de os homens amarem segundo as suas vontades e temerem a vontade dos príncipes, deve um príncipe sábio apoiar-se naquilo que é dele,<sup>[449]</sup> não no que é dos outros; deve apenas empenhar-se em evitar o ódio,<sup>[450]</sup> como foi dito.<sup>364</sup>

360. Cf. Tito Lívio, XXIX, 19.

361. Quinto Plemínio. Os habitantes de Lócrio, na Calábria, rebelaram-se contra os romanos e passaram para o lado de Cartago. Quinto Plemínio atacou-os e pilhou o Templo de Prosérpina; em decorrência disso, houve uma revolta e Plemínio acabou mutilado. Quando Cipião voltou a Lócrio, limitou-se em manter Plemínio no comando do local e levou os tribunos que haviam começado a revolta para ser julgados em Roma. Plemínio considerou muito branda a atitude de Cipião e denunciou-o ao Senado.

362. Cipião foi defendido pelos próprios embaixadores dos lócrios, que disseram estas palavras: "*natura insitum quibusdam esse, ut magis peccari nolint quam satis animi ad vindicanda peccata habeant*" [algumas naturezas, por mais que o crime lhes fosse abjeto, não tinham bastante ânimo para punir os criminosos]. Tito Lívio, XXIX, 19.

363. Ou seja: tivesse continuado no comando. Durante a República, os cargos militares não eram vitalícios em Roma.

364. Plutarco diz, na "Vida de Licurgo", que Euritião, rei de Esparta, por ter abrandado sua autoridade para agradar aos súditos, tornou-os tão insolentes e licenciosos que, quando os sucessores de Euritião quiseram restabelecer a autoridade, passaram a ser odiados pelo povo.

## NOTAS de Napoleão Bonaparte:

[417] O que acontece sempre quando se chega com grandes pretensões à glória da clemência. (E)

[418] Não deixai de chamar esse Bórgia de monstro, de quem se deve manter distância. Não deixai, para que ninguém queira seguir-lhe os exemplos, o que atralhalharia os meus planos. (E)

[419] Evitai dizê-lo. Eles, contudo, não parecem dispostos a entender-vos. (E)

[420] É preciso que todos se sintam ofendidos, mesmo que fosse apenas pela impunidade de alguns. (E)

[421] São novos; o Estado é novo para eles; e querem apenas ser clementes. (E)

[422] Felizmente o poeta que mais aprecio não é Virgílio. (E)

[423] Fácil dizer. (PC)

[424] Perfeito! Sublime! (PC)

[425] Não se trata de uma disputa para mim. (PC)

[426] Não preciso mais do que uma. (PC)

[427] Os que diziam que todos os homens são bons queriam enganar os príncipes. (PC)

[428] Conta com isso! (E)

[429] Bom bilhete tem La Châtre!<sup>365</sup> (E)

[430] É preciso saber em que consistem elas para o príncipe de um Estado envolto em tantos problemas. (E)

[431] Acredita-se que seja o contrário. (E)

[432] É preciso que os castigos não cessem. (PC)

[433] Isso é muito complicado. (I)

[434] É restringir demais as prerrogativas dos príncipes. (I)

[435] Quando não existem as verdadeiras, fabrica-se. Para minhas grandes providências governamentais, tenho homens mais sábios que Gabriel Naudé.<sup>366</sup> (PC)

[436] É a única decepção que sua carta me causou. (E)

[437] Observação profunda, que me havia escapado. (E)

[438] A facilidade de encontrar pretextos é uma das vantagens de minha autoridade. (PC)

[439] Ignorante! Não sabia ele que é fácil inventá-las. (PC)

[440] Agi assim quando marchei para a Itália no comando do exército confiado a mim em 1796. (G)

[441] O meu exército não apresentava menos elementos de discórdia e rebelião, quando entramos na Itália. (G)

[442] Pode dizer-se o mesmo de mim. (G)

[443] Sem dúvida. (G)

[444] Assim julgamos sempre a nós mesmos. (G)

[445] Admiração estúpida. (G)

[446] Só deve dá-la quando [essa liberdade] for útil [ao comandante]. (G)

[447] A segunda vale mais do que a primeira. (G)

[448] Glória extravagante! (G)

[449] É sempre o mais seguro. (PC)

[450] A não ser que isso dê muito trabalho e traga muitos incômodos. (PC)

365. É provável que Napoleão se refira, aqui, ao Conde de La Châtre, encarregado de resgatar o rei para tirá-lo da França. Do plano de resgate fazia parte um empréstimo de 2 milhões de francos a ser levantado em um banco. O plano foi descoberto, e várias pessoas envolvidas nele foram presas e executadas. Quem estava por trás do plano, o homem em quem o rei se fiava, era o conde da Provence, que se encontrava no exílio quando o rei foi para o Campo de Marte.

366. Gabriel Naudé (1600–1653) foi um grande intelectual e bibliotecário francês, além de autor de muitas obras. Viveu durante o reinado de Luís XIII e Richelieu. Com a morte de Richelieu, Naudé passou a organizar a biblioteca do Cardeal Nazzari, sucessor de Richelieu, recolhendo livros e documentos preciosos por toda a Europa.

## Capítulo XVIII



Quomodo fides a principibus sit servanda

### De que modo os príncipes devem manter a palavra

Quanto é louvável a um príncipe manter a palavra e viver com integridade e não com astúcia,<sup>[451]</sup> todos entendem,<sup>[452]</sup> contudo, vê-se, por experiência, em nossos tempos, muitos príncipes<sup>367</sup> terem feito grandes coisas,<sup>[453]</sup> mas, tendo pouca consideração em manter a palavra, souberam com a astúcia enganar a inteligência dos homens;<sup>[454]</sup> e, no final, superaram os que se fiaram na lealdade deles.<sup>368[455]</sup>

Deveis, então, saber como são as duas formas de combate: uma, com as leis, outra, com a força; a primeira é própria do homem; a segunda, dos animais; mas, porque a primeira muitas vezes não basta, convém recorrer à segunda.<sup>369[456]</sup> Portanto, a um príncipe é necessário valer-se bem tanto do

367. Provavelmente, Francisco Sforza, César Bórgia e Fernando, o Católico.

368. “A simulação é odiosa, mas muito útil em si mesma.” Guicciardini, Ricordi, 104.

369. “*Nam cum sint duo genera decertandi, unum per disceptationem, alterum per vim, cumque illud proprium sit hominis, hoc beluarum, confugiendum est ad posterius, si uti non licet superiore.*” [Há dois modos de combater: um, por meio da discussão; outro, pela força; aquele é próprio dos homens; este, das bestas-feras; é preciso recorrer-se ao segundo se não for possível socorrer-se do primeiro.] Cícero, *De officiis* I, 34.

animal quanto do homem. Isso foi ensinado aos príncipes, veladamente,<sup>370</sup> pelos antigos escritores, os quais escreveram como Aquiles, e muitos outros daqueles príncipes antigos foram confiados, para a educação, ao centauro Quíirão,<sup>371</sup> que, sob sua disciplina, nutriu-os.<sup>372[457]</sup> Ter-se como preceptor um ser metade animal, metade homem, não quer dizer senão que um príncipe precisa saber usar uma e outra natureza; e uma sem a outra não é durável.

Sendo, então, a um príncipe necessário comportar-se como besta-fera, deve tomar como exemplo a raposa e o leão;<sup>373</sup> porque o leão não se defende dos laços e a raposa não se defende dos lobos.<sup>[458]</sup> É preciso, portanto, ser raposa para conhecer os laços e leão para amedrontar os lobos. Aqueles que agem apenas como o leão, pouco entendem.<sup>374[459]</sup> Não pode, nem deve, portanto, um senhor prudente manter a palavra, quando tal observância lhe seja danosa e quando cessam as razões que o fizeram prometer.<sup>375[460]</sup> Se os homens fossem todos bons,<sup>376</sup> esse preceito não seria bom;<sup>[461]</sup> mas porque são iníquos,<sup>[exlviii]</sup> e não mantêm a palavra ao príncipe, também não é o príncipe obrigado a manter a palavra dada a eles.<sup>[462]</sup> Não faltam nunca a um príncipe razões legítimas para justificar a quebra da palavra.<sup>[463]</sup> Poder-se-ia dar infinitos exemplos, dos tempos de hoje, e mostrar quantas pazes e promessas foram malogradas pela infidelidade dos príncipes;<sup>[464]</sup> e aquele que melhor soube comportar-se como a raposa maior sucesso logrou. Mas é necessário saber ocultar bem essa natureza e ser bom simulador e dissimulador;<sup>[465]</sup> são tão simples os homens, e obedecem tanto às necessidades presentes, que aquele que engana encontrará sempre quem se deixe enganar.<sup>[466]</sup>

370. Por meio de alusões.

371. O sentido dessa metáfora é moral; como o centauro é meio homem, meio fera, o bom príncipe deve ser educado como homem e como fera. Quíirão educou Aquiles, Cástor e Pólux (os dióscuros), Teseu e Esculápio. Quíirão é associado à Medicina, não por ter educado Esculápio, mas por ter sido deus da Medicina antes de tornar-se centauro: “Tira-me a seta, em banho morno a chaga./Asperge os lenimentos que de Aquiles/Aprendeste, e que afirmam lhe ensinara/Quiron dentre os Centauros o mais justos”. (*Iliada* XI, 831; tradução de Odorico Mendes.) Existia também uma associação entre a Política e a Medicina, à qual Maquiavel recorre diversas vezes no *Príncipe* (III, 7; VII, 7; IX, 1).

372. Educou-os. “È il gran Chiròn, il qual nodrì Achille.” [O grande Quíirão, que nutriu Aquiles.] Dante, *A Divina Comédia*, “Inferno”, XII, 71.

373. “Quando a pele do leão não basta, cose-se um pouco da pele da raposa.” Plutarco, “Lisandro”, VII. “Cum autem duobus modis, id est aut vi aut fraude, fiat iniuria, fraus quasi vulpeculae, vis leonis videtur.” [A injustiça é cometida de duas maneiras: por meio da violência e por meio da fraude; a fraude é vulpina, a violência, leonina.] Cícero, *De officiis* I, 41. Ver *Ciropédia* I, 6, sobre a “necessidade da fraude”.

374. “A fraude é mais importante do que a força para levar alguém da modéstia às maiores honras.” Título do Capítulo 13, Livro II, dos *Discursos*.

375. Cf. *Discursos* III, 42.1.

376. “Se todos os homens fossem bons...” *Discursos* I, 3.1.

Eu não quero, dos exemplos recentes, deixar de mencionar um. Alexandre VI<sup>377</sup> não fez outra coisa senão enganar os homens, e só nisso pensava;<sup>[467]</sup> e sempre encontrou ocasião para fazê-lo.<sup>378</sup> Nunca existiu um homem que tivesse maior segurança em asseverar, e que com maiores juramentos afirmasse uma coisa que depois não cumprisse; não obstante, os enganos sempre lhe sucederam segundo o voto próprio,<sup>379</sup> porque conhecia bem esse aspecto do mundo.<sup>[468]</sup>

A um príncipe, portanto, não é necessário possuir todas as qualidades acima tratadas, mas é necessário que aparente possuí-las.<sup>380</sup> Ou melhor, ousarei dizer que, possuindo-as e usando-as sempre, ser-lhe-ão danosas; mas, parecendo possuí-las, ser-lhe-ão úteis;<sup>[469]</sup> como lhe será útil se, parecendo piedoso, fiel, humano, íntegro e religioso,<sup>[470]</sup> de fato o for; mas deve ter disposição de espírito para tornar-se ímpio quando necessário for. E há de entender-se que um príncipe, e principalmente um príncipe novo, não pode seguir todas aquelas coisas pelas quais os homens são considerados bons, tendo que, muita vez, para manter o Estado,<sup>381</sup> agir contra a fé, contra a caridade, contra a humanidade, contra a religião.<sup>[471]</sup> É necessário, porém, que ele tenha o espírito disposto a mudar segundo os ventos e as variações que a fortuna lhe impuser, e, como se disse antes,<sup>382</sup> não se afastar do bem, se puder, mas saber enveredar-se pelo mal, se necessário.<sup>383[472]</sup>

Deve, então, um príncipe tomar muito cuidado para nunca deixar que lhe escape da boca palavra que não seja plena das cinco qualidades acima citadas, e pareça, a quem o vir e ouvir, todo piedade, todo fé, todo integridade, todo humanidade, todo religião.<sup>[473]</sup> E não há nada mais necessário do que aparentar essa última qualidade.<sup>384[474]</sup> E os homens, universalmente,<sup>385</sup> julgam mais pelos olhos do que pelas mãos; porque cabe a todos ver, mas a poucos sentir. Todos veem aquilo que o príncipe aparenta ser, mas poucos sentem aquilo que ele é;<sup>[475][cxlix]</sup> e esses poucos não ousam opor-se à opinião

377. Além do que dissemos a respeito do papa Alexandre VI, interessa-nos particularmente a mediação diplomática feita por ele ao editar a bula *Inter Coetera* (3 de maio de 1493), que dividia o mundo entre Espanha e Portugal. Essa bula foi substituída pelo “Tratado de Tordesilhas”, firmado no ano seguinte (a 7 de junho), mas ratificado apenas em 1504, pelo papa Júlio II.

378. “O papa não fazia nunca o que dizia, e o Valentino não dizia nunca o que fazia.” Guicciardini, *História da Itália* VI, 2.

379. “Desejo próprio”. Maquiavel utiliza-se de um latinismo aqui: “*ad votum*”.

380. Cf. *Discursos* I, 25.1. “O caminho mais curto para adquirir-se a fama de sábio, nas coisas em que se aparenta ser sábio, é sê-lo de fato.” *Ciropédia* I, 6.23.

381. “Quando é necessário se decidir sobre a segurança do Estado, não se deve considerar a justiça ou a injustiça, a humanidade ou a crueldade, a glória ou a desonra.” *Discursos* III, 41.1.

382. Capítulo XV.

383. Cf. *Discursos* I, 27.1.

384. Cf. *Discursos* I, 11-15.

385. “Geralmente.” Maquiavel utiliza outro latinismo, aqui: “*in universali*”.



dos muitos que têm a majestade do Estado para defendê-los;<sup>[476]</sup> e nas ações de todos os homens, e principalmente dos príncipes, em que não existe tribunal de apelação, espera-se o êxito final.

Procure, então, o príncipe vencer e manter o Estado; os meios serão sempre julgados honrosos, e por todos elogiados,<sup>386</sup> porque o vulgo é conquistado pelas aparências e pelo sucesso<sup>[477]</sup> das coisas, e no mundo não existe senão o vulgo; e os poucos nada podem quando os muitos não têm onde se apoiar.<sup>[478]</sup> Um príncipe dos nossos tempos,<sup>387</sup> o qual é melhor não nomear, não prega senão a paz e a fé, mas de uma e de outra é inimigo supremo; e uma e outra, se as tivesse seguido, ter-lhe-iam, mais vezes, tolhido a reputação ou o Estado.

---

386. Ver “Comentário” sobre essa frase de Maquiavel, ao final do capítulo. Tácito diz que Agripina, mãe de Nero, sacrificaria qualquer coisa pela coroa: “*Ne quis ambigat decus pudorem corpus, cuncta regno viliora habere*”. [Ninguém duvidaria de seu pudor, de sua honra, nem de que as qualidades dela não fossem dignas de uma soberana.] *Anais* XII, 65.

387. Fernando, o Católico.



## NOTAS de Napoleão Bonaparte:

- [451] Maquiavel, por admirar até aqui a boa-fé, a franqueza e a honestidade, já não parece um estadista. (G)
- [452] Ou seja, o vulgo. (G)
- [453] Os grandes exemplos o forçam a discorrer, creio eu, sobre outros exemplos semelhantes. (G)
- [454] Arte que ainda pode ser aperfeiçoada. (G)
- [455] Os tolos estão aqui para as nossas exigências secretas. (G)
- [456] É o melhor, supondo-se que lidamos apenas com bestas-feras. (PC)
- [457] Explicação que ninguém soube dar antes de Maquiavel. (G)
- [458] Tudo isso é mui verdadeiro se aplicado à política, como o faz Maquiavel. (G)
- [459] O modelo é, contudo, admirável. (G)
- [460] Não há outro partido a ser tomado. (G)
- [461] Retratação pública de um moralista. (G)
- [462] “*Par pari refertur*”.<sup>388</sup> (G)
- [463] Tenho homens engenhosos para isso. (I)
- [464] Em geral, isso traz mais benefício aos governados do que provoca escândalos. (I)
- [465] Nem os mais habilidosos podem contestar-me. O papa o dirá. (PC)
- [466] Mentis descaradamente; o mundo é composto por néscios; entre a multidão essencialmente crédula, há pouca gente que duvide, e, mesmo que duvide, não se atreverá a dizê-lo. (PC)
- [467] Oportunidades não faltam. (PC)
- [468] Homem terrível! Se não honrou a coroa, pelo menos ampliou os seus Estados. A Santa Sé lhe deve muitos favores. É chegada a hora do contraponto. (I)
- [469] Os tolos que acreditaram que esse conselho valia para todos não sabem a enorme diferença que existe entre o príncipe e os governados. (I)
- [470] No tempo presente, vale muito mais assemelhar-se a um homem honrado do que sê-lo de fato. (I)
- [471] Supondo-se que tenha uma. (PC)
- [472] Maquiavel é grave. (PC)
- [473] É exigir demais; não é tão fácil; faz-se o que se pode. (PC)
- [474] Bom para a sua época. (PC)
- [475] Ah! se eles entendessem... (PC)
- [476] Conto com isso. (PC)
- [477] Triunfei sempre, não importa como; e sempre tereis razão. (I)
- [478] Fatal! Mil vezes fatal retirada de Moscou!<sup>389</sup> (E)

388. “Paga-se o igual com o igual.” Cícero, *Orator* LXV, 220.

389. Napoleão invadiu a Rússia ao final da primavera de 1812 para não ter de enfrentar os rigores do inverno naquele país. Conforme avançava, os russos, utilizando-se de uma tática dos citas, iam arrasando cabanas e plantações para que os invasores não pudessem se abastecer. Mesmo assim, Napoleão conseguiu tomar Moscou. Entretanto, o czar havia fugido para São Petersburgo e Napoleão enviou-lhe um pedido para que assinassem um acordo de paz nos termos dos franceses. Esperou muito tempo em Moscou e a resposta do czar não chegou. Vendo que o inverno se aproximava, retirou-se às pressas de Moscou, e, no caminho de volta, foi sendo atacado pela retaguarda pelas tropas russas que lhe impuseram severas baixas, sobretudo ao atravessarem o rio Berezina. Ao contrário do que se costuma dizer, nem Napoleão nem Hitler cometeram a sandice de invadir a Rússia no inverno. O erro deles foi não a terem conquistado antes de o inverno chegar. Cf. Karl von Clausewitz, *A campanha de 1812 na Rússia*.

## NOTAS de Cristina da Suécia:

[exlviii] É o bastante para alimentar a desconfiança, mas não para denunciar os iníquos e dissimulados.

[exlix] Não podemos fingir, por longo tempo, aquilo que não somos.

## Comentário da tradução

O escritor Érico Veríssimo, contando sobre o escrivão da frota de Cabral, em uma conferência, disse que Caminha escrevera ao rei de Portugal: “A terra é tão boa que, em se plantando, tudo dá”.<sup>390</sup> Frase famosa, lapidar, mas nunca dita por Pero Vaz de Caminha. Se o leitor procurar, no *Príncipe*, a máxima “os fins justificam os meios” não a encontrará tampouco. Porque ela não é própria de Maquiavel.

Pelo que vem sendo delineado desde o Capítulo XV, parece que, se não há a frase, existe, pelo menos, a ideia. O Capítulo XV afirma que determinadas virtudes, quando praticadas, resultam no prejuízo de muitos, e que muitos vícios promovem a segurança e o bem-estar. O Capítulo XVII diz que César Bórgia, com sua crueldade, organizou o Estado, enquanto a benevolência dos florentinos resultou no massacre de Pistoia. E, no Capítulo XVIII, que os meios usados para manter o Estado serão justificados por todos.

No entanto, devemos prestar atenção ao que ele diz também no Capítulo XV: “aquele que deixa aquilo que faz por aquilo que deve fazer conhece a ruína em vez da preservação”.

Então, não se trata exatamente de fazer o que for necessário para se atingir um determinado fim, e sim de um procedimento tático, uma possibilidade de ação. O príncipe não pode abandonar seus princípios filosóficos, sua maneira de pensar, sua moral, simplesmente porque visa a um fim necessário; pois, se assim fizer, não poderá agir. Dentro da arte da guerra, a tática consiste em agir-se de acordo com os meios de que se dispõe.\* A partir da tática, elabora-se a estratégia, a arte maior. Nesse sentido, os fins submetem-se aos meios, e não os meios aos fins. A frase “os fins justificam os meios” não é apenas atribuída erroneamente a Maquiavel: é uma interpretação equivocada de seu pensamento.

Então, quem a teria formulado?

O escritor italiano Umberto Eco escreve, em *O Pêndulo de Foucault*, que Eugène Sue atribuíra essa frase aos jesuítas. De fato, a Companhia de Jesus tinha por lema *Ad maiorem Dei gloriam* [Para a maior glória de Deus], ou seja, que tudo deveria ser feito pela glória de Deus (e para combater a

390. Conferências pronunciadas na Universidade da Califórnia, em Berkeley, e reunidas no livro *Breve História da Literatura Brasileira*.

\*N.E.: Sugerimos a leitura de *A Arte da Guerra*, de Sun Tzu, Madras Editora.

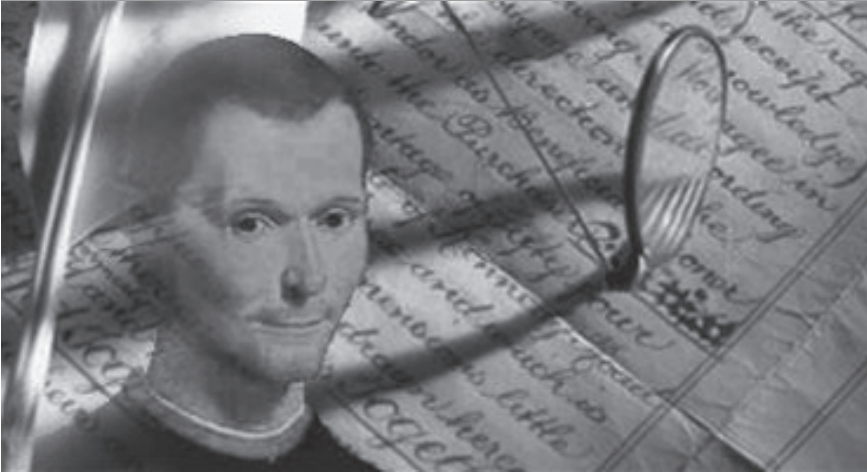
Reforma). Com a condenação do jesuitismo no século XVIII, muitos escritores coetâneos diziam que eles tinham por lema “os fins justificam os meios”, *ipsis litteris*.

Apesar disso, a explicação mais plausível encontra-se no revolucionário (e historiador) russo Leon Trótski: na obra *A Moral e a Revolução*, Trótski nos diz que os jesuítas acreditavam que os meios eram irrelevantes em relação ao fim a que se destinavam. Por exemplo, usar uma arma (um meio) para matar um cão raivoso que ameaça morder uma criança é justificável, ao passo que usar a mesma arma para praticar violência ou um crime, não é. Mas a doutrina limita-se a esses exemplos singelos. Deles, aproveitaram-se os adversários da Companhia, protestantes e outros católicos, para arrogar aos jesuítas o lema de que “os fins justificam os meios”.

Seja como for, os jesuítas justificaram bem a atribuição e fizeram bom uso dela.



## Capítulo XIX



De contemptu et odio fugiendo

### De que modo se deve evitar ser desprezado e odiado

**M**as, porque, sobre as qualidades anteriormente mencionadas,<sup>391</sup> eu falei das mais importantes,<sup>392</sup> das outras quero tratar brevemente, de acordo com estas generalidades: que o príncipe procure evitar aquelas coisas que o tornam odioso e desprezível,<sup>393[479]</sup> como se disse antes,<sup>394</sup> em parte; e, toda vez que as evitar, terá cumprido com o que lhe cabe, e não encontrará nenhum perigo nas outras infâmias.<sup>[480]</sup> Torna-o odioso, sobretudo, como eu disse,<sup>395</sup> o ser rapace e usurpador dos bens e das mulheres dos súditos; do que se deve abster,<sup>[481]</sup> e, toda vez que, aos

391. Cf. Capítulo XV, 2.

392. Da liberalidade e da parcimônia, no Capítulo XVI; da crueldade e da piedade, no Capítulo XVII; da fidelidade à palavra dada, no Capítulo XVIII.

393. “A principal incumbência de um príncipe é evitar o ódio ou o desprezo...” Carta a Vettori, de 20-12-1514. “São duas as principais causas que fazem os homens atacarem os tiranos: o ódio e o desprezo.” Aristóteles, *Política* V, 10, 1312b, 18-19.

394. Capítulo XVI, 1, e Capítulo XVII, 3.

395. Cf. Capítulo XVII, 3.

homens, de maneira geral, não se tirem nem os bens nem as honras,<sup>396</sup> eles vivem contentes, e apenas se terá de combater a ambição de poucos, a qual de muitos modos e com facilidade se refreia.<sup>[482]</sup> Torna-o desprezível ser considerado volúvel, leviano, efeminado, pusilânime, irresoluto;<sup>397</sup> do que um príncipe deve-se resguardar como de um rochedo,<sup>398</sup> e empenhar-se para que nas suas ações se reconheçam grandeza, animosidade, gravidade, fortaleza,<sup>[483]</sup> e, com relação às ações privadas dos súditos, deve querer que a sua sentença seja irrevogável,<sup>[484]</sup> e se mantenha em tal opinião, de modo que ninguém pense em enganá-lo nem em iludi-lo.<sup>[485]</sup>

O príncipe que der de si essa imagem terá boa reputação; e, contra quem a tem, com dificuldade se conspira,<sup>[486]</sup> com dificuldade se luta, enquanto seja considerado excelente e reverenciado pelos seus. Porque um príncipe deve ter dois temores: um internamente, por parte dos súditos; o outro externamente, por parte dos potentados estrangeiros. Destes, defende-se com as boas armas e com os bons amigos; e, sempre que tiver boas armas, terá bons amigos;<sup>[487]</sup> e sempre estarão seguras as coisas internas, enquanto estiverem seguras as externas, se já não tenham sido perturbadas por uma conspiração;<sup>[488]</sup> e, quando também as externas o perturbam, se o príncipe se organizou e viveu como eu disse, e não perdeu o ânimo,<sup>399</sup> sempre resistirá a todo ataque,<sup>[489]</sup> como afirmei ter feito o espartano Nábis.<sup>400</sup>

Mas, sobre os súditos, quando as coisas externas não se perturbam, deve-se temer que conspirarem secretamente; disso o príncipe se assegura bem evitando ser odiado ou desprezado, e mantendo o povo satisfeito;<sup>401</sup> o que é necessário conseguir, como antes se disse longamente.<sup>[490]</sup> E um dos mais eficazes remédios que um príncipe pode ter contra as conspirações é não ser odiado pela maioria,<sup>402</sup> porque, sempre que se conspira, acredita-se que com a morte do príncipe satisfaça-se o povo;<sup>[491]</sup> mas, quando se pode ofendê-lo, não se anima o conspirador a tomar semelhante partido, porque as dificuldades que terão os conspiradores serão demasiadas.<sup>[492]</sup> A experiência mostra-nos que as conspirações são muitas, mas que o

396. Cf. *Discursos* III, 6.2.

397. “*Vitellium, subitis offensis aut intempestivis blanditiis mutabilem, contemnebant metuebantque.*” [Vitêlio ora demonstrava irritação súbita, ora demonstrava ternura inoportuna; era, ao mesmo tempo, desprezado e temido.] *História* II, 92.

398. Cf. *Discursos* III, 23.2.

399. Cf. *Discursos* II, 29.3.

400. Cf. Capítulo IX, 4 e nota.

401. “Mas o amor dos súditos, um dos elementos mais importantes para o bom governo de um Estado, consegue-se... mostrando-se um benfeitor do povo.” *Ciropédia* I, 6.25.

402. Cf. *Discursos* III, 6.2.

sucesso delas é pouco,<sup>403</sup> pois quem conspira não pode estar só,<sup>404</sup> nem ter por companhia senão aqueles que acredita insatisfeitos;<sup>[493]</sup> e, assim que os insatisfeitos conhecem a intenção do conjurado,<sup>[494]</sup> alegram-se, porque podem beneficiar-se da denúncia; pois, tendo eles o ganho seguro de um lado,<sup>[495]</sup> e vendo a dúvida e os muitos perigos do outro,<sup>[496]</sup> convém ou que sejam amigos, como poucos, ou que sejam inimigos obstinados do príncipe, para que mantenham a palavra dada.<sup>405</sup> E, para deixar o assunto em termos breves, digo que, da parte do conspirador, não há senão medo, ciúmes e temor ao castigo; todavia, da parte do príncipe, há a majestade do principado, as leis, os amigos e o Estado que o protegem;<sup>[497]</sup> tanto que, acrescentando-se a todas essas coisas a benevolência popular, é impossível que alguém seja tão temerário que venha a conjurar.<sup>[498]</sup> Porque, se um conspirador teme, geralmente, antes de conspirar o mal, se tiver o povo por inimigo,<sup>[499]</sup> temerá mesmo depois de havê-lo praticado,<sup>406</sup> não podendo então esperar refúgio algum.

Desse assunto, poder-se-iam dar infinitos exemplos;<sup>[500]</sup> mas quero citar apenas um, que nos foi legado pela memória dos nossos pais. Monseñor Aníbal Bentivoglio, avô do atual Monsenhor Aníbal,<sup>407</sup> era príncipe em Bolonha e foi morto pelos Canneschis, que contra ele haviam conspirado, não restando dele ninguém além do Monsenhor João, ainda em fraldas;<sup>408</sup> logo após tal homicídio, o povo sublevou-se e matou todos os Canneschis. Isso foi resultado da benevolência popular de que a casa dos Bentivoglios gozava naqueles tempos; e ela foi tamanha, que, não restando daquela família ninguém em Bolonha que pudesse, depois de morto Aníbal, governar o Estado, e havendo indício de que em Florença quedava um Bentivoglio, filho de um ferreiro,<sup>409</sup> os bolonheses foram até lá e deram a ele o governo daquela cidade. Florença foi governada por ele até que o Monsenhor João atingiu idade conveniente para governar.<sup>[501]</sup>

403. Ver o Livro XV dos Anais, em que Tácito enumera as circunstâncias em que a conspiração não dá certo: 1. A esperança da impunidade; 2. Esperança e medo; 3. Demora; 4. O medo da traição; 5. Inveja; 6. A descoberta da conspiração; 7. A recompensa pela delação; 8. Imprudência; 9. Medo da tortura; e 10. Problemas com a manutenção do silêncio. Temos, entre nós, o exemplo da Inconfidência Mineira, na qual todas as dez circunstâncias enumeradas por Tácito estiveram presentes. Cf. “Autos da devassa”.

404. Cf. *Discursos* III, 6.3.

405. Cf. *Discursos* III, 6.5.

406. Cf. *Discursos* III, 6.18.

407. Aníbal I Bentivoglio, senhor de Bolonha desde 1443 e avô de Aníbal II. Ver *História de Florença* VI, 9.10.

408. João II Bentivoglio tinha 2 anos na época.

409. Sante Bentivoglio (1424–1463), filho natural de Hércule Bentivoglio, filho de Aníbal I. Governou até 1463, quando morreu; o governo passou a João II Bentivoglio, que morreu em 1508.

Concluo, portanto, que um príncipe deve dar pouca importância às conspirações, quando o povo lhe é benévolo;<sup>[502]</sup> mas, quando é inimigo e o tem em ódio, deve temer a tudo e a todos.<sup>[503]</sup> E os Estados bem organizados e os príncipes sábios têm buscado, com toda a diligência, não desesperar os grandes,<sup>[504]</sup> e satisfazer o povo e mantê-lo contente;<sup>[505]</sup> porque esse é um dos assuntos mais importantes do quanto tem um príncipe para tratar.

Entre os reinos bem organizados e governados dos nossos tempos está o da França; e nele se encontram inúmeras instituições boas, das quais depende a liberdade e a segurança do rei; das quais a primeira é o parlamento e a sua autoridade.<sup>410[506]</sup> Porque aquele que organizou esse reino – conhecendo a ambição e a insolência dos poderosos; julgando necessário colocar-lhes um freio à boca, que os retundisse; e conhecendo ainda o ódio, fundado no medo, que a maioria tem pelos grandes – não permitiu que fosse incumbência régia manter a segurança de todos, para que o rei não tivesse de suportar o ódio dos grandes, ao favorecer os povos, nem o ódio dos povos, ao favorecer os grandes; em vez disso, constituiu um terceiro juízo que, sem encargo do rei, vencesse os grandes e favorecesse os pequenos.<sup>[507]</sup> Essa ordem não podia ser melhor, nem mais prudente, nem maior seria a segurança do rei e do reino. Do que se pode extrair outra conclusão digna de nota: que os príncipes devem encarregar a outros das coisas desagradáveis, e deixar para si os atos de graça.<sup>411[508]</sup> De novo concluo que um príncipe deve estimar os grandes, mas não deixar-se odiar pelo povo.

Poderá parecer, talvez a muitos, considerando-se a vida e a morte de algum imperador romano, que fossem elas exemplos contrários a essa minha opinião; mesmo tendo ele vivido sempre egregiamente e mostrado grande virtude de ânimo, não foi por menos que perdeu o império, ou foi morto pelos seus, que contra ele conspiraram. Querendo, portanto, responder a essas objeções, discorrerei sobre as qualidades de alguns imperadores, mostrando os motivos das suas ruínas, que não diferem daquilo que por mim foi aduzido; e sobre isso colocarei em consideração aquelas coisas que são notáveis a quem leia os sucessos daqueles tempos.<sup>[509]</sup> Basta-me mencionar todos aqueles imperadores que se sucederam no Império, desde Marco, o Filósofo, até Maximino, os quais foram Marco, seu filho Cômodo, Pertinax, Juliano, Severo, seu filho Antonino Caracala, Macrino,

410. Os parlamentos na França tinham, além do Poder Judiciário, parte do Legislativo; por exemplo, a ordenação do rei. Reza a tradição que o Parlamento foi criado por Pepino, o Breve; todavia, foi instituído por Filipe, o Belo, em 1307. Ver *Discursos* I, 16.5 e III, 1.6.

411. “As graças devem ser distribuídas pelo tirano em pessoa, enquanto as punições devem ser aplicadas pelos magistrados e pelos tribunais.” Aristóteles, *Política* V, 11. 1315a, 7-9.



Heliogábalo, Alexandre e Maximino.<sup>412</sup> Antes de mais nada, deve-se notar que, nos principados em que haviam apenas de lutar contra a ambição dos grandes e a insolência dos povos, os imperadores romanos contavam com uma terceira dificuldade: suportar a crueldade e a avariza dos soldados. Isso era tão difícil<sup>[510]</sup> que foi motivo da ruína de muitos; era difícil satisfazer aos soldados e aos povos, porque os povos amavam a tranquilidade, e por isso gostavam dos príncipes modestos,<sup>[511]</sup> e os soldados gostavam do príncipe de ânimo militar, e que fosse insolente, cruel e rapace. Essas coisas queriam que o príncipe exercitasse contra os povos, para que tivessem duplicado o soldo e desafogassem a cupidez e crueldade.<sup>[512]</sup> Essas coisas fizeram com que aqueles imperadores que, por natureza ou por arte, não tinham grande reputação para manter uns e outros no freio sempre se arruinassem;<sup>[513]</sup> e a maioria deles, principalmente aqueles que ainda novos chegavam ao principado, conhecendo a dificuldade desses dois diferentes humores, voltava-se para satisfazer os soldados,<sup>[514]</sup> estimando pouco ofender o povo, cujo partido era necessário,<sup>[515]</sup> porque, não podendo os príncipes abster-se do ódio de alguns,<sup>[516]</sup> devem, contudo, evitar o ódio de todos; e, quando não o conseguem, devem empenhar-se de todo modo a evitar o ódio dos mais poderosos.<sup>[517]</sup> Portanto, os imperadores, que por serem novos tinham necessidade de favores extraordinários, aderiam antes aos soldados do que aos povos, e estes, não obstante, ser-lhe-iam úteis ou não, dependendo da reputação que aquele príncipe gozasse entre eles.<sup>[518]</sup>

Pelas razões acima mencionadas, resultou que Marco, Pertinax e Alexandre, sendo todos de vida modesta, amantes da justiça, inimigos da crueldade, humanos e benignos,<sup>[519]</sup> tivessem todos, exceto Marco, triste fim.<sup>413[520]</sup> Apenas Marco viveu e morreu honradíssimo, porque ascendeu ao império *jure hereditario*,<sup>414</sup> e não tinha de ser reconhecido pelos soldados, nem pelos povos;<sup>[521]</sup> depois, sendo acompanhado por muitas virtudes que o tornaram venerado, sempre manteve, enquanto viveu, o exército e o povo dentro dos limites, e não foi jamais odiado, nem desprezado.<sup>[522]</sup> Mas Pertinax foi feito imperador contra a vontade dos soldados,

412. Marco Ânio Vero Aurélio (161–180), Lúcio Aurélio Cômodo (177–192): ambos da Dinastia Antonina; Públio Hélvio Pertinax (193), Marco Dídio Severo Juliano (193), Lúcio Septímio Severo (193–211), Lúcio Septímio Bassiano Caracala (198–217), Marco Opélio Macrino (217–218), Vário Avito Bassiano, ou Heliogábalo (218 – 220), Bassiano Alexiano, ou Alexandre Severo (222–235): Dinastia dos Severos. Imperadores que antecederam o período da anarquia militar. A vida desses imperadores está registrada na *História Augusta*, que abrange o período de 117 até 284 (faltam-lhe, contudo, os livros que tratam do período que vai de 244 até 259).

413. De todos os dez imperadores citados, apenas Marco Aurélio e Septímio Severo não foram assassinados. O curto reinado de muitos deles deve-se, como afirma Maquiavel, à ambição dos soldados, sobretudo da Guarda Pretoriana, que depunha e elegia o imperador que mais a favorecesse.

414. Direito hereditário.

que, acostumados a viver licenciosamente durante o império de Cômodo, não puderam suportar aquela vida honesta à qual ele os queria reduzir;<sup>[523]</sup> foi por isso odiado,<sup>[524]</sup> e a esse ódio acrescentou-se o desprezo pela velhice dele,<sup>[525]</sup> o que o arruinou logo nos primórdios de sua administração. Deve notar-se aqui que o ódio se adquire tanto mediante as boas obras como mediante as más;<sup>[526]</sup> porém, como se disse antes, um príncipe, querendo manter o Estado, vê-se constantemente forçado a não ser bom;<sup>[526]</sup> porque, quando aquela instituição, o povo, os soldados ou os grandes que sejam, da qual julga o príncipe ter necessidade para a própria manutenção, está corrompida,<sup>[527]</sup> convém seguir-lhe o apetite para satisfazê-la;<sup>[527]</sup> mas, nesse caso, as boas obras lhe serão adversas.<sup>[528]</sup>

Mas falemos de Alexandre,<sup>[529]</sup> que foi de tanta bondade, que dentre outros louvores que lhe são atribuídos existe este: nos quatorze anos em que manteve o império, nunca matou ninguém sem julgamento; não obstante, sendo considerado efeminado<sup>[529]</sup> e um homem que se deixava comandar pela mãe,<sup>[530]</sup> e, por isso, desprezado, o exército conspirou contra ele e o matou.<sup>[531]</sup>

Discorrendo agora, por outro lado, sobre as qualidades de Cômodo, Severo, Antonino Caracala e Maximino, achá-los-eis muito cruéis e rapaces; pois, para satisfazerem os soldados, não perdoavam nenhum tipo de injúria que os povos cometessem; e todos, menos Severo, tiveram triste fim. Porque Severo tinha tanta virtude, que, mantendo os soldados amigos, ainda que os povos fossem por ele oprimidos, pôde sempre reinar com felicidade;<sup>[531]</sup> porque as virtudes o tornaram tão admirável pelos soldados quanto pelos povos, que estes ficavam, de certo modo, atônitos e aturdidos,<sup>[532]</sup> e aqueles reverentes e satisfeitos.<sup>[533]</sup> E como as ações dele foram grandes para um príncipe novo,<sup>[534]</sup> quero mostrar brevemente como

415. “*Ipsa aetas Galbae inrisui ac fastidio erat adsueta iuventae Neronis.*” [A idade de Galba provocava risos e nojo entre aqueles que conviviam com a juventude de Nero.] *História* I, 7.

416. “*Et quia ipsorum moribus aliena perinde odium pravis et honestis.*” [E como os costumes dele eram bastante estranhos aos deles, eles odiaram tanto o que era bom quanto o que era ruim nele.] *Anais* II, 2.

417. “De que modo, nas cidades corruptas, pode manter-se um Estado livre, e como instituí-lo.” Título do Capítulo 18, do Livro I, dos Discursos.

418. Severo Alexandre.

419. Júlia Mamae, responsável pela educação e pela ascensão de Alexandre ao Império. Herodiano, *História do Império* desde a época de Marco Aurélio VI, 8.3.

420. Em 234, Alexandre, ao combater os germânicos, enviou-lhes presentes, para ganhar tempo. Isso revoltou os soldados, cujas regalias haviam sido cortadas pelo imperador; promoveram um motim e acabaram assassinando Alexandre, que morreu aos 26 anos de idade. Foi o fim do governo civil em Roma.

421. Sétímio Severo tornou-se, de privado, imperador, eleito pelas legiões da Panônia (Danúbio).

ele soube bem utilizar-se da raposa e do leão, cujas naturezas, como se disse antes,<sup>422</sup> devem ser imitadas pelo príncipe.<sup>[534]</sup>

Tendo Severo conhecido a ignávia de Juliano,<sup>423</sup> o imperador, persuadiu o exército, do qual era capitão na Eslavônia,<sup>424</sup> de que era bom ir a Roma para vingar a morte de Pertinax, assassinado pelos guardas pretorianos;<sup>[535]</sup> e, sob esse disfarce, sem mostrar que de fato aspirava ao Império, conduziu o exército contra Roma; e foi à Itália, antes que se soubesse da sua partida.<sup>425[536]</sup> Chegando a Roma, depois de dar cabo de Juliano.<sup>426[537]</sup> Severo foi, por temor,<sup>427</sup> nomeado imperador pelo Senado.<sup>[538]</sup> A Severo restavam, depois disso, duas dificuldades para assenhorear-se de todo o Estado: uma, na Ásia, onde Nigro,<sup>428</sup> chefe dos exércitos asiáticos, fizera-se aclamar imperador; e outra no Poente, onde estava Albino,<sup>429</sup> o qual ainda aspirava ao Império.<sup>[539]</sup> E, porque julgava perigoso revelar-se inimigo a ambos, decidiu atacar Nigro e enganar Albino,<sup>[540]</sup> a quem escreveu dizendo que, uma vez aclamado imperador pelo Senado, queria dividir aquela dignidade com ele; e mandou-lhe o título de César, e por deliberação do Senado, tornou-se colega do outro,<sup>[541]</sup> coisas que Albino aceitou como verdadeiras. Mas, já que Severo tinha vencido e Nigro morrido, e acalmadas as coisas no Oriente, retornou a Roma, queixou-se ao Senado que Albino, mal-agradecido dos benefícios recebidos, tinha procurado matá-lo com vileza, e por isso tal ingratidão tinha de ser punida.<sup>430</sup> Depois foi procurá-lo na França,<sup>431</sup> e lhe tirou o Estado e a vida.<sup>432[542]</sup> Quem examinar, portanto, com minúcias as ações dele, perceberá ali um leão muito feroz<sup>[543]</sup> e uma raposa muito astuta; vê-lo-á temido e reverenciado por todos, e não odiado pelos exércitos; e não se maravilhará que ele, homem novo, pudera ter tamanho império; porque a sua enorme reputação<sup>[544]</sup> o defendeu sempre daquele ódio que os povos conceberiam das rapinas dele.<sup>433</sup>

422. Capítulo XVIII, 3.

423. Juliano elegeu-se comprando os favores da Guarda Pretoriana.

424. Ou Ilíria, na região dos Bálcãs.

425. Cf. Herodiano, *História do Império* II, 11.3.

426. Juliano foi condenado à morte pelo Senado. Ver Herodiano, *História do Império* II, 12.6.

427. “O Senado, vendo-se abandonado por todos e sentindo que Juliano e sua pequena guarda estavam aterrorizados, votou a morte dele e proclamou Severo imperador.” Herodiano II, 1. “*Scelus cuius ultor est quisquis successit.*” [Crime que o sucessor deverá vingar.] *História* I, 40.

428. Caio Pescênio Nigro foi derrotado por Severo em três batalhas e morto perto de Antioquia em 194.

429. Clódio Septímio Albino, que comandava as legiões na Britânia.

430. Na verdade, queixou-se ao exército, em um discurso. Ver Herodiano, III, 6.

431. Nas Gálias.

432. Nigro foi morto em Antioquia (194), e Septímio Severo pôde submeter Bizâncio e a Mesopotâmia. Em 196, marchou para Lugdunum (Lyon), onde derrotou Albino.

433. Septímio Severo, além de gravar o povo com novos impostos, reorganizou o fisco.

Mas Antonino,<sup>434</sup> seu filho, foi, também ele, homem de excelentes qualidades que o tornavam admirado pelos povos e querido pelos soldados; porque era um homem militar,<sup>435</sup> suportava qualquer fadiga, desprezava os alimentos delicados e qualquer outra frouxidão, o que o fazia amado de todos os exércitos.<sup>436[545]</sup> Não obstante, sua ferocidade e crueldade foram tantas e tão inauditas – por ter, depois de inúmeros assassinatos particulares, matado grande parte da população de Roma, e toda a de Alexandria<sup>437</sup> – que o tornaram odioso para todo o mundo;<sup>[546]</sup> e começou a ser temido também por aqueles que o rodeavam, de maneira que foi morto por um centurião em meio ao próprio exército.<sup>438</sup> Deve-se notar que semelhantes mortes, as quais seguem por deliberação de um espírito obstinado, são pelos príncipes inevitáveis, pois aquele que não teme morrer<sup>439</sup> não teme matar; contudo, não deve o príncipe temê-las, porque são raríssimas.<sup>[547]</sup> Deve apenas resguardar-se de não cometer grave injúria a alguém que lhe serve,<sup>440[548]</sup> e que ele tem junto de si a serviço do principado. Assim fez Antonino, que mantinha em sua guarda um centurião a quem ameaçava e a cujo irmão havia matado de forma vil; foi uma decisão temerária que podia arruiná-lo, como sucedeu.<sup>[549]</sup>

Mas, falemos de Cômodo, a quem era muito fácil manter o Império, por possuí-lo *jure hereditario*, como filho de Marco;<sup>441[550]</sup> e apenas lhe bastava seguir as pegadas do pai, que os soldados e os povos ficariam satisfeitos; mas, sendo de ânimo cruel e bestial, para poder usar a sua rapacidade contra os povos, passou a entreter os exércitos<sup>442</sup> e torná-los licenciosos; por outro lado, não mantendo a dignidade, descendo frequentemente às arenas para combater com os gladiadores, e fazendo outras coisas cruéis e pouco dignas da majestade imperial, tornou-se desprezível no conceito dos

434. Caracala, que adotara o nome de Severo Antonino Pio Augusto.

435. “*Hominem militarem*.” Herodiano, IV, 7.7.

436. Herodiano, *ibidem*.

437. Herodiano informa que Caracala mandou matar o irmão Geta e seus partidários (IV, 6) em Roma; em Alexandria, convocou a população para um campo e ordenou que os soldados a massacassem (IV, 9).

438. Júlio Marcial, que matou Caracala na Síria, quando o imperador preparava a campanha contra os partos. Ver *Discursos* III, 6.

439. “Entre os que tramam assassinatos, os mais perigosos, e contra quem se deve ter mais cuidados, são aqueles que não se importam em sobreviver, desde que atinjam seu propósito.” Aristóteles, *Política* V, 11, 1315a, 25.

440. “[O tirano] deve cuidar, acima de tudo, daqueles que se acreditam ofendidos, ou que pensam que os seus foram ofendidos.” Aristóteles, *idem*, 1315a, 27-29.

441. Cômodo era filho legítimo de Marco Aurélio, e governou ao lado do pai de 177 até 180.

442. Elevou os impostos e empreendeu confiscos para poder aumentar o soldo da Guarda Pretoriana.

soldados. E, sendo odiado de um lado e desprezado de outro, conspiraram contra ele e o mataram.<sup>443[551]</sup>

Resta-nos discorrer sobre as qualidades de Maximino.<sup>444</sup> Este foi homem belicosíssimo; e, estando os exércitos muito enfatiados da frouxidão de Alexandre, do qual discorri antes, morto este, elegeram aquele para o Império, ao qual não possuiu por muito tempo; porque duas coisas o tornavam odioso e desprezível:<sup>[552]</sup> uma, ser de baixa condição,<sup>[553]</sup> pois fora guardador de ovelhas na Trácia (o que era sabido de todos e provocava o desprezo de muitos); outra, porque, tendo no início do seu principado demorado em ir a Roma para tomar posse do trono imperial, deu de si imagem de muito cruel, pois, por intermédio de seus prefeitos, em Roma e em qualquer lugar do Império, exercitava muitas crueldades.<sup>[554]</sup> De forma que, comovido todo o mundo por desdém à vileza do sangue dele, e do ódio pelo medo à sua ferocidade, rebelou-se primeiro a África,<sup>445</sup> depois o Senado com todo o povo de Roma, e toda a Itália conspirou contra ele.<sup>446</sup> A isso se juntou o próprio exército, que, fazendo campanha em Aquileia e encontrando dificuldade no assédio, aborrecido da crueldade do imperador e temendo menos por vê-lo rodeado de inimigos, o matou.<sup>447[555]</sup>

Eu não quero falar nem de Heliogábalo, nem de Macrino, nem de Juliano, os quais, por serem todos desprezíveis, cedo encontraram fim;<sup>448</sup> mas passarei à conclusão deste assunto. E digo que os príncipes dos nossos tempos têm menos dificuldade para satisfazer de forma extraordinária os soldados em seus governos;<sup>[556]</sup> porque, não obstante se deva ter para

443. Cômodo foi morto no banho por um lutador, em uma conspiração arquitetada por Márcia, favorita do imperador. Ver *Discursos* III, 6.11.

444. Caio Júlio Vero Maximino Trácio (235–238) reinou durante o período da anarquia militar.

445. Em 238, as legiões africanas declararam Semproniano Gordiano imperador. Ao dirigir-se a Roma, deparou-se com a resistência dos legionários da Numídia. Durante uma batalha em Cartago, vendo o filho morto, Gordiano se matou.

446. Apesar de o Senado ter ratificado a nomeação de Gordiano, nomeou outros dois imperadores, Pupieno e Balbino, logo que soube da morte de Gordiano e seu filho. O povo exigiu que Gordiano III, eleito na Mauritânia, se associasse aos outros dois. Em 238, a Guarda Pretoriana assassinou Pupieno e Balbino, e Gordiano III passou a ser imperador único, governando até 244.

447. Maximino tinha as tropas exauridas, e, no combate contra Balbino, em Aquileia (238), elas se rebelaram e mataram Maximino e o filho.

448. Heliogábalo tinha um comportamento excêntrico, era efeminado e tentou impor o culto sírio aos romanos. Ele e a família foram mortos pelos soldados romanos. Macrino foi o único imperador romano que não veio da magistratura, o que era malvisto pelo Senado. Cometeu a excentricidade de governar o Império a partir de Antioquia, na Síria. Depois de uma derrota militar, ele e o filho foram assassinados, em 218, em uma conspiração na qual Heliogábalo esteve envolvido. Juliano tinha o costume de adular os membros do Senado e delegar autoridade a subalternos. Foi deposto pelo Senado, que elegeu Sétimo Severo novo imperador. Juliano foi morto em seu palácio por ordem dos senadores.

com aqueles alguma consideração, é fácil lográ-la, por não ter nenhum desses príncipes exércitos que sejam tão inveterados com os governos e a administração das províncias,<sup>449[557]</sup> como eram os exércitos do Império Romano. Mas, se era então necessário satisfazer mais aos soldados do que aos povos, era porque os soldados podiam mais do que os povos; agora é necessário a todos os príncipes, exceto ao grão-turco e ao sultão [do Egito], satisfazer os povos e os soldados, porque os povos podem mais do que aqueles.<sup>450[558]</sup> Excetuo o grão-turco, tendo ele sempre em torno de si 12 mil da infantaria<sup>451</sup> e 15 mil soldados de cavalaria, dos quais depende a segurança e a fortaleza do seu reino;<sup>[559]</sup> e é necessário que, sem nenhuma outra consideração, seu senhor os mantenha amigos.<sup>[560]</sup> Semelhantemente, estando o reino do sultão todo nas mãos dos soldados,<sup>452</sup> convém que ainda ele, sem consideração aos povos, mantenha os soldados como amigos.<sup>[561]</sup> Deve-se notar, contudo, que o Estado do sultão é diferente de todos os outros principados, assemelhando-se ao pontificado cristão, o qual não se pode chamar nem de principado hereditário, nem de principado novo;<sup>[562]</sup> porque não são os filhos do príncipe antigo os que, herdando o principado, tornam-se senhores; o que é eleito para o posto é quem detém a autoridade.<sup>[563]</sup> E sendo essa instituição antiga, não se pode chamá-la de principado novo, porque nela não existe nenhuma das dificuldades que existem nos novos; porque, ainda que nelas o príncipe seja novo, as instituições daquele Estado são velhas e organizadas para recebê-lo como se ele fosse o senhor por herança do Estado.<sup>[564]</sup>

Mas retornemos ao nosso assunto. Digo que todo aquele que considerar o que foi exposto verá o ódio ou o desprezo serem motivo da ruína dos imperadores citados; e saberá ainda por que, parte deles procedendo de um modo e parte de outro, em qualquer um desses modos, um deles teve final feliz<sup>453</sup> e os outros final infeliz. Porque a Pertinax e a Alexandre, por serem príncipes novos,<sup>[565]</sup> foi inútil e danoso quererem imitar Marco, que estava no principado *jure hereditario*; e, semelhantemente, a Caracala, Cômodo e Maximino foi pernicioso imitarem Severo, por não terem tanta virtude que bastasse para seguir as pegadas dele. Portanto, um príncipe novo, em um principado novo, não pode imitar as ações de Marco, nem ainda é necessário seguir as de Severo;<sup>[566]</sup> mas deve tomar de Severo aquelas partes que para fundar o Estado são necessárias, e de Marco aquelas que são

449. Cf. *Arte da Guerra* I, 19.

450. “*Sua in manu sitam rem Romanam, suis victoriis augeri rem publicam, in suum cognomen tum adscisci imperatores.*” [O mundo romano estava nas mãos deles; suas vitórias engrandeciam o Estado; era deles que os imperadores recebiam o império.] *Anais* I, 31.

451. Os janízaros, ou janiçaros; corpo extinto em 1826.

452. Os mamelucos. Eles formavam uma casta militar que governou o Egito de 1252 até 1517, quando o país foi conquistado pelo turco Selim I. Ver *Discursos* I, 1.4.

453. Marco Aurélio.

convenientes e gloriosas para conservar um Estado que esteja já estabelecido e firme.<sup>[567]</sup>

## NOTAS de Napoleão Bonaparte:

[479] Não preciso temer o desprezo. Fiz grandes coisas: admirar-me-ão apesar de tudo. Quanto ao ódio, oporei a ele pesados contrapesos. (PC)

[480] Isso me é necessário. (PC)

[481] “*Est modus in rebus.*”<sup>454</sup> (PC)

[482] Não com tanta facilidade. (I)

[483] Empenhar-se? Impossível, quando não se começou por aí. (E)

[484] Essencial para acabar com toda a esperança de perdão para os conspiradores; sem isso, perecerás. (PC)

[485] Tem-se muito mais que o pensamento: tem-se a esperança, a facilidade e a certeza do triunfo. (E)

[486] Há sempre alguns truculentos que não o têm em boa reputação. (E)

[487] Dei admiráveis provas disso, e meu casamento foi o ápice.<sup>455</sup> (I)

[488] Destruí as que surgiram. (I)

[489] Hei de mantê-los com rédea curta. (I)

[490] Que aborrecido! (I)

[491] Não é o que se verifica a meu respeito. (PC)

[492] O que me deixa tranquilo. (PC)

[493] Coloca-se no meio deles um indivíduo insidioso e espera-se pelo resultado. (PC)

[494] Sobre tudo se o comprei de antemão. (PC)

[495] Pode contar com uma boa recompensa. (PC)

[496] Temar a tudo, por um lado; tudo conquistar, por outro. (PC)

[497] Minhas precauções nesse sentido chegam ao mais elevado grau de eficiência. (I)

[498] Existem sempre muitos conspiradores... e muitos que os vigiam! (I)

[499] O povo! Não é o povo ingrato? Não está sempre ao lado do que triunfa, sobretudo quando este o deslumbra? (I)

[500] O espírito afeminado de nossa época não permite mais que eles se renovem. (I)

[501] Se fossem eles capazes de fazer algo assim em Viena! Já que não foram capazes de vir me buscar. (E)

[502] Maquiavel esquece-se aqui de ter dito que os homens são maus. (I)

[503] Longe de mim tal ilusão. (I)

[504] Mas aqueles a quem tornei grandes enfurecem-se toda vez que os deixo de cumular de bens. (I)

[505] Não se pode acalmar esses ambiciosos sem desagradar ao povo. (I)

[506] Tens razão em admiti-lo. Mas era preciso destruí-lo para consumir a destruição do trono dos Bourbons, sem o que não seria possível erigir o meu. Farei o mesmo estatuto, o mais rápido que for possível. (I)

454. “*Est modus in rebus, sunt certi denique fines.*” [Há uma medida justa em todas as coisas; afinal, existem limites.] Horácio, *Sátiras* I, 1.

455. Napoleão casou-se, por procuração, no dia 11 de março de 1810, com Maria Luísa de Áustria (Maria Luísa Leopoldina Francisca Teresa Josefa Lucia), filha do imperador Francisco I da Áustria e irmã da Princesa Leopoldina do Brasil. Por meio desse casamento, Napoleão pretendia alcançar uma aliança com a Áustria.



[507] Admirável! (I)

[508] Na situação atual, cabem a ele todas as coisas de rigor e aos ministros todas as pequenas graças, às mil maravilhas. (E)

[509] Que são lidas hoje como se fossem romances. (PC)

[510] Sei muito bem disso. (I)

[511] Meu embaraço é extremo; e não é preciso imputar-me uma ambição guerreira, mas a meus soldados e generais, que a transformaram em prioridade. Acabariam comigo se eu os deixasse dois anos sem guerra. (I)

[512] Obrigam-me a isso pelos mesmos motivos. Os soldados são os mesmos em toda a parte, quando se depende deles. (I)

[513] Coisa que eu fiz a um e a outro, mas ainda não o bastante. (I)

[514] Não preciso fazer-me de desentendido; encontro-me ainda no mesmo caso, em todos os aspectos. (I)

[515] Essa é minha desculpa aos olhos dos vindouros. (I)

[516] É bem verdade. (I)

[517] Que são sempre o exército, quando tão numeroso quanto o meu. (I)

[518] Fazer de tudo para que isso aconteça; sou obrigado. (I)

[519] Virtudes intempestivas, nesse caso. Aquele que não sabe separar as virtudes políticas das circunstâncias é digno de pena. (I)

[520] Devia ser assim; e eu o previ. (I)

[521] Esta fortuna está reservada apenas ao meu filho. (I)

[522] Se me fora dado renascer para suceder ao meu filho, eu seria adorado. (I)

[523] Não podem escusar-se disso. (E)

[524] É inevitável. (E)

[525] Não diz respeito a mim. (E)

[526] E não conseguem deixar de sê-lo. (E)

[527] É isso mesmo o que querem fazer; mas fazem pouco da força do partido e a desconhecem. (E)

[528] Isto não deixará de acontecer a eles. (E)

[529] Não se pode evitar tal reputação quando sempre se é bom. (E)

[530] É muito pior quando se têm ministros incompetentes ou pouco estimados. (I)

[531] Modelo sublime que deixo de contemplar! (I)

[532] A ponto de me admirarem apenas as grandes obras, as quais realizei por meio deles. (I)

[533] O respeito e a admiração fazem que eles se contenham como se estivessem, de fato, atônitos e aturdidos. (I)

[534] É do que sempre estive convencido. (I)

[535] Eu quis fazer igual em frutidor (1797), ao dizer a meus soldados na Itália que o corpo legislativo havia assassinado a liberdade republicana na França; mas não os pude conduzir até lá, nem ir eu mesmo. Se errei o tiro daquela vez, não o errei depois. (I)

[536] Reconhece-se aqui a minha volta do Egito. (I)

[537] O meu Juliano era apenas o Diretório, que bastava ser dissolvido para que Juliano fosse destruído. (I)

[538] Nomearam-me chefe de todas as tropas reunidas em Paris e nos arredores, além de árbitro dos dois conselhos ao mesmo tempo. (I)

[539] Meu Níger era Barras, e meu Albino, Sieyès. Não eram formidáveis, não agiam por conta própria, e eu queria que tivessem finalidades distintas. O primeiro queria restabelecer



o rei; o segundo, entronizar o eleitor de Brunswick. Eu queria outra coisa; e Septímio, no meu lugar, não se sairia melhor do que eu.<sup>456</sup> (I)

[540] Eu não tinha outra necessidade além de retirar o meu Nigro; e seria fácil para mim enganar o meu Albino. (I)

[541] Fiz nomear Sieyès para a comissão consular, a meu lado; e Roger-Ducos, que também admiti nela, representava um contrapeso que coloquei à minha disposição. (I)

[542] Não eram necessárias manobras tão grandes para que eu me livrasse de Sieyès. Como eu era mais raposa do que ele, consegui-o com facilidade na minha junta de 22 de frimário, na qual eu próprio me encarreguei de ajustar a Constituição que fez de mim Primeiro Cônsul e relegou meus dois colegas à aposentadoria em meu Senado.<sup>457</sup> (I)

[543] Não me censurarão de forma alguma por eu tê-lo sido nessa ocasião. (I)

[544] A minha não pode ser maior por enquanto; mas a sustentarei. (I)

[545] Não omito ocasionalmente esse meio de conquistar seu amor. (I)

[546] Pouco hábil. (I)

[547] Não ocorrem nunca, quando o príncipe impõe respeito com a grande integridade de seu gênio. (I)

[548] Quando se sentem ofendidos, devem ser separados, transferidos, desterrados... com honras ou não. (I)

[549] Decidamos: néscio, estúpido ou bronco? (I)

[550] É lastimável; não merece que eu me ocupe dele. (I)

[551] Era justiça. Ninguém podia ser mais indigno de reinar. (I)

[552] Ser desprezado é o pior dos males. (I)

[553] Sempre existem meios para se encobrir essas coisas. (I)

[554] Ele devia censurá-los primeiro e mandá-los castigar depois. (I)

[555] Merece-o aquele que deixa as coisas chegarem a esse ponto. (I)

[556] Isso de fato não me incomoda. (I)

[557] Mudar as guarnições com frequência. (I)

[558] É preciso, em nome do meu interesse, que uns sejam mantidos como contrapesos a outros, de forma que a balança não penda nunca para um dos lados. (PC).

[559] Minha guarda imperial pode, se necessário for, cumprir o papel de janízaros. (I)

[560] Deverei fazer o mesmo. (I)

[561] Com precauções ou não, é necessário ter uma guarda forte com a qual se possa contar, mesmo quando houver deserções no meio de outras tropas ainda muito apegadas ao povo. (I)

[562] A comparação é curiosa, atrevida, mas verdadeira aos olhos do pensador político. (I)

[563] Os cardeais fazem, de fato, ao soberano temporal de Roma, o mesmo que os poderosos do Egito faziam ao seu sultão. (I)

[564] Ser assim é a maior das bem-aventuranças. (I)

456. Emmanuel-Joseph Sieyès (1748–1836) participou da assembleia dos Estados Gerais como orador do Terceiro Estado; durante o Terror, conseguiu manter-se vivo, apesar de suas ideias conservadoras; participou também do golpe de Estado do 18 de brumário e formou o consulado provisório com Napoleão e Ducos. Paul François Jean Nicolas, visconde de Barras (1755–1829), foi um dos chefes executivos do Diretório (1795–1799) e deu a Napoleão o comando dos exércitos na Itália. Tomou parte no 18 de brumário.

457. Sieyès, depois do 18 de brumário, elaborou uma Constituição que foi totalmente remodelada por Napoleão. A Constituição do Ano III fez de Napoleão o principal poder dentro do Consulado. Sieyès foi relegado à posição de presidente do Senado (1799), organismo que, na prática, tinha muito pouco poder. Ducos, por sua vez, foi vice-presidente do mesmo Senado.

[565] Há algo de bom em cada um desses modelos; é preciso saber escolher. Apenas os tolos se atêm a apenas um deles e o imitam por completo. (I)

[566] Quem será capaz de seguir as minhas? (I)

[567] Perfeitamente concluído; mas ainda não posso abandonar os procedimentos de Severo. (I)

## Capítulo XX



An arces et multa alia quae cotidie a principibus  
fiunt utilia an inutilia sint

Se as fortalezas e muitas outras  
coisas que a cada dia são feitas  
pelos príncipes são úteis ou não

Alguns príncipes, para conservarem com segurança o Estado, desarmaram os súditos; alguns mantiveram divididas [em facções] as terras submetidas;<sup>458</sup> alguns nutriram inimizades contra eles próprios; alguns outros se dedicaram a arregimentar aqueles que lhes eram suspeitos no início de seus governos; alguns edificaram fortalezas, alguns as arruinaram e destruíram.<sup>[568]</sup> E, se bem que de todas essas coisas não se possa dar nenhuma sentença determinada – sem se entrar nas particularidades daqueles Estados onde foram tomadas deliberações semelhantes –, não obstante, eu falarei do modo genérico que a matéria em si mesma comporta.<sup>[569]</sup>

458. “Provoca a dissensão entre os inimigos.” Sun Tzu, I.

Nunca existiu um príncipe novo que tivesse desarmado os seus súditos; ao contrário, quando os encontrou desarmados, sempre os armou;<sup>459</sup>[570] porque, armando-os, as armas tornam-se dele, e aqueles que eram suspeitos tornam-se fiéis; os que já eram fiéis mantêm-se, e, de súditos, tornam-se partidários. E, porque não se pode armar a todos os súditos, beneficiam-se aqueles a quem o príncipe dá armas, podendo ele tratar aos demais com maior segurança;<sup>[571]</sup> e aquela diversidade de procedimento do príncipe em relação a eles torna-os mais obrigados,<sup>460</sup> enquanto os outros o desculpam, pois julgam necessário que tenham mais méritos aqueles que correm mais perigos e têm mais obrigações. Mas, quando o príncipe os desarma, passa a ofendê-los, pois demonstra que não confia neles, por crê-los iníquos ou inconstantes;<sup>[572]</sup> e uma e outra dessas concepções engendram o ódio contra o príncipe. E, porque não pode ele ficar desarmado, convém que recorra à milícia mercenária, de cuja qualidade já se tratou anteriormente;<sup>461</sup>[573] e, mesmo que seja virtuosa, não poderá ser tão grande para defendê-lo de inimigos poderosos e de súditos suspeitos.<sup>[574]</sup> Porém, como eu disse há pouco, um príncipe novo, em um principado novo, sempre organizou as armas.<sup>[575]</sup> Desses exemplos, a História está repleta. Mas, quando um príncipe conquista um novo Estado, que como membro se agrega ao velho, então é necessário desarmar o novo, exceto àqueles que, durante a conquista, tomaram o partido do príncipe;<sup>[576]</sup> mas mesmo a esses, com o tempo e com as oportunidades, será preciso torná-los débeis e efeminados,<sup>[577]</sup> e organizar-se de modo que todas as armas do Estado novo terminem nas mãos dos mesmos que no Estado antigo as tinham.<sup>[578]</sup>

Costumavam os nossos antepassados, e aqueles que eram considerados sábios, dizer que, para conservar Pistoia, recorriam-se às dissensões,<sup>462</sup> e para conservar Pisa, às fortalezas;<sup>463</sup> e por isso nutriam, em algumas das terras submetidas, as diferenças, para possuir mais facilmente essas terras. Esse recurso era eficaz naqueles tempos em que a Itália estava, de certo modo, em equilíbrio;<sup>464</sup> mas não acredito que hoje valesse como um preceito, porque não acredito também que as facções proporcionem bem algum;<sup>[579]</sup> ao contrário: quando o inimigo se aproxima, é inevitável que

459. “Lourenço de Médici desarmou o povo para ter Florença; Monsenhor João Bentivoglio, para ter Bologna, o armou.” Carta de Perúcia, 13-21 de setembro de 1506, a Solderini.

460. “Addiderat gloriam Nero eligendo ut potissimos, unde longa illis erga Neronem fides et erecta in Othonem studia.” [Nero aumentou-lhes a reputação ao escolhê-los como as melhores tropas. Com isso, tornaram-se, por muito tempo, fiéis a Nero, e o zelo deles em relação a Otão aumentou.] *História* II, 11.

461. Capítulo XVIII, 3.

462. Cf. *Discursos* III, 27.2.

463. Cf. *Discursos* II, 24.4.

464. Da paz de Lodi, em 1454, até a queda de Carlos VIII, em 1494. Ver *Discursos* III, 27.4. Guicciardini (*História da Itália* I, 1) dizia que Lourenço, o Magnífico, mantinha a Itália em tal equilíbrio que a balança não pendia nem para um lado nem para outro.

as cidades dissentidas sejam derrotadas, porque sempre a parte mais fraca aderirá às forças externas, e a outra não poderá manter-se.

Os venezianos levados, creio eu, pelas razões anteriormente descritas, nutriram as seitas guelfas e gibelinas nas cidades a eles submetidas,<sup>465</sup> e, se bem que nunca as deixassem chegar à luta armada, também nutriram entre elas tais discórdias, para que, ocupados os cidadãos naquelas suas diferenças, não se unissem contra eles.<sup>[580]</sup> No entanto, como se viu, tal procedimento não lhes foi proveitoso; porque, sendo derrotados em Vailà,<sup>466</sup> logo uma parte daquelas cidades tomadas se insurgiu e tomou a eles todo o Estado.<sup>467</sup> Tais modos manifestam, portanto, fraqueza do príncipe,<sup>[581]</sup> porque em um principado forte nunca se permitiriam semelhantes divisões, vantajosas apenas em tempo de paz, quando, por meio delas, mais facilmente se manejam os súditos;<sup>[582]</sup> mas, ao chegar a guerra, tal ordem se mostra ineficaz.<sup>468</sup>

Sem dúvida os príncipes tornam-se grandes quando superam as dificuldades e as oposições que lhes são feitas;<sup>[583]</sup> por isso, e sobretudo quando quer tornar grande um príncipe novo, cuja necessidade de reputação é maior do que a um hereditário, a fortuna dá-lhe inimigos, e os faz se oporem, para que o príncipe tenha a oportunidade<sup>469</sup> de superá-los, e ascender pela escada colocada diante dele pelos inimigos.<sup>470[584]</sup> Porém, muitos julgam que um príncipe sábio deva, quando tenha a oportunidade, alimentar,

465. O imperador Henrique V morreu (1125) sem deixar herdeiros, e dois partidos se formaram para reivindicar o trono: os Welfens, da Bavária e Saxônia, que tinham o apoio do papa, e os senhores do Castelo de Waiblingen, dos Hohenstaufens, da Suábia. De Welfen derivou o nome guelfo, e de Waiblingen, o nome guibellino. Essa dissidência foi levada para o interior das cidades italianas por influência do imperador Frederico Barba-Ruiva, da facção guibellina, que tencionava sujeitar ao Império as cidades italianas. A partir de meados do século XIII, Florença, do partido dos guelfos, passou a combater outras cidades da Toscana do partido dos guibelinos. Com o tempo, a rivalidade entre guelfos e guibelinos deixou de ser um confronto entre o papado e os imperiais, representando apenas tendências políticas opostas. No decorrer do século XIV, essas facções foram substituídas pelas dos guelfos brancos e guelfos negros, representando as tendências a favor da Igreja e contrárias a ela.

466. Vailate, Agnadello, onde os venezianos, em 14 de maio de 1509, foram derrotados pela Liga de Cambraia.

467. Pouco tempo depois da Batalha de Agnadello, Bréscia, Verona, Vicenza e Pádua passaram às mãos de Maximiliano ou de Luís XII.

468. Cf. *Discursos* III, 27.4.

469. Cf. *Discursos* II, 29.2.

470. “*Casus prima ab infantia ancipites; nam proscriptum patrem exul secutus, ubi domum Augusti privignus introiit, multis aemulis conflictatus est... sed maxime in lubrico egit accepta in matrimonium Iulia, impudicitiam uxoris tolerans aut declinans.*” [Desde a mais tenra infância, perigosas vicissitudes lhe foram impostas pela fortuna; era ele próprio um exilado, tinha a companhia de um pai degredado e, ao entrar para a casa de Augusto, teve de lutar com muitos rivais... mas esteve em maior perigo depois de casar-se com Júlia, ora tolerando, ora ignorando a libertinagem da esposa.] *Anais* VI, 51.

com astúcia, alguma inimizade, para que, eliminada esta, possa ele elevar-se ainda mais.<sup>[585]</sup>

Os príncipes, particularmente os mais novos, encontram maior fé e mais utilidade naqueles homens que nos primórdios do Estado eram considerados suspeitos do que naqueles em quem, no início, confiavam.<sup>[586]</sup> Pandolfo Petrucci,<sup>471</sup> príncipe de Siena, dirigia seu Estado mais com aqueles que lhe foram suspeitos do que com os que não o foram. Mas, sobre isso, não se pode falar de maneira muito genérica, porque varia segundo o caso.<sup>[587]</sup> Apenas direi isto: que aqueles homens que no início de um principado tinham sido inimigos, mas cuja qualidade é tal que, para se manterem, precisem de apoio, sempre o príncipe com grande facilidade os poderá conquistar;<sup>[588]</sup> e eles tanto mais serão forçados a servi-lo com lealdade, quanto mais reconheçam ser-lhes necessário apagar com obras aquela má opinião que se tinha deles.<sup>[589]</sup> E, assim, o príncipe sempre extrairá deles mais utilidade do que daqueles que, servindo-o com demasiada segurança, negligenciam suas tarefas.<sup>[590]</sup>

E, como o assunto o exige, não quero deixar de lembrar aos príncipes que tomaram um Estado novo mediante favores internos desse mesmo Estado, que considerem bem qual razão moveu aqueles que os favoreceram: se foi a afeição natural em relação ao príncipe, ou apenas o descontentamento em relação ao antigo Estado; neste caso, com grande fadiga e dificuldade, poderá mantê-los como amigos, porque é quase impossível que se possa contentá-los.<sup>[591]</sup> E, discorrendo bem, com aqueles exemplos que das coisas antigas e modernas se extraem, sobre a razão disso, ser-lhe-á muito mais fácil conquistar amigos entre aqueles homens que se contentavam com o regime antigo, mesmo sendo inimigos do príncipe,<sup>[592]</sup> do que entre aqueles que, por não se contentarem<sup>[593]</sup> com o regime antigo, tornaram-se amigos do príncipe e o favoreceram na conquista.<sup>472[594]</sup>

É costume dos príncipes, para manterem com mais segurança o seu Estado, edificar fortalezas, que sejam a rédea e o freio daqueles que lhes são contrários,<sup>[595]</sup> e terem esses príncipes um refúgio seguro contra um ataque súbito.<sup>[596]</sup> Eu louvo esse modo, porque é usado há muito tempo: não obstante, Monsenhor Niccolò Vitelli, nos tempos atuais, destruiu<sup>473</sup> duas fortalezas na Cidade de Castelo, para manter o Estado. Guido Ubaldino, duque de Urbino,<sup>474</sup> depois que retornou aos seus domínios, de onde César

471. Tornou-se Senhor de Siena em 1487 e lá permaneceu até a morte, em 1512. Durante um período, no ano de 1503, refugiou-se em Luca, por ter participado de uma conjura contra o duque Valentino. Cf. *Discursos* III, 6.19.

472. Favoreceram a entrada de Médici em Florença. “*Multi odio praesentium et cupidine mutationis.*” [Muitos detestavam o sistema atual e ansiavam por mudanças.] *Anais* III, 44.

473. Nicolau Vitelli, pai de Paulo Vitellozzo, foi expulso da Cidade de Castelo pelo papa Sisto IV, que ali mandou construir duas fortalezas; dois anos depois, a cidade foi retomada e a fortaleza destruída. Ver *Discursos* II, 24.4.

474. Guidubaldo da Montefeltro foi duque de Urbino de 1482 a 1508.

Bórgia o havia expulsado,<sup>475</sup> destruiu os alicerces de todas as fortalezas daquela província, porque julgou que sem elas seria mais difícil perder novamente o seu Estado.<sup>[597]</sup> Os Bentivoglios, quando retornaram a Bolonha, usaram modos semelhantes.<sup>476</sup>

São, portanto, as fortalezas úteis ou inúteis, segundo os tempos; e, se de um lado fazem bem ao príncipe, de outro o prejudicam. E pode-se discorrer sobre isso desta maneira: aquele príncipe que tem mais medo dos povos do que dos estrangeiros deve construir as fortalezas,<sup>[598]</sup> mas o que teme mais os estrangeiros do que os povos não deve ocupar-se com elas. O castelo de Milão, edificado por Francisco Sforza,<sup>477</sup> trouxe e trará mais problemas à casa dos Sforzas do que qualquer outra desordem daquele Estado. Porém, a melhor fortaleza que existe é não ser odiado pelo povo;<sup>[599]</sup> porque, ainda que o príncipe tenha as fortalezas, se os povos lhe tiverem ódio, elas não o salvarão;<sup>[600]</sup> porque nunca faltam aos povos, tomados pelas armas, estrangeiros que os socorram.<sup>[601]</sup> Nos nossos tempos, não vemos que as fortalezas tenham sido proveitosas a nenhum príncipe, senão à condessa de Forli,<sup>478</sup> quando foi morto o conde Jerônimo, seu esposo; porque, graças a elas, pôde escapar ao ímpeto popular, esperar o socorro de Milão e recuperar o Estado.<sup>479[602]</sup> Mas os tempos eram tais que os estrangeiros não podiam socorrer o povo;<sup>[603]</sup> depois, pouco valeram a ela as fortalezas, quando César Bórgia a atacou,<sup>480</sup> e o povo, inimigo dela, aliou-se a ele.<sup>[604]</sup> Por isso, tanto desta vez como da primeira,<sup>481</sup> teria sido mais seguro para ela não ser odiada pelo povo do que ter fortalezas.<sup>[605]</sup> Consideradas, assim, todas essas coisas, louvarei tanto os que as fizeram como os que não as fizeram, e censurarei aquele que, fiando-se nas fortalezas, não se importe em ser odiado pelo povo.<sup>[606]</sup>

475. Em junho de 1502. Tomou posse do ducado em agosto do ano seguinte.

476. Quando retornaram a Bolonha, em maio de 1511, os Bentivoglios destruíram a fortaleza de Porta Galliera construída por Júlio II.

477. Castelo de Sforza, construído entre 1450 e 1472. Ver *Discursos* II, 24.3.

478. Caterina Sforza Riario (1463–1509), senhora de Ímola e de Forli.

479. Depois que o marido foi morto, Caterina entrou na fortaleza de Forli e ali, com a ajuda do tio, Ludovico Sforza, conseguiu retomar a senhoria. Cf. *Discursos* III, 6.18.

480. Em 1499.

481. Quando foi atacada pelo duque Valentino, em 1499, ou quando, em 1488, os conjurados assassinaram o marido dela.

## NOTAS de Napoleão Bonaparte:

[568] Um mesmo príncipe poderá ver-se obrigado a tudo isso, no decorrer de seu principado, dependendo da época e das circunstâncias. (I)

[569] Fala, e eu me encarrego dos resultados práticos. (I)

[570] Assim fizeram os defensores da Revolução. Tornando-se príncipes da França, ao transformarem os Estados Gerais em Assembleia Nacional, armaram o povo todo para formar um exército em proveito próprio. Por que mantiveram as guardas civis e comunais o título de nacionais, que ostentam ainda hoje? Por acaso protegem o país inteiro? É preciso que percam [esse título] gradualmente. Não são nem devem ser mais do que guardas urbanas ou provinciais: assim o exigem a boa ordem e o bom juízo. (I)

[571] Os grandes arquitetos da Revolução Francesa queriam armar, de fato, ao povo apenas. Os poucos nobres a quem foi permitido adentrar a guarda nacional não os assustavam. Sabiam [esses arquitetos] que seria fácil livrar-se deles, deixando o povo como o único favorecido. (I)

[572] Como sairão dessa difícil situação, visto que muitas guardas nacionais não estão a seu favor? (E)

[573] E, portanto, com elas não contará. (E)

[574] Duvido que os aliados que estão na França possam impedir isso; e, por outro lado, logo sairão dali. (E)

[575] Impossível neste momento para eles, embora urgente. Porém, mantém a minha tropa, para a qual sou tudo. (E)

[576] Na Itália, dei atenção a isso. (PC)

[577] Foi com gosto que os vi aborrecerem-se do serviço, e era bem evidente que, passado o 1º de fevereiro, cansar-se-iam dele. (PC)

[578] Para guardar o país conquistado devo apenas utilizar os regimentos de cujo apego estou seguro. (PC)

[579] Não se deve levar à letra esse raciocínio; porque no tempo de Maquiavel os cidadãos eram os soldados que defendiam a cidade. Atualmente, já não se conta com os cidadãos para a defesa de uma cidade atacada, mas sim com as boas tropas que lá se puseram. Penso, pois, como os antigos florentinos, que é bom manter partidos de quaisquer espécies nas cidades e províncias, para ocupá-las quando forem de índole inquieta; desde que, bem entendido, ninguém se oponha a mim. (PC)

[580] Estratégema que dá certo para mim. Quando quero distraí-los dos negócios do Estado, ou quando preparo em segredo uma grande prevenção governativa, promovo entre eles algumas discórdias. (I)

[581] E, quem sabe, também alguma prudência e arte, às vezes. (I)

[582] Em tempo de guerra, é preciso distraí-los de outro modo para contentá-los. (I)

[583] Poderiam superá-las melhor do que eu? (I)

[584] Quantas escadas eles puseram à minha disposição, e como aproveitei-me bem delas! (I)

[585] Maquiavel ficaria contente com o proveito que tirei desse conselho. (I)

[586] Isso pode ser verdade para os outros, porém não é assim para mim. (I)

[587] Concordo. (I)

[588] Como conquistei certos nobres, que por ambição ou falta de fortuna necessitavam de cargos; e os emigrados, a quem voltei a abrir as portas da França e restitui os bens... (I)

[589] O que não fizeram eles para comigo com esse propósito? (I)



[590] É preciso saber perturbar essa tranquilidade, quando se suspeita de que eles fraquejam, e, mesmo que não haja motivos para suspeitas, algumas manifestações de ímpeto surtem sempre um bom efeito. (I)

[591] Apenas se mostraram meus amigos para que eu os cumulassem de bens, e, como são insaciáveis, mostrar-se-iam amigos de qualquer outro príncipe que me substituísse, a fim de se verem também beneficiados por ele. Sua alma é como as ânforas das danaides; sua ambição, a águia de Prometeu.<sup>482</sup> (I)

[592] Tal como os realistas moderados. (I)

[593] Por raiva e ambição. (I)

[594] Reflexão valorosa. (I)

[595] Assim se construíram a Bastilha, no reinado de Carlos, o Sábio, para proteger Paris, e o Castelo de Trombeta, em Bordéus, no de Carlos VIII, para defender a cidade. Não percamos isso de vista. (I)

[596] Na primeira ocasião, farei uma no alto de Montmartre, para impor respeito aos parisienses. (I) Por que não a tive quando eles se entregaram covardemente aos aliados! O Castelo de Trombeta há de acolher os traidores de Garona. (E)

[597] Destruirei todas as da Itália; exceto as de Mântua e Alexandria, que fortificarei o mais que puder. (G)

[598] Quando se teme tanto a uns quanto a outros, é conveniente tê-las, e tê-las nos pontos mais delicados. (E)

[599] Mas, se o odeiam, o mal que fazem a ele é maior do que o bem que lhe fariam cem amigos. (E)

[600] Não acredito nisso. (E)

[601] Naquela época. Hoje, veríamos. (E)

[602] Isso basta para justificar a construção de fortalezas. (E)

[603] Ela não tinha um exército como o meu. (E)

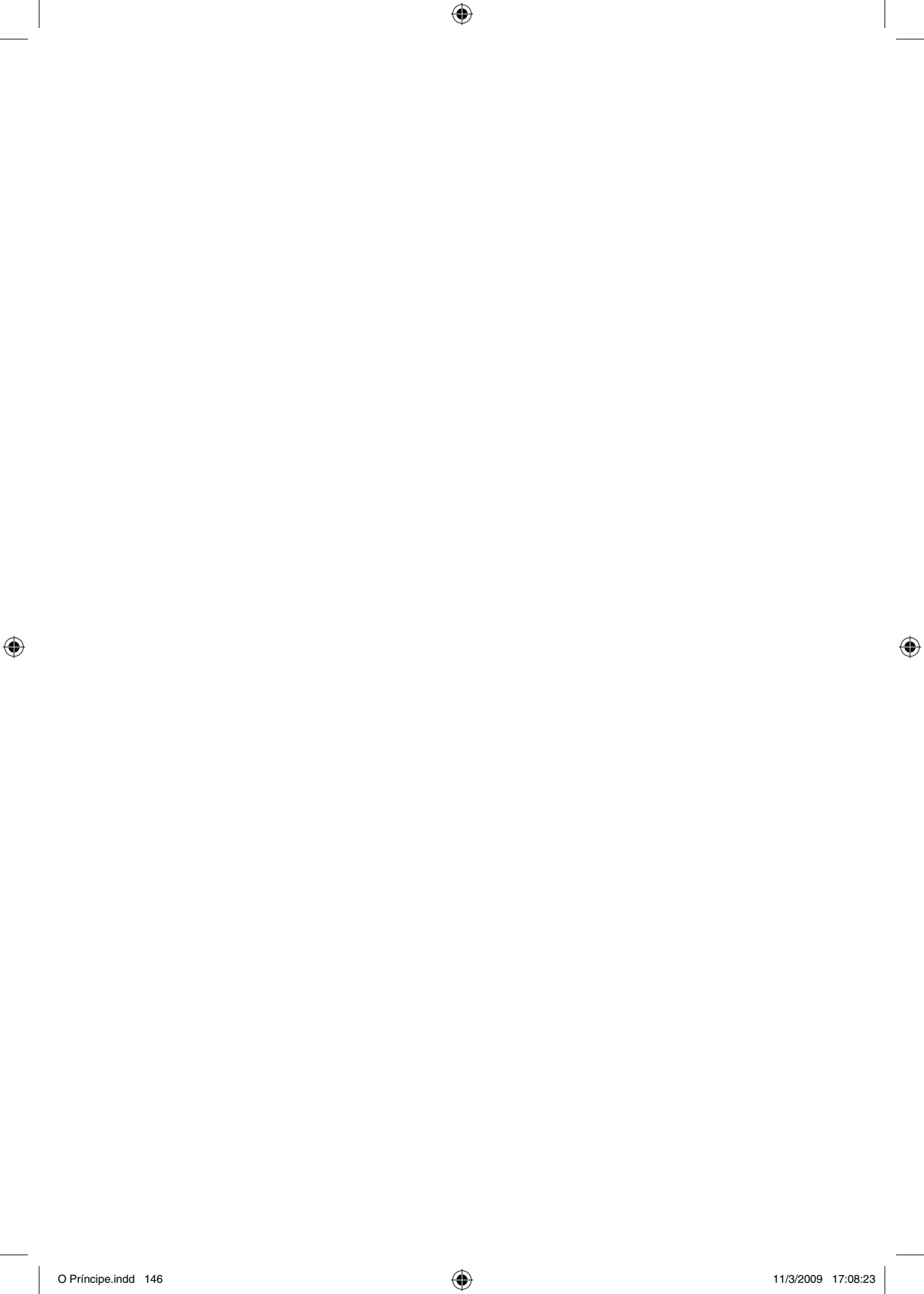
[604] Acredito... pois ela só contava com o povo para defendê-la. (E)

[605] Não ser odiado pelo povo!? Sempre a mesma infantilidade! As fortalezas valem, por certo, o mesmo que o amor do povo. (E)

[606] Podem elogiar-me, então! (E)

---

482. As danaides eram, segundo a Mitologia Grega, as filhas de Dânao; por terem matado os esposos, foram condenadas ao Hades, onde deveriam encher continuamente uma ânfora furada. Prometeu foi condenado, por ter roubado o fogo da vida e o dado aos homens, a ser acorrentado ao Cáucaso e submetido ao suplício eterno de uma águia que lhe devorava o fígado, que sempre se regenerava.





Quod principem deceat ut egregius habeatur

### O que convém a um príncipe para que seja estimado

Nada faz um príncipe tão estimado quanto as grandes empresas e os raros exemplos.<sup>[607]</sup> Nós temos, em nossos tempos, Fernando de Aragão,<sup>483</sup> atual rei da Espanha. Este quase que se pode chamar de príncipe novo,<sup>[608]</sup> porque, de um rei fraco, tornou-se, por fama e por glória, o primeiro rei dos cristãos;<sup>[609]</sup> e, se considerarmos as suas ações, achá-las-emos todas grandiosas e algumas extraordinárias.<sup>[610]</sup> Ele, no início de seu reinado, atacou Granada;<sup>[611]</sup> e essa empresa foi o alicerce de seu Estado. Primeiro, com toda liberdade e sem temor de ser impedido, manteve detidos nessa empresa os ânimos daqueles barões de Castela, que, ocupados com a guerra, não pensavam em novas ideias; e, por esse meio, adquiriu o rei reputação e poder sobre eles, sem que percebessem.<sup>[612]</sup> Pôde manter os exércitos com o dinheiro da Igreja e do povo, e com uma guerra longa pôde estabelecer um alicerce para o exército, o qual depois tanto o honrou.<sup>[613]</sup> Além disso, para realizar maiores

483. Fernando, o Católico. Tornou-se rei de Aragão em 1479, libertou a Península Ibérica dos árabes conquistando, entre 1481 e 1492, o último reduto muçulmano na Península, o reino de Granada.

empresas, servindo-se sempre da religião, dedicou-se a uma piedosa crueldade, expulsando e espoliando do seu reino os marranos;<sup>484[614]</sup> esse exemplo não podia ser mais miserável,<sup>485</sup> nem mais raro. Atacou, acobertado por esse mesmo pretexto, a África;<sup>486</sup> fez a campanha da Itália<sup>487</sup> e, ultimamente, atacou a França;<sup>488</sup> e assim sempre urdiu grandes empreendimentos, por meio dos quais manteve sempre suspensos e admirados os ânimos dos súditos e ocupados com o sucesso dessas guerras.<sup>[615]</sup> E essas ações nasceram umas das outras, de tal modo que, entre uma e outra,<sup>[616]</sup> nunca houve espaço aos homens para poderem, em silêncio, agir contra ele.<sup>[617]</sup>

Também beneficia muito a um príncipe dar exemplos raros de seu comportamento<sup>489</sup> no próprio Estado,<sup>[618]</sup> semelhantes àqueles que se contam do Senhor Barnabé de Milão.<sup>490</sup> Quando há ocasião para alguém fazer alguma coisa extraordinária, ou para o bem ou para o mal, na vida civil, cabe encontrar um modo, para premiá-lo<sup>[619]</sup> ou para puni-lo,<sup>[620]</sup> do qual muito se fale.<sup>491</sup> E, sobretudo, um príncipe deve causar de si, em todas as ações, fama de homem grande e de inteligência excelente.<sup>[621]</sup>

É também estimado um príncipe, quando é verdadeiro amigo e verdadeiro inimigo, isto é, quando sem nenhuma reserva se mostra em favor

484. Em 1492, os judeus foram expulsos do reino de Fernando e Isabel (Aragão e Castela, unidos em 1475 pela Concórdia de Segóvia); marranos eram aqueles judeus que se diziam convertidos, mas que continuavam a praticar o Judaísmo. A prática do Judaísmo era permitida em Granada durante o período mouro (os judeus tinham de pagar uma taxa, a jizia, e respeitar as leis islâmicas). Os descendentes dos judeus expulsos da península (1492, da Espanha; 1497, de Portugal) ainda são chamados de sefardis ou sefardins (por atribuírem à Espanha o nome de Zarefatem [*sefarad*], mencionado no livro bíblico de Abdias, ou Obadias, I, 20).

485. Piedoso.

486. Fernando de Aragão justificou a guerra no norte da África como uma cruzada. A guerra foi financiada pelos súditos e pela Igreja.

487. Divisão e conquista do Reino de Nápoles, e, também, a guerra da Santíssima Liga contra a França (1512-1513). Pelo fato de Luís XII ser inimigo do papa Júlio II, a guerra contra a França também foi considerada uma cruzada.

488. Conquista de Navarra. O rei de Navarra, para conter as investidas do rei de Aragão, firmou o Tratado de Blois, pelo qual os franceses o ajudariam em caso de invasão. Fernando, rei de Castela, que exercia influência sobre Navarra, considerou o tratado ofensivo a ele, pois era inimigo de Francisco I da França. Fernando entrou em Navarra, no dia 22 de julho de 1512, com 16 mil homens.

489. “*Praecipua rerum ad famam derigenda.*” [(O príncipe) deve orientar suas ações pelo público.] *Anais* IV, 40. “*Omniumque quae diceret atque ageret arte quadam ostentator.*” [Em tudo o que dizia e fazia, ele tinha a arte da ostentação.] *História* II, 80.

490. Senhor de Milão (ao lado de Mateus II e Galeazzo II), de 1354 a 1385, Barnabé Visconti (1323–1385) foi também senhor de outras cidades, como Bérgamo, Brescia, Cremona, etc.

491. Muitos autores (como Franco Sacchetti e Giovanni Sercambi) escreveram sobre Barnabé Visconti, devido ao caráter excêntrico e à crueldade dele.

de um,<sup>492</sup> contra o outro.<sup>[622]</sup> Essa atitude é sempre mais útil do que a neutralidade,<sup>493 [623]</sup> porque, se dois poderosos vizinhos entrarem em luta, pode ser que o príncipe tenha de temer o vencedor, ou pode ser que não.<sup>[624]</sup> Em qualquer um desses dois casos, será sempre mais útil ao príncipe declarar-se e fazer uma guerra digna;<sup>[625]</sup> porque, considerando-se o primeiro caso, se ele não se declara, será sempre presa do que venceu,<sup>[626]</sup> com prazer e satisfação daquele que foi vencido;<sup>[627]</sup> e não terá razão, nem coisa alguma que o defenda, nem quem o acolha. Porque quem vence não quer amigos suspeitos, que não o ajudaram nas adversidades; quem perde não acolhe aquele que não quis, com armas na mão, arriscar-se por ele.<sup>[628]</sup>

Antíoco<sup>494</sup> tinha ido à Grécia, chamado pelos etólios para expulsar os romanos. Enviou embaixadores aos aqueus, que eram amigos dos romanos, para exortá-los a permanecer neutros; e, por outro lado, os romanos os persuadiam a tomar as armas por eles. Essa matéria veio a ser deliberada no conselho dos aqueus, no qual o embaixador de Antíoco persuadiu-os a permanecer neutros; a isso o embaixador romano respondeu: “*Quod autem isti dicunt non interponendi vos bello, nihil magis alienum rebus vestris est; sine gratia, sine dignitate, praemium victoris eritis*”.<sup>495[629]</sup> E sempre acontecerá que os que não são amigos do príncipe busquem dele a neutralidade; e os amigos, que ele se revele pelas armas. E os príncipes irresolutos, para evitarem os perigos atuais, seguem, na maioria das vezes, aquela direção da neutralidade, e quase sempre se arruinam.<sup>[630]</sup>

Mas, quando o príncipe se mostra com galhardia em favor de uma das partes, se aquele a quem adere vence, ainda que seja poderoso e o príncipe fique à sua mercê, o vencedor terá para com ele obrigação, e a ele estará ligado por amizade; pois os homens não são tão desonestos para pagar tão grande ajuda com tamanha ingratidão.<sup>[631]</sup> Além disso, as vitórias não são jamais tão decisivas que o vencedor não tenha que guardar nenhum respeito, principalmente em relação à justiça.<sup>[632]</sup> E o príncipe contará com

492. Ver *Discursos* II, 15.

493. Florença preferiu a neutralidade nas disputas entre a França e Luís XII. Maquiavel, na carta a Vettori, de 20 de dezembro de 1514, dizia que buscar a neutralidade é o mesmo que procurar ser odiado e desprezado.

494. Antíoco III, da Síria. Antíoco era aliado de Filipe V da Macedônia, com quem havia firmado um pacto para dividir o Império de Ptolomeu. Quando Filipe se envolveu nos conflitos de Pérgamo e Rodes, essas cidades pediram ajuda a Roma, que entrou em guerra contra Filipe. Antíoco, em vez de auxiliar seu aliado, abandonou-o e marchou para conquistar o Egito, que não podia contar com a ajuda romana. Posteriormente, Antíoco acolheu Aníbal, derrotado na Segunda Guerra Púnica, e aliou-se aos etólios para eliminar a influência romana na Etólia. Na guerra contra Roma, foi derrotado em 191 a.C., nas Termópilas, e em 190, em Magnésia, e obrigado a firmar a Paz de Apâmia.

495. “Quanto a isso que vos digo, de não vos intrometerdes na guerra, é a decisão mais desfavorável que poderíeis tomar: privados de crédito e de dignidade, tornar-vos-eis prêmio para o vencedor.” Maquiavel cita Tito Lívio (XXXV, 49) a Vettori, com imprecisões.

o amparo de seu aliado mesmo que este seja o perdedor, ajudando ao príncipe sempre que puder, tornando-o companheiro de uma fortuna que pode mudar.<sup>[633]</sup>

No segundo caso,<sup>496</sup> em que aqueles que combatem entre si são do tipo que o príncipe não deve temer, ainda será mais prudente aliar-se a um deles; porque levará à ruína aquele a quem o outro deveria salvar, se fosse sensato;<sup>[634]</sup> porque, vencendo, estará à mercê do príncipe,<sup>[635]</sup> sem a ajuda de quem seria impossível vencer. Nota-se, aqui, que um príncipe deve ter o cuidado de nunca fazer aliança com um mais poderoso do que ele para atacar os outros, senão quando a necessidade o obrigar,<sup>[636]</sup> como antes se disse,<sup>497</sup> porque, vencendo, torna-se refém do outro;<sup>[637]</sup> e os príncipes devem evitar, quando podem, de ficar à mercê dos outros.<sup>[638]</sup> Os venezianos aliaram-se à França contra o duque de Milão, e podiam evitar aquela aliança, da qual resultou a ruína deles.<sup>[639]</sup> Mas, quando não se pode evitá-la, como aconteceu aos florentinos quando o papa e a Espanha foram com seus exércitos atacar a Lombardia,<sup>498</sup> então deve o príncipe aderir pelas razões antes descritas. O príncipe não deve nunca acreditar que um Estado possa tomar partido com segurança;<sup>[640]</sup> ao contrário, deve pensar em tomá-lo sempre em meio a dúvidas; porque faz parte da ordem das coisas, que, para evitar-se um inconveniente, se acabe incorrendo noutro;<sup>499[641]</sup> mas a prudência consiste em reconhecer-se a natureza dos inconvenientes, e tomar como bom o menos prejudicial.<sup>500</sup>

Deve ainda um príncipe mostrar-se amante das virtudes, acolhendo os homens virtuosos e honrando os melhores em uma arte.<sup>[642]</sup> Ao mesmo tempo, deve providenciar para que os cidadãos possam exercer com segurança seus ofícios, no comércio e na agricultura, ou em qualquer outra atividade dos homens; e que uns não receiem melhorar as suas posses por temor de que lhes sejam tomadas; e que outros não receiem abrir um comércio por medo dos impostos;<sup>[643]</sup> mas que se recompense<sup>501</sup> a quem fizer essas coisas, e a quem pensar em qualquer outro modo de ampliar a sua cidade ou o seu Estado.<sup>[644]</sup> Deve, além disso, nos tempos convenientes

496. Cf. § 3. Caso em que o príncipe não tem de temer o vencedor.

497. Capítulo III, 9. Aliança dos venezianos com a França.

498. Em 1511-1512. Florença não aderiu à Santíssima Liga nem à França, mantendo a neutralidade. “Os florentinos... começavam a perceber os resultados da neutralidade imprudente...” Guicciardini, *História da Itália* XI, 2.

499. Cf. *Discursos* I, 6.3. “Em todas as coisas dos homens, observa-se isto: ... mal se resolve um inconveniente e outro aparece.”

500. Como o fazia o Senado Romano, “tomando sempre a decisão menos ruim”. *Discursos* I, 38.2.

501. Ver *Discursos* I, 24.

do ano, manter ocupados os povos com as festas e os espetáculos.<sup>502[645]</sup> E, porque cada cidade é dividida em artes ou em tribos,<sup>503[646]</sup> deve cuidar dessas comunidades, reunir-se com elas algumas vezes,<sup>504[647]</sup> dar de si exemplos de humanidade e de munificência,<sup>[648]</sup> mantendo-se sempre firme, não obstante a majestade de sua dignidade, porque esta não deve faltar jamais em coisa alguma.<sup>505[649]</sup>

502. “*Voluptatibus, quibus Romani plus adversus subiectos quam armis valent.*” [Prazeres, que mais do que as armas deram aos romanos o domínio sobre os seus súditos.] *História* IV, 64.

503. Corporações de ofícios e bairros. O termo tribo é vernaculização do latim *tribus*, divisão das cidades romanas.

504. “*Ut est vulgus cupiens voluptatum et, se eodem princeps trahat, laetum.*” [Assim é o vulgo, sempre ávido de diversões, e, se o príncipe o satisfaz nesse sentido, o povo se alegra.] *Anais* XIV, 14.

505. “*Nec illi, quod est rarissimum, aut facilitas auctoritatem aut severitas amorem deminuit.*” [Sua natureza boa não lhe enfraquecia a autoridade; tampouco seu rigor lhe afastava os amigos.] *Agrícola*, 9.

## NOTAS de Napoleão Bonaparte:

[607] Com eles me elevei e só com eles posso me manter. Se eu não fizesse obras que superassem as anteriores, decairia. (I)

[608] Há príncipes de muitas espécies. (E)

[609] Chegarei a isso. (E)

[610] Não mais do que as minhas. (I)

[611] Farei o mesmo com a Espanha. (PC)

[612] Minhas circunstâncias se diferenciavam muito das dele, em minha campanha contra a Espanha, para que eu tivesse em meu império triunfos semelhantes. Quanto ao resto: é dispensável. (I)

[613] Fernando foi mais feliz do que eu, ou teve ocasiões que lhe foram mais favoráveis. Fazer com que meu irmão agisse (ah! que irmão!) não é como se eu mesmo agisse? (I)

[614] A minha dedicação à Concordata só me deu poder para expulsar os sacerdotes que se mostraram, e continuavam a mostrar-se, refratários às promessas e aos juramentos. Eu precisava apenas dos dóceis e dos muito jesuíticos. De quando em quando, irritarei, deliberadamente, os “pais da fé”! Fesch<sup>506</sup> os protegerá, e eles o farão papa! (PC)

[615] Manter meus povos sempre distraídos, fazendo com que não deixem de falar de meus triunfos ou de meus objetivos engrandecidos pelo gênio da ambição. Isso me será muito útil! (PC)

[616] A isso me dediquei, sobretudo nos meus tratados de paz, para que eles tivessem sempre alguma cláusula que abrisse pretexto para uma guerra imediata. (I)

[617] É também um dos meus objetivos na incontrolável sucessão de minhas empresas. (I)

[618] Convém que essas coisas sejam deslumbrantes, sem estarem despidas de alguns aspectos de utilidade pública. (I)

[619] A instituição de meus prêmios decenais. (I)

[620] Nesse ramo, já não há o que inventar. (I)

[621] Entendo-te e aceito os teus conselhos. (I)

[622] A não ser que haja depois um contraponto. (PC)

[623] Indício da maior debilidade de armas e gênio. (PC)

[624] Isso não me interessa. Não escolho ninguém em particular, e os manterei divididos até que possa juntar os dois a mim. (PC)

[625] Não existe outro meio. (I)

[626] Foi o que aconteceu com os neutrais das ligas anteriores, que se tornaram despojos meus. (I)

[627] Disposições de que me aproveito sempre, graças a ti. (I)

[628] Bom conselho para os outros, e especialmente para aqueles que nunca tiveram bastante juízo para raciocinar assim. (I)

[629] Farei com que os príncipes da Alemanha digam isso, na minha campanha contra a Rússia; quanto aos outros, marcharão calados. (I)

[630] Mostram-se fracos e, por causa disso, viram-se perdidos. (I)

[631] Os homens de então valiam mais do que os de hoje, agora que tais considerações já não são feitas ou já não valem? Nosso Século das Luzes dilatou maravilhosamente a esfera da ciência política. (I)

[632] Cada um entende como pode. (I)

506. Joseph Fesch (1763–1839). Político e religioso francês e tio de Napoleão. Era o embaixador do Império Francês junto à Santa Sé. Napoleão irritaria ainda mais os clérigos ao anexar, em 1809, os Estados Pontifícios ao Império.



[633] Isso é bom para os príncipes medíocres. (I)

[634] A Rússia não havia lido isso quando abandonou a Áustria contra meus exércitos. Levarei isso em consideração quando tiver de negociar com a Rússia. A Áustria e a Prússia, interessadas na própria conservação, talvez se deixem levar por mim contra a Rússia. (I)

[635] Todas chegarão a isso. (I)

[636] É o que lhes ofereço. (I)

[637] E o serão! (I)

[638] Não é preciso evitá-lo. (I)

[639] Exemplo medíocre! (PC)

[640] Pode-se contar com a sorte. (PC)

[641] Inconvenientes sempre existem, de um lado e de outro: uns mais sérios, outros menos. (PC)

[642] Aumentar os privilégios dos criativos. (PC)

[643] Os tributos não assustam nunca a ambição mercantil. (PC)

[644] Que outra pessoa, além de mim, multiplicou tanto esses meios? (I)

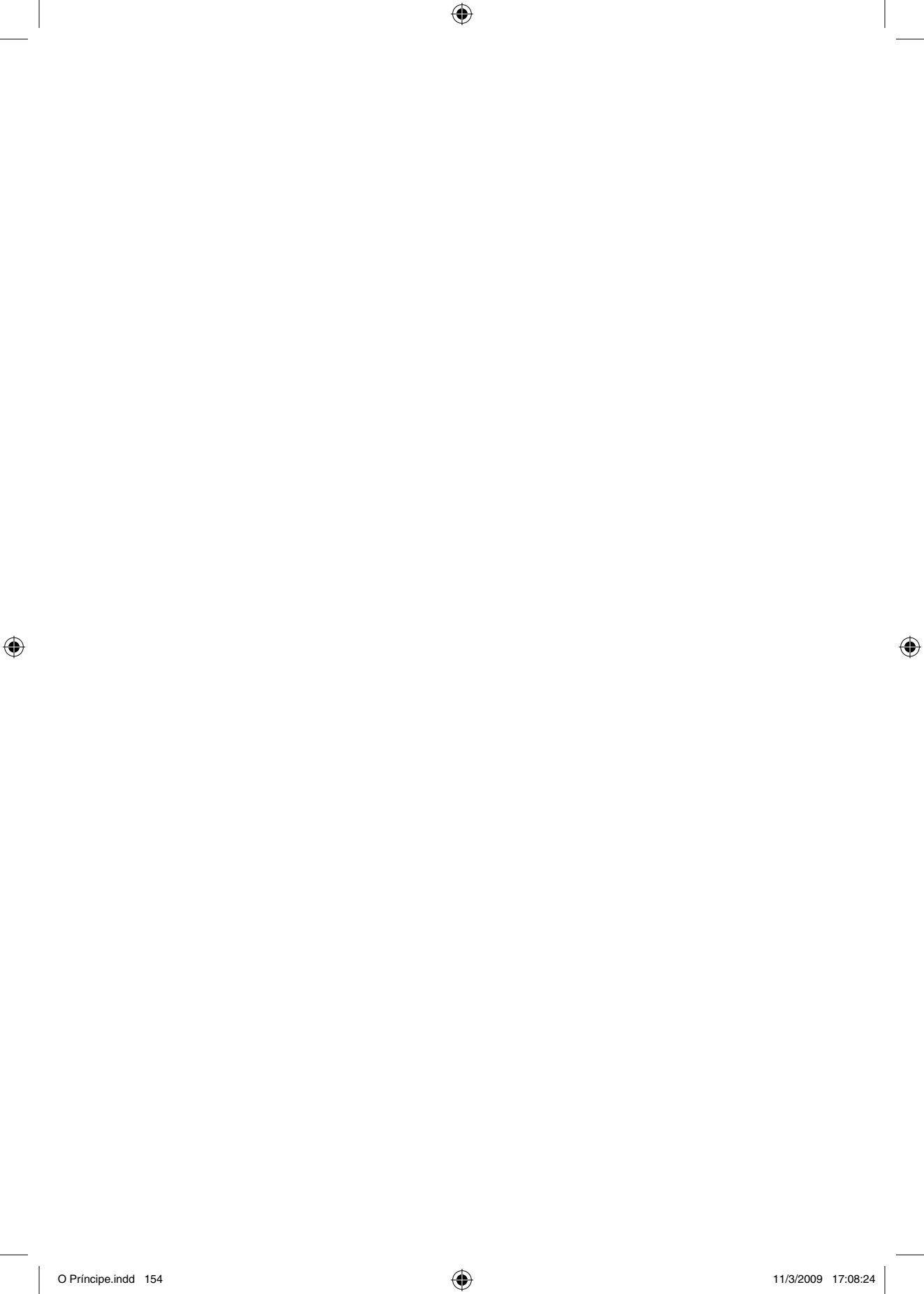
[645] As festas e funções da igreja não me serviam. A supressão delas foi compensada com a pompa de minhas festas civis, muito mais úteis para mim. (I)

[646] É muito popular. (PC)

[647] Certamente bastaria aparecer nos teatros. (PC)

[648] É preciso ser sóbrio em relação a isso. (PC)

[649] Atente-se a isso, que é muito certo. (I)





De his quos a secretis principes habent

### Dos secretários que os príncipes têm junto de si

Não é assunto de pouca importância para um príncipe a escolha de seus ministros;<sup>507</sup> os quais serão bons ou não, de acordo com a prudência do príncipe.<sup>[650]</sup> E a primeira conjectura que se faz a respeito da inteligência de um senhor vem de saber-se que homens ele tem em torno de si;<sup>[651]</sup> se estes são capazes e fiéis,<sup>[652]</sup> sempre se reputará sábio o príncipe, por saber reconhecê-los e mantê-los fiéis.<sup>508[653]</sup> Mas, quando não, sempre se fará mau juízo dele; porque, o primeiro erro que comete, comete-o justamente nessa escolha.<sup>[654]</sup>

Não houve ninguém que, conhecendo Monsenhor Antônio de Venafro<sup>509</sup> como ministro de Pandolfo Petrucci, Príncipe de Siena, não julgasse Pandolfo

507. Ministro tem aqui o sentido de subalterno, como em latim.

508. “*Ut enim de pictore, sculptore, fictore, nemo nisi artifex judicare; ita nisi sapiens non potest perspicere sapientem.*” [Um homem não pode julgar com propriedade a arte de um pintor, de um estatuário ou de um escultor, se não for da mesma profissão que eles; da mesma forma, ninguém pode atribuir sabedoria aos outros se não for ele mesmo um sábio.] Plínio, *Epitáfio* X, 1.

509. Antônio Giordani (1459–1530). Professor, juiz e depois conselheiro fiel do senhor de Siena, Pandolfo Petrucci.

um homem de muito valor, por ter aquele por seu ministro.<sup>[655]</sup> E, porque são de três espécies as inteligências<sup>510</sup> – uma que entende as coisas por si mesma,<sup>[656]</sup> outra que discerne o que os outros entendem<sup>[657]</sup> e uma terceira que não entende nem por si mesma, nem pelos outros:<sup>[658]</sup> a primeira é excelentíssima, a segunda é excelente e a terceira inútil<sup>[659]</sup> –, era, portanto, inevitável que, se Pandolfo não esteve<sup>511</sup> no primeiro caso, estivesse pelo menos no segundo; porque, toda vez que alguém tem a capacidade de conhecer o bem e o mal que alguém faz e diz,<sup>[660]</sup> ainda que não tenha a capacidade de discernir por si mesmo, reconhece as más obras e as boas, e exalta estas e corrige as outras. Dessa forma, o ministro não terá esperanças de enganar o príncipe e conservar-se-á bom.<sup>512</sup>

Mas, para que um príncipe possa conhecer um ministro, existe este método que nunca falha. Quando o príncipe perceber que o ministro pensa mais nas coisas próprias do que nas do príncipe, e que em todas as ações busca o interesse próprio,<sup>[661]</sup> saberá o príncipe que esse homem jamais será um bom ministro, e que não poderá fiar-se nele;<sup>513</sup> porque aquele que tem um Estado de outro nas mãos não deve pensar jamais em si, mas sempre no príncipe,<sup>[662]</sup> e não fazê-lo recordar jamais do que não diga respeito ao Estado.<sup>514</sup><sup>[663]</sup> E, por outro lado, o príncipe, para mantê-lo bom, deve pensar no ministro,<sup>515</sup> honrando-o, tornando-o rico, sendo agradecido a ele, fazendo-o participar de honrarias e cargos, para que sinta que o príncipe não pode prescindir dele; mas que as muitas honrarias não lhe façam dese-

510. Segundo Aristóteles, Hesíodo dizia: “Entre todos, o melhor é aquele que tudo sabe; bom é ainda o que, não sabendo, escuta o mestre; o que nada sabe e nada escuta, tem o juízo turvo e não vale nada.” *Ética a Nicômaco* I, 4, 1095b, 10-11. “É superior a todos, aquele que enfrenta sozinho as situações; depois, aquele que obedece aos bons conselhos; mas é de capacidade intelectual inferior aquele que não sabe aconselhar nem obedecer.” Tito Lívio, *História de Roma* XXII, 29.8.

511. No perfeito, pois Pandolfo morreu em 1512.

512. “*Seianus incipiente adhuc potentia bonis consiliis notescere volebat.*” [Sejano, no princípio de sua autoridade, quis ser reconhecido como conselheiro justo.] *Anais* IV, 1.

513. Sejano, por ter salvado a vida de Tibério, conquistou-lhe a confiança e passou a ser visto como um homem que tinha mais consideração pela segurança do príncipe do que pela própria. “*Maiores ex eo et quamquam exitiosa suaderet ut non sui anxius cum fide audiebatur.*” *Anais* IV, 59.

514. Tibério censurou um de seus senadores por levar ao Senado um problema familiar, e lhe disse que o Senado estava constituído para resolver problemas públicos e não as queixas triviais de um cidadão em particular. “*Nec sane ideo a maioribus concessum est egredi aliquando relationem et quod in commune conducatur loco sententiae proferre, ut privata negotia et res familiaris nostras hic augeamus...*” *Anais* II, 38.

515. Tibério disse a Sejano: “*Ipse quid intra animum volutaverim, quibus adhuc necessitudinibus immiscere te mihi parem, omittam ad praesens referre: id tantum aperiam, nihil esse tam excelsum quod non virtutes istae tuasque in me animus mereantur, datoque tempore vel in senatu s vel in contione non reticebo.*” [Não te preocupes com a tua família; pensarei em ti. E, embora eu não possa dizer mais por enquanto, asseguro-te de que não me esquecerei de recompensar os teus serviços na oportunidade adequada.] *Anais* IV, 40. O rei Filipe II, da Espanha, disse a seu primeiro-ministro Ruy Gomez: “Cuida dos meus assuntos que eu cuidarei dos teus”.

jar outras mais, nem as muitas riquezas lhe façam desejar ser mais rico<sup>[664]</sup> e os muitos cargos lhe façam temer as mudanças.<sup>[665]</sup> Quando, então, os ministros e os príncipes em relação aos ministros forem dessa espécie, poderão confiar um no outro;<sup>[666]</sup> mas, quando não for assim, o resultado será sempre danoso ou para um ou para outro.<sup>[667]</sup>

## NOTAS de Napoleão Bonaparte:

<sup>[650]</sup> Mas essa prudência deve ajustar-se também às circunstâncias. Às vezes, é bom ter-se alguns de má reputação. (PC)

<sup>[651]</sup> Que pensariam de mim se eu nomeasse ministros e conselheiros entre os amigos declarados dos Bourbons, condecorados com as cruzes de São Luís e cumulados de mercês por aquele a quem eu iria substituir e que esperava suplantar-me? (I)

<sup>[652]</sup> Pode-se encontrar tudo isso em um sujeito desacreditado mais facilmente do que se encontraria em alguém de ilibada reputação. (PC)

<sup>[653]</sup> Eis aí a dificuldade; e nela encontrarão a ruína. (E)

<sup>[654]</sup> Aquele que não conhece os homens e se deixa conduzir por outro nas escolhas que faz não saberá evitá-lo. (E)

<sup>[655]</sup> Vejam-se suas escolhas e as julguem. (E)

<sup>[656]</sup> Agarro-me mais a isso. (PC)

<sup>[657]</sup> Não menosprezo essa, desde que mantenha a aparência de uma supremacia intelectual. (PC)

<sup>[658]</sup> Esses são os estúpidos e os brancos. Maquiavel esqueceu-se dos espíritos sistemáticos e orgulhosos dos próprios sistemas. (PC)

<sup>[659]</sup> E os quartos se danam ao crerem que com a soberba fazem o melhor. (E)

<sup>[660]</sup> José tem, pelo menos, essa espécie de cabeça. (I)

<sup>[661]</sup> Fazer tudo o que for possível para que, quando pensar em seus interesses, ocupe-se apenas dos nossos. (PC)

<sup>[662]</sup> Jamais é exagero. Mas, se pensa mais em si do que em mim, adeus! (PC)

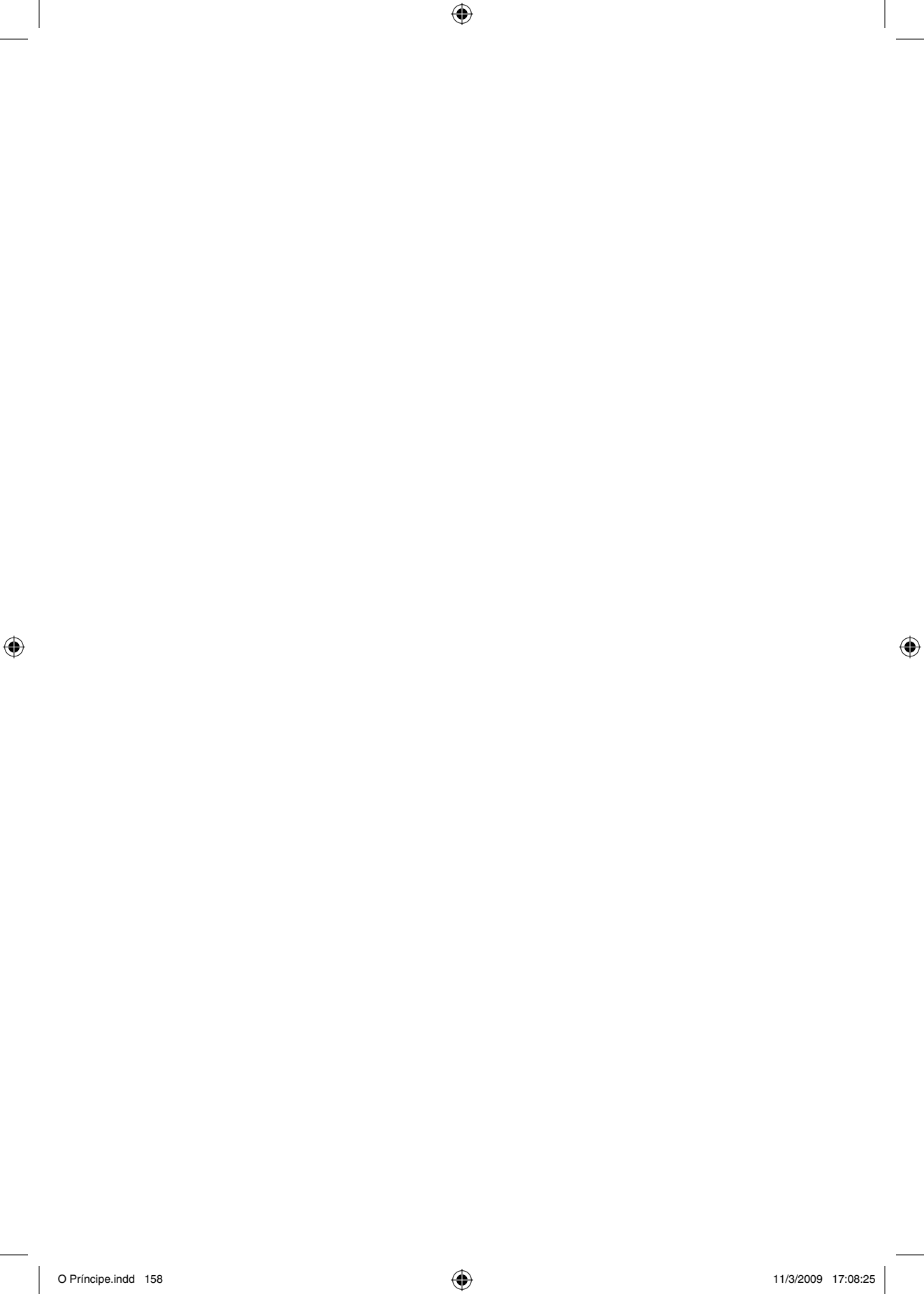
<sup>[663]</sup> Sabem muito bem disfarçar os seus interesses nos de meu reinado! (I)

<sup>[664]</sup> Quando não são como os meus, gente sem vergonha na cara, resta mais honra em meu reino da Itália. (I)

<sup>[665]</sup> Trapaceiros! Aprenderam hoje a se fazer de importantes em qualquer governo, mesmo nos mais disparatados e opostos. (E)

<sup>[666]</sup> Isso funcionaria em outros tempos e em outros lugares que não na França. (I)

<sup>[667]</sup> Quem poderia adivinhar que seria para mim? Repararei isso. (E)



## Capítulo XXIII



Quomodo adultores sint fugiendi

### De que modo se devem evitar os adultores

Não quero deixar de lado um ponto importante e um erro do qual os príncipes terão muita dificuldade de se defender, se não forem de muita prudência ou não fizerem boa escolha. Trata-se dos adultores, dos quais as cortes estão plenas;<sup>[668]</sup> porque os homens se comprazem tanto nas suas próprias coisas e de tal modo se enganam que com dificuldade se defendem dessa peste;<sup>516</sup> e, querendo defender-se, correm perigo de ser desprezados.<sup>[669]</sup> Porque não há outro modo de guardar-se das adulações, senão fazendo com que os homens entendam que não se ofende um príncipe por dizer-lhe a verdade;<sup>[670]</sup> mas, quando todos podem dizer a verdade,<sup>[671]</sup>

516. As adulações eram tidas como verdadeiras pragas nos séculos XV e XVI. “Anzóis aos montes, de ouro e prata, vê:/São dádivas, obséquios e atenções/Que se fazem à cata de mercê/  
Aos reis, a avaros príncipes, patrões;/Do laço oculto em flores o porquê/Indaga, e ouve que são adulações,/Cigarras rebentadas ali jazem:/São versos que em louvor de ambos se fazem.” Ariosto, *Orlando Furioso* XXXIV, 77 (tradução de Pedro Garcez Ghirardi). “*Adulationes... vetus id in re publica malum.*” [Adulações... velho mal do Estado.] *Anais* II, 32.

desaparecem as deferências.<sup>517</sup> Por isso, um príncipe prudente deve ter um terceiro modo, escolhendo em seu Estado homens sábios, e apenas a eles deve dar livre-arbítrio para falar-lhe a verdade, mas daquelas coisas que ele pergunta, e não de outra;<sup>518[672]</sup> deve, no entanto, perguntar-lhes sobre todas as coisas,<sup>[673]</sup> e ouvir-lhes a opinião; depois, deliberará por si, a seu modo;<sup>[674]</sup> e, sobre esses conselhos, e com os conselheiros, portar-se-á de modo que todos saibam que, quanto mais livremente falarem, tanto mais agradarão ao príncipe.<sup>519</sup> A mais ninguém o príncipe ouvirá, e convém que cumpra sempre o deliberado e que persevere nas suas deliberações.<sup>[675]</sup> Quem age de outro modo, arruína-se por causa dos adulares, ou torna-se mais volúvel diante da variedade de opiniões,<sup>[676]</sup> o que faz dele menos estimado.<sup>520</sup>

Quero, a esse propósito, aduzir um exemplo contemporâneo. Dom Luca,<sup>521</sup> homem do atual imperador Maximiliano,<sup>522</sup> falando de Sua Majestade, dizia que, embora o imperador não se aconselhasse com ninguém, nunca fazia nada segundo seus caprichos,<sup>[677]</sup> sua conduta era, pois, contrária ao que foi dito antes. Porque o imperador é homem reservado, não comunica

517. Tibério, apesar de odiar a bajulação, não permitia que lhe falassem com liberdade. “*Unde angusta et lubrica oratio sub principe qui libertatem metuebat adulationem oderat.*” *Anais* II, 87.

518. “Quando seguides [meus] conselhos, avalia tu mesmo todas as circunstâncias favoráveis...” Sun Tzu, I.

519. Certa vez, um adular pediu ao rei D. João II, de Portugal, que lhe desse um cargo, que se encontrava vago. O rei respondeu-lhe que o cargo estava reservado para alguém que nunca o houvesse bajulado.

520. “*Ipse huc modo, modo illuc, ut quemque suadentium audierat, promptus, discordantis in consilium vocat ac promovere sententiam et adicere rationes iubet.*” [O imperador (Cláudio), que ora se inclinava para um lado, ora para o outro, ao dar ouvidos a um ou a outro conselheiro, convocou os querelantes para uma conferência e pediu-lhes que expresassem suas opiniões e as razões delas.] *Anais* XII, 1.

521. Luca Rinaldi, bispo de Trieste, conselheiro e embaixador de Maximiliano I.

522. Mencionado várias vezes neste livro, Maximiliano I de Habsburgo (1459–1519) passou a governar o Sacro Império Romano-Germânico a partir de 1493 (coroado em 1508). Era o primogênito de Frederico III e D. Leonor de Portugal. Casou-se em 1477 com Maria, filha de Carlos, o Temerário, duque da Borgúndia, adquirindo dela os domínios da Borgúndia, nos Países-Baixos. Tornou-se rei dos romanos em 1486. E, por meio de casamentos de seus familiares com outros membros da nobiliarquia europeia, e de guerras, foi ampliando seus domínios, tomando controle da Áustria, da Hungria, da Boêmia, etc., não logrando todavia o controle da França. Carlos V, herdeiro do Império Habsburgo, consolidou-lhe as fronteiras e, não obstante as guerras contra a França e os turcos e o surgimento da Reforma protestante, chegou a possuir um imenso território dentro da Europa. Antes de morrer, Carlos V dividiu seu império entre os dois filhos. Filipe II ficou com a Espanha e, pouco depois, com Portugal, cujo trono reivindicou por herança da bisavó, D. Leonor, e tornou-se dono do maior território imperial da História. A Dinastia Habsburgo esteve presente em quase toda a realeza europeia, e até mesmo no Brasil, com Dona Leopoldina, esposa de D. Pedro I.



os seus desígnios a ninguém e não pede parecer sobre suas ideias; mas, quando as coloca em prática, tornam-se conhecidas e se revelam; por conseguinte, passam a ser contraditas<sup>[678]</sup> por aqueles que o rodeiam, e, como ele é condescendente, logo as abandona.<sup>[679]</sup> Daí resulta que, aquelas coisas que faz um dia, destrói no outro; e que não se entende nunca o que ele quer ou pensa em fazer, e, portanto, que ninguém pode basear-se nas deliberações do imperador.<sup>[680]</sup>

Um príncipe, portanto, deve aconselhar-se sempre, mas apenas quando ele o quer, e não quando os outros querem;<sup>[681]</sup> antes, deve tolher a todos o desejo de dar-lhe conselhos que não foram solicitados;<sup>[682]</sup> mas, por outro lado, deve ser pródigo nas perguntas, e, das coisas perguntadas, ser um ouvinte paciente da verdade. Contudo, ao entender que alguém, por algum motivo, não lhe diz a verdade, deve mostrar-se ofendido.<sup>[683]</sup> E, se muitos afirmam que um príncipe, tido como prudente, deve essa qualidade não à natureza, mas aos bons conselhos<sup>523</sup> dos que tem em torno de si, sem dúvida engana-se.<sup>[684]</sup> Porque esta é uma regra geral que nunca falha: um príncipe que não é sábio por natureza não pode ser bem aconselhado, a menos que, por fortuna, consigne-se a um só conselheiro, tido por homem muito prudente, que oriente o príncipe em tudo.<sup>[685]</sup> Esse caso poderia suceder, mas duraria pouco, porque aquele governador<sup>524</sup> em breve tempo lhe tomaria o Estado; mas, aconselhando-se com mais de um, um príncipe que não seja sábio não receberá jamais conselhos coerentes,<sup>[686]</sup> e não saberá conciliá-los sozinho;<sup>525</sup> cada conselheiro pensará no interesse próprio, e o príncipe não saberá corrigir nem reconhecer os conselhos recebidos.<sup>[687]</sup> E não se podem encontrar conselheiros de outra espécie; porque os homens sempre serão maus, se, por uma necessidade, não se tornarem bons.<sup>526[688]</sup> Porém, conclui-se que é conveniente que os bons conselhos, seja de onde vierem, nasçam da prudência do príncipe, e não a prudência do príncipe dos bons conselhos.<sup>[689]</sup>

523. “E olhei para o meu sábio conselheiro”, diz Dante, referindo-se a Virgílio. *Comédia*, “Purgatório”, XIII, v. 75.

524. Conselheiro, orientador.

525. “*Neque alienis consiliis regi neque sua expedire.*” [Incapaz de confiar no conselho dos outros e no próprio.] *História* III, 73.

526. “Os homens não agem de acordo com o bem, se não por necessidade.” *Discursos* I, 3.2.

## NOTAS de Napoleão Bonaparte:

[668] São necessários. Um príncipe precisa da adoração deles, mas não deve amolecer por causa dela: aí está a dificuldade. (I)

[669] Se não fossem comedidos em me adorar, o povo me consideraria inferior a um homem vulgar. (I)

[670] Acredito; mas dirão a verdade? (PC)

[671] Já é demasiado permiti-lo a dois ou três. (PC)

[672] Proíbe-se a esses conselheiros de abrir a boca se não forem solicitados. (PC)

[673] É muito. (I)

[674] Não desobedeci a isso, e me saí muito bem. (I)

[675] Eu, certamente. (I)

[676] Acrescente-se a força das circunstâncias atuais que tornam mais inevitáveis esses dois perigos, e logo se vê o fim a que os adutores nos levam. (E)

[677] Teve<sup>527</sup> bons pensamentos, sobretudo quando quis igualar-se ao papa, mesmo em matéria de religião; com essa medida, tomou o título de "*Pontifex maximus*", mas não tinha um gênio como o meu. Contentou-se em dizer que "se fosse Deus e tivesse filhos, o primeiro seria Deus e o segundo, rei da França". Eu, onipotente na Europa, farei com que meu filho, se for único, tenha a soberania da Santa Sé junto com a do Império. (I)

[678] Pobre de quem o fizesse. (I)

[679] Inteligência fraca, mas boa imaginação. (I)

[680] Todo o auxílio que nos prestam tem por fundamento saber que somos constantes. (I)

[681] Ou seja, antes de me darem conselhos, experimentariam meu humor e adivinhariam minha opinião. (I)

[682] Eu soube fazer com que perdessem a vontade disso. (I)

[683] Maquiavel exige muito. Sei melhor do que ele o que convém em minha situação. (I)

[684] A opinião está formada. Sabe-se que posso dizer, como Luís XI: "O verdadeiro conselho está em minha cabeça". (I)

[685] Sede um Luís XIII hoje e logo verás o que Armand<sup>528</sup> fará com Pepino.<sup>529</sup> (I)

[686] Não se deve carregar o peso dos outros. (I)

[687] Isso se verifica. (E)

[688] É uma verdade incontestável, e basta para que os ministros e cortesãos afastem do príncipe a leitura de Maquiavel. (E)

[689] E onde está a cabeça reinante capaz disso? Em uma ilha no Mediterrâneo! (E)

527. Maximiliano.

528. Armand Jean du Plessis, cardeal de Richelieu (1585–1642). Conselheiro de Luís XIII. Foi quem de fato governou a França naqueles anos. Conseguiu afastar todos os conselheiros do rei, inclusive a Rainha mãe (Maria de Médici), e tornar-se o único conselheiro de Luís.

529. Talvez Napoleão refira-se a Pepino, o Breve, fundador da Dinastia Carolíngia e primeiro rei da França. Então o sentido da sentença seria o de que se deve temer um conselheiro que desdenha da realeza.



Cur Italiae principes regnum amiserunt<sup>[690]</sup>

# Por qual razão os príncipes da Itália perderam seus Estados

**A**s coisas antes descritas, quando seguidas com prudência, fazem um príncipe novo parecer antigo,<sup>530</sup> tornando-o mais seguro e mais firme no Estado do que se ali estivesse radicado há muito tempo.<sup>[691]</sup> Porque um príncipe novo é muito mais observado nas suas ações do que um hereditário, e, quando essas ações tornam-se virtuosas, conquistam muito mais os homens e os obrigam muito mais do que a antiguidade do sangue o faria.<sup>[692]</sup> Porque os homens deixam-se levar muito mais pelas coisas presentes do que pelas passadas,<sup>[693]</sup> e quando nas presentes encontram o bem, sentem prazer e não procuram mais nada;<sup>531</sup> antes, assumirão a defesa do príncipe,<sup>[694]</sup> desde que ele, nos outros assuntos, não os decepcione.<sup>[695]</sup> E assim terá a dupla glória de ter dado início a um principado novo e de tê-lo ornado e fortalecido com boas leis, boas armas<sup>532</sup> e bons exemplos;<sup>[696]</sup> por

530. De antiga nobreza.

531. “Quando os homens são bem governados, não procuram, nem querem, outra liberdade.” *Discursos* III, 5.2. “Tuta et praesentia quam vetera et periculosa mallent.” [Preferiam a segurança do presente aos perigos do passado.] *Anais* I, 2.

532. Em algumas edições, há uma interpolação neste lugar: “bons amigos”.

outro lado, terá duplicada a sua vergonha se, nascido príncipe, por pouca prudência tiver perdido o seu Estado<sup>[697]</sup>.

E, se se consideram aqueles senhores que na Itália perderam seus Estados, nos nossos tempos, como o rei de Nápoles,<sup>533</sup> o duque de Milão<sup>534</sup> e outros, encontrará neles, primeiro, um defeito comum quanto às armas, pelas razões longamente expostas antes;<sup>535</sup> depois, ver-se-á algum deles que tiveram o povo como inimigo,<sup>[698]</sup> ou, que o tendo como amigo, não puderam jamais se assegurar dos grandes;<sup>[699]</sup> porque, sem esses defeitos, os Estados que tenham tanto vigor a ponto de manter um exército em campo não se perdem.<sup>[700]</sup> Filipe da Macedônia – não o pai de Alexandre, mas aquele que foi vencido por Tito Quíncio<sup>536</sup> – não tinha um Estado muito extenso, em relação à grandeza dos romanos e da Grécia, que o atacaram;<sup>537</sup> não obstante, por ser homem militar<sup>538</sup> e que sabia entreter o povo e assegurar-se dos grandes, sustentou por muitos anos a guerra contra aqueles;<sup>[701]</sup> e, se no final perdeu o domínio de alguma cidade, restou-lhe, todavia, o reino.<sup>539[702]</sup>

Portanto, que esses nossos príncipes, que permaneceram muitos anos em seus principados, para depois perdê-los, não acusem a fortuna,<sup>[703]</sup> mas a própria ignávia, porque, por não pensarem nunca que os tempos tranquilos podem mudar (o que é um defeito comum aos homens, na bonança não se preocuparem com a tempestade),<sup>[704]</sup> quando depois chegam os adversos, pensam em fugir e não em defender-se;<sup>[705]</sup> e esperam que os povos, ao se cansarem da insolência do vencedor, os chamem de volta.<sup>[706]</sup> Esse partido, quando falham os outros, é bom; mas deixar de lado outros remédios por ele é muito ruim. Não devemos nunca cair acreditando encontrar quem nos levante, pois isso pode não acontecer e, quando acontece, nunca é para a nossa segurança, por ser uma defesa vil e não depender de nós.<sup>[707]</sup> As defesas são boas, certas e duradouras quando dependem apenas de nós mesmos e da nossa virtude.<sup>[708]</sup>

533. Frederico de Aragão, que perdeu o reino em 1504 para Fernando, o Católico.

534. Ludovico, o Mouro, que perdeu o ducado em 1500 para os franceses, na Batalha de Novara.

535. Cf. capítulos XIII e XIV.

536. Filipe V da Macedônia (221–179 a.C.) foi derrotado por Tito Quíncio Flaminino, na batalha de Cinocéfalos, em 197 a.C. Essa batalha tem importância histórica e estratégica; histórica, pois marca o início da expansão romana; estratégica, porque demonstrou que as outrora invencíveis falanges macedônicas estavam superadas do ponto de vista tático.

537. Referência às duas Guerras Macedônicas. Na primeira (214–205 a.C.), Filipe tomou algumas posições romanas, mas não atingiu objetivos maiores; na segunda, foi derrotado pelos romanos em Cinocéfalos (200–197 a.C.).

538. “Filipe da Macedônia, pai de Perseu, homem militar.” Cf. *Discursos* III, 37.4.

539. Todas as cidades gregas que estiveram sob a proteção da Macedônia foram decretadas livres pelos romanos.

## NOTAS de Napoleão Bonaparte:

[690] O capítulo mais curioso. (E)

[691] Fiz a prova disso. (I)

[692] O apego que boa parte de seus nobres tem por mim é prova de que quase se esqueceram disso. (I)

[693] Especialmente os emigrados que receberam suas terras de volta, ou os pequenos fidalgos pobres a quem enriqueci; e os ricos ainda me agradecem por ter-lhes possibilitado aumentar suas posses. (I)

[694] Passo por essa feliz experiência. (I)

[695] Haverão de jogar-me na cara essa falta, para se justificarem por me terem virado as costas. (E)

[696] Não me falta nenhuma dessas glórias. (I)

[697] Isso não me diz respeito. (I)

[698] Ter apenas alguns como inimigos deve bastar. (E)

[699] Isso é impossível em relação aos que tem perto de si. (E)

[700] Sim, mas se não precisar deles... (E)

[701] Eu me posicionarei melhor no que diz respeito à confederação, se ela for renovada. (E)

[702] Mesmo quando eu consentisse na cessão dos países que já conquistei, restringindo-me aos limites fixados, seria sempre imperador dos franceses. (E)

[703] Não podem queixar-se de que nunca foram favorecidos por ela. (I)

[704] Veja-se como isso se verifica: quando conseguem contorná-las, enchem-se de satisfação, mas, diante da menor inquietude, começam a ter má digestão. Ainda que voltassem a ver-me, não acreditariam na possibilidade de meu regresso. A disposição natural deles presta-se grandemente aos meus estratagemas narcotizantes. (E)

[705] Não terão mais lugar para fazê-lo. (E)

[706] Hei de comportar-me como um príncipe que se tornou moderado, sábio, humano. (E)

[707] Terão eles outra? É possível que eles percam o amparo ao verem minha boa posição; e, por outro lado, firmar-me-ei eu mesmo. (E)

[708] Conto apenas com elas, e as terei! (E)





Quantum fortuna in rebus humanis possit,  
et quomodo illi sit occurrendum

### De quanto pode a fortuna nas coisas humanas e de que modo se deve resistir-lhe

Não me é desconhecido que muitos tiveram e têm a opinião de que as coisas do mundo são governadas pela fortuna<sup>540</sup> e por Deus, de forma que os homens, com a prudência, não as possam corrigir nem remediar;<sup>[709]</sup> e, por isso, julgariam que não convém insistir muito nas coisas, mas deixar-se governar pela sorte.<sup>541</sup> Essa opinião é mais aceita nos nossos tempos, pela grande variação das coisas que se viram e que se veem todos os dias, e que estão além de toda conjectura humana.<sup>[710]</sup> Pensando

540. Cf. *Discursos* II, 2.2.

541. “*In incerto iudicium est fatone res mortalium et necessitate immutabili an forte volvantur.*” [Questiono-me se é o destino, com sua imutabilidade, ou se é o acaso o que governa as revoluções das coisas dos homens.] *Anais* VI, 22.

nisso, algumas vezes, inclino-me, de alguma forma, para essa opinião.<sup>542</sup> Não obstante, para que o nosso livre-arbítrio não expire, considero a possibilidade de a fortuna ser o árbitro de metade das nossas ações, permitindo-nos governar ainda a outra metade, ou quase isso.<sup>[711]</sup> Comparo-a àqueles rios tormentosos, que, quando se enfurecem, alagam as planícies,<sup>[712]</sup> destroem as árvores e os edifícios e arrancam parte da terra para depositá-la em outro lugar; tudo foge diante dele, tudo cede ao seu ímpeto, e nada se opõe a ele em parte alguma. Mas, apesar de as coisas serem assim, quando os tempos se acalmam os homens podem tomar providências, cavando fossos, construindo barragens,<sup>[713]</sup> de modo que, quando as águas voltarem a subir, ou andarão por um canal, ou o seu ímpeto não será nem tão desenfreado nem tão danoso.<sup>[714]</sup> O mesmo acontece com a fortuna,<sup>[715]</sup> que revela sua potência onde não há virtude organizada para resistir-lhe,<sup>543[716]</sup> e despeja o seu ímpeto onde não foram feitos diques e fossos para contê-la. E, se considerardes a Itália, que é o cenário dessas variações, e que as impulsionou, encontrareis um campo sem diques e sem fossos; se ela fosse protegida com a necessária virtude,<sup>[717]</sup> como a Magna,<sup>544</sup> a Espanha e a França, ou as cheias não teriam provocado as grandes variações<sup>[718]</sup> que há, ou não teriam acontecido.<sup>[719]</sup> E, com isso, creio que já foi dito o bastante quanto à oposição à fortuna, de maneira geral.<sup>[720]</sup>

Restringindo-me, todavia, mais ao particular, digo que hoje se vê esse príncipe prosperar, e amanhã arruinar-se, sem se observar nele mudança de natureza ou qualidade;<sup>[721]</sup> creio que isso se deva, antes de mais nada, às razões já longamente discorridas,<sup>545</sup> isto é, que o príncipe que se apoia totalmente na fortuna arruína-se, quando ela varia.<sup>[722]</sup> Creio, ainda, que seja feliz aquele que acomoda as suas ações à natureza dos tempos;<sup>546</sup> e da mesma maneira, que seja infeliz aquele que com o seu proceder discorde dos tempos.<sup>[723]</sup> Porque os homens, em relação às coisas que têm por finalidade, as quais todos almejam – isto é, glórias e riquezas –, procedem de forma variada: um com prudência, outro com ímpeto; um com violência, outro com astúcia; um com paciência, outro sem ela; e, com esses diversos modos, cada um pode alcançar aquela finalidade.<sup>[724]</sup> Vê-se, ainda, que, entre dois acautelados, um alcança seu objetivo, outro não; e, da mesma

542. Cf. *Discursos* II, 29, capítulo intitulado “A fortuna cega o espírito dos homens quando não quer que eles se oponham aos desígnios dela”.

543. “Onde os homens demonstram pouca virtude, a fortuna mostra toda a potência dela...” *Discursos* II, 30.5.

544. Alemanha.

545. Ver Capítulo VII.

546. “E porque... os tempos são variados e a ordem das coisas é diferente... é feliz aquele que acomoda as suas ações ao tempo, e infeliz, por oposição, aquele que se diferencia, com as suas ações, do tempo e da ordem das coisas.” *Ghiribizzi al Soderino*. “Mais de uma vez considerei que a razão da má ou da boa sorte dos homens é o ajuste das ações ao tempo, porque se vê que os homens nas suas ações procedem alguns com ímpeto, outros com respeito e com cautela.” *Discursos* III, 9.1.



maneira, pode-se vê-los prosperarem com dois modos de proceder: pela prudência e pelo ímpeto. Essas coisas não derivam senão da natureza dos tempos, que se conforma ou não com os modos de proceder.<sup>[725]</sup> Disso resulta aquilo que eu já expus: que dois indivíduos, agindo de formas distintas, alcançam o mesmo efeito;<sup>547</sup> e, entre dois outros, operando de formas semelhantes, um atinge o objetivo almejado, o outro não. Disso ainda depende a estabilidade do sucesso; porque, se um se comporta com cautela e paciência, e os tempos e as coisas contribuem para que seu comportamento seja bom, ele prospera; mas, quando os tempos e as coisas mudarem, ele se arruinará se não mudar também. Não há homem tão prudente que saiba acomodar-se a isso; seja porque ele não pode desviar-se daquilo a que a natureza o inclina,<sup>[726]</sup> seja porque, tendo ele prosperado sempre por um determinado caminho, não se persuadirá a mudar de curso.<sup>548[727]</sup> É por isso que o homem cauteloso, quando vê chegar o tempo de ser impetuoso, não sabe fazê-lo<sup>[728]</sup> e arruína-se, enquanto, se mudasse de natureza, segundo os tempos e as coisas,<sup>[729]</sup> não se mudaria a fortuna.<sup>549</sup>

O papa Júlio II<sup>550</sup> procedeu em todas as suas coisas impetuosamente;<sup>[730]</sup> e encontrou tanto os tempos e as coisas conforme o seu modo de proceder, que sempre surtiu um final feliz. Considerai a primeira empresa que fez contra Bolonha, quando ainda era vivo Monsenhor João Bentivoglio.<sup>551</sup> Os venezianos não ficaram contentes com ela; o rei da Espanha, tampouco; com a França, o papa mantinha conversas sobre tal empresa; não obstante, com a ferocidade e o ímpeto que ele tinha, iniciou pessoalmente aquela expedição,<sup>552[731]</sup> a qual, uma vez iniciada, fez com que ficassem indecisos e de prontidão a Espanha<sup>[732]</sup> e os venezianos; estes por medo, e aquela

547. Ver em *Discursos* III, 21 como Aníbal e Cipião, mesmo agindo de maneiras diferentes, obtiveram o mesmo efeito; e, também, o capítulo seguinte (22), dedicado à dureza de Mânlio Torquato e à sensibilidade de Valério Corvino.

548. “Mas porque os tempos e as coisas em geral e particularmente mudam sempre, e os homens não mudam nem as suas fantasias nem o comportamento, um tem boa sorte e o outro má sorte. O sábio que conhece o seu tempo e a ordem das coisas, se se acomodasse a elas, teria sempre boa sorte ou se protegeria da má sorte... Mas, porque esses sábios não se encontram, tendo os homens a visão curta e não podendo dominar a própria natureza, a fortuna acaba variando, comandando e subjugando os homens”. *Ghiribizzi*. “Como convém variar de acordo com a época, se se deseja a boa fortuna.” *Discursos* III, 9 (título).

549. “*Tempori cedere, id est, necessitati parere, semper sapientis est habitum.*” [É costume do sábio submeter-se às circunstâncias, ou seja, obedecer à necessidade.] Cícero, *Ad Familiares* IV, 9.

550. Júlio II foi eleito papa no dia 1º de novembro de 1503 e morreu no dia 21 de fevereiro de 1513. *Discursos* 3, 9, 3 (*Opere*, vol. I, p. 450): “O papa Júlio II procedeu em todo o período do seu pontificado com ímpeto e fúria, e, porque os tempos lhe acompanharam bem, todas as suas empresas foram bem-sucedidas”.

551. Júlio II atacou Bolonha, da qual era senhor João Bentivoglio, morto em 1508.

552. A expedição foi guiada pelo mesmo Júlio II em companhia de muitos cardeais. Maquiavel, em missão junto a ele, seguiu-a de agosto ao final de outubro.

pelo desejo de recuperar todo o reino de Nápoles.<sup>553</sup> Por outro lado, o papa arrastou consigo o rei da França, porque, vendo esse rei em movimento, e desejando torná-lo amigo para diminuir o poder dos venezianos,<sup>[733]</sup> julgou não poder negar-lhe os seus exércitos<sup>554</sup> sem injuriá-lo de forma manifesta. Assim, Júlio realizou, com a sua impetuosa manobra, aquilo que nenhum outro pontífice, com toda a prudência humana,<sup>[734]</sup> realizaria; porque, se antes de partir de Roma esperasse a conclusão dos acordos e a organização de todas as coisas, como qualquer outro pontífice teria feito, falharia.<sup>[735]</sup> o rei da França teria encontrado mil desculpas; os outros, apontado mil receios.<sup>[736]</sup> Quero deixar de lado as outras ações do papa, todas semelhantes e todas bem realizadas. A brevidade da vida não o deixou sentir o contrário,<sup>[737]</sup> e, se sobreviessem tempos que exigissem dele a necessidade de proceder com cautela, sobreviria também a sua ruína, pois ele nunca se teria desviado<sup>555</sup> daqueles modos, aos quais a natureza o inclinava.<sup>[738]</sup>

Concluo, portanto, que, sendo a fortuna inconstante, e estando os homens obstinados em seus modos, serão felizes enquanto a fortuna e os modos estiverem de acordo;<sup>556</sup> e, quando discordarem, serão infelizes. Julgo, não obstante, que é melhor ser impetuoso do que cauteloso;<sup>[739]</sup> porque a fortuna é mulher, e, para mantê-la submissa, será preciso bater nela e contrariá-la. E vê-se que ela se deixa vencer mais facilmente por estes do que por aqueles que agem friamente. E, por ser mulher, é sempre amiga dos jovens,<sup>[740]</sup> porque os jovens são menos cautelosos, mais ferozes e com mais audácia a dominam.<sup>557</sup>

553. Fernando, o Católico, pretendia recuperar os portos da Púlia, que foram cedidos a Veneza na época da expedição de Carlos VIII.

554. Luís XII pôs ao serviço do papa 810 lanceiros e 5 mil soldados de infantaria.

555. “Mas se viessem outros tempos, que exigissem outros conselhos, ele se arruinaria, porque não mudaria o modo de ser nem de agir.” *Discursos* III, 9.3.

556. “E aqueles que... não se adaptam aos tempos vivem na maioria das vezes infelizes, e as suas ações têm êxito ruim; destino contrário têm aqueles que se adaptam aos tempos.” *Discursos* III, 8.2.

557. “Audentis Fortuna juvat.” [A fortuna favorece os audaciosos.] Virgílio, Eneida X, 284.

## NOTAS de Napoleão Bonaparte:

[709] Sistema para os fracos e indolentes. Com engenho e ação, domina-se a fortuna mais adversa. (E)

[710] Por acaso teria visto ele variações mais numerosas e maiores do que as provocadas por mim, e que ainda provocarei? (E)

[711] Santo Agostinho não discursou melhor sobre o livre-arbítrio. O meu dominou a Europa e a natureza. (I)

[712] Esta é a minha fortuna: sou eu mesmo. (I)

[713] Não lhes deixei espaços nem proporcionei facilidades para isso. (I)

[714] Minha fortuna não pode reduzir-se a isso. (I)

[715] Como seria a dos meus adversários. (I)

[716] Ela me encontrará sempre disposto a subjugá-la com o peso da minha virtude. (I)

[717] Assim será. (G)

[718] Ver-se-ão muitas outras. (G)

[719] Se nos visses hoje em dia e conhecesses meus planos! (G)

[720] Apesar de tua discrição, adivinhei-te, e aproveitar-me-ei disso. (G)

[721] Tristes formalistas! (I)

[722] É preciso saber segui-la em suas variações, sem se apoiar inteiramente nela, e ao mesmo tempo assegurar-se de seus favores. (PC)

[723] Nunca a bem-aventurança esteve em tanto desacordo com as circunstâncias! (E)

[724] Quando não se atua intempestivamente, seguindo sempre a natureza própria. (PC)

[725] Variar segundo a necessidade das circunstâncias, sem perder o vigor, é o que há de mais difícil, e o que mais exige integridade. Dentro de pouco tempo, ver-se-á a excelência e a flexibilidade da minha. (E)

[726] É difícil, porém hei de consegui-lo. (E)

[727] Aquele que acredita que será um bom regente, porque o era antes de reinar, fracassará. (E)

[728] Espero isso, com a mais perfeita confiança; é inevitável. (E)

[729] Impossível! Completamente impossível. (I)

[730] Não há, para mim, papa como esse, que jogou no Tibre as chaves de São Pedro, para servir-se da espada de São Paulo. (G)

[731] Tenho seguido essa tática; não como ele, maquinalmente, mas sempre de forma calculista e oportunista. (I)

[732] Se, depois do meu regresso, os aliados pensam em tomar de novo as armas, será conveniente que eu produza entre eles o mesmo efeito. (E)

[733] Imaginar, então, alguma coisa semelhante com respeito aos aliados, segundo o curso de sua política. (E)

[734] São necessárias sempre algumas imprudências; convém que sejam calculadas. (E)

[735] Quantos reis – e sacerdotes – não agiram com essa lenta e tola prudência! (E)

[736] Se não evito isso, permito que me julguem indigno de reinar. (E)

[737] No entanto, é prodigioso seguir por dez anos com acerto o mesmo método. Maquiavel deveria dizer aqui que Júlio sabia distrair, com tratados de paz, a potência que ele queria surpreender. (PC)

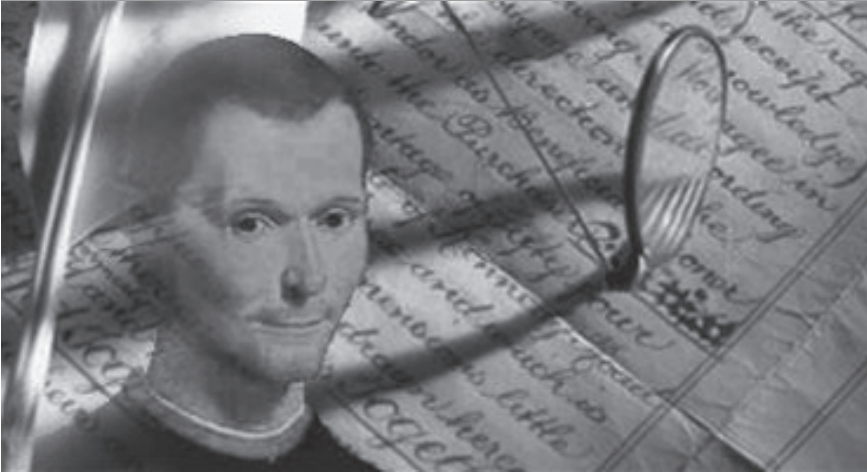
[738] Se essa política sempre deu resultados positivos, e está em conformidade com o caráter de quem a aplica, há, no meu entender, bons motivos para que se continue a aplicá-la, temperando-a, sem dúvida, com um pouco da hipócrita moderação diplomática. (I)

[739] As reiteradas experiências que tive nesse sentido não me permitem a menor hesitação sobre este particular. (E)

[740] Provei-o muitas vezes! Porém, se eu fosse menos jovem, não contaria com seus favores. Apressemos-nos; na casualidade, escolherá a mim. (E)



## Capítulo XXVI



### Exhortatio ad capessendam Italiam in libertatemque a barbaris vindicandam

## Exortação para tomar a Itália e libertá-la das mãos dos bárbaros<sup>558</sup>

Consideradas, portanto, todas as coisas percorridas antes, pensei comigo mesmo se eram tempos de, na Itália de hoje, honrar-se um novo príncipe;<sup>[741]</sup> e se havia matéria para que alguém, prudente e virtuoso, ali introduzisse uma forma<sup>559</sup> [de governo] digna dele e do seu povo.<sup>[742]</sup> Pareceu-me, então, que correm tantas coisas em benefício de um

558. Incultos. Bárbaros, para os gregos, eram os povos que não falavam a língua grega. Para os romanos, povos que não tinham o mesmo comportamento social que os gregos e romanos, sobretudo no que se referia ao consumo de alimentos e bebidas. A partir de Petrarca, o termo “bárbaro” passou a designar os que não eram italianos, pois os italianos eram os únicos herdeiros da cultura clássica, uma vez que o mundo grego encontrava-se sob domínio muçulmano. Alberico de Barbiano, no século XIV, usava como lema de sua companhia “*Italia liberata dai barbari*”, já com sentido pejorativo. O exército de Júlio II, ao combater a França, gritava “*fuori i barbari!*”.

559. “Se era possível que um príncipe, prudente e virtuoso, tomasse o poder na Itália.” Maquiavel usa a mesma construção ao final do terceiro parágrafo do Capítulo VI.

príncipe novo, que eu não sei mais qual tempo poderia ser mais próprio para isso.<sup>[743]</sup> E se, como eu disse,<sup>560</sup> era necessário que o povo de Israel fosse escravo no Egito, para que se conhecesse a virtude de Moisés; para que se conhecesse a grandeza de espírito de Ciro, que os persas fossem oprimidos pelos medas; e a excelência de Teseu, que os atenienses se encontrassem dispersos; do mesmo modo, no presente, querendo conhecer-se a virtude de um espírito italiano, era necessário que a Itália se reduzisse ao ponto em que ela se encontra no presente, e que estivesse mais escravizada do que os hebreus, mais oprimida do que os persas e mais desunida do que os atenienses:<sup>561</sup> sem chefe, sem ordem; batida, espoliada, lacerada, saqueada, e houvesse suportado todo tipo de ruína.<sup>[744]</sup>

E, apesar de, até aqui, ter-se notado em alguém algumas ações, que se julgariam inspiradas por Deus para a redenção [da Itália],<sup>[745]</sup> viu-se depois que aquele que as tomou, no apogeu delas, foi pela fortuna derrotado.<sup>562</sup> De modo que, sem vida, [a Itália] espera por aquele que lhe possa sanar as feridas, colocar fim aos saques da Lombardia, aos tributos do Reino de Nápoles e da Toscana e curá-la daquelas chagas há muito gangrenadas.<sup>[746]</sup> Vemos nós como ela roga a Deus para que lhe mande alguém que a redima dessas crueldades e insolências bárbaras.<sup>[747]</sup> Vê-mo-la, ainda, toda pronta e disposta a seguir uma bandeira, desde que haja quem a empunhe. Não vemos, contudo, no presente, em que mais ela possa se apoiar senão na vossa ilustre casa,<sup>[748]</sup> a qual, com a sua fortuna e virtude, favorecida por Deus e pela Igreja, de que agora sois príncipe,<sup>563</sup> possa se tornar chefe dessa redenção.<sup>[749]</sup> O que não é muito difícil, se considerardes as ações e a vida dos antes nominados.<sup>[750]</sup> E, ainda que aqueles homens sejam raros e maravilhosos,<sup>[751]</sup> não obstante foram homens,<sup>[752]</sup> e todos tiveram menor ocasião do que a presente: porque as suas empresas não foram mais justas do que esta, nem mais fáceis, nem foi Deus mais amigo deles do que de vós. Aqui é grande a justiça: “*Justum enim est bellum quibus necessarium,*

560. Capítulo VI, 4.

561. Rômulo, descrito entre esses heróis no Capítulo VI, não aparece aqui. A razão disso é explicada por G. Inglese, um dos principais comentadores de Maquiavel; o Capítulo VI trata daqueles que souberam vencer os infortúnios pela virtude; no entanto, o contexto em que esses heróis aparecem no Capítulo XXVI é o da Itália escravizada; por isso, o criador da pátria, Rômulo, não foi nele mencionado. Todavia, Maquiavel compensa essa ausência aludindo, no título do capítulo, a Enéias, cujo destino lembra o de Moisés (encontrar a terra prometida): “*Sed nunc Italiam magnam Gryneus Apollo/Italiam Lyciae iussere capessere sortes./Hic amor; hic patria est.*” [Na tradução de Odorico Mendes: “Mas Grineu Febo a Itália, a Itália agora/As sortes Lícias demandar me ordenam:/Este o amor, esta a pátria.”] *Eneida* IV, 345-7.

562. Alusão a César Bórgia.

563. “Sois príncipe”: referência à Casa dos Médicis e não a um determinado membro dela. O papa Leão X (João de Lourenço de Médici, no século) era o príncipe da Igreja.

*et pia arma ubi nulla nisi in armis spes est*”.<sup>564</sup> Aqui é grande a disposição; e onde ela é grande, não podem ser grandes as dificuldades,<sup>[753]</sup> quando se tomam as ações daqueles que propus por modelo. Além disso, aqui se veem eventos extraordinários, sem precedentes, conduzidos por Deus: aqui, o mar se abriu; aqui, uma nuvem vos revelou o caminho; aqui, a pedra verteu água; aqui, choveu o maná;<sup>565[754]</sup> todas as coisas concorrem para a vossa grandeza. O restante depende de vós;<sup>[755]</sup> Deus não quer fazer tudo, para não nos privar do livre-arbítrio e de parte da glória que nos compete.<sup>[756]</sup>

E não nos surpreende que nenhum dos italianos mencionados<sup>566</sup> tenha feito aquilo que se espera de vossa ilustre casa; tampouco nos surpreende que, em tantas revoluções da Itália e em tantas manobras de guerra, pareça sempre que a virtude militar está extinta. Isso advém do fato de que as antigas formações não eram boas e não houve ninguém que soubesse encontrar outras;<sup>[757]</sup> e nada traz tanta honra a um novo homem quanto as novas leis e as novas ordenações por ele estabelecidas.<sup>[758]</sup> Essas coisas, quando são bem fundadas e possuem grandeza, imputam-lhe reverência e admiração;<sup>[759]</sup> e na Itália não faltam circunstâncias para nela introduzir-se nova forma [de governo]:<sup>567[760]</sup> aqui, a virtude é grande nos membros, quando não falta nas cabeças.<sup>568</sup> Considerai, nos duelos e nos pequenos confrontos,<sup>569</sup> o quanto os italianos são superiores em força, destreza e engenho.<sup>[761]</sup> Mas, quando fazem parte dos exércitos, não se saem bem. E tudo ocorre por culpa da fraqueza dos chefes; porque aqueles que sabem não são obedecidos, e todos pensam saber, não havendo até hoje quem se destacasse tanto, fosse por virtude, fosse por fortuna, a ponto de ser reconhecido pelos outros.<sup>[762]</sup> Disso decorre que, em tanto tempo, em tantas guerras travadas nesses vinte anos passados,<sup>570</sup> quando existiu um exército completamente italiano,<sup>[763]</sup> este

564. “Justa é a guerra quando necessária, e piedosas as armas quando em nada mais resta esperança.” Ligeiramente modificado de Tito Lívio, IX, 1.

565. Eventos narrados em Êxodo 13–17; a ordem é esta: 1. A nuvem que lhes orientou no deserto (13.21); 2. Moisés abriu o mar para a passagem dos hebreus (14.21); 3. O maná, que alimentaria os hebreus durante sua jornada de 40 anos pelo deserto até chegarem a Canaã (16.13, 14); e, por fim, 4. A pedra que, ferida por Moisés, em Horebe, verteu água (17.6).

566. Francisco Sforza e César Bórgia, príncipes novos.

567. Cf. o começo do primeiro parágrafo deste capítulo.

568. Frase de duplo sentido: quando não falta virtude ao governo, a virtude do povo é grande. Cf. *Discursos* I, 53, 55, 58.

569. Provável menção à querela de Barletta, de 1503. Ver Guicciardini, *História da Itália* V, 13.

570. Desde a queda de Carlos VIII, em 1494.

sempre deu exemplo ruim. Testemunharam-no, primeiro, Taro, depois Alexandria, Cápua, Gênova, Vailá, Bolonha, Mestre.<sup>571</sup>

Querendo, portanto, a vossa ilustre casa seguir aqueles homens excelentes que libertaram as suas províncias, é necessário, antes de todas as outras coisas, como verdadeiro fundamento de qualquer empresa, prover-se de armas próprias;<sup>572</sup> porque não pode haver soldados mais fiéis, nem mais leais, nem melhores. E, apesar do valor de cada um, juntos tornar-se-ão melhores, quando se virem comandados pelo seu príncipe e por ele honrados e bem tratados.<sup>573[764]</sup> É necessário, portanto, preparar essas armas, para poder com a virtude italiana defender-se dos estrangeiros.<sup>[765]</sup> E ainda que as infantarias suíça e espanhola sejam reputadas terríveis, nas duas existe defeito, e uma terceira formação<sup>574</sup> poderia não apenas enfrentá-las, mas superá-las com segurança.<sup>[766]</sup> Porque os espanhóis não podem enfrentar a cavalaria, e os suíços temerão uma infantaria tão encarniçada como a deles. A experiência mostrou, e continuará mostrando, que os espanhóis não podem enfrentar uma cavalaria francesa, e os suíços ser arruinados por uma infantaria espanhola.<sup>[767]</sup> E, embora não se tenha visto exemplo desse último caso, viu-se contudo uma prova na Batalha de Ravena,<sup>575</sup> quando as infantarias espanholas enfrentaram os batalhões alemães, que têm a mesma formação tática que os suíços: os espanhóis, com a agilidade do corpo e a ajuda dos escudos, tinham-se posto debaixo das lanças inimigas,<sup>576</sup> e estavam certos de vencê-las, sem que elas tivessem remédio. E, se a cavalaria deles não tivesse atacado os espanhóis, todos os alemães teriam perecido. Pode-se, pois, conhecendo-se o defeito de uma e outra dessas infantarias, organizar uma nova que resista à cavalaria e não tenha medo dos infantes: o que ocorrerá pela qualidade das armas e pela mudança da disposição tática.<sup>[768]</sup> E essas são daquelas coisas que, reformuladas, dão reputação e grandeza a um príncipe novo.<sup>[769]</sup>

571. Fornovo sobre o Taro (6.6.1495), em que Carlos VIII, em retirada do reino de Nápoles, conseguiu atravessar os Estados italianos, apesar da barreira que lhe foi imposta pelas forças reunidas comandadas por Francisco II Gonzaga (como os franceses se retiravam, os italianos consideraram-se vencedores; veja-se o quadro de Mantegna “Madonna della Vittoria”); Alexandria, onde o comandante milanês Galeazzo de Sanseverino abandonou os franceses em 28 de agosto de 1499; Cápua, onde as forças napolitanas não souberam resistir ao ataque francês, em 24 de julho de 1501; Gênova, onde a população rendeu-se a Luís XII, depois de uma breve revolta na primavera de 1507; Vailá é o lugar da histórica derrota veneziana em 1509; Mestre, em 7 de outubro de 1513, foi onde as forças espanholas derrotaram o exército veneziano comandado por Bartolomeu d’Alviano.

572. Referência à *Ordinanza* florentina, abolida em 1512. Foi, todavia, reconstituída em 1514, por Lourenço de Médici (Maquiavel escreveu esse parágrafo pouco antes).

573. Ver *Discursos* III, 33.

574. Ver *Arte da Guerra*, Livro II.

575. Cf. nota 283; ver também *Discursos* II, 16.3-17.2.

576. Ver *Arte da Guerra* II, 5.



Não se deve, portanto, deixar passar essa ocasião, para que a Itália, depois de tanto tempo, encontre o seu redentor.<sup>[770]</sup> Nem posso dizer com quanto amor ele seria recebido em todas aquelas províncias amarguradas pelas incursões estrangeiras; com que sede de vingança, com que obstinada fé, com que piedade, com que lágrimas! Quais portas se lhe fechariam? Quais povos lhe negariam obediência? Qual inveja se lhe oporia? Qual italiano lhe negaria um favor? A todos repugna este bárbaro domínio.<sup>[771]</sup> Tome, portanto, a vossa ilustre casa, esta matéria com o mesmo ânimo e a mesma esperança que as empresas justas são tomadas; para que, sob a sua insígnia, esta pátria se enobreça;<sup>[772]</sup> e, sob os seus auspícios, verifique-se<sup>577</sup> aquele dito de Petrarca:

*Virtù contro a furore  
Prenderà l'arme, e fia el combatter corto;  
Ché l'antico valore  
Nell'italici cor non è ancor morto.*

*[Armada contra o furor,  
Dirá a virtude, em rápido combate,  
Que nosso antigo valor,  
No peito italiano, não se abate.]*<sup>578[773]</sup>

577. “Os poetas, muitas vezes, estão plenos de espírito divino e profético.” Stefano Porcari, citado por Maquiavel. *História de Florença* VI, 29.

578. “Italia mia”, vv. 93-96, *Canzoniere*, 128. Cf. nota 245.

## NOTAS de Napoleão Bonaparte:

[741] Maquiavel falava como romano, e tinha sempre em mira os franceses. Por outro lado, os bárbaros, a quem devo expulsar da Itália, são as casas da Áustria, a Espanha, o papa, etc. (G)

[742] Magnífico plano, cuja execução me estava reservada. Com uns italianos efeminados como os que temos hoje, eu não poderia fazê-lo; porém, como sou italiano, posso fazê-lo com os franceses, de quem os italianos poderão aprender, substituindo-os depois nas ações militares de valor. (G)

[743] O tempo presente é, certamente, muito mais propício, ainda que a repulsa que a Revolução Francesa produziu na Itália conseguisse ali transtornar a ordem pública e provocar os espíritos. (G)

[744] Pô-la na mesma situação para restabelecê-la depois sob um mesmo cetro. (C)

[745] Tanto quanto eu? Não. (G)

[746] Eis-me aqui! Porém, para salvá-la, é importante antes, para o meu proveito, tratar a ferro e fogo essas feridas. (G)

[747] Mesmo com esses bárbaros, escutarei suas súplicas. (G)

[748] Sim; se eu tivesse tomado parte nela. (G)

[749] Empreendê-la sim; consumá-la, não. Era incapaz de fazer mais do que fez. (G)

[750] Para imitá-los bem, será necessário ter a mesma força que eles. (G)

[751] Lourenço não era assim. (I)

[752] Mau raciocínio; há homens e homens. (G)

[753] Há alguma verdade em tudo isso; porém o que vejo de mais claro nisso é o extremado ardor que Maquiavel devota a essa operação. (G)

[754] Outros tantos milagres se realizaram para mim; muito mais do que para Lourenço de Médici. (PC)

[755] Assim será. (PC)

[756] Vê-se que Maquiavel queria ter a sua parte; eu lhe daria, porque ele me tem servido bem. (I)

[757] Com as minhas, tão gloriosamente experimentadas na França, o triunfo é infalível. (PC)

[758] Minha tática é de minha invenção; e todos os potentados da Europa inclinaram-se à vista dela. (I)

[759] Toda a Europa tributou essa dupla homenagem a mim. (I)

[760] O que anima, e é muito verdadeiro. (G)

[761] Eu também sou italiano; meus rivais, franceses. (I)

[762] Estava previsto que seria apenas o século XVIII a produzir esse homem. Até então, apenas imaginado. (G)

[763] Não me servirá para muita coisa, exceto depois de incorporado às minhas tropas francesas. (G)

[764] O que eu não farei, quando for o príncipe de um e de outro: um exército italiano com um francês! (G)

[765] Maquiavel fala apenas em defender-se dos estrangeiros; e conquistá-los também? E torná-los meus comandados? (G)

[766] Lamentável costume que a pólvora fez esquecer. Esses supostos mestres da arte militar não passavam de crianças. (G)

[767] Deve ser ainda assim, nos dias de hoje; precisarei administrá-lo quando se apresentar a ocasião. (G)

[768] Tudo está feito. (G)

[769] Minha tática, cujo segredo eles ignoram, proporciona-me mais grandeza do que Lourenço jamais alcançou. (G)

[770] Ela o encontrou, finalmente, em mim.<sup>579</sup> (I)

[771] Todas essas previsões se verificaram em meu favor. Tudo, até a Cidade Eterna,<sup>580</sup> ufana-se de fazer parte de meu Império. (I)

[772] E se enobrecerá ainda mais, se não for um risco para mim. (I)

[773] Revive. E quase completamente, graças a mim. Mas não permitamos que se reúnam em um só corpo nacional: a menos que eu queira destruir a França, a Alemanha e a Europa toda.<sup>581</sup> (I)

---

579. Não caberia a ele, mas a um guerrilheiro ítalo-brasileiro, Giuseppe Garibaldi (1807–1882), a redenção da Itália. No entanto, ironicamente, o sobrinho de Napoleão, Luís Bonaparte (Napoleão III), teve participação importante no processo de unificação do país, ao ajudar o rei da Sardenha e do Piemonte, Vítor Emanuel, contra os austríacos que dominavam o norte do país. Garibaldi entrou na Itália pelo sul com suas tropas para encontrar no norte as de Vítor Emanuel, a quem entregou o poder da Itália unificada, em 1861.

580. Roma.

581. Mas, dessa vez, a fortuna não permitiu que a virtude vencesse. Napoleão foi derrotado na Bélgica por alguém que tinha muito menos virtude do que ele, o General Wellington: “Waterloo foi uma batalha de primeira vencida por um general de segunda.” (Victor Hugo, *Os miseráveis* II, 1.) “Então, por que perdeu a guerra? Quem lhe impediu a vitória? Foi Blücher? Foi Wellington?”, pergunta Victor Hugo. “Não. Foi Deus!”\*

---

\*N.E.: Sugerimos a leitura de *O Homem que Venceu Napoleão – A História do duque de Wellington*, de Elizabeth Longford, Madras Editora.



# Bibliografia

## Edições de *O Príncipe*:

Original florentino:

MACHIAVELLI, N. *Il Principe*. Editado por Luigi Firpo. Torino: Einaudi editore, 1972.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Editado por Ugo Dotti Milano: Feltrinelli, 2007.

\_\_\_\_\_. *Opere: Scritti politici*. Editado por Corrado Vivanti. Torino: Einaudi (Biblioteca della Pléiade), 1997.

Italiano moderno:

MACHIAVELLI, N. *Il Principe*. Traduzido por Giuseppe Bonghi.) Firenze: Sansoni Editore, 1967.

Inglês:

MACHIAVEL, N. *The Works of Nicholas Machiavel*, Vol. II. Traduzido por Ellis Farnsworth. London: T. Davis et al, 1775.

Francês:

MACCHIAVEL, N. *Le Prince*. Paris: Toussaint Quinet, 1640.

\_\_\_\_\_. *Le Prince*. Traduzido e comentado por. A. N. Amelot.) Amsterdam: Henry Welstein, 1683.

Espanhol:

MAQUIAVELO, N. *El príncipe* (com comentários de Napoleão Bonaparte). Madrid: Espasa-Calpe, 1973.

Português:

MAQUIAVEL, N. *O Príncipe* (com notas de Napoleão Bonaparte).

Traduzido por Fernanda Pinto Rodrigues. Sintra: Edições Europa-América, 1976.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Tradução de Antonio D'Elia. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. (com notas de Napoleão Bonaparte). Traduzido por Edson Bini. São Paulo: Hemus, 1996.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. (com notas de Napoleão Bonaparte e da Rainha Cristina da Suécia). Traduzido por Ana Paula Pessoa. São Paulo: Jardim dos Livros, 2007.

\_\_\_\_\_. Traduzido por Antonio Caruccio-Caporale. Porto Alegre: L&PM, 2008.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. (com notas de Napoleão Bonaparte e da Rainha Cristina da Suécia). Tradução de Candida de Sampaio Bastos). São Paulo: Golden Books, 2008.

\_\_\_\_\_. *O Príncipe e outros escritos. Os pensadores*. Traduzido por Lívio Xavier. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

### Outras obras de Maquiavel:

*Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio*. Traduzido por Sergio Fernando Guarischi Bath. Brasília: Editora da UnB, 1979.

*Dell'arte della guerra*. Editado por Mario Martelli. Firenze: Sansoni Editore, 1971.

*Discorsi sopra la prima Deca di Tito Livio*. Editado por Mario Martelli. Firenze: Sansoni Editore, 1971.

*História de Florença*. Tradução de Nelson Canabarro. São Paulo: Musa, 1998.

*Istorie fiorentine*. Editado por Mario Martelli. Firenze: Sansoni Editore, 1971.

*Opere: Scritti politici*. Editado por Corrado Vivanti. Torino: Einaudi (Biblioteca della Pléiade), 1997.

*The Discourses*. Traduzido por Harvey C. Mansfield e Nathan Tarcov. London: Penguin, 1984.

### Sobre Maquiavel:

MEGALE, Januário. *O Príncipe – Roteiro de leitura*. São Paulo: Ática, 1993.

RIDOLFI, Roberto. *Biografia de Nicolau Maquiavel*. Traduzido por Nelson Canabarro. São Paulo: Musa, 1999.

### Outras obras:

ARIOSTO, Ludovico. *Orlando Furioso*. Traduzido por Pedro G. Ghirardi. São Paulo: Ateliê, 2002.

- ARISTOTLE. *Politics*. Traduzido por Benjamin Jowett. Great Books of the Western World, Vol. 9. Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1981.
- BONAPARTE, Napoleão. *Aforismos, máximas e pensamentos*. Traduzido por Annie Paulette Marie Cambè. Rio de Janeiro: Newton, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Oeuvres*. Bibliothèque nationale de France. <http://gallica.bnf.fr>.
- CLAUSEWITZ, K. *Da guerra*. Traduzido por Maria Teresa Ramos. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A campanha de 1812 na Rússia*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- COULANGES, Fustel de. *A cidade antiga*. Traduzido por Frederico Pessoa de Barros. São Paulo: Editora das Américas, 1961.
- GUICCIARDINI, Francesco. *Considerazioni intorno ai Discorsi del Machiavelli sopra la prima Deca di Tito Livio*. Bari: Laterza, 1933.
- \_\_\_\_\_. *Storie di Italia*. Editado por Silvana Seidel Menchi. Torino: Einaudi, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Storie fiorentine dal 1378 al 1509*. Novara: Edizioni Edipem, 1974.
- HEGEL, G. W. F. *Princípios da filosofia do Direito*. São Paulo: Ícone, 2005.
- HERÓDOTO. *História*. Rio de Janeiro: Clássicos Jackson, 1950.
- HERODOTUS. *The History*. Traduzido por George Rawlinson. Great Books of the Western World, Vol. 6. Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1981.
- HUGO, V. *Os miseráveis*. Livro II. Traduzido por Silva Vieira. Sintra: Europa-América, s/d.
- PLUTARCH. *The Lives of the Noble Grecians and Romans*. Traduzido por Dryden. Great Books of the Western World, Vol. 14. Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1981.
- SUN TZU. *The Art of War*. Traduzido por Lionel Giles: 1910. [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org).
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Traduzido por Odorico Mendes. São Paulo: Ateliê, 2005.
- TACITUS. *The Annals. The Histories*. Traduzido por William Jackson Brodribb. Great Books of the Western World, Vol. 15. Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1981.

### Textos em latim:

- CICERO, Marcus Tullius. *De officiis*. Traduzido por Walter Miller. Loeb edn. Cambridge: Harvard University Press, 1913.
- LIVY. *History of Rome* (13 vols.). Loeb edn. Cambridge: Harvard University Press, 1913.
- PLINY the Younger. *Letters, I, II, Panegyricus*. Traduzido por Betty Radice. Loeb edn. Cambridge: Harvard University Press, 1969.

TACITUS. *Tacitus, I, Agricola. Germania. Dialogue on Oratory.*

Traduzido por M. Hutton and W. Peterson. Loeb edn. Cambridge: Harvard University Press, 1937.

\_\_\_\_\_. *Tacitus, II, Histories 1-3.* Traduzido por Clifford H. Moore.

Loeb edn. Cambridge: Harvard University Press, 1937.

\_\_\_\_\_. *Tacitus, III, Histories 4-5. Annals 1-3.* Traduzido por Clifford

H. Moore e John Jackson. Loeb edn. Cambridge: Harvard University Press, 1937.

\_\_\_\_\_. *Tacitus, IV, Annals 4-6, 11-12.* Traduzido por John Jackson.

Loeb edn. Cambridge: Harvard University Press, 1937.

\_\_\_\_\_. *Tacitus, V, Annals 13-16.* Traduzido por John Jackson. Loeb edn. Cambridge: Harvard University Press, 1937.

#### Nota do Editor

A Madras Editora não participa, endossa ou tem qualquer autoridade ou responsabilidade no que diz respeito a transações particulares de negócio entre o autor e o público.

Quaisquer referências de internet contidas neste trabalho são as atuais, no momento de sua publicação, mas o editor não pode garantir que a localização específica será mantida.